

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing

Novo Sujeito Apostólico

A dimensão transformadora no Magistério
do Papa Francisco

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA

Programa de Pós-graduação em Teologia

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2021

CENTRO DE TEOLOGIA E DE CIÊNCIAS HUMANAS



Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing

**Novo Sujeito Apostólico
A dimensão transformadora no Magistério
do Papa Francisco**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo

Profª Lúcia Pedrosa de Pádua
Orientador e Presidente
PUC-Rio

Profª Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma
PUC-Rio

Prof. Jair Luís Reis
Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

Prof. João Décio Passos
PUC/SP

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing

Graduou-se em Pedagogia na Universidade Santa Úrsula, em 1985, e em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2004, defendendo a monografia “*O ser humano: campo da experiência do divino*”. Recebeu o título de Mestre em Teologia em 2008, com a dissertação “*A construção da identidade cristã: a concepção cristã de ser humano na perspectiva de Adolphe Gesché*”. É professora da Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Boing, Vera Maria Lanzillotta Baldez

Novo sujeito apostólico : a dimensão transformadora no Magistério do Papa Francisco/ Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2021.

207 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Papa Francisco. 3. Novo sujeito apostólico, social e eclesial. 4. Igreja em saída. 5. Igreja dos pobres. 6. Protagonismo social. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Ao meu pai, Miguel Baldez (*in memoriam*) que, a serviço dos mais pobres na luta pela garantia dos Direitos Humanos, abriu horizonte ao entendimento do sujeito social e ao meu encontro com o Deus da vida.

À minha mãe, Doralice, que, na sua infinita ternura e bondade, contribuiu na formação de uma família atenta aos cuidados com a vida.

Agradecimentos

A Deus, que revelou na minha história o seu amor encarnado.

A Lucia Pedrosa-Pádua, pela cuidadosa e dialogada orientação nos desafios impostos pelo caminho dessa produção.

Ao Lula, meu amor, pelo companheirismo, sempre paciente e ouvinte, um mediador do amor incondicional de Deus na minha vida.

A Maria Clara e Miguel, meus filhos, pelo estímulo e presença constante nas travessias da vida.

A Maria Ignez, irmã, e Hazime, cunhado, que disponibilizaram seu tempo junto aos nossos pais, possibilitando a mim maior dedicação à pesquisa.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC-Rio, que abriram horizontes a uma teologia libertadora.

Aos amigos, professores da Cultura Religiosa, que motivaram reflexões e escolhas importantes.

Aos alunos, com quem tive oportunidade de compreender, na diversidade, o encontro com a cultura e a humanização.

Aos funcionários da secretaria do departamento de Teologia da PUC-Rio, de modo especial a Sérgio e Leonete, que me acompanharam de perto, amenizando o caminho.

Resumo

BOING, Vera Maria Lanzillotta Baldez. **Novo sujeito apostólico: a dimensão transformadora no Magistério do Papa Francisco.** Rio de Janeiro, 2021, 208p. Tese (Doutorado em Teologia) – Departamento de Teologia, Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Propomo-nos investigar o Novo sujeito apostólico, social e eclesial a partir dos documentos pontifícios do Papa Francisco, numa dimensão transformadora. A pesquisa procurou mostrar a importância do contexto econômico, social e cultural na proposta teológica e pastoral desenvolvida pelo Papa. Uma condição intrínseca à renovação missionária e ao novo perfil evangélico que Francisco considera imprescindível à Igreja dos pobres, configurada como Igreja em saída. Um processo que demarca a superação do dualismo entre fé e vida, que nos conduz a um caminho dialogante e formativo do sujeito apostólico. O Papa Francisco nos remete à ação transformadora da evangelização, o retorno às fontes do Evangelho, à práxis de Jesus Cristo. Lugar de fecundidade do anúncio do Reino de Deus, revelação concreta do amor de Deus pela criação. A partir da práxis de Jesus Cristo, tratamos de diferentes dimensões da evangelização na proposta do pontificado de Francisco: a evangelização inculturada, o ser humano na perspectiva integrada de sua existência histórica e de fé, a espiritualidade encarnada que emana diferentes expressões de fé, a humanização desenvolvida a partir da subjetividade aberta e, fundamentalmente, a perspectiva de desenvolver uma ecologia integrada às dimensões sociais, culturais e econômicas. O trabalho mostra que, a partir da chave do Evangelho de Jesus Cristo, o Papa provoca a Igreja à atualização de sua missão, o que expressa o comprometimento com a continuidade do Concílio Vaticano II. Mostramos, também, a espiritualidade inaciana como fonte de compromisso e discernimento presentes em Francisco, à luz do Evangelho, e a recepção do Concílio no continente latino-americano, que fundamentou uma teologia libertadora, revisitada à luz da práxis histórica e de Jesus. O trabalho expressa o dinamismo da ação do Espírito Santo na evangelização encarnada, que Francisco traz intrínseca à sua ação pastoral. Revela-nos, dessa forma, a exigência constante da conversão da mentalidade e das atitudes, essencial ao processo transformador da evangelização. Destacamos,

como eixo central do desenvolvimento do trabalho, o protagonismo social que o Papa reconhece nos movimentos populares e nos sujeitos apostólicos. É no interior desse processo que o Papa destaca o caminho do diálogo, da sinodalidade, como formativo do novo sujeito, social e eclesial.

Palavras-chave

Papa Francisco; Novo sujeito apostólico, social e eclesial; Igreja em saída; Igreja dos pobres; protagonismo social; evangelização inculturada; sinodalidade; ecologia integrada.

Résumé

BOING, Vera Maria Lanzillotta Baldez. **Le Nouveau Sujet Apostolique: la dimension transformatrice dans le magistère du pape François.** Rio de Janeiro, 2021. 208p. Departamento de Teologia, Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nous nous proposons dans ce travail de mener une recherche, basée sur des documents pontificaux, sur un nouveau sujet apostolique, social et ecclésial, dans une dimension transformatrice. La recherche a pour objectif de mettre en lumière l'importance du contexte économique, social et culturel de la perspective théologique et pastorale présentée par le pape. Une condition intrinsèque au renouvellement missionnaire de la nouvelle approche évangélique que François estime indispensable pour l'Eglise des pauvres qualifiée d'Eglise « en sortie ». Un processus qui demande de dépasser le dualisme foi-vie pour nous amener vers un chemin de dialogue, et partant, conduire à la formation d'un sujet apostolique. Le Pape François nous invite à une action transformatrice de l'évangélisation, à un retour aux sources de l'Évangile, à la praxis de Jésus-Christ. Lieu de fécondité de l'annonce du règne de Jésus, révélation concrète de l'amour de Dieu pour la création. Par le biais de la praxis de Jésus-Christ, nous nous intéressons aux différentes dimensions de l'évangélisation en lien avec la proposition du pontificat de François : l'évangélisation inculturée, l'être humain dans la perspective ajustée à son existence historique et de foi, la spiritualité incarnée qui traduit les diverses expressions de la foi, une humanisation conçue à l'aune d'une subjectivité ouverte et, prioritairement, la perspective de l'essor d'une écologie adaptée aux dimensions sociales, culturelles et économiques. Ce travail enseigne que, sur la base de l'évangile de Jésus-Christ, le pape pousse l'Eglise à mettre sa mission à jour, ce qui dénote son engagement à la suite du Concile Vatican II. Nous soulignons également que la spiritualité ignacienne d'engagement et de discernement présente chez le Pape François, à la lumière de l'Évangile, ainsi que l'accueil du Concile sur le continent latino-américain ont favorisé une théologie de la libération, revisitée à la lumière de la praxis historique et de Jésus. L'étude met en avant le dynamisme de l'action de l'Esprit Saint dans l'évangélisation incarnée que François juge intrinsèque à son action pastorale. Il en ressort une

exigence constante de changement des mentalités et des attitudes, essentielle au processus transformateur de l'évangélisation. Nous nous axons, dans le développement de l'étude, sur l'impact du social dont le pape reconnaît la traduction dans les mouvements populaires et chez les sujets apostoliques. C'est à l'intérieur de ce processus que le pape met en avant un chemin de dialogue, de synodalité, permettant l'éclosion d'un nouveau sujet social et ecclésial.

Mots-clés

Pape François, Nouveau sujet apostolique, social et ecclésial, Eglise « en sortie », Eglise des pauvres, engagement social, évangélisation inculturée, synodalité, écologie intégrée.

Sumário

| | |
|--|-----|
| 1. Introdução | 12 |
| 2. Provocações a uma evangelização missionária | 19 |
| 2.1 Desafios antropológicos de um mundo global | 20 |
| 2.1.1 O amor, projeto de Deus | 26 |
| 2.1.2 O mal, constante ameaça à sociedade contemporânea | 32 |
| 2.2 Discernimentos necessários à perspectiva missionária no atual contexto da globalização | 38 |
| 2.2.1 A lógica de um mercado excludente | 44 |
| 2.2.2 Uma teologia a partir dos excluídos | 49 |
| 2.3 Paradigmas de uma teologia criativa e libertadora em continuidade ao Concílio Vaticano II | 54 |
| 2.3.1 Por uma teologia antropológica | 59 |
| 2.3.2 Por uma eclesiologia do encontro | 65 |
| 3. Fundamentos da teologia de Francisco: por uma ecologia integral e resposta salvífica | 71 |
| 3.1 A proposta profética de um novo estilo evangelizador | 72 |
| 3.1.1 Francisco, o Papa da alegria e dos pobres | 73 |
| 3.1.2 A teologia de Francisco | 77 |
| 3.1.3 O fundamento: Jesus Cristo, o Evangelho dos pobres | 81 |
| 3.1.4 A proposta: um novo perfil missionário | 86 |
| 3.1.5 Abertura à graça de Deus, pressuposto imprescindível | 93 |
| 3.2 Uma ecologia integral: dinamismo e compromisso missionário | 97 |
| 3.2.1 A proposta cristã e a humanização | 99 |
| 3.2.2 Jesus Cristo, um modelo integrador e libertador | 104 |
| 3.2.3. Caminhos para uma ecologia integrada | 109 |
| 3.3 Salvação, o amor de Deus que nos surpreende: novas relações em Cristo | 116 |
| 3.3.1 A salvação que liberta | 118 |
| 3.3.2 Ação libertadora na evangelização | 124 |
| 3.3.3 A cruz como lugar de salvação | 127 |
| 4. O Novo Sujeito eclesial na América Latina e no Caribe: a superação de uma “consciência isolada” | 133 |
| 4.1 Elementos de uma inovação eclesiológica | 134 |
| 4.1.1 Uma Igreja em saída que exige integração entre fé e vida | 134 |
| 4.1.2 Uma Igreja para os pobres | 141 |
| 4.1.3 O rosto humano na teologia do Papa Francisco | 148 |
| 4.2 Os Movimentos Sociais: alavanca e semente de um novo | |

| | |
|---|-----|
| protagonismo evangelizador | 154 |
| 4.2.1 O processo transformador dos Movimentos Sociais | 155 |
| 4.2.2 Terra, teto e trabalho | 159 |
| 4.2.3 Esperança e utopia, motores da mudança | 163 |
| 4.3 A piedade popular, uma força transformadora para a nova evangelização | 166 |
| 4.3.1 Uma expressão missionária | 167 |
| 4.3.2 Um estilo mariano | 170 |
| 4.3.3 Maria, espírito para a nova evangelização | 173 |
| 4.4 A dimensão social e transformadora da nova evangelização | 178 |
| 4.4.1 A comunidade como lugar dos sujeitos | 179 |
| 4.4.2 Sinodalidade, um caminho de serviço | 185 |
| 4.4.3 Espiritualidade encarnada: uma ecologia integrada | 191 |
| 5. Conclusão | 198 |
| 6. Referências bibliográficas | 204 |

Lista de abreviaturas e siglas

- AL – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*
- CL – Exortação Apostólica *Christifideles Laici*
- ChV – Exortação Apostólica *Christus Vivit*
- DAP – Documento de Aparecida (Celam)
- EG – Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*
- EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*
- FT – Encíclica *Fratelli Tutti*
- GE – Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*
- LE – Encíclica *Laborem Exercens*
- LG – Constituição Dogmática do Vaticano II *Lumen Gentium*
- LS – Encíclica *Laudato Si*
- MV – Bula *Misericordiae Vultus*
- QA – Exortação Apostólica Querida Amazônia

1 Introdução

Buscamos pensar o novo sujeito apostólico no pontificado do Papa Francisco inserido no contexto teológico e pastoral da América Latina e do Caribe. Uma moção para pensar a proposta teológica e pastoral de Francisco, na perspectiva libertadora do processo de transformação e humanização que o Papa propõe diante do modelo global, excludente e desumano. Em seu pontificado, Francisco expressa o desejo de transformação de toda ação missionária da Igreja, de onde deve nascer o novo perfil do sujeito eclesial.

O tema desta tese está apoiado por uma teologia que provoca e promove indagações aos desafios da atual realidade histórica, que se apresenta diante de um vasto horizonte de mudanças. A teologia e a ação pastoral, propostas pelo Papa Francisco, nos convidam a contribuir na construção de uma Igreja a serviço do pobre, no diálogo com a pluralidade, e a desenvolver uma conversão que integre toda a criação de Deus, uma ecologia integrada. Uma teologia que nasce no contexto do Concílio Vaticano II e que tem a marca no processo de formação e atuação sacerdotal de Francisco. O Papa demonstra a continuidade das preocupações conciliares, mas, atento aos sinais dos tempos, amplia o horizonte de desafios que cresceram nas décadas seguintes ao Concílio.

Movidos e estimulados pelos desafios apresentados pelo Papa Francisco, diante de um mundo marcado pela desigualdade, pela desumanização e mortes, geradas pelo paradigma de uma economia excludente, delimitamos o desenvolvimento do trabalho nos principais documentos pontifícios de Francisco, bem como em algumas mensagens exortativas que definem o tom de uma nítida urgência na transformação da sociedade hodierna. Em sua vida, formação, missão e produção pontifical, percebemos temas recorrentes e influências que nos ajudam a elucidar questões importantes e que desafiam a Igreja nos dias de hoje.

O tema do novo sujeito tem em Francisco uma presença cara em sua formação na Companhia de Jesus. O Papa foi levado a refletir e inserir na prática missionária os desafios vividos pela Igreja contemporânea desde quando o

conceito “sujeito apostólico” foi tema de apresentação na Congregação Geral XXXIV, em 1995, a décima quinta desde a restauração da Companhia. Um conceito que exigiu de todos da Companhia de Jesus o desafio de pensar a missão do leigo e a missão da Igreja no mundo atual. O Papa Francisco experimentou, na prática, uma intercessão entre a Companhia de Jesus e as mudanças internas às relações com os leigos, no período pós-concílio. Em toda ação de seu pontificado, percebemos a presença do modo de proceder dos jesuítas, “homens para os outros” e “homens com os outros”.¹ Estar à disposição do outro, como diz o decreto, exige algumas premissas, como as que o Papa expressa: a escuta, a cooperação e o diálogo. A espiritualidade se conforma a esse modo operante. Assim, compreendemos o Papa Francisco, como solicitado na sua formação, à cooperação entre leigos e jesuítas, “unimo-nos a eles como companheiros, servindo juntos, aprendendo uns dos outros [...] dialogando sobre os objetivos apostólicos”.²

O Papa declara a urgência da conversão missionária, que só pode ser alcançada pela conversão da mentalidade cultural. Temos, aqui, a presença clara das prováveis dificuldades vividas na implementação do companheirismo, expresso pelo decreto da Congregação Geral. Francisco viveu essa realidade no âmbito interno de sua ordem religiosa. Reconhece os maiores e perigosos desafios no enfrentamento dessa condição entre leigos e sacerdotes. Demonstrou isso ao desenvolver os desafios do gnosticismo e do pelagianismo nas estruturas eclesiais³ revestidos pela ideologia do domínio do saber, do poder e da rigidez dos cumprimentos legais, que terminam submetendo a ação de Deus na vida pessoal e da comunidade. Porém, na fidelidade ao Evangelho, à sua formação e à renovação conciliar do Vaticano II, experimentou na teologia e na pastoral da América Latina a real possibilidade da transformação missionária da Igreja e do sujeito evangelizador. Assistiu e percebeu, concretamente, o nascimento e as dificuldades presentes do novo sujeito apostólico. No compromisso dessa fidelidade existencial, integrada à missão, permaneceu no dinamismo da proposta de uma Igreja pobre e para os pobres, uma Igreja em saída.

¹ Companhia de Jesus, Decretos da Congregação Geral XXXIV, nº 13, 4.

² Ibid., nº 13, 7.

³ GE 35-62.

A prática de Francisco, imbuída de toda a sua formação “jesuítica”⁴ evidencia os valores fundamentais do processo de autonomia, necessários à formação, fundamentação e legitimidade para o fortalecimento de novas lideranças do laicato, em diferentes ambientes de atuação, como nos movimentos sociais, por exemplo. Reforça, assim, a solicitude do decreto da Congregação Geral em viver o apostolado como “um autêntico companheirismo inaciano de leigos e jesuítas, cada um atuando de acordo com sua própria vocação”⁵. O Pontificado de Francisco mostra ser inspirador na busca do novo sujeito apostólico que possibilite repensar caminhos a partir da conjuntura eclesial e social na realidade da globalização. Sob essa perspectiva, o trabalho articulou dois tratados essenciais à presença do novo sujeito apostólico: a antropologia e a eclesiologia como expressão da concreta realidade proposta pelo Papa Francisco de uma Igreja em saída.

Para pensar o novo sujeito apostólico, buscaremos autores que fundamentam uma nova antropologia, como Adolphe Gesché, Karl Rahner e Alfonso García Rubio. Investigamos a possibilidade de, nas diferentes práticas sociais, acontecer a formação de novos sujeitos que, no exercício da cidadania, configuram sinais de novos tempos. Existem desafios que precisamos reconhecer para chegar ao novo sujeito apostólico, como pensar a fé cristã diante de um modelo eclesial que dá sinais de esvaziamento e enclausuramento, reduzindo o compromisso missionário com os mais empobrecidos da sociedade. Desperta-nos, diante do pontificado de Francisco, um alento para pensar e recriar a presença de um novo sujeito apostólico, resgatar a vital importância do sentido da comunidade de fé.

Vemos presente nas diretrizes da Igreja o desafio de dar respostas a um mundo em transformação. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja buscou o diálogo com o mundo contemporâneo, presente nos documentos que demarcam a renovação teológica do homem de fé e da mediação eclesial, nos Documentos das Conferências do Episcopado Latino-americano e do Caribe e, estes, retomados e ampliados, atualmente, nos Documentos do Papa Francisco. Também na Doutrina Social da Igreja, os fundamentos com as questões sociais e econômicas,

⁴ Companhia de Jesus, Decretos da Congregação Geral XXXIV, nº 13, 11.

⁵ Ibid., nº 13, 20.

configuradas pela relação entre trabalho e capitalismo, uma preocupação com a dignidade do ser humano.

Destacamos, na elaboração da pesquisa, a importância de definir como ponto de partida a realidade em que estamos inseridos. É necessário compreender uma práxis teológica articulada e intrínseca à leitura da realidade que contribua para delinear o sujeito marcado pela condição histórica do início do século XXI. O sujeito determinado tornou-se essencial para um discurso teológico engajado e favorecedor no diálogo com o mundo contemporâneo. Um sujeito diante de outros sujeitos, individuais e coletivos. Nesse entendimento, desejamos orientar a pesquisa teológica sobre a comunidade de fé como lugar de sujeito. Acreditamos que o Papa Francisco oferece elementos para abundantes reflexões.

A investigação sobre o sujeito apostólico no Magistério do Papa Francisco pode tornar-se uma evidência de novos protagonistas sociais, resistentes ao avanço de um modelo econômico excludente. Uma alternativa humanizadora na perspectiva do cristianismo. O Pontificado de Francisco, à luz de uma práxis constitutiva da “Igreja em saída”, pode suscitar e contribuir com o diálogo entre a fé, a razão e as ciências, na busca do bem comum, a favor do pleno desenvolvimento humano.⁶ Pretendemos avançar na hipótese de que é possível encontrar na proposta do Papa as condições para o desenvolvimento da questão central do projeto, o novo sujeito apostólico. Com Francisco, acreditamos que a Igreja em saída poderá formar um eixo mobilizador de esperanças por novas mudanças.

Nos documentos de Francisco, buscamos caminhos em direção a uma teologia que não se acanha diante das exigências do mundo e das contradições impostas pelas configurações históricas da Igreja, como expressa claramente o Papa. A articulação do sujeito, na construção de sua identidade cristã, com a comunidade e as práticas sociais pode representar um caminho para o novo sujeito apostólico que investigamos. Demonstrar essa real possibilidade será uma das tarefas na proposta do projeto. A comunidade eclesial, dentro dessa proposta, tem papel importante, pois referenda a visibilidade, na história de Jesus Cristo, dos pobres e excluídos, pois Jesus, assumiu para si um mundo sem linhas divisórias. Esse modelo eclesial está dado e definido pelas comunidades dos primeiros

⁶ EG 238 e 242.

cristãos: “Qualquer comunidade da Igreja que pretenda subsistir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade [...] facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual.”⁷

A tese tem como objetivos: investigar com mais propriedade como a identidade do sujeito social é construída, mergulhada como está em um mundo que apresenta a diversidade cultural da globalização; apresentar como a práxis desse sujeito possibilita a formação de protagonistas no projeto de um novo modelo social, que considere os pobres e todos que se encontram à margem de sua dignidade humana, a partir da comunidade de fé; e aprofundar o papel da comunidade de fé como formadora do novo sujeito apostólico.

O estudo tem, ainda, a intenção de investigar, no processo de construção das subjetividades, as relações interpessoais que configuram a comunidade para perceber a importante função de mediadora entre sujeito e realidade externa. Realidade válida, hoje, para ser pensada, pois, ainda, há necessidade de superações de expressões que fragmentam o mundo da fé quando relacionadas, como fé e política, fé e libertação e outras expressões consideradas aparentemente incompatíveis. Para além de possíveis representações ambíguas, estas visões dicotômicas são fruto de uma visão interna ao próprio modo de ser Igreja no mundo. Dessa forma, reconhecemos a pertinência em investigar e legitimar o processo histórico no qual trabalhamos, a partir do recorte pretendido em relação à crítica à globalização, a América Latina e Caribe.

A metodologia da pesquisa se assenta em fontes bibliográficas, basicamente nos documentos do Papa Francisco, as Exortações Apostólicas *Evangelii Gaudium*, *Gaudete et Exsultate*, *Christus Vivit*, *Amoris Laetitia* e *Querida Amazônia*; as Encíclicas *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*; a Bula *Misericordiae Vultus*. Também analisamos alguns pronunciamentos e discursos direcionados a determinados grupos sociais, a exemplo dos encontros com os Movimentos Populares. Incluímos, ainda, alguns pronunciamentos temáticos, como quando se dirige às questões sociais de conotação mundial, os migrantes, a pandemia, os presidiários, enfim os pobres sem lugar na sociedade. Outros escritos sobre o Papa Francisco também foram fonte para pesquisa, tais como livros, artigos e coleções temáticas sobre o seu pensamento.

⁷ EG 207.

Adotamos como base para os dois primeiros capítulos, mas principalmente no primeiro, fundamentalmente a teologia de Adolphe Gesché, como suporte para pensar Deus no mundo, Garcia Rubio e Rahner, as questões de Deus e do ser humano que foram o propósito da sua teologia. Uma contribuição importante para fundamentar a revelação de Deus em relação ao ser humano inserido no contexto de sua história, para compreender os discursos que constroem e consolidam sua legitimidade como sujeitos e como possibilidades de expressão de fé. O Papa Francisco, no seu pontificado, privilegia o protagonismo do leigo como sujeito de ação ao convidar os cristãos a assumirem a missão de agentes transformadores. Pede a atenção aos sinais presentes na sociedade, muitas vezes silenciosos, como diz, e aponta como uma das propostas da possibilidade de mudança, os movimentos sociais, para pensar nos novos protagonistas sociais, configurações de novos sujeitos social e eclesial. Por isso, no capítulo seguinte, também buscamos fundamentar a leitura de mundo a partir de uma abordagem sociológica.

No terceiro capítulo, mostraremos a proposta do Papa ao realizar uma renovação eclesial que alcance as dimensões de uma evangelização para além das estruturas da Igreja⁸, quando apresentamos a fundamentação da proposta profética de Francisco, apoiada na opção que Jesus faz pelos pobres. Uma proposta libertadora e integrada, desenvolvida no período pós-conciliar, no continente latino-americano. Abordamos, nessa perspectiva, a cruz como lugar da revelação do amor salvífico de Deus. O Papa assume, assim, o desafio de concretizar a dinâmica de uma Igreja em saída, acolhedora, e faz um alerta à atenção aos encontros, promovedores de vida, de novas relações pautadas por uma fraternidade mística.

No terceiro e último capítulo, desenvolvemos o que a pesquisa reconheceu como presença do novo sujeito apostólico, à luz dos documentos e das ações do Papa Francisco. Recolhemos e destacamos os âmbitos que consideramos como expressões de fé e de formação do sujeito apostólico. Identificamos, a partir do pensamento do Papa, a presença do sujeito apostólico em formação nos diferentes contextos de sua vida pessoal e que, a partir da comunidade de fé, é fortalecido para sair de si ao encontro do pobre. Ou, a partir de sua práxis, chegar à comunidade de fé. Buscamos mostrar a espiritualidade e as expressões de fé como

⁸ EG 27.

condição pessoal de sustentação e mobilização à práxis do evangelizador como processo formador e transformador de vidas. O Papa Francisco destaca a preocupação com o modelo que deve ser desenvolvido na perspectiva de uma vida integrada que culmine numa abordagem integrada da ecologia. Nesse sentido, enfatizaremos os caminhos destacados por Francisco no processo de sua atuação pontifical: o diálogo, a solidariedade, a educação e a espiritualidade que fomentam o novo modo de ser no mundo, mais humano e inclusivo.

2

Provocações a uma evangelização missionária

O ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. [...] Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’.

(EG 53)

Apresentaremos, neste capítulo, a instigante tarefa da indagação e da busca de respostas aos desafios que a atualidade nos impõe. Afinal, à luz da tradição judaico-cristã, somos criados e formados para dar sentido à existência.⁹ Este é o convite que o Papa Francisco faz ao mundo e à Igreja: procurar caminhos possíveis e criativamente responsáveis para encontrar as respostas que buscamos aos desafios atuais.

Nesse sentido, pretendemos iniciar a investigação, a partir da antropologia, sobre o sujeito, social e eclesial, inserido no compromisso com a transformação da realidade injusta, que desfigura e compromete a criação de Deus. A liberdade, recebida como dom, coloca o ser humano em relação, nomeado para existir e convocado a sair de si para viver a dinâmica da construção de sua identidade. Portanto, a alteridade e a liberdade tornam-se eixos importantes no desenvolvimento do capítulo por constituírem um movimento dinâmico de saída da heteronomia para a autonomia, imprescindível à construção do sujeito.

O diálogo, que para o Papa Francisco é caminho na evangelização¹⁰, e a alteridade serão tratados como lugar de constituição de sujeitos, de mediação na experiência da salvação. Um resgate da humanização e do amor de Deus, como defende o Papa na proposta do seu pontificado.

Dedicaremos parte do capítulo à questão do mal, na intenção de tratá-lo como um dos grandes desafios na sociedade contemporânea. A proposta não é desenvolver o tema do mal, que tem um extenso e complexo alcance na existência do ser humano, mas demarcá-lo, configurando-o no interior da pesquisa como consequência da estrutura de uma sociedade excludente. O mal será abordado à luz da defesa pela vida que o Papa Francisco expressa nos Documentos Pontifícios, assim como na clara continuidade que demonstra com o Vaticano II e

⁹ GESCHÉ, A., O sentido, p. 45.

¹⁰ EG 238-258.

com a teologia pós-conciliar, configurada na América Latina, a Teologia da Libertação.

A presentaremos, também, no corpo do capítulo, o convite feito pelo Papa ao retorno às fontes do Evangelho, na superação de uma evangelização que distancia a realidade da fé cristã e que ofereça respostas à luta contra o mal. Lugar da revelação do amor salvífico de Deus, que nos possibilita “ser plenamente humanos”.¹¹ Alude, sempre, a uma espiritualidade encarnada que supere a dicotomia entre a fé e a vida. Desenvolveremos, como apoio à perspectiva de Francisco, o discernimento sobre a realidade, que se configurou como globalização nesse processo histórico, para melhor compreensão da exigência de uma nova ação missionária.

Por fim, abordaremos as condições da liberdade e da criatividade como referências a um protagonismo do sujeito apostólico, atuante e transformador. A perspectiva eclesial e o sujeito evangelizador ocuparão, portanto, nesse sentido, uma centralidade na proposta do Papa Francisco, que referenda a práxis de Jesus como fonte da ação missionária e eclesial. Seguimos, assim, na confirmação do diálogo como processo de libertação e de amadurecimento das subjetividades na construção ativa e comprometida do sujeito para com a justiça do Reino de Deus. Seguimos, com o Papa Francisco no campo teológico e pastoral para pensar a fé à luz da práxis de Jesus Cristo, como foi resgatado pela Teologia da América Latina.

2.1

Desafios antropológicos de um mundo global

Vivemos em tempos em que o amor perdeu a força de sua alteridade, diante de uma sociedade que colocou tudo nas condições do bem-estar material, do conforto e da segurança.¹² Estamos sob a ameaça de negar o amor como uma intensa e radical experiência de vida, de doação e de crescimento humano. Talvez estejamos vivendo a grave crise de não nos reconhecermos como humanos, capazes de atos humanizados. Pelo contrário, identificados pela violência naturalizada como um instinto animal. É fundamental revisitar o amor, concretizar atos humanizadores, para revisitar o risco e a aventura, em oposição à segurança e

¹¹ EG 8.

¹² BADIOU, A.; TRUONG, N., Elogio ao amor, p. 13.

ao conforto,¹³ para recolocar o amor no horizonte do Criador. Reencontrar em Deus a liberdade de amar com os riscos que a vida nos impõe e experimentar o amor como o sopro de um “espírito orante, livres da asfixia de uma imanência fechada.”¹⁴ São as experiências do amor que nos permitem acreditar que podemos ser salvos da escravidão de nossa liberdade. Lançarmo-nos ao destino de nossa humanidade.

Lévinas possibilita uma compreensão da nossa relação com o Transcendente, da nossa finitude humana em relação ao infinito. Não reduz a ontologia à nossa relação com o outro, ao contrário, amplia ao chamar de religião, como diz, “a invocação não é precedida de compreensão, chamo de *religião*”,¹⁵ ou seja, a relação é oração, como afirma ao falar sobre o que é nomeado ser o que é chamado. Essa compreensão nos põe o In-finito contido na nossa finitude. Essa é a relação que justifica afirmar que não se pode matar, violentar, “é a presença do rosto. Estar em relação com o outro face a face é não poder matar”,¹⁶ porque o outro me coloca diante da infinitude que o meu ser evoca.

Gesché se apropria da narrativa bíblica para falar do respeito infinito ao outro, “Eis-me aqui”, a disponibilidade diante do outro. A liberdade e a responsabilidade fundam a alteridade diante da infinita bondade criadora de Deus. “O outro, em vez de lesar minha liberdade, funda-se e dá-lhe todo o seu sentido.”¹⁷ A alteridade é construtora do amor, fonte do reconhecimento de um amor infinito, tece o amor de Deus no concreto da vida humana. O mesmo amor que Deus deu ao se dispor diante da libertação do seu povo, no “Eis-me aqui”, revelando-nos a gratuidade e a fidelidade como condições presentes em todo processo de construção e libertação das relações humanas.

Fidelidade e gratuidade são meios de luta contra a desumanização do mal que nos afasta da experiência do amor. A eclesiologia do Papa Francisco mostra ao mundo a força do Evangelho de Jesus Cristo de que o caminho é resistência e vigilância contra o poder da tentação¹⁸ que pode fragilizar e minar a força da gratuidade do amor. Temos, nessa reflexão, um conteúdo eficaz e precioso para abordar a importância que o outro tem diante de mim. É ele, o outro, que pode

¹³ BADIOU, A.; TRUONG, N., Elogio ao amor, p. 13.

¹⁴ GE 147.

¹⁵ LÉVINAS, E., Entre nós, p. 28.

¹⁶ Ibid., p. 30-31.

¹⁷ GESCHÉ, A., O sentido, p. 28-29.

¹⁸ GE 158-159.

suscitar a dimensão da infinitude na minha finitude, provocando a experiência da salvação, do amor como sinal da ação de Deus. Então, o sujeito, indivíduo e comunidade, têm uma vasta amplitude de construção de sua subjetividade, integrada nas diferentes dimensões de sua existência. A partir dessa concepção, podemos confirmar, na perspectiva cristã, Deus como criador e defensor de nossa libertação e a liberdade e a alteridade como construtoras da existência histórica do sujeito a partir da criação de Deus.

A simples e fundante indagação sobre a liberdade e a identidade do ser humano e o que o caracteriza como um ser de indagações pode ser reconhecida como potencial recebido como dom à missão no ato da criação. Essa condição coloca-nos dentro do mistério de Deus e do ser humano, impelindo-o a buscar algo a mais do que a ele próprio, sempre em processo de construção de “ensinantes e ensinados”.¹⁹ Essa abordagem antropológica, assentada na ideia do ser humano contextualizado e integrado à criação, tem presente a dinâmica do deslocamento, o ser humano fazendo-se existir, saindo de si, provocado pelo outro que o convoca. Inicia-se, então, como ser de alteridade, o seu processo de formação e de sua identidade.

Por isso, podemos falar que “o desejo do ser humano é dar à sua vida a orientação e efetivação de um sentido”²⁰ para além da própria história, ampliando de significações o nosso horizonte, podendo responder à vocação do chamado de Deus. Afinal, por Ele e para Ele fomos criados, como diz a tradição cristã. A criação recebida como herança, dada, mas não acabada, coloca o ser humano como um co-construtor da obra de Deus que, na liberdade e na responsabilidade, o faz sentir-se chamado a se tornar sujeito.

Pensar o ser humano à luz do cristianismo, da tradição judaico-cristã é poder assumir para si a exata noção de ser sujeito social e eclesial. E como “não existe sujeito sem autonomia, ou seja, indivíduos capazes de discernir, decidir e agir,”²¹ é preciso partir de uma visão que se constrói em um processo de crescimento e inserções na vida social do ser humano. Francisco expressa o desejo concreto da Igreja ser fonte dessa possibilidade, de devolver ao ser humano a condição leal de ser sujeito livre e ativo da sua própria história, social e eclesial.

¹⁹ GESCHÉ, A., O ser humano, p. 26.

²⁰ Id., O sentido, p. 81.

²¹ PASSOS, D. J., Não há Igreja sem sujeito, p.27.

Ser “sujeito da evangelização, porém, mais do que uma instituição orgânica e hierárquica é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus [...] ser fermento de Deus no meio da humanidade”.²²

Antes da ideia de sujeito falamos, usualmente, na pessoa e introjetamos, de forma natural, a ideia de sujeito. A perspectiva da tradição cristã da criação vem sendo desenvolvida como fundamentação dos pressupostos para o entendimento final do sujeito como ser de ação. Mas, ainda, é importante lembrar que a ideia de pessoa, para o cristianismo, vem da “experiência dialógica na relação entre Deus e o ser humano.”²³ O que significa afirmar que o ser humano é colaborador de Deus, como foi dito anteriormente. Na construção de um caminho para pensar o sujeito apostólico e o processo de sua formação é importante reconhecer a alteridade e a autonomia como conceitos estruturantes para a antropologia integrada, base para pensar o sujeito apostólico.

A tarefa de constituir-se livre não é simples diante de uma sociedade individualista, marcada pela utilidade das relações humanas. Precisamos resgatar a identidade inerente ao cristianismo, restabelecer os laços que foram instituídos por Jesus Cristo nas relações de vida experimentadas, principalmente entre os pobres, descobrir a misericórdia do amor de Deus. Resgatar o dom da criação. Na relação com o outro, nos colocamos no movimento, despertamos a consciência da nossa existência. No processo dessa relação dialogal, de comunicação, nasce uma consciência individual, de um reconhecimento pessoal de identidade, e outra social, que promove a construção da liberdade e da identidade coletiva desenvolvida no contexto histórico em que o ser humano amadurece.²⁴

Reforçamos, aqui, que, no processo de amadurecimento, o desenvolvimento da autonomia é acompanhado pela evolução da consciência entre a ação e a reflexão. Ou seja, o saber discernir, tão essencial à ação do Espírito Santo que nos mobiliza como comunidade de fé. Essa compreensão ajuda a pensar a comunidade como lugar de construção da autonomia, um ambiente de crescimento humano, integração e fortalecimento da identidade contra a possível alienação e reducionismo de uma subjetividade fechada.²⁵

²² EG 111 e 114.

²³ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 304.

²⁴ GESCHÉ, A., *O sentido*, p. 50.

²⁵ RUBIO, A. G., *Ibid.*, p. 308.

Toda relação exige diálogo, ou seja, escuta e resposta. Veremos adiante, ainda nesse capítulo, a importância dessa relação na conformação do sujeito como ser ativo, tanto na estrutura de sua formação como na condição de existir no mundo e para o mundo, quando legitimamente é reconhecido para existir. Algumas definições são constitutivas da pessoa humana, a condição de interiorização e a de abertura.²⁶ Como vimos, a liberdade, movida pela alteridade, o diálogo, evoca no ser humano a responsabilidade com as suas escolhas, permitido que oriente sua vida para o sentido de uma finalidade. Essa realidade acontece no interior do processo social, cultural e econômico de cada ser humano, ou seja, nos condicionamentos que o contexto histórico apresenta a cada pessoa humana. Portanto, o diálogo, a liberdade e a responsabilidade acontecem na dinâmica da história, da sociedade em que se vive.

Sabemos que a liberdade, na tradição cristã, se integra à transcendência. Por isso o ser humano tem uma disposição interna que o impede de reduzir-se à imanência. Claro que pode, na sua liberdade, ao se perceber como pessoa, escolher viver fechado, voltado aos seus interesses individuais. Hoje, na sociedade global, essa condição se apresenta como um desafio porque vai contra a autenticidade do próprio cristianismo, que revelou nas relações humanas a abertura como condição para uma vida plena e digna, de reconhecimento e de humanização. Essa disposição à transcendência é a dimensão de abertura, que permite acontecer a relação com o outro em atitude dialogal, mas, principalmente, a relação com o Transcendente, com a infinitude.

As dimensões apresentadas por Rubio, imanência e transcendência, se encontram intrinsecamente relacionadas. Ambas precisam ser desenvolvidas para que possibilite ao ser humano uma subjetividade aberta, em processo de crescimento durante toda a sua existência. O ser humano, quando vive de forma integrada as dimensões de abertura ao outro, à sociedade e a Deus, com a sua liberdade conjugada à responsabilidade da ação, vivencia mais plenamente a dinâmica do seu crescimento humano.²⁷ É no interior desse dinamismo que faz a experiência do sujeito, que nesse processo realiza a sua existência histórica e transcendental. Percebe-se sujeito no processo da experiência do estranhamento e

²⁶ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 308.

²⁷ Ibid., p.312.

inicia o movimento consciente de intervir e indagar todos os condicionamentos presentes no contexto em que está inserido.²⁸

Dessa forma, podemos estender a reflexão à ação eclesial do novo sujeito apostólico. Na perspectiva antropológica apresentada não há dicotomia entre a história e o desenvolvimento integral das dimensões intrínsecas ao ser humano. Pensamos o ser humano como ser integrado nas suas relações fundamentais. Deus é parte dessa condição. Portanto, não podemos aceitar relações extrínsecas ao processo histórico do desenvolvimento da pessoa humana. Essa possibilidade compromete a perspectiva libertadora da liberdade humana, pois pode reduzir as dimensões humanas à imanência, minimizando a importância da dimensão da transcendência que promove o movimento de sair de si, de descobrir no outro a gratuidade do amor e do serviço. “O individualismo moderno e a privatização da fé em conexão com uma antropologia bastante penetrada de dualismo fizeram com que o cristão se desinteressasse das realidades macrosociais.”²⁹

Então, é de suma importância que a Igreja, fiel à missão de Jesus Cristo, reviva a experiência do amor nas relações humanas, integrada à grande dimensão, hoje, do cosmo, preocupação primordial do Papa Francisco. Somente dessa forma tem a chance de superação do dualismo antropológico, que distanciou a experiência da fé da vivência da vida. Uma comunidade eclesial missionária não pode se abster do compromisso de retomar a perspectiva antropológica da criação, revelada na vida de Jesus Cristo³⁰. Assim, poderemos experimentar a eclesiologia do Concílio Vaticano II, expressa nos Documentos episcopais da América Latina e do Caribe e retomada no pontificado do Papa Francisco, que assume o compromisso com tal missão ao declarar que “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados.”³¹ A Igreja de Francisco assume esta realidade: a de colocar a serviço o amor de Deus, que a todos humaniza. Por isso, é fundamental pensar as relações intersubjetivas como mediadoras na construção do sujeito livre, autônomo e, acima de tudo, aberto e confiante na ação de Deus, pois a nossa compreensão é de que “ser Igreja é necessariamente ser sujeito.”³²

²⁸ RAHNER, K., Curso fundamental da fé, p. 43.

²⁹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 314.

³⁰ EG 96-97.

³¹ EG 120.

³² PASSOS, D.J., Não há Igreja sem sujeito, p. 27-28.

2.1.1 O amor, projeto de Deus

Encontramo-nos diante de alguns desafios, talvez o maior deles: o de redescobrir a liberdade de amar. Acima, foi comentado a respeito do outro como uma possibilidade de despertar a nossa orientação de vida para algo maior do que a própria existência, assim como o desafio de nos abrir ao amor, ao diferente, àquele que deve suscitar o nosso desenvolvimento – enfim, a maturidade da existência psíquica, emocional e social.³³ Desenvolveremos mais adiante esse processo em relação à maturidade do ser humano e à importância no processo de formação do sujeito eclesial e social. O outro se torna fundamental nessa existência, pois é no processo do encontro que o ser humano tem a possibilidade de viver a sua salvação. À luz do cristianismo, sabemos que temos algo a oferecer no caminho, principalmente àqueles que sofrem o abandono e a privação do direito à vida. Ao menos, “preservar a lâmpada do santuário diante dos que nada têm, dos famintos”³⁴, daqueles que perderam o direito de sonhar. Como Deus, fiel à sua criação, e o Filho, ao projeto do Reino, devemos, como cristãos, reformular os laços para, numa mútua relação com o outro, desenvolver a nossa liberdade e contribuir na formação da identidade individual e social. Trata-se de um processo de redes e pontes, em constante abertura, que conduza à construção de subjetividades abertas, porque são maduras e integradas.

Os discursos e documentos do Papa orientam o sujeito a viver a fé integrada à vida, o que cria as condições de uma vivência de relações humanizadoras. Por isso, Francisco insiste no encontro amoroso da pessoa com Jesus Cristo e, também, em descobrir na vida a alegria do encontro com o Evangelho, que “liberta do vazio interior e do isolamento.”³⁵

Em todo processo de nossa existência, o amor tem um fundamento essencial: o de nos lançar a diferentes experiências que possuam valor universal – não de forma abstrata, mas algo que reúna a condição mínima do reconhecimento da existência de nossa condição humana. Algo universalizável, em que o ser humano possa se deslocar da inércia da indiferença para a ação e a mobilização pela vida. No amor, “é possível experimentar o mundo a partir da diferença. É

³³ RUBIO, A. G., Nova evangelização e maturidade afetiva, p. 40.

³⁴ GESCHÉ, A., O Sentido, p. 78.

³⁵ EG 1.

nisto que ele tem um alcance universal, é nisso que ele é uma experiência pessoal da universalidade possível.”³⁶

Ao contrário da experiência de um processo de abertura, dinamizador do amor, podemos vivenciar relações desumanas em que o individualismo e o egoísmo tomam o lugar da não salvação. Assim, fazemos a experiência da subjetividade fechada. Como, hoje, é dito e vivido na sociedade da globalização, que cada um vive sua própria vida, com ou sem sucesso, principalmente econômico. Nessa realidade, “o amor é, então, uma contraexperiência.”³⁷ Dessa forma, o mal se apresenta, toma corpo e volume, expressando uma realidade contrária ao projeto de Deus, inaugurado por Jesus Cristo, na história dos homens e anunciado, pela Igreja, em diferentes épocas da história.

Justamente aqui o cristianismo revela o projeto da luta contra o mal que, na tradição cristã, não tem parte no projeto da criação de Deus. Queremos falar do mal que no continente da América-Latina foi lugar de preocupação e combate para a Igreja, configurada após o Concílio Vaticano II. O mal experimentado pelas injustiças sociais, fruto das estruturas econômicas. A realidade do mal pode ser confrontada à luz da tradição cristã, porque ajuda a visibilizar o evento da Encarnação, onde “Deus desce exatamente no terreno da realidade a salvar.”³⁸ Deus luta contra o mal, afirmando sua própria revolta contra esse inimigo e reforçando, dessa forma, a humanidade de Deus. O mal também se torna uma questão de Deus quando reconhecemos na alteridade, dada na criação, a condição de dialogar e indagar, como Jó, o porquê da existência do mal que provoca a dor, o sofrimento e o sentimento do abandono de Deus.³⁹ Afinal, foi nessas condições que Jesus viveu a cruz. Na Encarnação, assumiu todas as limitações de sua condição humana, do sofrimento, do mal, do abandono do Pai, e em nada “procurou ser poupado.”⁴⁰ Foi na condição humana que sofreu a injustiça da perseguição e da morte de cruz, resultado do compromisso em anunciar o Reino de Deus. Em Jesus foi revelado o Deus criador e salvador que, na relação com o ser humano, possibilitou mostrar que o processo histórico é dinâmico, e não destinado ao fatalismo, tão estimulado pelas religiões desencarnadas, a-históricas.

³⁶ BADIOU, A.; TRUONG, N., Elogio ao amor, p. 18.

³⁷ Ibid., p. 17.

³⁸ GESCHÉ, A., O sentido, p. 89.

³⁹ Id., O mal, p. 24.

⁴⁰ Ibid., p. 22.

Jesus mostra um Deus mediado pelo amor, e não pelo poder dominante e escravizante. Assim, pela prática do amor, Ele ensina o caminho da superação do mal, o que não representa fuga na prática, muito menos passividade. Ao contrário, “por ser um amor situado [...], ele é político.”⁴¹ Por isso, pode levar para caminhos de riscos e rejeição ao poder que deseja a manutenção das estruturas injustas. Jesus viveu essa tensão histórica entre o amor de Deus, humanizador, e a rejeição do seu projeto, desdobrado em atos desumanizantes, como a violência da cruz.

Trataremos, aqui, nessa perspectiva desumanizadora que as injustiças impõem ao ser humano, do mal estrutural. Especificamente, o mal instalado na configuração econômica atual. O mal que desfigura o amor e submete a condição humana ao confinamento. A economia é tratada pelo Papa Francisco como um dos desafios do mundo atual, que mata e exclui “a grande massa, sem trabalho, sem perspectiva e sem saída.”⁴² O trabalho humano que, na tradição bíblica, foi ofertado como dom, se apresenta como lugar de conflito e combate. A luta por condições dignas de trabalho, contra a “ditadura de uma economia sem rosto”,⁴³ deve expressar a voz de todos os trabalhadores que, reunidos em Santa Cruz de La Sierra, proclamaram na ação a palavra mudança e afirmaram que desejam “a felicidade de viver bem, não aquele ideal egoísta que enganosamente inverte as palavras e propõe a boa vida.”⁴⁴ O Papa expressa, assim, a proposta de uma teologia e pastoral comprometidas com a raiz do Evangelho que Jesus anunciou como Reino de Deus. Em continuidade com a Igreja latino-americana do período pós-concílio, vive a solidariedade de estar junto aos trabalhadores na luta contra a fome, a pobreza e o mal que assola a vida dos mais pobres. Mantém, assim, a fidelidade à missão, que depende da solidariedade aos pobres. Quanto a essa condição, a Igreja do continente latino-americana viveu e criou uma Igreja solidária, presente e atuante, à luz da práxis de Jesus,⁴⁵ que mostra a força dessa realidade e a possível e real desfatalização da história. Pois é agindo nela, nas condições possíveis que a realidade apresenta, que Jesus inaugura a criação de um novo sujeito, “com o objetivo de poder dar-se um destino acessível”.⁴⁶ Reconhecer os condicionamentos que a sociedade nos impõe e que se apresentam

⁴¹ SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 224.

⁴² EG 53.

⁴³ EG 55.

⁴⁴ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 5/11/2006.

⁴⁵ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 430-431.

⁴⁶ GESCHÉ, A., *O sentido*, p. 89.

como obstáculos ajuda a reduzir os riscos do fatalismo histórico, aumentando a chance de superação desses obstáculos, objetivos e subjetivos.

A partir das condições apresentadas, pensamos o trabalho do ser humano que, submetido às condições de exploração e submissão, se torna um dos importantes desafios para a proposta eclesial de Francisco, que aposta na humanização das relações humanas e no processo de construção de subjetividades abertas. Essa é uma condição essencial na evangelização defendida pelo Papa Francisco para que um novo modelo de sociedade seja gestado a partir da visão integrada entre o trabalho e a produção econômica. “O trabalho de todos é necessário para criar riqueza a serviço de condições de vida humana para todos.”⁴⁷

Atualmente, o modelo da globalização ampliou e remodelou as relações de trabalho, distanciando, cada vez mais, o que dispõe da força do trabalho, o trabalhador, dos bens de produção. O Evangelho deve fazer presença de resistência à dignidade humana, pois na perspectiva do trabalho como dimensão dada na criação – criativa e libertadora –, o sujeito se torna, em processo de formação, integrado às suas dimensões existenciais, como já sinalizamos. Nesse sentido, a práxis de Jesus precisa ser cultivada e fomentada, pois em todas as relações humanas Jesus deixou a presença de uma nova vida. Uma realidade escatológica da condição cristã, onde tudo se faz mediação na construção do Reino de Deus. Por isso o trabalho aprimora e desenvolve o ser humano em sua condição existencial.⁴⁸ Nessa perspectiva, o ser humano deve priorizar uma atitude de abertura, orientando suas relações em um processo de conversão de sua vida existencial. Deve, assim, procurar estar atento às condições em que vive a sua história concreta, porque é no processo de construção da identidade, na alteridade entre os diferentes, que constituímos a condição de ser pessoa; sujeitos atuantes diante do trabalho e da vida em geral. Somente dessa forma é possível experimentar o processo de libertação de nossa salvação.

Na dimensão integradora entre a vivência da fé e da vida, não fazemos a distinção teológica entre a história da vida e a história da salvação, que ainda se encontra presente e defendida no interior da Igreja hierárquica. Uma visão que, apesar da longa permanência na história da Igreja, não responde, hoje, às necessidades do mundo, mergulhado em um profundo abismo de inseguranças,

⁴⁷ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 432.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 431.

medos e miséria humana. O Papa Francisco, na fidelidade ao Concílio Vaticano II e à teologia latino-americana, defende a radical revisão da Igreja inserida no mundo: uma evangelização que possibilite a humanização, a construção de uma nova sociedade, pautada em novas relações humanas, sem margem à exclusão e a *sobrantes*. A Teologia da Libertação desenvolveu a perspectiva integrada entre fé e vida, desenvolvendo na prática “novas formas de convivência solidária e de que a sua luta por condições de vida mais humana, tudo isso tem muito a ver com a vida e a salvação cristãs.”⁴⁹ É à luz da teologia pós-conciliar que o Papa Francisco faz do seu pontificado “o compromisso para abolir a atual situação de injustiça e construir uma sociedade nova [...] pela participação ativa e eficaz.”⁵⁰

Retomando o desenvolvimento do tema sobre o mal nas estruturas sociais, centralizamos o trabalho na questão das injustiças que desencadeiam a exclusão e a pobreza humana. É pelo trabalho que o ser humano cria e transforma a realidade do mundo, onde, inserido em sua cultura, se torna sujeito. Porém, sabemos que o trabalho – transformado em mercadoria e ideologizado como bem de consumo – pode gerar alienação e dominação, retirando do ser humano a capacidade da criatividade e liberdade. Assim ocorreu no desenvolvimento da modernidade, em que um grande abismo foi criado entre os países ricos e periféricos. Ainda hoje, a grande questão parece ser a mesma, e o Papa Francisco reforça com a mesma indagação já apresentada pela teologia: “como concretizar a humanização do trabalho se os sistemas socioeconômicos e os modos de produção colocam o ser humano subordinado às coisas.”⁵¹

Encontramos sinais sobre o sujeito apostólico nos caminhos apontados por Francisco, quando insiste em novos protagonistas da história, nos discursos aos movimentos sociais e nos conteúdos apresentados nos documentos pontifícios. Uma preocupação manifestada anteriormente pela própria teologia pós-conciliar do Vaticano II, quando assumida como condição de fidelidade ao projeto do reino de Deus. Os documentos de Medellín e Puebla sinalizaram essa preocupação, em confronto com uma realidade de extrema pobreza do continente latino-americano, chamado à época de Terceiro Mundo, marcadamente periférico.

⁴⁹ RUBIO, A.G., Unidade na pluralidade, p. 434.

⁵⁰ GUTIÉRREZ, G., Teologia da libertação, p. 250.

⁵¹ RUBIO, A. G., Ibid., p. 433.

É preciso apostar no processo de construção de subjetividades abertas. Como já abordado, a comunidade de fé tem a tarefa de dinamizar, ser o motor dessa condição e reinaugurar a lógica da gratuidade. É preciso desmistificar a lógica do modelo consumista, com a possibilidade de desfatalizar o global. O ser humano, na busca dessa superação, tomado pelo dinamismo da salvação, deve se colocar na direção de sua destinação, integrado aos condicionamentos que a vida lhe apresenta e, também, reconhecer o enigma presente, inclusive como uma defesa de sua existência⁵². Paradoxalmente, o enigma oferece, nesse dinamismo existencial, a presença do mistério de Deus, que o sustenta e o cria, e a proteção e resistência de não ser alcançado por sua autossuficiência. “É preciso evitar as armadilhas, tudo que pode nos deter de forma restrita a nós mesmos, como por exemplo, uma excessiva confiança na racionalidade ou na ação.”⁵³ Desejamos lembrar que o amor, experimentado pela afetividade e pela emoção, hoje tão vulneráveis diante da precariedade da vida, também pode comprometer a libertação de nossa liberdade.

Tratar o evento da encarnação como referência dada para a desfatalização da história aponta um fértil caminho para a construção do sujeito que desejamos pesquisar. Sujeito que deverá, na preocupação da Igreja, ser pensado nas perspectivas históricas de formação de novas relações, que constituem subjetividades abertas. Por isso, é um sujeito integrado e situado numa liberdade política. A ação de Jesus mostra que, a partir de cada encontro com o outro, “abria as portas de seu destino.”⁵⁴ Um encontro de amor, de salvação. Nessa realidade, compreendia o que cada um podia oferecer diante do obstáculo que se apresentava para a sua liberdade e, assim, “pedia ao ser humano para tornar-se o que pode tornar-se. Aí está um humanismo propriamente inédito.”⁵⁵ Essa realidade apresentada pela ação concreta de Jesus se torna a condição para desenvolver a desfatalização histórica, que pode nos conduzir ao sentido da liberdade de nossa destinação em Deus. Há, na ação de Jesus, uma relação de libertação comprometida com a vida humana e com a humanização dessas relações. Somente no interior de nossas próprias experiências pessoais e históricas é que identificaremos o local da salvação, “pois Deus não vem salvar-nos fora de nossa

⁵² GESCHÉ, A., O ser humano, p. 19-21.

⁵³ Ibid., p. 13.

⁵⁴ Id., O sentido, p. 89.

⁵⁵ Ibid., p. 89.

condição.”⁵⁶ É no dinamismo das experiências contextualizadas que o ser humano é inserido na construção do seu destino, o que sugere que, no interior das relações, a libertação será despertada e desejada como condição da nossa destinação.⁵⁷

Sabemos que as relações são alcançadas em todas as suas dimensões. E o mal, contrário à presença do amor, provoca e instala nas relações humanas um mistério e a possibilidade de um fechamento à vida, caso não ocorra um enfrentamento necessário a essa realidade. Desde sempre o ser humano teve que lidar com a presença do mal em sua existência, especialmente o cristão que se confronta com a questão de pensar o mal diante da existência de Deus. A questão do mal, absorvido nas relações, se estende às estruturas sociais e econômicas, provocando exclusões e sofrimento e produzindo muitas cruces em diferentes situações. O mal deve ser enfrentado como um desafio à configuração eclesial e ao novo sujeito apostólico, evangelizador. Pensar o mal, no horizonte da fé, nos coloca diante da salvação cristã, como a esperança que fortalece e encoraja a luta contra o mal. Apesar de guardar o mistério da sua existência, o mal não se encontra em relação hierárquica com o mistério da salvação. A Ressurreição mostrou a vitória sobre o mal. Ambos estão inseridos na história de Deus. Como afirma Gesché, cabe “ao discurso teológico descobrir melhor a face de seu Deus e se encontrar diante do mistério do mal dentro de qualquer outra conjuntura.”⁵⁸ Uma responsabilidade ao assumir o processo de uma evangelização que deseja que seja encarnada e transformadora.

2.1.2

O mal, constante ameaça à sociedade contemporânea

Ao abordar a relação de Deus com o ser humano, envolveremos a temática do mal e o amor de Deus para enfrentar a missão de anunciar o amor humanizador e salvador d’Ele, revelado na criação e nas relações humanas. O mal que se instala nas estruturas do poder econômico, social e político da sociedade atual. Na luta contra esse mal, encontramos no pensamento teológico e pastoral do Papa Francisco a sua contribuição, ao denunciar injustiças e anunciar possibilidades e necessidades de mudanças sociais e econômicas pela dignidade da vida, condição absoluta no Evangelho de Cristo. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o

⁵⁶ GESCHÉ, A., O sentido, p. 90.

⁵⁷ Ibid., p. 91.

⁵⁸ Id., O mal, p. 35.

Papa trata das denúncias e dos caminhos possíveis a uma realidade mais justa econômica, social e culturalmente.

Francisco apresenta ao mundo e à Igreja a proposta de fazer de seu pontificado uma luta contra as injustiças e contra todo o mal que desumaniza o ser humano na sua dignidade de vida. O Papa sinaliza desafios atuais, presentes inclusive no interior da Igreja, como o mal do ritualismo, do triunfalismo e do clericalismo – males estes que podem distorcer a imagem de Jesus Cristo, assim como distanciar os fiéis de uma autêntica e fiel evangelização.⁵⁹ Estamos nos referindo ao mal visibilizado numa Igreja fechada e centrada em si mesma; por isso, ele orienta a Igreja a “sair em direção aos outros. Uma Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas.”⁶⁰ Uma Igreja em conversão, em diálogo com o mundo, está onde a vida sente a falta do Ressuscitado.⁶¹

Temos o desafio de aprofundar o entendimento da salvação como o processo de libertação de Deus contra o mal. No contexto da globalização, especificamente, dos danos acontecidos na América Latina. Uma realidade perturbadora, inquietante, tanto para quem deseja a superação dela como para os que se acomodam diante do mal contra a vida humana. Hoje, de alcance individual, o mal da exclusão tem nuances devastadoras à subjetividade humana que, para a nossa investigação, tem fundamental importância para a conversão eclesiológica que o sujeito deve sofrer. Como mencionado, as subjetividades devem se orientar no processo integrado à vida pessoal e social, e a Igreja tem um papel essencial nessa abordagem. A comunidade eclesial deve ser fonte de crescimento, favorecer a vivência da autonomia, das decisões responsáveis, ser construtora no reconhecimento de subjetividades e abrir-se, sempre, para as diferenças. Somente dessa forma a Igreja será capaz de enfrentar a sociedade que atrofia a livre ação de ser sujeito. Além disso, poderá iniciar o processo da transformação missionária da Igreja⁶² como exigência à formação do novo sujeito apostólico. Dessa forma, teremos chance de lutar juntos, com Deus, contra o sofrimento que retira a dignidade dos filhos de Deus. “Essas vítimas encontram-se em todo continente da América Latina e Caribe, milhões de seres humanos

⁵⁹ EG 93-97.

⁶⁰ EG 46.

⁶¹ EG 29-30.

⁶² EG 27-28.

ameaçados de morte lenta como consequência da pobreza e da indignidade do desprezo e do silêncio”⁶³.

Essa é a razão pela qual se torna essencial mostrar nesta pesquisa que Deus entrou na história na condição da limitação humana, enfrentando em todas as dimensões que o mal se revela como aniquilador da dignidade da pessoa humana. Também das rupturas que provocam a desintegração do ser humano diante dele mesmo e do mundo. Na perspectiva da antropologia integrada, o corpo é pensado como lugar da nossa humanidade, “[...] a interpretação mais inaudita do que é Jesus, mais ainda, e principalmente, é a interpretação mais inaudita do percurso que a Palavra de Deus pode fazer. Tornar-se carne, assumir a carne.”⁶⁴ Apresentar um Deus que cura, liberta e é solidário ao sofrimento, “fazer que a Palavra se encarne na situação concreta e dê frutos de vida nova”.⁶⁵ Ele caminhou ao lado dos pobres, dos desprezados e das vítimas acometidas pela maldade da exclusão, demonstrando perplexidade e indagações ao desafio do mal diante do poder dominante. O Papa nos convoca a superar o medo e as atitudes defensivas que impedem de anunciar um Cristo de carne e crucificado para alcançar “a reconciliação com a carne dos outros”⁶⁶, do pobre.

Gesché desenvolve o tema do mal convidando-nos ao seu enfrentamento contra as consequências produzidas na existência humana. O autor insiste que o cristão não deve se amedrontar diante do mal, nem se esconda; pelo contrário, que ele não perca a capacidade de escandalizar-se.⁶⁷ É preciso tratar o mal como uma questão da teologia, “tomá-la e colocá-la em Deus.”⁶⁸ Afinal, assim Deus fez diante do sofrimento da cruz: lutou e venceu a morte. Jesus colocou o mal diante de Deus, dialogou, indagou e fez de Deus um interlocutor. “Aí se encontram a força (*virtus*) e a particularidade teológica dessa atitude.”⁶⁹ Nessa atitude entre o eu e o tu, a teologia revela a alteridade do Deus cristão. Jesus experimentou o poder desse mal nas consequências que sofreu diante de suas atitudes, quando caminhou ao lado dos pobres e excluídos, que à época viviam à margem da sociedade. Reconhecemos no mal estrutural, para além do mal social, as

⁶³ AMERINDIA, Sinais de esperança, p. 10.

⁶⁴ GESCHÉ, A., O corpo: caminho de Deus, p. 37.

⁶⁵ EG 24.

⁶⁶ EG 88.

⁶⁷ GESCHÉ, A., O mal, p. 20.

⁶⁸ Ibid., p. 22.

⁶⁹ Ibid., p. 25.

consequências produzidas na vida pessoal do ser humano. A perspectiva se assenta na visão integrada e relacional entre o ser humano e a sociedade. Da mesma forma, ele está integrado às suas dimensões, tomado por algum sofrimento, todo o seu ser sente a dor provocada pelo mal.

A ética, ferida na condição existencial que o mal alcança, pode representar um risco à vida do cristão, principalmente quando, em tempos de crise, busca refúgio na fé. É importante analisar honestamente a realidade atual, pois os riscos da vivência de subjetividades fechadas poderão levar à exclusão e ao pior dos sentimentos: à indiferença. Francisco pede vigilância e discernimento em momentos que exigem cuidado nas análises sociais, porque erros podem conduzir a outros processos de desumanização.⁷⁰

Vimos que o fundamento da liberdade nos remete à alteridade e que nessa relação acontece o exercício da formação da liberdade, que dá ao ser humano a condição de sujeito. É sempre na condição da realidade que o sujeito está inserido, no dinamismo dessa relação, que o ser humano pode travar o combate contra a realidade do mal. É na liberdade que a alteridade será exercitada na luta contra toda forma de opressão que o escraviza e o esvazia, diante do mal e da esperança. A relação entre a liberdade e o mal se estabelece no âmbito do próprio processo constitutivo da liberdade. É nesse espaço que o sujeito pode ser pensado, pois

a liberdade, portanto, não é algo acabado, mas está em processo de superação contínua, em luta com os obstáculos que tendem a naturalizá-la e submetê-la: nunca é totalmente dona de si mesma e, bem por isso, está exposta de modo inevitável ao erro, à distorção e à culpa.⁷¹

Na verdade, ao pensar as condições que o modelo econômico da globalização impõe à sociedade, percebemos as dificuldades da afirmação da liberdade na luta contra o mal. Sabemos da capacidade que o mal tem em se infiltrar nas relações humanas e sociais e, também, da capacidade de naturalizar, reduzir e encarcerar a liberdade pelos discursos que sustentam o poder dominante. A liberdade – sempre limitada pela situação em que atua – é capaz de criar novos “tipos de mal” diante de um mundo que se transforma com a própria liberdade.⁷²

O Papa Francisco manifesta, nos documentos pontífices, a preocupação com o mal quando aborda a desumanização, as mazelas produzidas pela sociedade

⁷⁰ EG 51.

⁷¹ QUEIRUGA, A. T., *Repensar o mal*, p. 75.

⁷² *Ibid.*, p. 76.

consumista em relação ao sofrimento, ao desemprego, às pessoas em situação de rua, à violência contra as mulheres, ao abandono das crianças, dos idosos, ao tráfico; enfim, a toda situação de exclusão social. Ao mal que vive a nossa ‘casa comum’, transformada em utilidade para o mercado econômico e do mal que a alienação pode trazer à vida humana, “da liberdade que adoce quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas do egoísmo, da violência brutal.”⁷³

Uma das preocupações que o Papa manifesta é em relação à dicotomia presente nas ações de evangelização entre a fé a vida, que representa, na verdade, a separação entre o sagrado e o mundo. Nessa visão, Deus sempre está a salvo dos pecados sociais. Claro que Ele não é diretamente alcançado, mas não pode ser colocado à parte do sofrimento de seu povo diante do mal social. Essa é uma visão perversa, pois traz o maior dos males: a possibilidade de instrumentalizar Deus. A teologia pós-concílio, ao contrário dessa perspectiva, desenvolve a presença amorosa de Deus na história, revelada pela ação concreta de Jesus junto aos pobres. É o que Francisco faz, na continuação do concílio: uma “conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo.”⁷⁴

A teologia latino-americana promoveu, na práxis, essa radical conversão, abrindo o diálogo entre a Igreja e o mundo. Fiel a Deus, ouviu o clamor dos pobres, levando a comunidade a viver a realidade à luz da Palavra. Assim como fez Jesus, a própria Palavra foi experimentada entre os excluídos, inaugurando o modelo de uma eclesiologia de “saída”. A dicotomia foi superada por Jesus quando, de forma inédita, mostrou ao mundo um novo modo de viver a fé. Francisco escreve sobre a alegria do Evangelho e pede que deixemos o coração ser iluminado. Só assim iremos sentir a vida nova que dele pode brotar, como expresso no concílio: “não é o Evangelho que muda: somos nós que começamos a compreendê-lo melhor.”⁷⁵ Nasce uma nova forma de viver a eclesiologia, resgatada na fonte do Evangelho. Por isso, a preocupação em atender aos sinais dos novos tempos.

⁷³ LS 105.

⁷⁴ EG 26.

⁷⁵ BEOZZO, O. J., O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana, p. 23.

Hoje, o Papa, como ele mesmo diz, sonha em poder ajudar a fazer a necessária reforma que atenda aos sinais de uma nova época, igualmente carregada de transformações, mas com novos protagonistas. Um convite a abandonar o modelo pastoral homogêneo e costumeiro e a assumir o risco da ousadia e da criatividade, de “repensar os objetivos, as estruturas, os estilos e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.”⁷⁶

Dessa maneira, estar atento aos sinais de um novo tempo pode desencadear o início do processo de libertação, como foi abordado, no empenho de uma luta contra a presença do mal, tão facilmente naturalizado nas estruturas das instituições. A história da teologia pós-concílio na América Latina e no Caribe ensina que podemos pensar Deus dentro da vida cotidiana. Portanto, é preciso envolvê-Lo na luta contra o mal, vê-Lo como aliado, da mesma forma como aconteceu na luta pela libertação da escravidão no Egito, quando Deus caminhava junto ao povo na travessia da libertação. A história do povo ensina que somos convidados a colocar as questões humanas dentro de Deus.⁷⁷ Afinal, Ele mesmo não se poupou diante do sofrimento da perseguição e da morte de cruz para nos libertar do mal, que nos tira as condições de nossa própria liberdade.

O Papa Francisco reforça o papel da teologia como caminho de resistência na luta pela vida e, no Evangelho, no seguimento de Jesus, respostas para as questões derivadas do mal. Francisco propõe, nessa perspectiva, visitar e renovar a ação pastoral para redimensionar uma maior evangelização do que uma “autopreservação” eclesial.⁷⁸ Dessa forma, ele apresenta uma luta estrutural contra o mal, que aprisiona a própria teologia na apresentação de um Deus descomprometido com a luta contra o mal e uma Igreja que “anuncia não exatamente o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas.”⁷⁹ Pensar na identidade eclesial definida pela opção preferencial pelos pobres, como deseja Francisco, é sem dúvida pensar na realidade em que a Igreja missionária se encontra inserida. Anunciar o Evangelho, fiel à missão deixada por Jesus Cristo significa “entabular uma fecunda relação salvífica com o mundo em que vive.”⁸⁰

⁷⁶ EG 33.

⁷⁷ GESCHÉ, A., O mal, p. 20-23.

⁷⁸ EG 27.

⁷⁹ EG 39.

⁸⁰ GUTIÉRREZ, G., Nova evangelização, p. 127.

Assim, o processo que desperta a libertação exige o movimento de sair da passividade e da comodidade, como defende Francisco. No combate ao mal, não se pode perder a indignação diante das injustiças, do pecado do mal que fecha o coração e impede a aproximação com o outro, com os pobres e, por isso, com o próprio Deus. Corremos o risco da solidão, de uma vida desordenada em afetos, acreditando que podemos depender apenas de nós mesmos, desenvolvendo a autossuficiência racional de nossa sobrevivência. Dessa forma, as comunidades se fecham em guetos de iguais, onde as diferenças são deixadas de lado, fora dos riscos de conflitos. Um grito comum, de indignação e de defesa pela vida, conduz a um caminho de salvação, um grito “contra um mundo que parece tornar impossível sustentar que existe um Deus que, de outra maneira, talvez não fosse rejeitado”.⁸¹ Francisco expressa a perspectiva de redimensionar o mundo como lugar de presença do cristão, de construção do sujeito em diálogo, na luta contra toda forma de existência do mal. O mundo como um lugar de atuação contra tudo que se manifeste contra o projeto de vida do Reino de Deus. Esse deve ser o ponto de partida da proposta em pensar o mal como realidade a ser combatida em todas as suas dimensões pessoais e sociais e reconhecer a legitimidade de outros gritos que chegam de outros lugares, mesmo os contrários a Deus. Combatemos, com o Deus de Jesus Cristo, o mal que destrói a vida humana contra toda a fragmentação e a destruição do nosso planeta. Sabemos que o desafio é grande no contexto atual da globalização, no mundo e na Igreja, mas precisamos anunciar e defender Deus para ser incluído no processo da libertação. O Deus de Jesus Cristo é criador e libertador, atuante nas relações que tecem nossa humanidade.

2.2.

Discernimentos necessários à perspectiva missionária no atual contexto da globalização

A solidariedade, essencial à convivência humana, é, hoje, um dos desafios que precisam ser enfrentados contra a presença do mal, como também no despertar da consciência humana de seres relacionais. Ela representa uma dimensão importante entre o sujeito e a comunidade de fé. A partir da solidariedade, podemos experimentar e transformar o mundo em que vivemos em um mútuo e recíproco diálogo. Essa relação dialógica permite desenvolver o

⁸¹ GESCHÉ, A., O mal, p. 17.

elemento da solidariedade, presente durante o processo de luta pela emancipação dos movimentos sociais, empreendido pelas camadas populares durante o século XX. É uma realidade concretizada a partir do Concílio Vaticano II⁸² e na Teologia da Libertação, desenvolvida na América Latina e no Caribe e presente nas Conferências Episcopais da região.

Percebemos o amplo alcance do Papa Francisco no compromisso de ser solidário com uma população reconhecidamente discriminada pela pobreza econômica, mas também pelo não reconhecimento de suas identidades culturais e pessoais. Essa condição nos permite pensar o sujeito e as suas diferentes ações de atuação pela justiça social. Uma delas – manifestada com grande preocupação pelo Papa, próprio da época – é a necessidade de ter uma relação solidária e integrada com o cosmo. Somos chamados a participar da criação com a responsabilidade de preservação e integração com todas as criaturas. Dessa forma, teremos a possibilidade de vencer os obstáculos impostos pelo mal estruturado do capital globalizado – a necessidade de uma “nova solidariedade universal [...]”. Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades.”⁸³

O mal, de alcance individual e estrutural, seguramente amplia o efeito produzido na era da globalização, pois exige do mundo um cuidado que integra a preocupação com a ecologia. O cuidado com o planeta, por exemplo já está esgotado em recursos por relações utilitárias, que transformam a natureza em mercadoria de exploração econômica, à medida que cresce o número de excluídos do processo de produção. O problema se apresenta desde que a natureza foi submetida à dominação, destruição e manipulação, em função de interesses econômicos. O Papa levanta a voz em defesa da vida plena do ser humano que, com humildade, deve se enxergar integrado ao cosmo, que grita por salvação. Um desafio apresentado no século XXI e que deve ser enfrentado com o apoio de outras ciências que contribuem para compreender essa complexa realidade ecológica e econômica. Trataremos do tema em outro capítulo, quando, na busca da superação da “consciência isolada⁸⁴”, desenvolveremos caminhos na descoberta do novo sujeito eclesial e social.

⁸² LG 22.

⁸³ LS 14.

⁸⁴ EG 2.

A sociedade atual apresenta novos desafios do modelo de globalização, especialmente no caso do continente latino-americano. Novas configurações nasceram dessa realidade, entre elas situações que, diante de dificuldades desenvolvidas na luta pela sobrevivência contemporânea, se desdobram em constante busca pela dignidade. Como exemplo, a angústia, grandes vazios existenciais que comprometem a vida humana, assim como a luta pelo reconhecimento das mulheres, dos diferentes gêneros, etnias e tantas outras identidades visibilizadas no contemporâneo entre o final do século XX e o início do século XXI. Enfim, todos aqueles percebidos pelo amor misericordioso que o teólogo carrega como critério na reflexão que faz do mundo que atua, como apresenta Bingemer:

Nos últimos anos, a Teologia da Libertação não desistiu deste chamado para ser *intellectus amoris*. Hoje, essa inteligência do amor está mais rica do que nunca, pois ampliou seu espaço e reconheceu outras pobreza antropológicas para além dos tipos socioeconômico e político. Agora, reconhece, entre outras, a questão da ecologia, as injustiças de gênero, raça e etnia, como também a necessidade de superar os preconceitos inter-religiosos. Todas estas também são pobreza antropológicas que prejudicam os seres humanos, e a Teologia da Libertação continua a prestar muita atenção em todas.⁸⁵

Nesse sentido, todos os vulneráveis no modelo destruidor de vidas, da dignidade da pessoa, são mais “fortes no amor de Deus, todos nós cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos.”⁸⁶ A Igreja deve estar atenta e preparada para dialogar em cada ambiente marcado pelos desafios da diversidade cultural. Ambientes, como afirma Francisco, ambíguos, com “cenários de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações, que se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas.”⁸⁷ Papa Francisco faz questão de afirmar nos pronunciamentos para o mundo o quanto o amor estrutura as lutas e reivindicações sociais. Sem a construção de laços de amizade e afetivos podemos cair em refúgios ideológicos e políticos – riscos de enclausuramentos de nossas subjetividades. O amor que ganha força quando experimentado, a partir das diferenças⁸⁸, favorece a construção de laços de

⁸⁵ BINGEMER, M. C. L., Teologia Latino-americana, p. 42.

⁸⁶ EG 216.

⁸⁷ EG 74.

⁸⁸ BADIOU, A.; TRUONG, N., Elogio ao amor, p. 17.

solidariedade. Francisco, ao se dirigir, no segundo encontro, aos Movimentos Populares, assim destacou:

Este apego ao bairro, à terra, ao território, à profissão, à corporação, este reconhecer-se no rosto do outro, esta proximidade no dia-a-dia, com as suas misérias e os seus heroísmos quotidianos, é o que permite realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias ou conceitos, mas a partir do genuíno encontro entre pessoas, porque não se amam os conceitos nem as ideias; amam-se as pessoas. É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as suas organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva.⁸⁹

Os aspectos da subjetividade e da intersubjetividade, como apresentados na pós-modernidade, ganham centralidade como desafios à nova configuração do sujeito eclesial no continente latino-americano. O pensamento teológico do Papa expressa a firme defesa por uma “Igreja pobre e para os pobres”⁹⁰, amorosa e acolhedora, sinal de uma possível intercessão na relação sujeito e comunidade, na construção da relação, intersubjetividade e comunidade. Na investigação do tema tratado – o sujeito apostólico –, a ação profética de Francisco possibilita abrir uma chave de compreensão a respeito da humanização no processo de libertação a partir das relações intersubjetivas.

Na teologia pós-concílio, a Teologia da Libertação deu passos na direção desse novo sujeito, inserido numa práxis libertadora à luz do Evangelho de Cristo. Uma leitura do mundo à luz da fé permitiu apontar o mal presente nas injustiças estruturais que, ainda hoje, são responsáveis pela grande margem de pobreza no mundo ao “estabelecer uma fecunda relação entre libertação e liberdade. Isso se faz ainda mais urgente diante de alguns questionamentos do tempo presente.”⁹¹ Nesse horizonte, o teólogo Gustavo Gutiérrez destaca a intrínseca relação do tema com a fé, lembrando da Epístola aos Gálatas (5, 13), de que o próprio Cristo que nos liberta, nos chama à liberdade⁹². O termo liberdade, próprio da tradição judaico-cristã, foi retomado e desenvolvido pelos teólogos do século XX, assumidamente pensado na práxis da teologia.

A Igreja latino-americana tem, hoje, no pontificado de Francisco, um grande aliado, que mostra claramente a intenção em seguir os caminhos abertos no Concílio Vaticano II em relação à Igreja servidora, em saída, ao encontro dos

⁸⁹ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

⁹⁰ 1ª audiência com a imprensa internacional, 13/03/2013, confirma o desejo de “uma Igreja pobre e para os pobres”.

⁹¹ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 45.

⁹² Ibid., p. 45.

pobres.⁹³ Assim, o Papa afirma o seu propósito. Desde quando o Concílio foi anunciado, João XXIII afirmou a Igreja como desejo de ser de todos e dos pobres. Também o Pacto das Catacumbas, firmado como compromisso com os pobres. A partir da realidade pós-Concílio, que configurou na história da América Latina o caminho pela opção preferencial pelos pobres,⁹⁴ Francisco expressa, de forma clara, a proposta de ser uma Igreja a serviço dos pobres e dedica, inclusive, parte da Exortação *Evangelii Gaudium* ao tema dos pobres como lugar privilegiado no povo de Deus.⁹⁵ Aliás, todo o Documento permeia a questão da pobreza e do excluído como centralidade de sua proposta teológica e pastoral, caminho que se estendeu na concretização da Teologia da Libertação gestada neste continente. Precisamos, como nos pede a Igreja conciliar, estar atentos aos sinais dos tempos que, à luz do contexto econômico e político, devem oferecer à pesquisa o lugar da presença do novo sujeito apostólico, segundo a teologia nascida e vivida na América Latina, à luz do Concílio Vaticano II. Hoje, novos processos históricos de resistência e luta apresentam manifestações “de cooperação para resolver as causas estruturais de pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres”⁹⁶. São movimentos reconhecidos pelo Papa Francisco como “protagonismo da grande maioria⁹⁷” que busca um mundo mais humano – uma alternativa que supere o atual sistema, que é excludente e, por isso, desumano.⁹⁸

A título de reconhecimento e legitimidade do processo de construção da teologia latino-americana, lembramos da carta de agradecimento enviada pelo Papa Francisco a Gutiérrez pelos 90 anos de vida, em 28 de maio de 2018: “*Me uno a tu acción de gracias a Dios y también a ti te agradezco por cuanto has contribuido a la Iglesia y a la humanidad, a través de tu servicio teológico y de tu amor preferencial por los pobres y los descartados de la sociedad.*”

Por isso, acreditamos que na atual orientação eclesial, teológica e pastoral do Papa Francisco os sinais que precisamos para a investigação pretendida podem ser confirmados – uma nova configuração do sujeito apostólico na América Latina e no Caribe. O apelo de Francisco por uma nova Igreja, “dos pobres e para os

⁹³ EG 20.

⁹⁴ SCANNONE, C. J., O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento, p. 32

⁹⁵ EG 197-201.

⁹⁶ EG 188.

⁹⁷ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁹⁸ BINGEMER, M. C. L., Teologia latino-americana, p. 87.

pobres”⁹⁹, sensibiliza aqueles que vivem a fé comprometidos com a realidade na qual estão inseridos, sensíveis à ingerência do mal e do sofrimento que o sistema global impõe a essas vidas. Ocorre o mesmo com a dor de sentir o grande índice de rejeição a um modelo eclesial inoperante diante da crise econômica e social. É preciso viver, como diz Francisco, a “dinâmica do êxodo e do dom de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além.”¹⁰⁰ Só dessa forma alcançaremos o lugar de onde emana o sofrimento do excluído. Estar no outro e sentir o outro são condições no testemunho da fidelidade cristã. “Jesus abre uma brecha que nos deixa vislumbrar dois rostos, o do Pai e o do irmão. Não nos dá preceitos, mas rostos. Melhor, um só, o de Deus. O rosto dos pobres e excluídos.”¹⁰¹

A pesquisa seguirá um pouco mais na abordagem dos desafios que podem representar dificuldades à evangelização na sociedade contemporânea, a partir de sinais que compreendem a realidade atual. Na verdade, as feridas apontadas pelo Papa Francisco como entraves ao processo de humanização. Nesse sentido, tomamos a realidade como um lugar de responsabilidade da ação do sujeito, como elucidado no decorrer do desenvolvimento deste trabalho. A partir desse contexto, é importante utilizar critérios sociais e evangélicos de discernimento para que a liberdade não seja aprisionada nos mecanismos de anulação e desumanização, produzidos pela lógica da sociedade utilitarista, nem tampouco pelo clericalismo acentuado, que dá a falsa sensação de confiança e segurança da salvação.¹⁰² O Papa mostra incansavelmente o diálogo com o mundo como um caminho aberto e purificador, que reacende a esperança de reconhecer que a utopia de Jesus, ao anunciar o Reino de Deus, exige o princípio da partilha da realidade vivida. Seguimos, portanto, no caminho do discernimento diante dos desafios, pois reconhecemos o quanto é difícil e desafiador abordar o diálogo e falar de utopias no mundo globalizado, caracterizado pelo individualismo e a ilusão, oferecida pela tecnologia, pelos encontros virtuais como perfil de uma nova comunicação pós-moderna. O desafio, apontado por Francisco, de dar autenticidade ao diálogo

⁹⁹ FRANCISCO, aos representantes do encontro com os Meios de Comunicação Social, 16/03/2013.

¹⁰⁰ EG 21.

¹⁰¹ GE 61.

¹⁰² EG 76-83.

nos encontros do cotidiano da vida, nas ruas, no trabalho. Enfim, em todos os locais possíveis de convivência, fazendo dos encontros espaços de integração.

O mal, abordado anteriormente, se faz presente de modos diferentes na leitura do mundo atual, precisamente nas consequências trazidas pelo modelo econômico da globalização. Essa questão será retomada, tendo como ponto de partida a realidade onde o mal se concretiza. O mundo ocidental viu e viveu em meados do século XX a transformação do capital, o deslocamento de uma esfera localizada para outra, globalizada. Uma mudança que marcou o mercado econômico, tanto para os grandes proprietários como para os empregados e consumidores. O mundo se transformou e se libertou das pequenas circunferências que impediam maior desenvolvimento e progresso, além de conquistas anunciadas como saída da dependência econômica. Nascia então a sociedade marcadamente consumista e “a liberdade de movimento”, que Bauman chama de “guerra espacial.”¹⁰³ Essa nova fase marcou profundamente a forma de existir do ser humano, que passou a ser orientado pelo consumo como sentido à existência. Introduziu-se, também, o deslocamento com as distâncias reduzidas pelas novas técnicas desenvolvidas no processo de inovações tecnológicas apresentadas pelos países com poder econômico desenvolvido. O sonho para a América Latina seria viver a modernização das tecnologias, do consumo.¹⁰⁴

2.2.1 A lógica de um mercado excludente

O modelo de globalização tem raiz no neoliberalismo, fase anterior, que firma os alicerces de uma sociedade individualista e consumista e que “pretende dar uma explicação total do ser humano e da sua história em torno da economia. Faz da economia o centro do ser humano a partir do qual todo resto se explica.”¹⁰⁵ A lógica do mercado neoliberal foi apresentada como um bem a toda a população. Afinal, todos teriam a liberdade e o acesso aos bens da produção. Segundo Comblin, a nova concepção trazia a intenção de ajustar a ideia da liberdade de mercado, associada ao poder de compra de um consumidor. Dessa forma, o mercado serviria como orientador no crescimento da economia. Na evolução do

¹⁰³ BAUMAN, Z., Globalização, p. 29.

¹⁰⁴ COMBLIN, J. O Neoliberalismo, p. 63.

¹⁰⁵ Ibid., p. 15.

processo econômico do pós-guerra, em meados do século XX surgiu uma mudança no mercado internacional: o poder econômico dos Estados Unidos, que reforçou o idealismo do livre acesso aos bens do mercado quando abre as portas ao livre comércio internacional. Tal fato mostra a força no poder da economia dos Estados Unidos¹⁰⁶ em relação ao contexto mundial do mercado: “A teoria liberal apresenta-se como ‘globalização’.”¹⁰⁷ Enfim, trata-se de uma nova forma na relação de dominação econômica entre os de maior poder econômico e os de menor alcance ao participar em igualdade de condições no mercado, aparentemente de igual liberdade de vendas e consumo.

O modelo nascente se nutre de um sólido programa que concretiza e dá forma a uma representação prática, um programa econômico de implementação e expansão. Comblin descreve o processo em que os capitais têm livre circulação entre os que detêm o poder econômico e, assim, podem impor aos dependentes um concreto modelo de organização para investimentos do capital. A liberdade, dessa forma, está centrada na especulação do próprio capital que circula.¹⁰⁸

A globalização, caracterizada pela lógica de um capital giratório, financeiro, enfatizou o drama da exclusão e do abandono, ao propor um modelo econômico que priorizou o dinheiro e a mercadoria central para a economia global. É estabelecida, então, a subordinação dos países dependentes ao poder de nações ricas, que detêm o capital em suas mãos. Isso representa uma grave consequência da desmobilização dos trabalhadores e da subjetivação de cada um dos que dependem somente de sua força de trabalho.¹⁰⁹ Assim, o ser humano não se encontra incluído nos projetos de desenvolvimento, mas é visto apenas como mercadoria de valor de compra e venda.¹¹⁰ Na verdade, um sistema que parte do pressuposto do ser humano abstrato com poder de compras, em igualdade e liberdade do poder de consumir, não teria outro fim que não a exclusão e o descarte dos mais pobres.

Ideologicamente, a exclusão é legitimada ao afirmar que os que não possuem poder de compras, isto é, aqueles sem condições de oferta, não são esforçados e, quem sabe, preguiçosos. Assim, ficam à margem, criminalizados

¹⁰⁶ COMBLIN, J., O neoliberalismo, p.17-19.

¹⁰⁷ Ibid., p. 19.

¹⁰⁸ Ibid., p. 20-21.

¹⁰⁹ Ibid., p. 21-23.

¹¹⁰ Ibid., p. 22.

pela própria sociedade, que não consegue absorvê-los no mercado local em que estão inseridos, pois a produção deixou de ser o eixo central do modelo capitalista. Emerge, então, uma era marcada pela sobra e exclusão de trabalhadores, os *sobrantes*.¹¹¹

Como resultado desse modelo excludente o setor informal de produção surge no seio da sociedade, que se estende aos pequenos negócios, aos serviços domésticos, aos ambulantes, aos traficantes, às prostitutas, aos entregadores; enfim, “verdadeiras providências que sustentam milhares de famílias humildes, além de fazer a fortuna de alguns magnatas acolhidos com fervor na alta sociedade.”¹¹² Ao lado dessa realidade, cada vez mais aguçada, aparecem grandes questões éticas relacionadas à nossa consciência e responsabilidade, diante do enorme mal apresentado no modelo global: a exclusão desumanizante, modelo que investiu no individualismo, minando laços de solidariedade. Para Comblin, é “a aceitação da desigualdade sem arrependimento”,¹¹³ que o Papa define como indiferença global: aquela que mata a condição de enxergar o outro na sua humanidade,¹¹⁴ questão que hoje ainda persiste: a luta pela vida.

A questão ética que permanece nesse início do século XXI se preocupa em como incluir o pobre, o rejeitado, que nem mais é reconhecido em sua condição de ser humano. Pelo contrário, ele foi reduzido ao valor do mercado, em relação ao tanto que pode comprar e, por não tem poder de compra, corre riscos de viver na marginalidade.

Hoje, o pobre se encontra não apenas à margem e na sobra da produção, mas como um grupo sem direitos de locomoção dentro de sua própria localização. Ele está cercado por muros e fronteiras simbólicas, impedido de se aproximar daqueles que têm o poder da liberdade, de sentir-se presente no lugar, apesar de distante do mundo físico desse lugar, longe dos infortúnios dos mais pobres, dos desiguais econômica e culturalmente falando.¹¹⁵ “Constroem suas casas e escritórios super vigiados, eles próprios extraterritoriais, livres da intromissão de vizinhos importunos, isolados do que quer que se possa chamar de uma

¹¹¹ EG 53.

¹¹² COMBLIN, J., O neoliberalismo, p. 66.

¹¹³ Ibid., p. 34.

¹¹⁴ FRANCISCO, Homilia da Santa Missa pelos naufragos, Lampedusa, 08/07/2013.

¹¹⁵ BAUMAN, Z., Confiança e medo na cidade, p. 25-29.

comunidade local.”¹¹⁶ Essa é uma ironia para o mundo que rompeu fronteiras com o discurso do desenvolvimento econômico, mas é coerente com o discurso de liberdade para todos, anunciada como combate ideológico contra a utopia do socialismo que ameaçava, assim diziam, retirar do ser humano a livre escolha dos seus caminhos e das suas conquistas.

Paradoxalmente a essa deformação utópica da solidariedade e liberdade, como promessa de um livre comércio global onde todos teriam oportunidades iguais, a comunidade deve proporcionar – como objeto de desenvolvimento –, um novo perfil nas relações intersubjetivas. Ao contrário da condição atual imposta pela pós-modernidade, onde a comunidade vive como um lugar de refúgio do temor e da insegurança dos medos e dos sofrimentos¹¹⁷. Uma comunidade aberta aos riscos das diferenças cria condições para o enfrentamento de um processo de resgate da nossa humanidade. Um dos desafios que o Papa apresenta é o da própria cultura urbana, que expressa diferentes estilos e sentidos de vida, inclusive porque são prejudicados pelo individualismo e pela globalização, que desestabilizam vínculos entre as pessoas e as famílias.¹¹⁸ Bauman lembra que a cidade é lugar de confrontos e batalhas, de alteridade e, por isso, de experiências que possam chegar a “uma paz duradoura”.¹¹⁹ Mesmo que seja apenas uma trégua, pode ser um lugar de encontros e de uma evangelização que revele a solidariedade como reconhecimento da autêntica comunidade humana, “de prioridade da vida de todos”¹²⁰. O Papa Francisco expressa essa necessidade como caminho para “chegar às periferias humanas [...] Igrejas com portas abertas”¹²¹, assim como afirma que, mesmo com o desconforto das diferenças, a ação do Espírito Santo promove, no processo evangelizador, o dinamismo da unidade na diversidade.¹²²

Continuamos então na afirmação do pobre como categoria de excluído e rejeitado dentro do modelo imposto pela economia da globalização, realidade que nasceu no bojo da reestruturação do período após a Segunda Guerra Mundial. Bauman os denomina como “forasteiros escolhidos para encarnar a

¹¹⁶ BAUMAN, Z., *Globalização*, p. 26.

¹¹⁷ Id., *Confiança e medo na cidade*, 39.

¹¹⁸ EG 67 e 72.

¹¹⁹ BAUMAN, Z., *Confiança e medo na cidade*, p. 35.

¹²⁰ EG 188.

¹²¹ EG 46.

¹²² EG 131.

‘estranheiridade’, a não familiaridade”¹²³. Apesar de se referir também aos migrantes, o teórico engloba todos os que se encontram na esfera da exclusão. Aos sentimentos criados e legitimados pela nova elite da globalização¹²⁴, Adela Cortina trata como rejeição à condição de pobreza a fobia aos miseráveis, a aporofobia, o desprezo por aqueles que nada têm a oferecer à economia do mercado. Durante o longo período de instalação da globalização, esse tipo de fobia foi duramente ideologizada por práticas de exclusão e criminalização. Práticas que tiveram ao seu favor a nova configuração do capital: o mercado financeiro da globalização. Além disso, a longa história de discriminação econômica, étnica e cultural desse grupo social permitiu mantê-los no patamar como mão de obra barata. Apesar da possibilidade de ascensão permitida anteriormente pelo modelo econômico moderno, que tinha seu espaço organizado de forma sólida, ainda assim se apresentava remota a melhoria para a maioria dos trabalhadores.¹²⁵

Portanto, a questão do pobre, tratado pela sociedade com aversão e medo¹²⁶, traz relevância para o debate do enfrentamento do mal, instalado e legitimado pelo poder econômico, pois se trata da desumanização produzida pela exclusão. É, na verdade, um mal que se torna invisível no tecido da sociedade quando vivenciado nas diferentes dimensões da existência humana. Quando o capital se apropria da condição de liberdade do ser humano e a associa ao poder de compra e venda da livre escolha como verdade naturalizada, tal realidade passa a ocupar o tecido dos corpos humanos. O mercado passa a ter valor absoluto nas relações, o que significa que o ser humano possui mais valor, à medida que tem mais poder para usufruir a liberdade do poder de compra. Ele será, portanto, desprezado e rejeitado, sem as condições necessárias ao mercado econômico. O novo capital, configurado na pós-modernidade, invisibiliza esse mal, mas torna as consequências da dura realidade do pobre aparentes. Adela Cortina diz que a rejeição vem calcada na convicção legítima de uma superioridade de quem despreza e rejeita o pobre na condição de sua pobreza. Aquele que despreza tem como princípio a sua condição “diferenciada” como credencial para tal comportamento, que pode ser representada por discursos, palavras ofensivas ou

¹²³ BAUMAN, Z., *Confiança e medo na cidade*, p. 37.

¹²⁴ Id., *Globalização*, p. 26.

¹²⁵ CORTINA, A., *Aporofobia*, p. 17-27.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 14.

agressões físicas.¹²⁷ Nesse caso, como registra a autora, o credenciamento está na cor da pele, na orientação sexual, no gênero, mas principalmente no poder aquisitivo, ou seja, na contribuição real oferecida à sociedade.

2.2.2 Uma teologia a partir dos excluídos

Sob essa perspectiva, é urgente desenvolver caminhos na busca da superação dos obstáculos do mal fincado nas relações humanas. Pedrosa-Pádua, inspirada em Cortina, destaca a hospitalidade como virtude no caminho dessa superação, “[...] crucial na tradição ocidental, na qual o cristianismo joga importante papel”¹²⁸ – é a superação do mal, instituído a partir da intencionalidade de exclusão do pobre. Na verdade, trata-se de um caminho de reconstrução das relações humanas, que Pedrosa-Pádua identifica em Cortina, quando sinaliza que o desprezo e o ódio rompem relações, demarcando a violência que se instaura nas mediações sociais. Por isso, desataca “a razão compassiva e cordial cultivada em todos os níveis da educação [...], que estabelece vínculos intersubjetivos e é a única capaz de superar a aporofobia”.¹²⁹

Para pensar o mal na globalização, irrigado pela naturalização nas relações humanas, é necessário investir na integração das dimensões que o ser humano desenvolve no processo de crescimento pessoal. Gesché fala do ser humano iniciado por sinais, herança recebida da humanidade, que o insere numa determinada cultura¹³⁰. Hoje, envolvidos em uma cultura global tendenciosa e que desvaloriza as culturas locais, precisamos atentar para a dinâmica do processo de evangelização. A Teologia da Libertação manifesta, no bojo de sua elaboração, uma nova forma de pensar a fé a partir da práxis, o que determina o processo de pensar e viver a fé, numa perspectiva integradora entre a dimensão local e cultural em relação à dimensão global e universal da eclesiologia e da teologia¹³¹. Uma teologia elaborada a partir da vida concreta dos pobres, do sofrimento e da esperança.

¹²⁷ CORTINA, A., Aporofobia, p. 18-19.

¹²⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade, p. 11.

¹²⁹ Ibid., p. 12.

¹³⁰ GESCHÉ, A., O ser humano, p. 16.

¹³¹ TAVARES, S., Saber-se Terra, p. 87.

Na mesma sintonia eclesial, o Papa Francisco discorre, na Exortação *Evangelii Gaudium*, sobre o desafio de se aproximar das culturas locais, das riquezas originárias dos povos e da importância de valorizá-las como mediadoras da própria identidade social.¹³² A cultura e a fé são, para a identidade cristã, componentes fundamentais na defesa de uma evangelização libertadora, principalmente porque “vivemos um momento em que se encurtam as distâncias no planeta e, ao mesmo tempo, um momento de crescente consciência da diversidade dos povos, culturas, gêneros, etnias, religiões.”¹³³

No período de expansão da globalização, a América Latina viveu a ideologia do desenvolvimento, imposta pelos países ricos como oferta de ajuda para exterminar o atraso dos países pobres. Esse processo gerou uma reflexão crítica à economia desenvolvimentista, que terminou em demandas de libertação política e econômica. A nova configuração econômica contou com a divulgação em massa de que o mundo evoluía com a chegada da tecnologia. Todos seriam alcançados, afinal, estariam livres para comprar e vender. Os países de Primeiro Mundo se colocavam em competitividade de crescimento econômico. Na América Latina, no mesmo período de crescimento na Europa – principalmente de dominação econômica dos Estados Unidos –, os países do Terceiro Mundo aumentavam sua dependência econômica, enquanto os países ricos cresciam em proporções bem diferentes. Paradoxalmente, enquanto a elite desejava usufruir da modernização econômica o povo experimentava o desenvolvimento de uma consciência de libertação. Um processo injusto, de grandes proporções de desigualdade social, estava sendo vivido, “associado a uma relação de dependência estrutural das nações economicamente dominantes.”¹³⁴ Tomados pelo mesmo processo e animados pela renovação eclesial trazida pelo Concílio Vaticano II, os cristãos imprimiram à teologia do continente latino-americano uma reflexão a partir da práxis, configurando-se, então, a Teologia da Libertação. A teologia latino-americana nasceu dentro desse contexto de transformações econômicas, políticas e culturais movida principalmente a partir das consequências econômicas, mas também pelo processo de mudanças culturais impostas pela internacionalização da economia.

¹³² EG 115-117.

¹³³ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 52.

¹³⁴ TAVARES, S., Saber-se Terra, p. 82.

A título de compreensão, o termo libertação usado pela teologia da América Latina “coloca-a, para todos os efeitos, em condição de ruptura epistemológica com a modernidade colonial.”¹³⁵ A práxis, ponto de partida da Teologia da Libertação favorece a elaboração do valor cultural e político da localidade de onde a teologia se constitui.¹³⁶ Ela coloca a teologia no exercício da reflexão a partir da vida cotidiana, à luz do Evangelho, insere a fidelidade da libertação de Cristo no horizonte do amor e do serviço, possibilitando o que de mais autêntico pode ser recebido do amor de Deus: a espiritualidade encarnada.

Pensamos nas dimensões existenciais do ser humano para utilizar, segundo Cortina, a explicitação nominal da defesa dos rejeitados que se pode garantir o direito e a resistência à vida, porque “o anonimato pode atuar com a força de uma ideologia”,¹³⁷ já que não haveria corpo social sobre o qual se identificaria a realidade, podendo apresentar uma visão deformada e deformante dela própria, como afirma Cortina. O reconhecimento só acontece quando nominada numa realidade social.¹³⁸ Por isso, explicitar e visibilizar as relações são caminhos do reconhecimento e do processo de superação da exclusão. Assim, a teologia, ao expressar a fé refletida, à luz da práxis de Jesus, contribui no processo dessa visibilização e da libertação das relações de dominação e exclusão. Dessa forma, “pondo nome as coisas para incorporá-las ao diálogo, a consciência e a reflexão”¹³⁹ contribuirá no processo de resistência e luta contra o mal da criminalização do pobre, colocando-o no cenário da política social e econômica. O caminho da visibilidade que Cortina defende possibilitaria o processo de transformação que o Papa Francisco propõe, de uma Igreja em saída encontrar e convidar os excluídos¹⁴⁰, o que contribuiria no processo da visibilização e reconhecimento do pobre, favorecendo dessa forma a possibilidade de sua inclusão. Assumir a permanente atitude de saída missionária para chegar a todos, “sobretudo aos pobres, aqueles desprezados e excluídos”.¹⁴¹ Francisco propõe despertar o mundo, “numa perspectiva pastoral sobre alguns aspectos da realidade que podem enfraquecer a renovação missionária porque afetam a vida e a

¹³⁵ TAVARES, S., *Saber-se Terra*, p. 82., p. 87.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 87.

¹³⁷ CORTINA, A., *Aporofobia*, p. 18.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 17-18.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 17.

¹⁴⁰ EG 24.

¹⁴¹ EG 48.

dignidade do povo.”¹⁴² O Papa expressa que o processo de renovação e de mudanças que propõe na Exortação *Evangelii Gaudium* está associado a uma mudança de mentalidade, à superação da consciência isolada, como diz Cortina, que não se “fechem a consciência diante dos pobres condenados mundialmente a invisibilidade.”¹⁴³

A rejeição ao outro traz implícita a ideia de que, na história, a prevalência de determinada condição social e econômica contribuiu para a legitimação de uma superioridade. Na verdade, o poder econômico sempre hierarquizou as relações humanas¹⁴⁴, favorecendo a ideologização entre superiores e inferiores de acordo com critérios econômicos, assim como em diferentes épocas a elite mantinha distância por outra “estratificação real [...] de uma cultura própria que desprezava as mesmas fronteiras que confinavam as classes inferiores. Tinham mais em comum com as elites além-fronteiras do que com o resto da população de seu território.”¹⁴⁵

Em tempos de crise e de perdas significativas de referências mais sólidas, torna-se urgente, diria imprescindível, pronunciar-se pela vida. Não faltam grupos e pessoas que defendem, pelo poder do *status* que carregam, a livre opinião, como diz Adela Cortina, de transformar a liberdade de expressão em violentas agressões que recaem em algum grupo com o peso do *bode expiatório* – aquele que deve carregar a responsabilidade e a culpa pela insegurança e pelo medo do desconhecido, do diferente ou do estrangeiro.¹⁴⁶ Essa condição se torna real e dramática diante da naturalização, construída e reforçada com o peso desintegrador do dualismo vivido entre a história pessoal e a história social e política. O ser humano não se vê na construção do processo histórico. Vai sendo constituído, nesse período, um *ethos* cultural de criminalização em relação à pobreza, imposto pelo mercado do consumo como condição de sobrevivência do capital. Ainda, é fundamental combater esse tipo de comportamento na mesma proporção em que vem sendo defendido. Cortina propõe uma atuação ética, que “dê nome a essa patologia social para que seja diagnosticada com precisão e

¹⁴² EG 51.

¹⁴³ CORTINA, A., Aporofobia, p.21.

¹⁴⁴ BAUMAN, Z., Globalização, p. 16.

¹⁴⁵ Ibid., p. 19-20.

¹⁴⁶ CORTINA, A., Aporofobia, p. 18-19.

receba o tratamento efetivo”¹⁴⁷, que seja compartilhado publicamente com o poder político para que possam ser desenvolvidas atividades de inclusão.

Acreditamos que o diálogo, como defende o Papa, seja um gesto concreto de inclusão e, como Adela propõe, um caminho no crescimento da consciência ativa e comprometida¹⁴⁸. O diálogo, na alteridade constitutiva de cada ser humano, resgata a liberdade da ação criativa e reflexiva diante dos fatos que só as diferenças podem apresentar. No contexto em que a atualidade global se apresenta, de fragilidades, deslocamentos e fluxos de mobilidades, a dimensão dialogal pode nos favorecer na abertura ao outro e, assim, na redescoberta da nossa humanização.

Sabemos que o desafio é grande diante das condições apresentadas pelo modelo da globalização. A complexidade que gerou nas entranhas de uma sociedade, tanto global como local, exige cuidados no processo de discernimento. Reconhecemos o critério absoluto da vida humana como condição inerente à proposta do tema desenvolvido. O Papa mostra caminhos que se apresentam contrários ao modelo econômico da globalização, mostrando o desafio de pensar numa economia que afirme um não ao mercado da exclusão, que aumenta a desigualdade social e gera a violência da miséria, da exploração física, cultural e social.¹⁴⁹

Esbarramos no limite da completa desconfiança em relação ao outro. A nossa alteridade se compromete, deixando-nos vulneráveis em relação à construção da identidade pessoal e social, comprometendo o aprendizado no exercício de nossa cidadania, ou seja, de nos descobrirmos sujeitos sociais e eclesiais na dimensão da fé. Perdemos a condição de reconhecer, na solidariedade, um valor de sobrevivência. Vivemos o individualismo, hoje radicalizado “na supervalorização do indivíduo” que, diante de toda a realidade global, o coloca na condição de vulnerabilidade e fragilidade.¹⁵⁰ É na solidariedade despertada na relação humana que podemos encontrar caminhos para superar os desafios. O diálogo como a ponte que nos fala Francisco e a partilha como o coroamento das relações despertadas nos reconduzirão à essência cristã de nossa criação. Poder

¹⁴⁷ CORTINA, A., Aporofobia, p. 22.

¹⁴⁸ A condição do diálogo como caminho será um assunto melhor desenvolvido nos capítulos seguintes, em especial no último.

¹⁴⁹ EG 53-61.

¹⁵⁰ BAUMAN, Z., Confiança e medo na cidade, p. 16.

sentir, cultivar e viver a responsabilidade pela vida do outro. Pensar nas comunidades como locais favoráveis à construção desse projeto, o Reino de Deus.

A realidade expressa pela globalização desestruturou o modelo de proteção do Estado, que cumpria a função de garantias legais à população, especialmente aos trabalhadores que tinham, bem ou mal, assegurados os seus direitos de cidadãos. A fundamentação histórica ajudará a reconhecer, na proposta evangelizadora do Papa, o novo sujeito apostólico. Melhor, a tarefa e o compromisso que a Igreja deve assumir na formação do sujeito eclesial e social, possibilitando reintegrar a herança deixada por Jesus Cristo, recebida pela tradição de servir à construção do Reino de Deus e da justiça entre os seres humanos.

2.3.

Paradigmas de uma teologia criativa e libertadora em continuidade ao Concílio Vaticano II

Seguiremos no desenvolvimento do tema que nos desafia a transformar o sujeito em uma nova configuração eclesial em Francisco, que expressa nos seus ensinamentos a perspectiva eclesial proposta pelo Concílio Vaticano II, o retorno às fontes da Igreja de Cristo. Papa Francisco adentra no Evangelho, na ação de Jesus vivificada no Espírito de Deus na história, realizando, dinamizando e fortalecendo a ação de “discípulos missionários”¹⁵¹, na perspectiva de uma configuração eclesial, fiel à missão de anunciar a Boa Nova. “A Igreja nasce pela força do Espírito e nasce de um povo insignificante e pobre.”¹⁵² Essa condição se torna uma referência importante na organização da comunidade. O anúncio, que nasce da narrativa de Jesus, testemunhada e partilhada pelos doze, alimenta a comunidade a viver no mesmo espírito de Jesus, em comunhão, como um só corpo. As narrativas bíblicas ajudam a compreender o caminho que Jesus percorreu, os encontros que transformavam e promoviam vidas em abundância. Nasce uma nova compreensão de viver e amar Deus. Assim, nesse caminho, Jesus universalizava o amor de Deus.

O que encontramos em Francisco é a insistência nas relações humanas, assim como as narrativas bíblicas revelam amar, ser misericordioso e promover a dignidade àqueles desprezados e submetidos à invisibilidade de suas vidas. Percorremos um pequeno trajeto que oferece as condições na superação e nos

¹⁵¹ EG 120.

¹⁵² CODINA, V., Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina, p. 44.

possíveis caminhos necessários a uma criativa e libertadora evangelização, encorajada pelo Espírito de Deus, o mesmo que transformou a vida dos primeiros cristãos e fortaleceu a caminhada rumo a uma nova forma de viver a fé.

Com uma abordagem claramente antropológica, que nos permite penetrar no pensamento teológico apresentado pelo Papa Francisco, podemos retomar a proposta do projeto sobre o sujeito da ação evangelizadora. Mais precisamente a do continente da América Latina, que levanta a pesquisa e busca uma chave de leitura entre as discussões teológicas ocorridas no Concílio Vaticano II e a teologia pós-concílio na América Latina – hoje, a teologia reacendida pelo pontificado do Papa Francisco. As contribuições que a teologia da América Latina e do Caribe, diante dos desafios que o modelo impõe à nossa humanização, oferecem ao processo de emancipação e de libertação desse modelo excludente, gerando condições para emergir um novo sujeito apostólico. A partir das diretrizes que o Papa Francisco propõe para pensar a ação pastoral-teológica, iniciaremos, como a teologia da América Latina a partir da práxis – a práxis do reconhecimento de subjetividades negadas, ou seja, da história concreta da comunidade de fé que, muitas vezes, teve o papel de reforçar, ou mesmo, negar a construção das subjetividades e a autonomia, fundamentais e estruturantes no processo de formação do sujeito.

Em momentos de crise, precisamos escutar o chamado que nos mobiliza à ação de uma vida de fé, voltar aos primórdios da experiência do cristianismo para não correr o risco da tentação de nos acomodar a um tempo da história e manter a Igreja fechada em si, intocável ao tempo; portanto, estática e imóvel.¹⁵³ Trata-se de uma Igreja atenta aos sinais dos tempos, como anuncia o Concílio Vaticano II,¹⁵⁴ que possibilita fundamentar as escolhas necessárias ao compromisso com a evangelização no contexto atual de exclusões e crescimento da pobreza no mundo e na América Latina. O Papa Francisco, na Exortação *para os jovens e para todo Povo de Deus*, reconhece, ao expressar a crença dos jovens em relação à Igreja, o pouco sentido que dá à existência de suas vidas. A razão “não nasce de um desprezo acríptico e impulsivo, mas fundamenta suas raízes em motivos sérios e compreensíveis: os escândalos sexuais e econômicos.”¹⁵⁵ Diante dessa

¹⁵³ ChV 34-35.

¹⁵⁴ GS 4.

¹⁵⁵ ChV 40.

preocupação, pretendemos caminhar junto com Francisco para enxergar as luzes trazidas por ele na estrada do povo peregrino, que deseja o encontro com uma vida mais digna, para assim reconhecer Deus presente, com sua luta contra o mal, individual e estrutural, no rosto do irmão.

A teologia inerente ao pontificado de Francisco, na qual investigamos a compreensão do novo sujeito apostólico, tem suporte na teologia pós-concílio Vaticano II, desenvolvida no continente latino-americano, assim como em toda a sua experiência religiosa, desde que aos 21 anos ingressou no seminário, em Buenos Aires, e em 1958 passou ao noviciado da Companhia de Jesus¹⁵⁶, que lhe proporcionou uma fecunda espiritualidade inaciana. O Concílio Vaticano II e os Documentos Episcopais da América Latina, escritos após o Concílio, iluminam o sujeito autônomo, protagonista de sua libertação, o que o coloca em relação direta com as mudanças sociais. Tais textos sinalizavam, assim, o sujeito eclesial, com claras diretrizes teológicas e pastorais. O Papa Francisco retoma, no seu pontificado, a esperança anunciada no Concílio e confirmada nas Conferências Episcopais, de viver uma Igreja comprometida com os pobres, os protagonistas sociais. O Papa demonstra o compromisso de uma conversão eclesial, profética aos sinais dos tempos, solidária com os excluídos, como em Medellín e Puebla, que tiveram suas portas abertas ao processo que se seguiu ao Concílio Vaticano II, assim como as Conferências de Santo Domingo e Aparecida.

Os documentos pontifícios de Francisco expressam a noção do sujeito eclesial e do compromisso com a Igreja, sustentado pelo processo evangelizador, anunciado por Jesus. Veremos um pouco mais sobre as fontes que nutriram Francisco e que, provavelmente, se fazem presentes no seu Pontificado. A trajetória na docência como pastor e teólogo – em meio às muitas turbulências que o mundo viveu, especialmente na América Latina, marcada por regimes ditatoriais sangrentos e violentos – deixou um olhar diferenciado e humanizado na sua vida em missão. O Pontificado de Francisco nos faz renovar os ventos sentidos pelo Concílio Vaticano II. O mesmo ar que provocou tanta alegria para o cristão comprometido com as lutas políticas e sociais, assim como para o mundo, marcado por um radical secularismo e profundas mudanças, são, hoje, sentidas no pontificado de Francisco. Como foi dito em relação ao Vaticano II, um

¹⁵⁶ PASSOS, J. D.; SOARES, M. L. A., Francisco, p. 112.

“verdadeiro pentecostes eclesial”.¹⁵⁷ Da mesma forma que o Concílio, o Papa faz o apelo para que possamos ouvir os sinais dos tempos. Um tempo de grandes mudanças exige o testemunho do amor fraterno e solidário, que nos move à superação de medos e obstáculos. Como lembra sempre, o Evangelho nos ensina a sermos melhores quando orienta que façamos o que nos é pedido: “Dai-lhe a vós mesmos de comer” (Mc 6,37).

Retomando a abordagem sobre o sujeito, é no interior da perspectiva antropológica do ser humano, integrado e contextualizado na realidade social, que se encontra a origem de todo o processo do cristianismo. Ou seja, a concepção da vida humana integrada à criação de Deus, expressa no amor revelado por Jesus Cristo. A visão do ser humano criado por Deus (“criado-criador”, de acordo com Gesché) e o mandato da saída missionária – a mesma recebida por Jesus Cristo do Pai, de instaurar e anunciar a Boa-Nova do Reino, da justiça e do amor – é expressa na fidelidade de Francisco ao Evangelho, proclamando aos cristãos: “vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade” (Mc 16,15). A partir desse mandato, um grande desafio teve início: o de ser comunidade eclesial inserida no contexto vivido, cheio de desafios culturais e eclesiais.

A história nos dá o testemunho das perseguições e mortes que os primeiros cristãos enfrentaram ao anunciarem um novo modo de ser e agir revelado por Jesus Cristo como projeto do Reino e que a Igreja reconheceu como os mártires dos primeiros séculos da era cristã: mártires santificados. Essa realidade, traduzida na história das primeiras comunidades de fé, foi fonte de reflexão sobre como ser Igreja – comunidade de fiéis inseridos na situação concreta de cada época histórica. O Concílio Vaticano II remonta às fontes da Igreja primitiva e promove, de forma radical, uma renovação eclesiológica. Assim, no continente latino-americano “o testemunho do grande amor de homens e mulheres que amaram até o final, defendendo os pobres e enfrentando os poderosos. Deram, como Jesus, tudo o que tem. Os pobres os chamam de mártires”.¹⁵⁸

Muitos cristãos, antes da convocação do Concílio Vaticano II, experimentávamos tensões do mundo que se configurava em processo de luta pela libertação entre os países desenvolvidos e os chamados em desenvolvimento,

¹⁵⁷ CODINA, V., Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina, p. 175.

¹⁵⁸ AMERINDIA (Org.), Sinais de esperança, p. 10.

referências medidas pelo poder econômico de alcançar um grau de desenvolvimento e bem-estar social. Sem a intenção de abordar o tema, é necessário apenas reconhecer a importância do entendimento na época acerca do aspecto econômico do desenvolvimento dos países ricos, que acabou determinando as relações de dominação e exploração entre os países mais ricos e os economicamente dependentes. Essa pauta desencadeou o processo de libertação que a América Latina viveu, na evolução do conceito de desenvolvimento econômico para desenvolvimento como processo social global¹⁵⁹. Reconhecer a economia como um dos aspectos do processo de desenvolvimento levou “os países pobres a uma tomada de consciência de que seu subdesenvolvimento não é mais seu subproduto do desenvolvimento de outros países.”¹⁶⁰

Nasceu, então, o sentimento da necessidade de mudar, havendo a consciência de buscar as causas reais dessa permanente dependência econômica, geradora do mal da pobreza. Com a consciência despertada, os cristãos se lançam no compromisso da transformação social e na luta por uma nova sociedade. Isso “constitui o fato mais importante da vida da comunidade cristã latino-americana. Propicia uma nova maneira de ser homem e crente, de viver e de pensar a fé, de ser convocado em ‘eclesia’.”¹⁶¹

Retomando o tema do sujeito eclesial e social, pode-se afirmar que a teologia pós-concílio, na América Latina, inaugurou um divisor na metodologia de fazer teologia, ao também perceber o sujeito que, na história, faz história, cria e liberta diferentes dimensões de libertação no processo de crescimento integrado. Nesse aspecto, vale lembrar da construção de subjetividades abertas no interior das relações intersubjetivas, que a Igreja tem como tarefa promover. A contribuição no amadurecimento desse projeto, de formação do sujeito indivíduo e coletivo, que se torna sujeito na práxis da ação libertadora.

Nessa realidade, formadora e comprometedora, a Igreja pós-conciliar assume para si a práxis libertadora do Evangelho de Jesus Cristo, sinalizando e realizando novas configurações eclesiais, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), comunidades que, a partir do Evangelho, releram as condições da vida

¹⁵⁹ GUTIÉRREZ, G., Teologia da libertação, p. 29-34.

¹⁶⁰ Ibid., p. 33.

¹⁶¹ Ibid., p. 251.

política e econômica, ou seja, a forma como a pobreza se apresentava à realidade vivida. Ou, ao contrário, a partir das condições sociais e econômicas, conseguia-se reinterpretar o Evangelho de Cristo. De qualquer modo, uma nova leitura de fé, integrada à Palavra de Deus. O modelo eclesial das CEBs suscitou à teologia ser pensada a partir da práxis, uma teologia, portanto, refletida no mundo, no interior de um processo de libertação. “As Comunidades Eclesiais de Base são uma forma de vivência comunitária da fé, de inserção na sociedade, de exercício de profetismo e de compromisso com a transformação da realidade sob a luz do Evangelho.”¹⁶²

As CEBs representaram o clarão na atualização de uma eclesiologia libertadora. A teologia se nutre da Palavra de Deus, vivida no interior da comunidade eclesial, onde tem o seu lugar de reflexão e “proclamação do Reino de Deus em Cristo e a libertação integral, que inclui todas as dimensões da existência humana.”¹⁶³ Portanto, na comunidade, lugar da vivência e da celebração da Palavra, a Teologia da Libertação soube refletir e traduzir os sinais dos tempos presentes nas CEBs, em diálogo com a Palavra e a vida. A dicotomia entre fé e vida foi superada e a perspectiva da libertação foi experimentada como realidade salvífica do amor de Deus. “Um cristianismo libertador é um cristianismo de ressurreição.”¹⁶⁴ A teologia da América Latina conseguiu expressar a compreensão da exigência histórica de uma nova época econômica, social e cultural.

2.3.1 Por uma teologia antropológica

O período pós-conciliar – como muitos cristãos já viviam um processo de conversão no entendimento do mundo, dos conflitos, das injustiças, as mudanças eclesiais e pastorais, tratadas pelo Concílio Vaticano II – possibilitou a articulação entre a fé e a vida política, favorecendo maior comprometimento dos cristãos com a causa dos pobres. Nesse sentido, a Igreja contribuiu, apesar de todos os desafios, para despertar o debate sobre o papel do laicato na ação missionária. Nos dias atuais, o Papa Francisco aborda o tema de forma direta, explícita e desafiadora à

¹⁶² DOCUMENTOS DA CNBB, Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, n. 146.

¹⁶³ GUTIÉRREZ, G.; Müller, G. L., Ao lado dos pobres, p. 26.

¹⁶⁴ RICHARD, P., A Igreja Latino-americana: entre o temor e a esperança, p. 34.

Igreja que, fechada em si mesma e intimista, submete os leigos a funções secundárias, reforçando no senso comum deles uma submissão ao poder clerical.

Sabemos que a história conta com a presença dos leigos na Igreja, na participação e no crescimento da consciência da missão e da comunhão com a comunidade eclesial. Uma história que teve início nas primeiras comunidades de fé, inserida na perspectiva do Deus criador da tradição judaico-cristã, que revela uma antropologia fundamentada no ser humano criado na liberdade para ser livre e criativo. Enfim, uma antropologia integrada às dimensões de sua existência. Na liberdade, descobrir-se como ser de relação, de crescimento e, portanto, de ação. Assim, a capacidade de se tornar sujeito autônomo, responsável e livre é desenvolvida. Na raiz do cristianismo encontramos essa concepção presente na dinâmica da encarnação de Jesus Cristo, na relação estabelecida com as pessoas demonstrando respeito à liberdade de suas escolhas. Nesse processo configurava-se a presença do ser como sujeito, autônomo, capaz de escolher o caminho, inclusive de seguir ou não o convite ao seguimento. Nesse sentido, podemos confirmar que, na tradição do cristianismo, “o cristão é um ser individual, consciente de sua condição de seguidor de Jesus Cristo, livre em sua consciência e adesão e responsável pelos semelhantes.”¹⁶⁵

Na proposta de evangelização do Papa Francisco encontramos elementos suficientes para reconfigurações da eclesiologia sobre o sujeito apostólico, ou seja, eclesial e social – uma condição integrada. Por isso, a importância de revisitar os primórdios das primeiras comunidades, referência para a legitimidade e fidelidade da prática eclesial do novo sujeito que desejamos pensar. A busca desse entendimento se faz hoje no modelo econômico essencial, pois sabemos o quanto a globalização abusa da subjetividade do sujeito, desenhado a partir do modelo da modernidade. Uma configuração desenvolvida na ideia de plena liberdade de direitos, pautados no modelo econômico do capitalismo que nasceu com muitas promessas de conquistas e escolhas. Conquistas políticas, sociais, culturais, mas principalmente religiosas. Com a ascensão do capitalismo e o novo regime, nasceu o sujeito livre da tutela de Deus e “que se opõe, por princípios e por razões estratégicas, ao que se chama de antigo regime e, por conseguinte, à Igreja e à própria teologia.”¹⁶⁶

¹⁶⁵ PASSOS, J. D., Não há Igreja sem sujeito, p. 30.

¹⁶⁶ Ibid., p. 31.

Teremos a oportunidade de apresentar e desenvolver, nos capítulos seguintes, as consequências disso quando alguns elementos que compõem o sujeito – integrado à ação – são suprimidos e, ou mesmo, desvalorizados. As consequências eclesiais e sociais são nefastas.

Ademais, nessa orientação de mudanças eclesiais, compreender o conceito de sujeito e a sua evolução histórica é de fundamental importância para o tema desta pesquisa. O conceito será apresentado, mas teremos sua maior articulação na aplicação da palavra quando ela se fizer encarnada na proposta aqui desenvolvida. Este tema terá lugar privilegiado na abordagem da pesquisa: o sujeito eclesial e social ativo, criativo e comprometido com a transformação social injusta e excludente.

A realidade política e socioeconômica, apresentadas no período pós-concílio, e a nova visão da Igreja em relação ao mundo desenvolveram um processo de libertação, que já acontecia na prática, que possibilitou ‘repensar o cristianismo na perspectiva daquele que é o absolutamente ‘outro’ desta sociedade, isto é, o pobre.’¹⁶⁷ Assim, uma nova eclesiologia, comprometida, atuante e libertadora foi experienciada. Como toda eclesiologia, é “uma reflexão sobre a Igreja”,¹⁶⁸ o que sugere, sem dúvida, que não podemos fazer teologia fora da história, fora do processo histórico da Igreja – mediação da salvação de Deus –, muito menos imaginar uma teologia abstrata, sem o chão da história, lugar da revelação de Deus. Nesse horizonte, a Teologia da Libertação, nascida no continente da América Latina após o Concílio Vaticano II, revela-se como uma teologia profética, anunciadora da presença de Deus ao lado da luta pela independência econômica e política em relação aos países dominantes economicamente. O pobre sentia com Deus e em Deus a vitória anunciada. O Reino já se fazia presente na luta da libertação.

O pensamento teológico-pastoral de Francisco, como já reforçado, preserva a herança recebida de toda a renovação experimentada no período pós-concílio. Esse pensamento revela também a mesma preocupação com o modelo eclesial, demonstrada no Concílio Vaticano II, no enfrentamento de um contexto em que se configuram profundas mudanças econômicas hoje; por isso, sociais e culturais – uma época sem fronteiras entre o humano e o desumano ou, podemos

¹⁶⁷ PASSOS, J. D., Não há Igreja sem sujeito, p. 50.

¹⁶⁸ CODINA, V., Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina, p. 11.

dizer, entre a lucidez e a desilusão. No limite das fronteiras, o Papa ilumina a realidade com o Evangelho, onde busca mostrar a absoluta centralidade da vida plena na liberdade e na criatividade na revelação de Deus. Francisco faz do Evangelho a referência para pensar a eclesiologia, apoiada numa teologia encarnada e, por isso, libertadora. Na verdade, para iluminar o seu pontificado, declaradamente, orientado *para* os pobres e *pelos* pobres. É no encontro com Jesus que percebemos o outro, aquele que se encontra excluído das possibilidades de ser reconhecido. “Somente graças a esse encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade.”¹⁶⁹

O Papa Francisco nos convida, no amor de Deus, a seguir o caminho que conduz ao encontro do outro, daquele que nos tira de uma vida passiva, possível de reducionismos e do nosso individualismo. Somos convidados a olhar para os testemunhos da história e das nossas vidas para aqueles “que nos incitam a não nos determos no caminho, que nos estimulam a continuar a correr para a meta.”¹⁷⁰ O Papa lembra o Concílio Vaticano II, que evidenciou a memória à condição de pertença ao Povo de Deus em marcha. Assim, todos os cristãos são chamados, cada um por seu caminho, à santidade.¹⁷¹ No desenvolvimento que se apresenta, podemos assegurar que o pensamento do Papa Francisco se encontra atravessado pelo eixo do diálogo, da fronteira e do discernimento¹⁷², a partir da centralidade do pobre que, para a pesquisa, é base para pensar a inserção do novo sujeito apostólico, numa dimensão social e transformadora na formação do sujeito, no pensamento do Papa Francisco.

Para isso, precisamos reforçar o que foi sinalizado anteriormente: a necessidade de nos determos no que configura a nossa existência – a liberdade de ser, portanto, de fazermos-nos existir e tornarmos-nos sujeitos ativos e comprometidos com a realidade na qual estamos inseridos. Dessa forma, o sujeito, crítico e ativo, tem a chance de elaborar uma eclesiologia orientada para uma práxis comprometida com a teologia pós-conciliar, desenvolvida na América Latina – uma teologia fiel ao Evangelho e à libertação do povo latino-americano. Uma teologia refletida e pensada de dentro, como batizado, membro da Igreja de

¹⁶⁹ EG 8.

¹⁷⁰ GE 3.

¹⁷¹ EG 11.

¹⁷² Entrevista exclusiva com o Pe. Antonio Spadaro, p. 33.

Cristo, uma Igreja refletida a partir da fé.¹⁷³ Se não for assim o cristianismo corre o risco de permanecer enredado em si mesmo, em práticas doutrinárias, rígidas e autocentradas. “Um coração missionário deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito.”¹⁷⁴ Encontramos, na mesma concepção teológica e eclesial, a afirmação do teólogo da libertação:

acolher o dia a dia o dom do Espírito que nos faz amar nas nossas opções concretas por construir uma verdadeira fraternidade humana, em nossas iniciativas históricas para derrubar uma ordem de injustiça, com a plenitude com que Cristo nos amou.¹⁷⁵

A reflexão teológica da eclesiologia nos recoloca os fundamentos antropológicos já apontados, que são suportes para desenvolver a ação dos protagonistas sociais como possíveis sujeitos apostólicos para uma nova realidade que nos conclama o Papa Francisco. Pretendemos, então, avançar na fundamentação teológica e antropológica, diante do desafio da realidade atual, que se move e se estrutura em redes de tensão entre o poder hegemônico e os que lutam para exercer o direito de existirem como sujeitos sociais e de fé, aqueles que resistem, conscientes ou não do seu papel, à exclusão e ao anonimato que a sociedade lhes impõe. São fundamentos que sustentarão a resistência ao processo de desumanização, que desafiam a vida no atual modelo econômico da globalização.

Iniciamos o processo de pensar os desafios eclesiais do homem de fé na sociedade global a partir do dado da liberdade como dom de Deus, compreendida à luz da antropologia cristã. Uma condição intrínseca ao ato da criação de Deus, na perspectiva da concepção judaico-cristã. Nessa concepção, a liberdade recebe um sentido próprio para ser vivido, não como realidade última de Deus, pois dessa forma correria o risco de o fundamento servir a manipulações, o que reduziria Deus a um sentido equivalente ao próprio sentido.¹⁷⁶ Pensar questões sobre Deus no mundo ou, como desejamos, pensar o sujeito de fé não pode ter um caráter funcional, mesmo que a teologia contribua com conceitos, inclusive do sentido. Isso representaria um reducionismo. O sentido toma um significado próprio com um movimento processual, de construção individual e coletiva em cada um dos fundamentos tratados: a liberdade, a alteridade e até mesmo a alegria do encontro

¹⁷³ CODINA, V., Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina, p. 12.

¹⁷⁴ EG 45.

¹⁷⁵ GUTIÉRREZ, G., Teologia da libertação, p. 250.

¹⁷⁶ GESCHÉ, A., O sentido, p. 5-6.

com o Evangelho daquele que permite ser plasmado e libertado de seu isolamento¹⁷⁷. Assim, o desenvolvimento do ser humano seria respeitado na maturidade afetiva, social e política, próprios da condição do crescimento da pessoa humana. Também em relação a Deus, que acolhe e respeita as escolhas realizadas no interior do processo existencial de cada ser humano.¹⁷⁸ Por isso, o sentido não poderá ser colocado como algo dado e acabado, mas como processo na formação do sujeito.

A noção de desenvolvimento humano tem sido considerada na teologia como apoio na compreensão do humano, possibilitando uma ampla revisão na antropologia cristã do século XX. Compreender o processo de desenvolvimento intrínseco do ser humano na dimensão biológica, psíquica e espiritual trouxe à luz o dinamismo desse crescimento humano. Um dinamismo integrado com as possibilidades vivenciadas extrinsecamente às suas próprias condições. Ou seja, no mundo em que estamos inseridos e que proporciona ou não possibilidades de um crescimento maduro, equilibrado e essencialmente integrado às dimensões de sua existência.

O processo desse dinamismo acontece diante de dois fatores que o ser humano desenvolve, uma vez que ele “procura a conservação de si próprio e a sua expansão”.¹⁷⁹ O dinamismo tem, em sua própria condição, uma intrínseca relação dialógica entre o mundo interno e externo desse processo em desenvolvimento.¹⁸⁰ Com isso, queremos afirmar que tanto no âmbito biológico como no psíquico ou espiritual o ser humano dialoga com ele mesmo, com o mundo, o outro e o transcendente. Por isso, diante de suas experiências contextualizadas, há possibilidade de desenvolver uma autonomia responsável e madura. Dessa forma, ele desenvolve sua identidade, que deve assegurar sua constituição como sujeito. A alteridade precisa suscitar o exercício livre da autonomia, pois só assim a subjetividade será orientada para a abertura ao outro. Somente assim a vida será plena de sentidos, porque é o outro que livra o ser humano de viver fechado em si, correndo o risco de viver contrário à sua condição humana. O outro nos liberta do risco da desumanização, pois só “a abertura aos outros, que enriquece a própria

¹⁷⁷ EG 1.

¹⁷⁸ RUBIO, A. G., Nova evangelização e maturidade afetiva, p. 41

¹⁷⁹ Ibid., p. 39.

¹⁸⁰ Ibid., p. 40.

identidade-autonomia, é vida.”¹⁸¹ É na vida que a liberdade é construída e vivida, na relação com o outro. A liberdade cresce e amadurece no exercício da relação humana.

Pensar os desafios da eclesiologia exige esse olhar para o ser humano integrado às suas dimensões pessoais e sociais, portanto, históricas. O projeto de construção do Reino deve ser sempre algo a ser alcançado como tarefa da nossa criação, da nossa existência; dom recebido como seres criados sempre por Deus, como a tarefa exige que se possibilite ao ser humano um desenvolvimento fiel, sem manipulações às suas etapas de vida. Nesse sentido, é necessário a atenção para “o cuidado de não reduzir o esforço da libertação que a Igreja se empenha em atuar a um projeto temporal”,¹⁸² muito menos a interesses de um poder oculto aos que defendem um modelo rígido e a-histórico. Seguiremos então com a proposta de fundamentar a liberdade e a alteridade como alicerces que envolvem o ser humano na existência de uma localização de sua época histórica, social e cultural. Somente assim, na compreensão do ser humano como ser histórico e de transcendência, teremos a possibilidade de apontar para um sentido que transcenda o reducionismo imanente.

2.3.2

Por uma eclesiologia do encontro

Na busca de compreender melhor a definição que pretendemos sobre o sujeito, tratamos da autonomia, da alteridade e da liberdade como pressupostos importantes no processo desse desenvolvimento. Destacamos a relevância do contexto histórico como condição para essa compreensão, pois o ser humano só se percebe quando em suas ações inicia o processo de identificação. A partir desse lugar específico acontecem as experiências plurais, oriundas de situações que condicionarão a existência desse ser humano. Por isso, precisamos ainda ampliar a temática da liberdade, relacionando-a à responsabilidade, ambas intrínsecas à dinâmica existencial do ser humano.

Na perspectiva judaico-cristã, o ser humano é um ser de transcendência, o que possibilita a experiência de se lançar a algo maior, quando na realidade da vida pode desenvolver, pelas mediações concretas, uma orientação para o infinito.

¹⁸¹ RUBIO, A. G., Nova evangelização e maturidade afetiva, p. 41.

¹⁸² EN 32-33.

Afinal, é no confronto com a finitude que o caminho das indagações e dos sentidos de existir é percorrido. A graça de se reconhecer nessa condição faz perceber a liberdade como tarefa e dom do próprio Deus. Considerar o ser humano como ser de transcendência é pressuposto fundamental para a experiência constituinte do sujeito e da subjetividade.¹⁸³ É importante lembrar que as experiências vivenciadas, sempre mediadas por relações, devem favorecer o processo de amadurecimento de nossas subjetividades, contribuindo na realização de um processo de abertura que impeça o sujeito de negar sua responsabilidade e de se fechar sobre si mesmo. Dessa forma, insistimos na importância da autonomia na formação do sujeito, para que se reconheça, na sua liberdade, criador e responsável.

Vale reforçar ainda a lembrança de que, na perspectiva judaico-cristã, somos seres criados para sermos livres e criadores, pois nada nos foi subtraído para que existíssemos¹⁸⁴. Deus, ao nos criar, afirma a liberdade do ato, sem que houvesse uma necessidade. Por isso, como existe uma intenção no ato da criação, há ação de um sujeito.¹⁸⁵ Dessa forma, “o mundo não está submisso a um discurso impessoal.”¹⁸⁶ A sociedade organizou, em diferentes épocas históricas, discursos predominantemente dominantes, que submetiam e ainda submetem as pessoas à sujeição de discursos de dominação. Por isso, revisitar a fonte primeira, a narrativa da tradição judaico-cristã da criação, pode ajudar na perspectiva do sujeito criador, livre e responsável, pois nos coloca inseridos no dinamismo da existência, possibilitando o reconhecimento originário da trajetória de uma identidade cristã.

Gesché desenvolve a ideia da nomeação – do ser nomeado – como necessária à identidade, o que aponta o indício de ser reconhecido a partir da identificação. Adela Cortina também oferece a reflexão a partir da nomeação-identificação como instrumento de luta e resistência. Reconhecer, nomear e relacionar ajudam no processo de desvelamento da realidade narrada hoje pela globalização: “Ir dando nome às coisas para incorporar ao mundo do diálogo, da consciência e da reflexão. O nome nos permite reconhecer as realidades sociais

¹⁸³ RAHNER, K., curso fundamental da fé, p. 46.

¹⁸⁴ GESCHÉ, A., O sentido, p. 17-20.

¹⁸⁵ Ibid., p. 56-57.

¹⁸⁶ Id., O Ser humano, p. 57.

para saber de suas existências”.¹⁸⁷ Dessa forma, a teologia pode ganhar a legitimidade de também ser palco de debates entre as ciências, quando se encontra na dinâmica da revelação referendada numa teologia antropológica, proporcionada a dialogar com outras ciências. Nomear, como já afirmado na antropologia gescheniana, permite iniciar o processo de identificação e construção de uma dinâmica existencial. O sujeito é evocado ao diálogo a exercer, na liberdade, sua alteridade, condição inerente à sua existência. Assim, a partir dessa compreensão, o ser criado-criador – portanto ativo e criativo – se encontra inserido em um movimento de construção, no qual recebe como dom a tarefa de ser colaborador, co-construtor da criação. “A criação é acesso à liberdade, e esta, apelo à criação.”¹⁸⁸ Ele é convidado a assumir, nesse processo, a responsabilidade pela construção de sua história pessoal e social, chamado a se tornar sujeito, “porque um sujeito é por definição inventivo, [e] sempre poderá haver, como princípio, invenção, isto é, exatamente criação.”¹⁸⁹

A abordagem sociológica, antropológica e teológica do diálogo e da autonomia – presentes na insistência da proposta do encontro com o outro no processo da superação de uma consciência isolada – é muito clara no propósito do pontificado do Papa Francisco.¹⁹⁰ A base do pensamento e da ação de Francisco é pautada pela urgência de uma evangelização – diria teológica –, capaz de dialogar e, por isso, incluir. O diálogo foi uma realidade vivenciada no próprio processo do Concílio Vaticano II, que Francisco assumiu como condição a tudo o que propõe na ação evangelizadora. Ele próprio se coloca em diálogo com o magistério, sem desejar ter a última palavra. O Papa impõe ao seu pontificado a metodologia sinodal, dialógica, com todos os riscos da limitação própria de um processo colegiado. Traduz a constante “descentralização”,¹⁹¹ tão criticada por aqueles acostumados a direcionar, com regras e doutrinas, a missão da Igreja: são discursos dominantes e excludentes.

A revelação do amor de Deus tem no diálogo a sua realização. Os documentos pontifícios apontam insistentemente nessa orientação dialogal, que o encontro promove diante do outro e de Deus a nossa libertação. Esse é o apelo que

¹⁸⁷ CORTINA, A., Aporofobia, p. 17-18.

¹⁸⁸ GESCHÉ, A., O sentido, p. 43.

¹⁸⁹ Id., O ser humano, p.57.

¹⁹⁰ EG 2.

¹⁹¹ EG 16.

o Papa faz a toda Igreja, apoiado na história do continente latino-americano, que promova a autêntica evangelização, o “despertar da Igreja da América Latina e do Caribe para um grande impulso missionário. Necessitamos de um novo Pentecostes!”¹⁹²

Podemos afirmar que uma grande responsabilidade aguarda o ser humano, inclusive a de se descobrir mais livre diante do encontro com Deus. Teríamos, então, a partir dessa possibilidade, a sinalização de um caminho a ser desenvolvido na construção de um novo protagonismo do sujeito, um caminho também teológico e pastoral, já iniciado após o Concílio Vaticano II, reafirmado pelo Papa após um longo processo histórico de mudanças globais. Um caminho que vai além da Igreja e chega ao mundo àqueles que podem mudar a realidade – os “poetas sociais”¹⁹³ –, que pretendemos também investigar como semente do novo sujeito eclesial e social. O Papa Francisco nomeia os movimentos sociais como poetas sociais, numa alusão à construção criativa encadeada pelos agentes transformadores dessa realidade. Francisco recorda a novidade da irrupção do amor de Deus no mundo, ao recolocar a Igreja no mundo e os problemas do mundo na Igreja. Sempre, nos discursos e nos documentos escritos, pede a construção de pontes no lugar de muros. Uma presença em toda a sua ação na luta pela esperança de uma nova realidade, semente do amor de Deus.

Olhar para o pontificado de Francisco é imbuir-se do que mais genuíno temos na história do cristianismo, a ação de Jesus na libertação do ser humano, da criação de Deus. Talvez por isso seja tão evangélico nas reformas que propõe. Deus age nessa história humana em processo contínuo da própria criação. Jesus fez do mundo o Templo de sua ação, inaugurando, assim, um novo sacerdócio, salvando e criando no coração do homem a necessidade da conversão, do modo de ver o mundo. É dessa forma que Francisco recoloca e amplia as discussões conciliares na práxis da atual conjuntura eclesial, não foge dos conflitos inerentes à vida humana, também presentes nas instituições, de modo especial na Igreja de Cristo. Não poderia deixar de sentir os conflitos dessa época, já consolidadas pelas mudanças econômicas, políticas e culturais. Não cansa de denunciar distorções de uma eclesiologia fechada em si mesma e triunfalista, plasmada no próprio modelo de uma sociedade economicamente abusiva e excludente. No

¹⁹² DAp 548.

¹⁹³ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

entanto, o Papa busca resgatar nossa ação livre e criativa quando afirma que “a Igreja esforça-se por inserir sempre a luta cristã em favor da libertação do desígnio global da salvação, que ela própria anuncia.”¹⁹⁴ Como destaca nos pronunciamentos documentados, uma sociedade global com o poder da tecnocracia pautada no lucro não tem lugar para o pobre. Estes serão também meros instrumentos de exploração.¹⁹⁵

Recordamos, para continuidade do trajeto realizado, que o ser humano, na criação de Deus, se torna fonte inesgotável na sua liberdade criativa, à luz da noção de ser Imagem e Semelhança de Deus. Somos capazes “de existir”, “de se tornar”, “a tornar-se aquilo que somos, realizar pela nossa existência, o chamado de nossa essência.”¹⁹⁶ O nosso *ex-sistir*, sair de si, fazer-se, é o que nos coloca diante da alteridade Transcendental, que vai possibilitar a liberdade existencial do ser humano. Nessa intrínseca forma de se desenvolver na existência, interpelados pelo outro, desenvolvemos nossa autonomia como ser, “não somente para saber que somos (existência), mas o que somos (identidade). Assim podemos constituir nossa verdadeira autonomia.”¹⁹⁷

Nessa abordagem encontramos possibilidades de fundamentar a ação do sujeito, à luz da fé, no mundo, como lugar de expressão do Reino de Deus. É nossa intenção essa investigação sobre o pensamento do Papa. Na história do cristianismo, lugar radical da experiência de vida vivida na liberdade do encontro com o outro, Jesus Cristo nos revela o projeto de Deus. É na existência desse mundo que o ser humano se faz sujeito. Por isso, para a pesquisa o contexto atual é o ponto de partida para pensar o protagonismo do sujeito. O sujeito que pensa a fé a partir da práxis social e eclesial. É na condição da liberdade e da criatividade que pretendemos navegar em busca de respostas a uma nova rota transformadora desse sujeito eclesial, assegurados na fidelidade ao Evangelho de Cristo.

Procuramos sustentar condições para pensar, a partir do eixo norteador, a possibilidade de investigar a formação do novo sujeito apostólico, a consolidação de uma teologia comprometida em promover e legitimar sujeitos que tomem iniciativas, como pede o Papa Francisco, “de chegar às encruzilhadas dos

¹⁹⁴ EN 38.

¹⁹⁵ LS 108 e 109.

¹⁹⁶ GESCHÉ, A., O ser humano, p. 77.

¹⁹⁷ Id., O sentido, p. 48-50.

caminhos para convidar os excluídos.”¹⁹⁸ Possibilitar a oportunidade de visitação ao modelo de comunidade vivenciada pelos primeiros cristãos, fonte para todos que se propõem a uma atualização da missão eclesial. A comunidade dos primeiros cristãos que, em permanente diálogo com o mundo, constituiu-se como sujeito do mundo, atuante da Palavra do Deus encarnado e crucificado, Jesus Cristo.

O horizonte do contexto cultural e global nos possibilita, como vimos, compreensão da inserção do sujeito de fé, que nos ajuda a reconhecer o sujeito como protagonista de um mundo mais justo. Sujeito que sente a responsabilidade de ser enviado à missão da vida, pessoal e social. Compreender na formação eclesial sua presença no mundo, “enraizar e fazer amadurecer em todo corpo eclesial a certeza de que Cristo, o Deus de rosto humano, é nosso verdadeiro e único salvador.”¹⁹⁹

Apresentamos, no capítulo, desafios que expressam um modelo global marcadamente excludente. De modo incessante, mostramos a condição constitutiva da liberdade e da alteridade como pressupostos à formação do sujeito autônomo, capaz, no desenvolvimento de sua existência, de se abrir às relações que humanizam e o colocam na construção de sua identidade. O diálogo, inerente à concreta condição dessa existência, elucida o caminho que Francisco expressa como lugar de formação e de atuação criativa e transformadora. Esse eixo será norteador na formação e na atuação evangelizadora do novo sujeito que investigamos à luz do Papa Francisco. Esperamos ampliar o que já se encontra na origem dos documentos episcopais e na práxis da teologia pós conciliar no continente da América Latina. Mais, compreender no pensamento teológico do Papa Francisco o alicerce de sua antropologia integrada e enraizada que fundamenta sua proposta de mudança social e eclesial, na busca de um novo protagonismo, o sujeito apostólico. Seguiremos, então, nesse caminho.

¹⁹⁸ EG 24.

¹⁹⁹ DAp 22.

3

Fundamentos da teologia de Francisco: por uma ecologia integral e resposta salvífica

Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo.²⁰⁰

Tomamos como fundamento do capítulo a inovação e a fonte com que expressa o Papa a sua ação pontifical: Jesus Cristo e a missão eclesial deixada aos apóstolos como experiência de fé no Deus que se revela na história. Uma missão iniciada em comunidade, a partir da adesão individual, mas essencialmente coletiva, eclesial, “sujeito da evangelização [...], um povo que peregrina para Deus, um mistério que mergulha as raízes na Trindade.”²⁰¹ Aqui, abre-nos a porta para a reflexão sobre o sujeito coletivo, eclesial e social, segundo o qual a presença de cada sujeito se configura nas relações interpessoais que compõem a comunidade eclesial. Dessa forma, o Papa Francisco declara a práxis de Jesus como base para a opção pelos pobres, desenvolvida na teologia latino-americana após o Concílio Vaticano II. Uma proposta transformadora e renovadora apresentada pelo Papa.

Trataremos aqui das fontes que nutriram Francisco em sua formação humana e sacerdotal, na intenção de mostrar a intrínseca relação entre a formação e a realidade em que se encontrava inserido com a proposta de seu pontificado, condição essencial em sua percepção, integrada como sujeito missionário. A teologia e a pastoral se encontram associadas à presença profética de uma evangelização libertadora, primeiramente fundamentada na práxis de Jesus Cristo e na recepção da teologia pós-conciliar. O Papa Francisco expressa claramente o Evangelho como fonte de fundamentação em sua proposta humanizadora – lugar de encontro, de diálogo e de confirmação da opção pelos pobres. É a fonte da Igreja servidora, dos pobres e para os pobres.

Apresentamos, no horizonte de uma renovação eclesial, o sentido da ecologia integrada na proposta do Papa Francisco. Uma perspectiva que integra a criação de Deus ao processo de libertação que Francisco propõe a uma vida mais

²⁰⁰ FRANCISCO, 1º discurso na sua primeira visita à América Latina, Brasil, 22/07/2013.

²⁰¹ EG 111.

digna e plena para todo o planeta. Nessa abordagem, a salvação é desenvolvida na intenção de recordar o sentido salvífico que Deus oferece e que Jesus revela na história do ser humano. Uma relação intrínseca entre libertação e salvação, presente na práxis de Jesus e legitimada pela defesa que o Papa faz da vida, ao rejeitar e denunciar toda forma de escravidão e reducionismo impostos pelo modelo da globalização.

Por fim, no processo salvífico de Deus, apresentamos a cruz na perspectiva desenvolvida no continente latino-americano, que buscou a superação dicotômica entre o Jesus histórico e a ressurreição. Por isso, afirmamos que a proposta de Francisco mostra a práxis histórica como referência de sua visão integrada entre evangelização e libertação. O novo sujeito apostólico faz a experiência dessa relação integradora entre a realidade histórica e a comunidade de fé. Assim como Jesus constituiu a Igreja peregrina, consolidando a missão e a espiritualidade encarnada, o Papa nos coloca na exigência de uma Igreja em saída. Deixar-se interpelar pela cruz, radical entrega do amor de Deus junto aos pobres, para experimentar o Cristo libertador, o amor misericordioso de Deus.

3.1

A proposta profética de um novo estilo evangelizador

Pesquisar o tema do novo sujeito eclesial no pensamento do Papa Francisco traz o peso da responsabilidade, mas também a aproximação com o ser humano que reluz a fonte da evangelização, o sentido da vida cristã. O teólogo Piero Coda²⁰² define a teologia do Papa como “eclesial, conjuntamente existencial, espiritual, querigmática, mística e, ainda, social.”²⁰³

Temos a oportunidade de alcançar, na proposta teológica e pastoral do Papa Francisco, sua perspectiva integrada ao pensar a práxis. Uma proposta que expressa em toda a dimensão a existência de vida do ser humano, crente ou não, inserido no mundo atual. O que possibilita pensá-lo como profetizador de um novo mundo para uma eclesiologia de um novo sujeito. A sua primeira investida é cuidar do ser humano desfigurado, desorientado e desumanizado, vítimas de um “mundo atual, com sua múltipla oferta de consumo [...] da busca desordenada de

²⁰² Teólogo que, junto com outros teólogos, escreve a série “A teologia do Papa Francisco”, organizada por Roberto Repole.

²⁰³ CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 15.

prazeres superficiais, da consciência isolada.”²⁰⁴ Oferecer ao ser humano a possibilidade de um encontro com o Evangelho, com a pessoa de Jesus Cristo, de fazê-lo despertar “do vazio interior, do isolamento”²⁰⁵ – um caminho chamado a ser de todos, mas um apelo aos cristãos na responsabilidade de redescobrir no rosto do outro o encontro com Jesus Cristo. Aqui, diz Francisco, descobrimos, no outro e com o outro, “uma fraternidade mística”²⁰⁶, capaz de nos salvar dos reducionismos do mundo hodierno.

O que temos presente na vida de missão, que o Papa expressa na sua ação pastoral de cunho teológico libertador, é a convocação por uma nova humanidade. Para isso, ele aponta desafios à Igreja, à evangelização e a cada cristão, mas vai além da própria Igreja ao se dirigir aos problemas do mundo, à ordem econômica, social, cultural e, sobretudo, ao meio ambiente. Podemos reconhecer a integrada percepção de uma Igreja no mundo, em diálogo com o mundo, como desejou o Concílio Vaticano II.²⁰⁷

Os Documentos apostólicos, os pronunciamentos e as atitudes demonstram as preocupações e os caminhos propostos por Francisco. Essa breve síntese da biografia do Papa ajuda a mapear, pelo olhar de sua formação e do contexto de sua atuação, as lentes utilizadas no caminho do seu pontificado.

3.1.1 Francisco, o Papa da alegria e dos pobres

É conhecida a formação teológica, pastoral e da espiritualidade do Papa Francisco, pela grande divulgação na mídia e na vida acadêmica. Delineiam o caminho que ele definiu para o exercício do seu pontificado, assim como as fontes que nutriram sua experiência de vida espiritual e eclesial: um jesuíta por formação e uma atuação sacerdotal em um período marcado pela ditadura em todo o continente da América Latina. Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, desperta grande interesse pelo fato de ser o primeiro Papa do continente da América Latina, fora da esfera do considerado Primeiro Mundo. Um continente marcado por uma teologia que tensionou relações internas à própria Igreja, assim como

²⁰⁴ EG 2.

²⁰⁵ EG 1.

²⁰⁶ EG 92.

²⁰⁷ LG 1.

amplas discussões entre as teologias de cunho eurocêntrico e de libertação, que nasceu após o Concílio Vaticano II.

De formação intelectual densa e com uma atuação em um período conturbado da história latino-americana, Francisco viveu experiências que certamente marcaram sua orientação como Papa. Ele foi professor de literatura e psicologia no Colégio Imaculada de Santa Fé entre 1964 e 1965. Em 1966, ainda em fase dos estudos teológicos, lecionou as mesmas disciplinas no Colégio do Salvador, em Buenos Aires²⁰⁸. Foi ordenado sacerdote em 1969, mestre de noviços em San Miguel e, além de lecionar na faculdade de teologia, foi reitor do colégio. Além disso, foi eleito superior provincial dos jesuítas da Argentina em plena ditadura militar (1973-1979). Depois dessa fase, voltou ao trabalho acadêmico e, mais uma vez, passou a ser reitor do Colegio Máximo de San José, de 1980 a 1986. Nesse período, atuou como pároco em San Miguel, seguindo mais tarde para a realização de um estudo de doutorado na Alemanha. No retorno, foi chamado a assumir o ministério sacerdotal em uma paróquia em Córdoba, na Argentina²⁰⁹ – um acadêmico inserido nos debates de sua época, como professor e pastor.

Em 1992, ele foi nomeado, pelo então, Papa João Paulo II, bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. A partir desse contexto, as nomeações com encargos de maior responsabilidade foram avançando, culminando na posição de arcebispo em 1998, primaz da Argentina. Em fevereiro de 2001, João Paulo II concedeu-lhe o título de cardeal de São Roberto Belarmino e, em outubro do mesmo ano, foi nomeado relator-geral adjunto da X Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. “No Sínodo sublinhou de modo particular a *missão profética dos bispos, o ser profeta de justiça*.”²¹⁰ Foi um dos redatores do Documento de Aparecida, da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em 2007, tendo participado como Cardeal Bergoglio. Em 2005, participou do conclave que elegeu o Papa Bento XVI e, em 13 de março de 2013, foi eleito papa, tornando-se o primeiro com o nome de Francisco, que o associa ao homem de pobreza e paz, ao afirmar o desejo de “uma Igreja pobre e para os pobres”. Assim, confirmou em sua primeira audiência com a imprensa,

²⁰⁸ PASSOS, J. D.; SOARES, A., Francisco, p. 113.

²⁰⁹ FRANCISCO, Caminhar com Jesus: o coração da vida cristã. Referências biográficas, p. 114.

²¹⁰ VATICANO, biografia de Francisco (site oficial).

quando lembra que Dom Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo e prefeito emérito da Congregação de Bispos, pediu que não se esquecesse dos pobres.²¹¹

Em síntese, Papa Francisco nasceu no bairro de Flores, em Buenos Aires no dia 17 de dezembro de 1936. É um jesuíta, “provado na pastoral, profundamente intelectual, espiritual, dialogante, aberto ao mundo e empenhado na luta pela justiça. Um apaixonado por uma Igreja samaritana e com entranhas de misericórdia.”²¹²

Podemos compreender que, na trajetória pessoal, humana e sacerdotal de Francisco, a unidade entre a teoria e a ação que lhe permitiu firmar os pés no Evangelho, possibilitou – na experiência da espiritualidade do discernimento inaciano, caracterizado pela tensão entre as escolhas de Deus e a liberdade do ser humano²¹³ – fortalecer suas escolhas pelos excluídos, os pobres narrados na vida de Jesus Cristo. Francisco experimentou o discernimento fundamental que a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola oferece, “o modo de proceder” na experiência e no conhecimento de Cristo, a mística da espiritualidade inaciana, “contemplar na ação à luz do Evangelho, mergulhado em Deus e na escuta do Espírito”²¹⁴ – discernimento este que pressupõe uma relação dinâmica entre Deus e o ser humano que, em sua liberdade, condicionado pelas circunstâncias de sua história, deve responder em liberdade ao chamado de Deus. Imbuído pela espiritualidade mística e encarnada de Jesus, na qual Inácio moveu-se em tempos de turbulências econômicas e culturais²¹⁵, Francisco se mantém fiel à leitura dos sinais em tempos ainda turbulentos e marcados por realidades desumanas.²¹⁶ Desde o Concílio Vaticano II, uma nova fase é sentida como convite à renovação eclesial à luz da práxis de Jesus Cristo. O Concílio recolocou o centro da experiência de fé na vida de Jesus Cristo.²¹⁷ Francisco expressa, claramente, na defesa por uma ação evangelizadora, que mostre um Cristo de carne e na cruz,

²¹¹ PIMENTEL, C., Gostaria de ter uma Igreja pobre e para os pobres, diz Papa Francisco. 16/03/13 09h21 e atualizado em 16/03/13 10h07. Fonte: [Enviada Especial da Agência Brasil/EBC](#).

²¹² VIDAL, J.; BESTANTE, J., Francisco, o novo João XXIII, p. 92.

²¹³ LIBANIO, J. B., O discernimento espiritual revisitado, p. 8.

²¹⁴ CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 22-24.

²¹⁵ LIBANIO, J. B., Ibid., p. 55.

²¹⁶ EG 51.

²¹⁷ CODA, P., Ibid., p. 21-22.

lugar do encontro com o Filho de Deus, com o outro²¹⁸. Teremos a oportunidade, no último capítulo, de desenvolver a temática da espiritualidade que o Papa Francisco inspira e impregna em seu pontificado: uma vida vivida na centralidade do Evangelho. É uma espiritualidade inspirada, também, pelas Constituições da Companhia de Jesus, inseparável como fonte “propriamente mística da visão inaciana”²¹⁹.

O registro no Sínodo de 2001, já mencionado, que sublinha a missão em relação a ser profeta, demonstra o modelo eclesial que o Papa Francisco assumiu ao ser eleito: uma eclesiologia de comunhão com o Povo de Deus, em um modelo de colegialidade, de serviço. A justiça é inerente à condição do profeta missionário, que tem Jesus como centralidade da evangelização. Afinal, é isso que determinou sua primeira Exortação Apostólica, *A Alegria do Evangelho*. Ele concretizou, pelas palavras, o sinal dos novos tempos que chegam e que devem atravessar o seu pontificado, “ao curvar-se perante o Povo de Deus e pedir que rezassem por ele antes de proceder à primeira bênção”.²²⁰ No primeiro discurso como Papa, ele reforçou o sinal dado à primeira aparição na Basílica, anunciado como o novo sucessor de Pedro, dispondo-se a caminhar com a Igreja de Roma, a que preside a todas as igrejas na caridade.²²¹

Desde o início do seu pontificado, Francisco tem demonstrado, nos discursos e nas atitudes, sinais de mudanças. As de grande impacto mostram que são definidoras de um novo projeto para a Igreja, mas também para a relação entre a Igreja e o mundo. A pessoa de Jesus Cristo é central em sua proposta, fonte viva que transborda para além da Igreja. É a partir do Evangelho que ele faz o caminho do seu Pontificado. Por isso, é tão importante anunciar a alegria do Evangelho com ardor missionário: “para todo o povo, não se pode excluir ninguém”²²². A proposta está clara: caminhar, palavra-chave para Francisco. Caminhar em comunhão, uma realização da escuta, como fez Jesus diante das necessidades de sua época. Assim faz Francisco, na realidade. Agindo como profeta diante dos desafios da sociedade. Diante dos desafios é que o caminho para uma eclesiologia convertida de um novo sujeito eclesial e social pode ser encontrado. “O critério da

²¹⁸ EG 8.

²¹⁹ CODA, P., *A Igreja é o Evangelho*, p. 23.

²²⁰ PASSOS, D. J.; SOARES, A., *Francisco*, p. 20.

²²¹ Discurso da 1ª bênção, na Basílica de São Pedro, após ser eleito como Papa, em 13/03/2013.

²²² EG 23.

realidade, de uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se, é essencial à evangelização”²²³, pois a baliza da justiça se dá aos olhos da realidade.

O Papa mostra sua vigilância profética sempre em atenção aos acontecimentos, como diante da crise dos migrantes e, em 2020, em decorrência da pandemia da Covid-19, uma crise sanitária sem precedentes nos últimos 100 anos, que supera o número de mortes de uma guerra armamentista.²²⁴ Vê-se a constante preocupação do Papa com todas as pessoas, independentemente de credo e crença. Uma preocupação em relação ao bem espiritual, à ausência da paz, apresentados nos distúrbios provocados pelos medos e ansiedades da pandemia. Estes são sinais dos novos tempos que Francisco, atento, vai ao encontro do mundo e, mais uma vez, em oração, mostra o caminho no reencontro de nossa humanidade: “Todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E nesse barco estamos todos.”²²⁵ Novamente, chamados a confiar e a nos unir no que temos em comum: “a pertença como irmãos”.²²⁶

Dentre tantos desafios que Francisco aponta, destaca-se a denúncia de uma economia que mata, que deixa o ser humano na vulnerabilidade. Não conseguimos ouvir, ver e sentir o outro em sua debilidade, em seu sofrimento: “Avançamos destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente.”²²⁷ Assim, na denúncia e no anúncio profético, o Papa Francisco dá impulso ao dinamismo evangélico ao propor o modelo sinodal, de escuta, que configura a Igreja em saída – imagem de seu pontificado.

3.1.2 A teologia de Francisco

A combinação entre o pensamento científico, teológico e pastoral permitiu ao Papa Francisco elaborar uma práxis, uma síntese entre o conhecimento e a realidade, marcada por conflitos e tensões que a própria época apresentava, anterior mesmo ao período da ditadura, quando a Argentina viveu a crise política que culminou o regime ditatorial.

²²³ EG 233.

²²⁴ EL PAÍS - Internacional, 28 de maio de 2020, 10h35 BRT. UOL, 30 de março de 2020 - 17h45.

²²⁵ FRANCISCO, Momento Extraordinário de oração em tempo de pandemia, 27/03/2020.

²²⁶ Ibid.

²²⁷ Ibid.

A referência teológica e pastoral do Papa Francisco pós-concílio tem sua fonte na teologia da Argentina, reconhecidamente como teologia do povo, vivida na época como padre e, mais tarde, como arcebispo de Buenos Aires, inserido nessa forma de fazer teologia.²²⁸ Essa área de estudos, desenvolvida em um contexto próprio do continente da América Latina, guarda sua especificidade na história da Teologia da Libertação, estudada e implantada em todo o continente. O teólogo Juan Carlos Scannone, que dedica uma obra sobre as origens teológicas e pastorais de Francisco, desenvolve a “especificidade dessa singularidade” em relação à teologia na Argentina como base para o pensamento do Papa no exercício do seu magistério.

Para o processo de desenvolvimento da tese é importante delinear o termo libertação, que a teologia desenvolveu no período pós-concílio no continente latino-americano. Na atual configuração econômica, social e cultural, o Papa Francisco anuncia, com base numa teologia libertadora, a proposta evangelizadora que não se limita ao continente da América Latina, mas a todo o mundo. Ele fala dos desafios à missão da Igreja, expostos por uma economia excludente, e afirma que “Deus é incontrolável, não manipulável e até mesmo perigoso, na medida em que chama o ser humano à sua plena realização e à independência a qualquer tipo de escravidão.”²²⁹ Além disso, defende uma ética que possa conduzir a Deus e que não sirva ao poder do dinheiro, pautado por uma teologia e pastoral libertadoras.

Dessa forma, podemos compreender melhor a teologia que o Papa emprega, tanto na continuidade do Vaticano II como nos conceitos próprios da teologia vivida no seu país de origem: a Argentina. No caso da investigação do sujeito no pensamento de Francisco, não iremos definir uma única teologia considerada libertadora ou não, pelo fato da localização geográfica. Inclusive porque, hoje – em um contexto de configuração global e complexa – é necessário ter atenção aos sinais de desumanização, que atentam contra o projeto do Reino e que, em nome de uma economia de bem-estar, aumenta a desigualdade social.²³⁰ Contudo, sem deixar de reconhecer que é no continente latino-americano que temos a base para entender a formação teológica e pastoral libertadoras de Francisco. Também há a ideia de pensar no processo de libertação, em

²²⁸ SCANNONE, J., A teologia do povo, p. 22.

²²⁹ EG 57.

²³⁰ EG 51 e 52.

continuidade ao que foi iniciado no período pós-concílio na América Latina. Uma preocupação já presente no início do desenvolvimento da Teologia da Libertação, como se constata em alguns teólogos da época conciliar, “a Teologia da Libertação é latino-americana, porque a libertação é a luta mais humana, mais cristã.”²³¹

A teologia da Argentina tem sua origem, como a teologia da libertação, após o Concílio Vaticano II. Ela nasceu com uma categoria própria, carregada de uma história específica do povo argentino: a luta pela “resistência à repressão ao movimento operário peronista.”²³² A denominação povo, teologia do povo, tem sua expressão no próprio processo histórico do povo argentino. Essa particularidade provocou a distinção no uso dos conceitos. Enquanto a Teologia da Libertação mediou as análises sociais e econômicas, utilizando categorias marxistas, a teologia da Argentina se desenvolveu a partir de outras referências, tais como “povo, povos, cultura popular, religiosidade popular etc.”²³³ A Comissão Episcopal de Pastoral Social da Argentina, criada pela Conferência Episcopal da Argentina, contava com grandes nomes da teologia, bispos, religiosos, religiosas. Todos com envolvimento pastoral e acadêmico. Ali, a teologia do povo tinha a sua vida balizada numa teologia pós-concílio, marcada pelo mesmo entusiasmo que nascia no continente da América Latina, de participação e orientada a partir do povo, do pobre, de cunho pastoral libertador.²³⁴ Dentro de um horizonte mais amplo – a teologia do povo, na perspectiva da comissão, a categoria *Povo de Deus*, bíblica – abarcava também todos os povos, como desenvolve o teólogo Scannone.

A perspectiva da categoria Povo de Deus, assimilada pela teologia do povo como compreensão da história da Igreja na história dos povos, significou ampliar a ideia evocada pelo Concílio em relação à valorização do laicato²³⁵, mas também incluir as lutas dos povos, ou melhor, “a inserção da Igreja no percurso histórico dos povos.”²³⁶ A relação se estendeu ao processo histórico, principalmente da Argentina.²³⁷ Uma perspectiva enriquecedora, pois alcançava a dimensão da

²³¹ RICHARD, P., A Igreja latino-americana, p. 15.

²³² SCANNONE, J. C., A teologia do povo, p. 23-24.

²³³ Ibid., p.25.

²³⁴ Ibid., p. 23-25.

²³⁵ LG 27, sobre o sacerdócio comum, e LG 75, sobre os leigos.

²³⁶ SCANONNE, J. C., A teologia do povo, p. 25.

²³⁷ Ibid., p. 25-26.

cultura do povo, percebidos como sujeitos históricos, “destinatários e receptores da evangelização [...] portadores de evangelização.”²³⁸ Dessa forma, entende-se a categoria povo sob duas acepções: povo-nação e classes populares. A categoria ‘povo’ carrega em si uma ambiguidade que, como descreve Scanonne, “é ambígua, não por causa da sua pobreza, mas por causa da sua riqueza.”²³⁹ A Comissão Episcopal da Pastoral da Argentina utiliza a ideia de povo-nação, que guarda uma cultura como grupo com uma pertença histórica de conquistas de direitos, de projetos, de justiça, de construtores de um bem político e cultural. Esse entendimento possui relação intrínseca com a teologia da América Latina, no reconhecimento da categoria pobres “como guardiões da cultura própria de seu povo, enquanto sujeitos estruturantes de sua maneira de conviver”.²⁴⁰ Aqui entendemos a opressão da injustiça, presente nas condições estruturais do continente da América Latina. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres, reconhecida em Medellín e explicitada em Puebla, não se opõe à opção para a evangelização da cultura do povo e das culturas dos povos”.²⁴¹

Há, nessa perspectiva, a presença de elementos tratados pelo Papa, nas diretrizes que ele apresenta à renovação missionária e à construção de um novo estilo evangelizador. São fontes de uma vida formada no serviço, iniciada na Argentina, culminando no Concílio Vaticano II, e que se encontra com outras nascentes, que beberam da mesma fonte do Concílio. O continente da América Latina viveu, nas suas diferenças, o mesmo propósito teológico e pastoral: a evangelização à luz da opção pelo pobre, o empobrecido, o excluído, reconhecidos nas conferências episcopais da América Latina.

Reconhecemos elementos que marcam e definem a proposta do pontificado de Francisco, revelador de uma clara determinação de mudanças do modelo eclesial e do perfil evangelizador do missionário. O Papa bebeu de muitas fontes, em diferentes teologias, mas vivenciou de perto uma práxis libertadora da teologia, recebida pelo Concílio Vaticano II no continente latino-americano. Dessa forma, ele conduz o seu pontificado sob uma constante preocupação com a fragilidade do ser humano diante de tantos sofrimentos, a exemplo da pandemia, que pode deixar grande parte da população global no abandono: “[...] é

²³⁸ SCANONNE, J. C., A teologia do povo, p. 25.

²³⁹ Ibid., p. 26.

²⁴⁰ Ibid., p. 26.

²⁴¹ Ibid., p. 26.

precisamente este perigo que se insinua: esquecer quem ficou para trás. O risco é que nos atinja um vírus ainda pior, o da indiferença egoísta.”²⁴²

3.1.3

O fundamento: Jesus Cristo, o Evangelho dos pobres

A sensibilidade teológica e pastoral do Papa Francisco em relação ao sofrimento, ao abandono dos mais pobres e ao desprezo da vida em toda a sua abrangência nasceu de muitas fontes. A prioridade pela vida do povo, de todos, sem exceção, é marcada pela leitura do Evangelho de Jesus Cristo: a fonte primeira, o Evangelho, a vida de Jesus e dos primeiros cristãos. Servir, como pastor, à Igreja dos pobres: essa é a diretriz fundamental que impõe ao seu magistério. Atualizar, contextualizar, “um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora”.²⁴³ A experiência com a teologia do povo deixou em Francisco o genuíno pensamento teológico, que o faz tratar o tema do pobre, da promoção da luta do povo pela justiça e pelas garantias dos direitos como sujeito coletivo, atuante e transformador. Assim, revela – diante de sua preocupação com os direitos sociais, quando se dirige aos movimentos sociais – sujeitos protagonistas da mudança social, apontando para uma reconfiguração da sociedade. O Sumo Pontífice defende o direito à terra, ao teto e ao trabalho, em proposta pela mudança estrutural:

Uma economia verdadeiramente comunitária, [...] de inspiração cristã, [...] onde o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social.²⁴⁴

Também à luz do Concílio, as conferências episcopais da América Latina serviram de grande inspiração e fundamentação à teologia e às ações pastorais do Papa Francisco, em relação à clara e contundente opção pelos pobres – e, sem dúvida, a espiritualidade dos exercícios inicianos, que permeiam toda a sua formação a partir do discernimento, à luz da Palavra de Deus.

Hoje, a realidade conta com extensas e profundas dimensões de crises existenciais, de sobrevivência humana e planetária. Todos somos alcançados em

²⁴² FRANCISCO, Homilia do Domingo da Divina Misericórdia, em Sássia, 19/04/2020.

²⁴³ EG 11.

²⁴⁴ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

diferentes proporções, mas há aqueles na história – marcados pela pobreza oriunda da escravidão, da mão de obra flutuante, muitas vezes migrantes – que são os descartáveis, excluídos e já sobrantes do modelo global. O tempo é de impetrar mudanças, tempo de conversão, de luta pela vida e de lembrar que “somos todos frágeis, todos iguais, todos preciosos”²⁴⁵. É hora de reconstrução da nossa humanidade e de reconhecer nela os mais fragilizados, indo ao encontro deles para, na proximidade, poder cuidar e atender os mais abandonados. Isso nos ajudará a caminhar e a superar as nossas próprias fragilidades. Ter olhos e corações voltados às novas formas de pobreza que o modelo econômico global vem produzindo, como os sem-terra, sem-teto, migrantes, povos indígenas, idosos, mulheres vítimas de violência, crianças, população de rua e tantos que se juntam hoje à realidade da pobreza.²⁴⁶ Com esse horizonte, fundamentado no Evangelho, o Papa Francisco consolida a necessidade da conversão missionária e, com ela, a constituição de um novo estilo evangelizador. Os pobres e a Igreja para os pobres são a centralidade do pontificado de Francisco.

Como já abordado, a presença do Papa está marcada pelo desejo e pela afirmação de uma Igreja pobre para os pobres. O período do pontificado tem sido mostrar, de modo pedagógico, a preocupação com os excluídos. Esse maior tesouro de sua forma de ser profética possui intenção clara de expressar ao mundo e ao continente da América Latina a valorização e a atualização do Concílio Vaticano II. É histórica a mensagem radiofônica do Papa João XXIII, antes do início do Concílio Vaticano II, quando destacou o desafio da Igreja em dar respostas, “com base na dignidade do ser humano e em sua vocação cristã [...]. Pensando nos países desenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer ser a Igreja de todos, em particular a Igreja dos pobres.”²⁴⁷ Destacamos aqui a mesma preocupação na proposta de Francisco: primeiramente, a dignidade humana e a vocação cristã como condição intrínseca à identidade do cristão e, em segundo lugar, a característica de uma Igreja do pobre e para o pobre.²⁴⁸ Dessa maneira, identificamos a configuração de um caminho escolhido pelo Papa Francisco que evidencia a fonte iniciada e expandida no continente subdesenvolvido: a presença

²⁴⁵ FRANCISCO, Homilia do Domingo da Divina Misericórdia, em Sássia, 19/04/2020.

²⁴⁶ EG 209-210.

²⁴⁷ JOÃO XXIII, Mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos, a um mês da abertura do Concílio. In: Vaticano II, mensagens, discursos e documentos. São Paulo, paulinas, 2007, p. 20-26. In AQUINO JUNIOR, F. de, Igreja dos pobres, p. 30.

²⁴⁸ AQUINO JUNIOR, F. de, Igreja dos pobres, p. 31.

do Concílio Vaticano II, que inaugura uma nova abordagem eclesiológica e antropológica.

Francisco quer caminhar e propor ações concretas de como dar continuidade ao processo de mudança inaugurado no Concílio Vaticano II. Em seus escritos e nos discursos, ele já demonstra de maneira concreta o seu propósito. A fonte evangélica, a práxis de Jesus Cristo, é fundamento e legitimação a essa ação missionária do cristão em relação ao pobre, que o Papa faz questão de proclamar como primícias do seu Pontificado, como registrou na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Esse fundamento foi, por Jesus, instituído ao destinar o Reino aos pobres. Como bom pastor, Jesus se preocupa com todos: “Eu vim para que tenham vida e a abundância, e tenham em abundância” (Jo 10,10). Para não deixar dúvidas na orientação de sua ação, ao iniciar o ministério na Galileia, Jesus proclamou: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres [...] e para restituir a liberdade aos oprimidos” (Lc 4,18). A expressão e a ação de Jesus constituem um modo de ser comunidade de serviço aos pobres, o que legitima e fundamenta os elementos inerentes ao Evangelho da predileção pelos mais necessitados – condição realizada e concretizada nas primeiras comunidades cristãs, “[...] pelo movimento que o próprio Jesus despertou no primeiro século da era cristã.”²⁴⁹ Da mesma forma, como nos primórdios das comunidades eclesiais o Papa Francisco, fiel ao Evangelho, dedica o seu pontificado aos pobres, movido pelo amor misericordioso de Jesus Cristo. Dessa maneira, ele oferece uma “iniciação à experiência espiritual do mistério de Jesus”²⁵⁰, demarcada pela constante oração ao Pai e pela proximidade das relações com os excluídos, colocando-nos no interior da espiritualidade de Jesus. Estreita, assim, a unidade entre a oração e as atitudes que compõem o caminho pedagógico do seu pontificado, a partir da espiritualidade do Evangelho encarnado e vivo. O pontificado de Francisco nos impulsiona a experimentar o mesmo espírito que impulsionou Jesus à missão do Reino.

Assim, Francisco age propondo diretrizes às mudanças eclesiais necessárias a uma renovação que reconduza o cristão a um novo perfil missionário. Sua preocupação envolve as dimensões humana, espiritual e social,

²⁴⁹ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, p. 38.

²⁵⁰ CODINA, V., Espírito Santo, p. 28.

que podem comprometer tanto a ação da pessoa como da instituição, mediadora da ação humana. Ao desenvolver uma ação renovadora e dinâmica, cheia de fervor evangélico, o missionário, repleto do Espírito, não foge aos desafios. Ao contrário, se sentirá “cheio de coragem e capaz de uma grande resistência ativa.”²⁵¹ O Papa relembra a importância da fidelidade ao Evangelho no processo de contextualização histórica, no tempo próprio da atualidade, ao sinalizar as tentações dos agentes, a formação, a preparação da homilia, a paz, o diálogo e, fundamentalmente, a inclusão social.²⁵² Toda reforma “só pode ser entendida neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, comunicativas e abertas, que coloque os agentes pastorais em atitude de saída.”²⁵³ Ao propor o caminho do encontro e do diálogo, como faz Jesus ao anunciar a Boa Nova, Francisco abre a possibilidade de suscitar uma revolução, como diz, a ternura do amor.²⁵⁴ Há uma grandeza de reencontros do ser humano consigo mesmo, com o outro e o Filho, de servir e de se comprometer com o Deus humano; um encontro de vidas.²⁵⁵

No reencontro com Deus e com o outro, somos surpreendidos pelo amor que transforma e inaugura um novo processo que exigirá a conversão permanente, libertadora e comprometedora. É o que o Papa expressa ao colocar a pastoral em “chave missionária [...] e estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções e exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo e necessário.”²⁵⁶ Ao nos debruçarmos sobre as falas e presenças do Papa em diferentes lugares de limite de vida do humano, podemos dimensionar com que profundidade vive o Evangelho. Francisco não deseja que ninguém seja excluído da boa notícia da libertação, e que todos, sem exceções, possam fazer a experiência do amor salvador de Deus. Ele pede também que a conversão seja orientada para os esquecidos, os pobres, os excluídos, pois são eles os que mais sofrem com as crises do modelo global. O dinamismo missionário da conversão, experimentada na Igreja “em saída”, deve chegar até o pobre porque “a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer

²⁵¹ EG 263.

²⁵² EG 17.

²⁵³ EG 27.

²⁵⁴ FRANCISCO, TED Talk proferida diretamente da Cidade do Vaticano, 27/04/2017.

²⁵⁵ EG 88 e 89.

²⁵⁶ EG 35.

[...]. [Existe] um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres.”²⁵⁷ Em todo Evangelho encontramos narrativas que legitimam a relação entre a práxis de Jesus e os pobres, que nos levam a compreender, na revelação de Deus, a sua predileção, quando o Filho exclama: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos”. (Mt 11, 25)

Não seria exagero nem reducionismo afirmar que a insistência na centralidade dos pobres e marginalizados na revelação, na fé e na teologia cristãs é a marca ou característica mais determinante das teologias da libertação e seu aporte mais importante para o conjunto da Igreja.²⁵⁸

A ênfase na centralidade de uma Igreja em saída, missionária e convertida é caminho concreto da renovação eclesial que Francisco assume na defesa da pastoral e da teologia libertadoras. O processo dialético entre a descoberta, a libertação e o crescimento de nossa humanização acontece no deslocamento de toda Igreja, quando deixa de apontar para si mesma, aceitando os riscos de se acidentar no percurso da missão.²⁵⁹ Dessa forma, é importante permitir confrontar-se com importantes desafios impostos pela realidade atual, desafios estes presentes no processo libertador para a chave missionária. Os pobres, a Igreja dos pobres e os excluídos são a prioridade do Papa, que afirma ser a opção pelos pobres “mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica”.²⁶⁰ Dessa maneira, somos instigados a compreender concretamente o estilo missionário proposto por Francisco, e a fortalecer a comunidade eclesial como instrumento do amor solidário à vida dos pobres pela justiça do Reino, proclamada por Jesus Cristo.

Abrir-se à ação dinamizadora do Espírito, à comunicação de Deus que, diante da experiência com os mais pobres e excluídos, nos possibilita reconhecer a dignidade da existência do outro. É a graça de uma experiência libertadora. “Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Se alguém acolheu esse amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?”²⁶¹ Na atuação de Francisco, se faz presente o agradecimento pela alegria da fé que toda

²⁵⁷ EG 48.

²⁵⁸ AQUINO JUNIOR, F. de, Igreja dos pobres, p. 35.

²⁵⁹ EG 49.

²⁶⁰ EG 198.

²⁶¹ EG 8.

a Santa Igreja, em toda a história, e com outras “tantas pessoas anônimas, cuja caridade mantém viva a esperança em meio às injustiças e adversidades.”²⁶²

O que recebemos no pontificado de Francisco é a continuidade de uma história com diferentes fontes, que buscou a fidelidade às primeiras comunidades cristãs, motivadas pelo Espírito de Deus a dar continuidade à missão de Jesus, servir e anunciar o Reino de justiça e paz.

A conferência de Aparecida tem presença e ação na vida de Francisco, que promove ao mundo o desejo de encontrar na missão a alegria de evangelizar e expressar o amor de Deus, marcado no rosto do irmão pobre, ainda sem voz e sem direito à presença no mundo. No Documento de Aparecida, o Papa amplia e fortalece a necessidade de uma Igreja dos pobres e para os pobres em toda a sua presença como Pontífice. Assim, está registrado no texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: “a Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes, ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários [...]. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre.”²⁶³

3.1.4

A proposta: um novo perfil missionário

De tudo o que foi apresentado, podemos afirmar que a proposta do Papa Francisco é “movida pelo dinamismo de um Espírito que sopra onde quer, enche o universo [...] e sempre atua a partir de baixo, de Jesus de Nazaré e dos pobres da terra.”²⁶⁴ A defesa pela necessidade de um novo estilo evangelizador para uma nova chave missionária está plasmada em toda proposta teológica e pastoral de Francisco, dinamizada pelo espírito da vida. Pensar a teologia, na perspectiva pastoral, pode sugerir algo que não é novo, mas a complexidade do modelo global traz, necessariamente, a novidade de uma época singular a todos os cristãos. Reconhecendo a singularidade do mundo atual e, comprometido com a fidelidade histórica ao Evangelho, o Papa apresenta desafios e discernimentos evangélicos à Igreja e ao mundo, em uma clara relação de evangelização libertadora e integrada – uma atitude profética de expressão da teologia libertadora, que deposita nas

²⁶² DAp 26.

²⁶³ Ibid., 31.

²⁶⁴ CODINA, V., Espírito Santo: teologia do Papa Francisco, p. 37.

mãos das comunidades as condições para uma leitura econômica, política, social e cultural, à luz da práxis de Jesus Cristo. Trata-se de uma leitura atenta e fiel aos sinais do tempo. Ele mesmo, junto com toda a Igreja, convoca a responsabilidade por uma libertação humanizadora.²⁶⁵

É no horizonte do compromisso com a Igreja e os missionários, sujeitos da evangelização, que encontramos no pontificado de Francisco marcantes expressões da Igreja pós-concílio no continente latino-americano, nas conferências episcopais ocorridas durante esse período. Com os pés fixos na realidade, o Papa amplia a teologia para uma configuração desafiadora: a de dialogar com as ciências e aliar-se a elas na construção de uma nova humanização, interligada e integrada à “nossa casa comum, na preocupação de unir toda a família humana”.²⁶⁶ Nesse caso, existe a possibilidade de gerar um novo modelo econômico e social, a partir da contribuição de diferentes ciências – um diálogo frutífero na relação Igreja e mundo, na ênfase de fazer nascer dessa nova relação um novo sujeito eclesial. Ainda, na abordagem profética que Francisco expressa, seguimos no tema do novo sujeito, debruçando-nos sobre o modo e o estilo missionário sinalizado pelo Papa a essa nova e desafiadora realidade global.

Destacamos, anteriormente, que o Papa expressa duas preocupações em toda ação teológica e pastoral na proposta missionária para um novo estilo da evangelização: preocupação com a vocação humana e dignidade do ser humano com a pobreza – realidades destacadas, como lembrado por João XXIII, ao anunciar o Concílio Vaticano II. Essa realidade teológica e pastoral se fundamenta a partir da origem entre a relação do seguimento à pessoa de Jesus e a configuração de um estilo missionário no próprio seguimento. Fonte primeira na consistência que define a práxis de Jesus e o seguimento à sua pessoa para aqueles que assumem a missão do Reino. Francisco expressa a razão teológica e pastoral dessa relação íntima entre a missão e o estilo missionário ao seu pontificado na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, em que deixa transparecer as mudanças necessárias a uma nova chave missionária. A raiz dessa relação nos leva à compreensão mais exata da investigação que fazemos sobre o novo sujeito apostólico, apresentado na proposta do Papa como “diferentes povos inculturados

²⁶⁵ EG 51.

²⁶⁶ LS 13.

pelo Evangelho, sujeitos coletivos ativos, agentes da evangelização. Assim é porque cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história.”²⁶⁷

Francisco expressa, na construção do novo sujeito eclesial e missionário, uma concepção dinâmica da revelação de Deus: a inculturação e o protagonismo dos povos como condições importantes na formação do sujeito evangelizador, mas também, simultaneamente evangelizado.²⁶⁸ Ele mostra o diálogo, o respeito e a cultura como valores imprescindíveis à evangelização, permitindo fidelidade ao Evangelho, sua atualização e comunicação dinâmica, inspirada pelo Espírito que semeia a Palavra de Deus acolhida e vivida. A condição cultural é cara à teologia e à pastoral de Francisco. Essa diversidade de povos, que acolhem e expressam as diferentes formas a revelação de Deus, garante que a riqueza do Evangelho não seja confinada a uma única cultura, que poderia reduzir ou distorcer a mensagem do Evangelho.²⁶⁹ No lugar de cada cultura, marcada pela evangelização, há uma nascente de humanismo que pode revigorar a prática cristã, mesmo quando ignorada ou nublada pela sociedade do consumo. A solidariedade, lembrada como um exemplo de valor “que pode provocar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e crente”²⁷⁰, se transforma em um processo evangelizador. Por isso, é preciso cuidar, purificar, para então amadurecer²⁷¹ as diferentes expressões de fé manifestadas nas culturas. Purificar representa o enfrentamento aos empecilhos que dificultam a abertura e o encontro com a vontade de Deus²⁷², para assim permitir o amadurecimento das fragilidades presentes e, muitas vezes, dominantes e escravizantes das relações humanas.

No espírito profético renovador do Papa Francisco, delimitamos aspectos que apontam a configuração de uma chave missionária para um protagonismo social, comprometido com a práxis de Jesus Cristo. O diálogo com as diferentes culturas consolida a base da proposta do Papa em retomar às fontes do Evangelho como caminho para a transformação missionária da Igreja. Aqui, aparecem luzes para o novo sujeito apostólico.

Os Evangelhos mostram os discípulos de Jesus sendo por Ele levados a anunciarem, juntos, o Reino de Deus. Jesus envia os discípulos em missão,

²⁶⁷ EG 122.

²⁶⁸ EG 122 e 123.

²⁶⁹ EG 115-118.

²⁷⁰ EG 68.

²⁷¹ EG 69.

²⁷² LIBANIO, J. B., O discernimento espiritual revisitado, p. 9.

autoriza a cura dos enfermos, “deixa os discípulos participarem efetivamente de sua própria missão. É o que supõe a sua vocação de segui-lo, também a vocação de acompanhá-Lo por onde ele fosse.”²⁷³ Inclusive, Jesus orienta os discípulos sobre o envio (Mc 6, 7-13; Lc 9, 1-6), instruindo-os numa missão que não seria fácil nem cômoda, pois o cenário era de perseguição e rejeição. Essa primeira convivência entre Jesus e os discípulos permite observar a maneira de agir diante das dificuldades e dos desafios apresentados quando expressavam a proximidade do Reino da Salvação em nome de Deus.²⁷⁴ Há uma relação implicitamente instituída no chamado que Jesus faz aos discípulos, de uma força que os impulsiona a segui-Lo, provocando uma atitude incondicional e radical de se colocar no seguimento. O impulso dado aos discípulos, comunicado pelo Espírito de Deus, já fora sentido entre os mais próximos quando autorizados por Jesus a fazer o que Ele fez. Despertava a vocação do seguimento, com sentido radical à adesão de seu chamado, podemos entender hoje como uma conversão à vida de Jesus. “Aí está a relevância teológica da vocação para seguir Jesus. Nessa conversão, o Reino de Deus, que ainda é futuro, já se torna realidade presente.”²⁷⁵ Essa realidade revela um comprometimento com a construção do Reino, que ainda não era pleno, mas já se fazia iminente. Jesus é quem revela Deus, agindo, curando e falando sobre a chegada do Reino. A relação mais próxima entre Jesus e os discípulos permitiu identificar a salvação de Deus, que Jesus revelava em suas atitudes. A experiência da proximidade com Jesus histórico deu aos discípulos a legitimidade, depois de sua morte, de constituírem a tradição das narrativas sobre Jesus, como registra o teólogo Edward Schillebeeckx: “as lembranças da longa convivência dos discípulos que ‘andavam com ele’ são sem dúvida as mais densas de todas as lembranças relativas a ofertas de salvação feitas por Jesus nos dias de sua vida terrena.”²⁷⁶

Das narrativas bíblicas apresentadas, a da conversão à pessoa de Jesus Cristo representa uma “metanoia pela vinda do Reino e pela exigência de vender tudo que se possui e dá-los aos pobres, condição para seguir Jesus [...]. O sacrifício real da propriedade material é sinal e condição de uma verdadeira

²⁷³ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, p. 212.

²⁷⁴ Ibid., p. 212-213.

²⁷⁵ Ibid., p.218.

²⁷⁶ Ibid., p. 222.

conversão.”²⁷⁷ Dessa forma, podemos afirmar que a centralidade dada pelo Papa à práxis de Jesus tem um profundo sentido teológico e pastoral, deixando claras duas preocupações com o futuro da humanidade: “a inclusão social do pobre e [a] questão da paz e do diálogo social.”²⁷⁸ Tratam-se de preocupações presentes no discurso de João XXIII, às portas de iniciar o Concílio Vaticano II, a vocação humana, a dignidade e a pobreza. As preocupações, nas distintas épocas, são trama do mesmo cenário: a sociedade excludente. Foi dessa forma, na defesa dos desprotegidos, que Jesus “se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados.”²⁷⁹ A herança da experiência de fé entre Jesus e os discípulos se tornou fonte viva no compromisso com os pobres e os excluídos, ainda na luta pela libertação. O Papa faz apelos constantes à conversão aos pobres, a uma Igreja renovada, em saída, que não se intimida diante da força do inimigo – o poder econômico global. É, na verdade, uma Igreja solidária a todo sofrimento que a indiferença possa provocar. O maior deles, o medo da pobreza, daquele que nada tem a oferecer, que leva ao isolamento e a rupturas com a nossa humanização, como abordado no primeiro capítulo.

De tudo o que foi dito sobre a relação entre Jesus e os discípulos, tomamos como fonte e base de sustentação a configuração missionária, instituída por Jesus Cristo ao lado dos pobres. A Igreja tem aqui a responsabilidade, como sujeito missionário, de assumir para si a mediação do caminho que Jesus inaugurou junto aos seus discípulos, formando o povo de Deus, uma comunidade.²⁸⁰ Deve fazer-se “presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada.”²⁸¹ A teologia vivenciada por Francisco revela a vocação profética de uma prática eclesial libertadora, e estende a todo o pontificado às dimensões política e social experimentadas na América Latina, “a serviço da libertação integral especialmente dos marginalizados e oprimidos.”²⁸² É também uma comunidade renovada, libertada para servir, “sujeito da evangelização.”²⁸³ Essa é uma preocupação latente que Francisco expressa ao relacionar a chave missionária e o

²⁷⁷ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, p. 217-218.

²⁷⁸ EG 185.

²⁷⁹ EG 186.

²⁸⁰ EG 113.

²⁸¹ DAp401.

²⁸² RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 527.

²⁸³ EG 111.

perfil que precisa ser convertido a uma nova abordagem, fundamental no processo de transformação eclesial para a contribuição das mudanças sociais, essencial à construção do novo sujeito eclesial e apostólico. “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade.”²⁸⁴

O Papa faz-nos lembrar que o tema da reforma eclesial foi apresentado pelo Concílio Vaticano II como uma permanente conversão da Igreja, como mostra de fidelidade à própria vocação.²⁸⁵ Um tema caro à própria Igreja – guiada e inspirada pelo dinamismo do Espírito Santo, que atualiza e ilumina o discernimento da ação evangélica – torna-se guardião do patrimônio da experiência salvífica de Deus na história. A afirmação que a revelação de Deus acontece na história é importante no processo da permanente conversão eclesial. A abordagem da revelação de Deus na história pode parecer simples, mas mesmo para os crentes pode gerar dificuldades. Isso acontece porque “tem lógica própria, a linguagem do historiador e a linguagem da fé, são a nossa história, feita por seres humanos.”²⁸⁶ A ação de Deus na história da salvação acontece de maneira mediada pelo processo de libertação vivido pelo ser humano no acontecimento da ação libertadora. A experiência é transformada em linguagem de fé quando o fato se torna refletido e os sinais são, então, percebidos e reconhecidos como ação de Deus.²⁸⁷ Assim, acontece quando falamos de Jesus Cristo, “tanto em linguagem histórica como de fé.”²⁸⁸

Há uma abordagem também desenvolvida por Gesché, sobre a linguagem da fé, como narrativa que definiria como dado fundante a identidade de Jesus Cristo: a identidade cristã. É no acontecimento que Deus é narrado, ou seja, é nomeado, porque algo é dito sobre Ele. É dessa forma que acontece, como lembra Gesché, sobre a indagação que Jesus faz aos seus discípulos: “e vós, quem dizeis que eu sou?”²⁸⁹. Aqui, no diálogo estabelecido, a narrativa acontece. O diálogo funda a alteridade para que, então, aconteça a identificação, desvelando-se uma identidade. Essa abordagem se torna importante porque “Jesus não aparece dando testemunho de si mesmo ou a partir de si próprio, mas pede que a gente o

²⁸⁴ EG 187.

²⁸⁵ EG 26.

²⁸⁶ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus*, p. 633.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 639-641.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 641.

²⁸⁹ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p.78-79.

narre.”²⁹⁰ Jesus é narrado pelas “palavras de salvação, os fatos, gestos que vão permitir, na questão sobre identidade, encontrar respostas. Surge a epifania”²⁹¹, a revelação de quem é Jesus. Encontravam as respostas para perguntas como “de onde lhe vem tudo isso?” (Mt 13, 56).

Jesus é narrado pelas ações “sentidas como salvação”²⁹², revelando a presença do mistério de Deus. Na própria ação da cura e da salvação, acontecia a alteridade do diálogo, pois Ele respeitava o outro e “nunca tomou a iniciativa para operar milagres.”²⁹³ Também inaugura a esperança de um novo tempo, um encontro transformador, preenchido de alegria, como Francisco defende ao escrever a Exortação *Evangelii Gaudium*, em tempos de urgência na defesa de Deus e do ser humano. O lugar possível mostrado por Francisco, na urgência de uma chave missionária para um novo sujeito apostólico, é depositado na fonte primeira que os discípulos beberam junto a Jesus, lugar de vivência da espiritualidade, uma espiritualidade encarnada. Aproximar-se da experiência vivida e configurada na relação entre Jesus e os discípulos nos coloca no mesmo movimento a serviço do outro, de modo especial ao pobre. Jesus revela o amor salvador de Deus na íntima relação que estabelece com o pobre, onde acontecia o milagre maior: a alegria de ter de volta a dignidade da vida. “Aí se dá a felicidade à pessoa que, na sua consciência de serem infelizes, realizam a única verdadeira condição para poderem afinal receber o Evangelho como mensagem alegre.”²⁹⁴

O que lemos nas Escrituras é uma identidade narrativa. Deus é encontrado na narrativa, e a vida de Jesus é a narrativa dos feitos de Deus.²⁹⁵ Na alteridade, constitutiva à condição humana, o cristianismo possibilita a experiência de um Deus libertador, que fortalece a identidade genuína com o pobre, ao se dispor ao serviço do Reino, age de forma pedagógica, à espera de que, narrando-O, possamos também nos colocar à disposição do outro. Porque a “alteridade torna-se identificadora pelo outro.”²⁹⁶ O outro possibilita que eu, solicitado, seja reconhecido e visibilizado pois na verdade, ao sair de mim, sou chamado a existir. Sou colocado no movimento dinâmico dessa relação, que se estabelece na

²⁹⁰ GESCHÉ, A., O Cristo, p.79.

²⁹¹ Ibid., p. 80.

²⁹² SCHILLEBEECKX, E., Jesus, p. 186.

²⁹³ Ibid., p. 186.

²⁹⁴ Ibid., p. 186.

²⁹⁵ GESCHÉ, A. Ibid., p. 100-101.

²⁹⁶ Ibid., p. 96

responsabilidade da minha existência diante do outro, mas o outro é sempre marcado pela dor e pelo sofrimento da exclusão. No dinamismo desse processo, encontramos Deus revelado na história concreta do ser humano, possibilitando a constante conversão pessoal e comunitária, eclesial.

3.1.5 Abertura à graça de Deus, pressuposto imprescindível

Essa questão tem grande importância, pois a forma como é compreendida a linguagem que fala de Deus na história humana, a linguagem da fé, pode revelar uma visão dicotômica ou integrada da história da revelação, com consequências para a prática do cristão. O ser humano, aberto à graça de Deus, responde ao chamado de forma responsável, integrando-se a uma ação libertadora em todas as dimensões de sua existência. A subjetividade aberta possibilita o diálogo como caminho na construção de novas relações que apontam para uma evangelização transformadora e libertadora. Ao contrário, numa subjetividade fechada, quando há rejeição à graça de Deus, o ser humano se distancia de uma relação integradora e libertadora, reduzindo dessa forma as possibilidades de uma prática humanizadora.²⁹⁷ O Papa Francisco, na perspectiva da experiência cristã, integrada à presença salvífica de Deus na história, expressa a necessidade de conhecer as mediações da história, tanto cultural como social, na tentativa de reduzir os riscos de uma ação missionária desenraizada historicamente.

Reconhecer e identificar as mediações histórica, social e cultural de cada época ajuda na percepção dinâmica entre a história e a revelação de Deus. É nessa relação concreta que o ser humano tem as condições de conceber o modelo de sua ação missionária. Na Exortação *Evangelii Gaudium* ele convida os cristãos a conhecerem a realidade contemporânea, os sinais dos tempos e a dimensão social da própria evangelização: “amar a Deus que Reina no mundo.”²⁹⁸

Como cristãos, portanto, somos chamados a pensar a renovação missionária que, sabemos, exige uma conversão do olhar do coração. Essa condição é o aporte para viver a revelação de Deus na história. A compreendê-la, hoje, na perspectiva de uma nova linguagem, em meio à presença da tecnologia,

²⁹⁷ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 435.

²⁹⁸ EG 180.

do conteúdo e da forma como a mensagem do Evangelho é alcançada pelos interlocutores, um dos maiores desafios à comunicação em tempos globais. Mensagens desarticuladas e desintegradas de sentidos impõem um modelo eclesial e missionário abstrato e doutrinário.²⁹⁹ A fé, pela linguagem, expressa o que na história não se vê – o ato criador de Deus, “assim como outrora Moisés, que não viu Deus, mas apenas ‘as suas costas’, quando ele já tinha passado.”³⁰⁰ Algumas pistas podem funcionar como farol para o caminho da conversão, a primazia da Graça, primeiramente como princípio.³⁰¹ A insistência do Papa em alertar para o risco da autossuficiência, que reduz e anula a possibilidade de se abrir ao outro e a Deus, expressa a preocupação com a subjetividade fechada à graça de Deus, tão presente na sociedade atual. Tal fato pode gerar relações desumanas e de isolamento individual, agravando a violência do individualismo, que exclui e invisibiliza a pobreza, consolidando as estruturas geradoras dessa realidade desumana e injusta.

A rejeição à graça de Deus pode comprometer, inclusive, a comunicação do amor de Deus. São muitas as consequências da autossuficiência, quando falamos da sua presença no interior da Igreja – a autorreferência que desloca o lugar da centralidade de Jesus na prática missionária quando, por exemplo, o amor, a caridade e a justiça de Deus se submetem à rigidez das leis e das normas, reduzindo “o entusiasmo de viver o Evangelho da fraternidade e da justiça”.³⁰² A defesa do Papa, que inclusive se tornou a chave de entrada ao seu pensamento, para uma Igreja em saída, representa a luta e o sinal para uma renovação inadiável, eclesiológica e missionária.³⁰³

Uma ação provida da presença da graça de Deus alcança diferentes dimensões na vida do cristão, o sujeito eclesial. Dentre as diferentes ações, a que esbarra na dimensão estrutural das mudanças econômicas e políticas dá suporte à compreensão do novo sujeito eclesial, que tratamos no pensamento do Papa Francisco. Uma espiritualidade cristã e libertadora, dinamiza a promoção da justiça e do amor concreto, muitas vezes velados na prática do cristão. É necessário sair, primeiramente, expor-se aos desafios, envolver-se e frutificar, como

²⁹⁹ EG 34-35.

³⁰⁰ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus*, p. 635.

³⁰¹ EG 112.

³⁰² EG 179

³⁰³ EG 27.

exorta Francisco,³⁰⁴ para, então, no engajamento social e político, oferecer à Igreja a conversão, simultânea à conversão do cristão. Um diálogo entre o sujeito evangelizador, que transforma a presença da Igreja no mundo e da própria Igreja, que evangeliza o cristão. Assim como aconteceu entre os discípulos na relação com Jesus, quando se configurou na prática o sermão das bem-aventuranças proclamado por Jesus, a conversão à sua pessoa, ao Reino anunciado. Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, o Papa lembra a regra de ouro para a constante conversão eclesial, “pois estava com fome, e me deste de comer [...] todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizeram” (Mt 25, 35-6; 40).³⁰⁵ A opção pelos pobres fica definida e fundamentada no pontificado de Francisco, a partir da prática de Jesus e dos discípulos, confirmando e legitimando a opção pelos pobres, feita nas conferências episcopais do continente, no período pós-concílio Vaticano II. Hoje, o Papa Francisco reforça o que foi dito na Conferência de Aparecida, que “a Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento do amor, solidariedade e justiça entre nossos povos”³⁰⁶, mas estende à Igreja universal o chamado à comunhão solidária.

No horizonte da compreensão prática de uma chave missionária para uma Igreja em saída, capaz de contribuir na construção de um novo sujeito apostólico, toda a Igreja é convidada a concretizar atos que proporcionem e favoreçam mudanças nesse sentido, “ser fermento de Deus no meio da humanidade, quer dizer, anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo.”³⁰⁷ Desenvolver as potencialidades humanas pode contribuir para o desvelamento da vocação humana em dar resposta ao chamado a ser, a humanização – um compromisso com a construção da paz e do diálogo, preocupações no processo de evangelização do Papa. São considerados, no seu pontificado, pontos nevrálgicos a questão social, o pobre, o diálogo e a paz³⁰⁸ como questões que devem integrar a condição de nossa humanização. A fome e a pobreza, produzidas pela falta do trabalho ou da exploração da mão de obra, são condições de exclusão à dignidade e à paz.

³⁰⁴ EG 24.

³⁰⁵ GE 95.

³⁰⁶ DAp 396.

³⁰⁷ EG 114.

³⁰⁸ EG 185.

Francisco identifica nas condições históricas atuais o clamor pela justiça³⁰⁹ e, justamente por isso, luta por uma Igreja que chegue à periferia, que seja a chave missionária no desenvolvimento de novos sujeitos, eclesial e apostólico. Assim, o Papa mostra que a evangelização tem na história concreta gestos de solidariedade e responsabilidade, com atitudes de mudanças, fundamentais na superação das injustiças e da exclusão social.

Francisco, em gestos e atitudes, mostra ao mundo o caminho concreto do amor solidário e transformador, sinais claros para uma nova configuração eclesial e social. Não se limita a atitudes, mas convoca e propõe caminhos que levam à vida de justiça e de paz. Por exemplo, com os movimentos sociais e como liderança, ele propõe a discussão sobre as questões socioambientais, por uma ecologia integrada e libertadora. Uma ecologia que enxergue no outro a condição de sua criatura humanizadora, “a atitude basilar de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada e a autorreferencialidade [...] [como] a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente.”³¹⁰ Francisco aponta, mais uma vez, para a coerência de uma visão humana que, aberta à graça do Espírito de Deus, é capaz „de integrar-se à criação, ir até a raiz de sua condição de criatura e desenvolver uma vida de serviço, de cuidado e amor com a casa que habita. Esse ser humano percebe a vida como uma coexistência. O Papa nos apresenta, dessa forma, uma teologia sem o risco de sufocar sem a alteridade, como afirma Gesché – uma teologia que não corre o risco de atender apenas o ser humano, em que Deus se apresentaria com valor apenas antropológico.³¹¹ “O mundo da natureza é eminentemente dom de Deus. É importante dar ao homem, e sem remorso, o sentido de um universo teologal.”³¹² Ainda, o Papa evoca um sentido teologal sobre o cosmo. Essa aproximação do ser humano, integrado ao cosmo, gera possibilidades de desenvolver as condições do novo sujeito apostólico como uma esperança à vida que o Papa Francisco defende, diante das ameaças ecológicas.

O dom da graça nos abre ao encontro do outro, do maior em mim: Deus, à ação da conversão e do crescimento em Deus, fortalecendo o desejo insaciável por

³⁰⁹ EG 188.

³¹⁰ LS 208.

³¹¹ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 24.

³¹² Ibid., p. 25.

Jesus Cristo.³¹³ Dá-nos, dessa forma, a possibilidade de novos estilos de vida, de comunhão e partilha. Um encontro que nasce do diálogo com o mundo a partir de uma espiritualidade missionária encarnada. Estar no mundo “melhora o cristão e fecunda a cidade”³¹⁴, suscitando na realidade as sementes do Reino experimentadas pelos discípulos que, com Jesus, viveram um novo projeto de espiritualidade e comunhão. Como lembra Francisco, “ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus”³¹⁵ onde quer que esteja.

À luz do caminho humanizador de Francisco e unidos pela mesma preocupação “entre os mais pobres, mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada.”³¹⁶ Permanecemos no estreitamento da relação entre o ser humano e a revelação salvífica de Deus na história, capaz de testemunhar o Deus vivo, o Deus de Jesus Cristo, sempre no horizonte do novo sujeito apostólico, na chave missionária de Francisco.

3.2

Uma ecologia integral: dinamismo e compromisso missionário

O Pontificado de Francisco expressa o perfil humano definido em Jesus Cristo – um modo de ser humano. Na teologia do Papa, podemos encontrar uma densa compreensão do ser humano à imagem de Jesus Cristo, teologia apoiada na antropologia da revelação. A fundamentação dessa compreensão antropológica, revelada por Jesus Cristo, nos dá o sentido da ecologia defendida pelo Papa Francisco. Uma ecologia integral e integrada, que inclua as dimensões humanas e sociais³¹⁷ como na práxis de Jesus e que, dessa forma, chega a uma configuração do novo sujeito eclesial. O ser humano, afirmado no Novo Testamento, na pessoa de Jesus, mostra uma teologia da criação presente no processo da história da salvação desde a criação. São Paulo abordou, nas cartas às comunidades, a transformação entre o velho e o novo homem como “o início da nova humanidade [...], inaugurada no Espírito.”³¹⁸ O cristão, portanto, tem o desafio de adotar um novo modo de ser: “o comportamento ético deve ser manifestação do que

³¹³ EG 161-162.

³¹⁴ EG 75.

³¹⁵ EG 127.

³¹⁶ LS 2.

³¹⁷ LS 137.

³¹⁸ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 203-205.

aconteceu e foi celebrado no batismo.”³¹⁹ Essa condição é fundamental ao entendimento necessário para a construção do novo perfil missionário, uma condição ao novo sujeito apostólico, inserido no horizonte de uma ecologia integrada – uma das mais significativas bandeiras levantadas no Pontificado de Francisco.

A organização da sociedade atual, marcada pela lógica do mercado e do consumo, condiciona o comportamento do ser humano de maneira desordenada, demarcando um estilo também desordenado no contexto em que atua como cidadão. Supõe-se, a partir dessa lógica consumista, o meio ambiente como bem de consumo, mercadoria descartável, utilitária com alcance, inclusive nas relações humanas, o que pode provocar prejuízos ao ambiente e à sociedade.³²⁰ Essa realidade tem consequências graves que podem ser irreversíveis à vida ecológica, caso não sejam promovidos de forma urgente os caminhos de enfrentamento ao desafio que já expressa a crise socioambiental hoje.³²¹

Exploramos o caminho do diálogo que o Papa defende, da integração e da formação durante o processo que nos solicita a promover o deslocamento do lugar em que o ser humano se situa diante da natureza. Somente dessa maneira será possível ampliar o horizonte, integrando sua vida às outras existentes no planeta, como diz, recuperar nossa memória porque “esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.”³²²

Tratar do ambiente e das questões sociais de forma integrada, numa perspectiva ecológica, impôs ao Papa Francisco, como não poderia deixar de ser, a defesa dos pobres, excluídos, marginalizados e sobrantes. Por isso, a necessidade de apresentar o valor do trabalho como condição intrínseca à criação do mundo (Gn 2,15). Uma questão já iniciada no primeiro capítulo, quando abordamos as condições de pobreza geradas pelo modelo econômico da globalização. Daremos seguimento a algumas questões também apresentadas anteriormente, que sustentarão a base que funda o pensamento teológico e pastoral do Papa, o evangelho como proposta cristã. Assim como a defesa pelos mais pobres, além da percepção de mais alguns elementos do novo sujeito apostólico e eclesial.

³¹⁹ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 205.

³²⁰ LS 122.

³²¹ LS 139.

³²² LS 2.

Em síntese, pensar um humanismo que inclua na sua existência a permanente luta por um desenvolvimento equilibrado e justo, uma ecologia, como afirma Francisco, “que faz apelo aos distintos saberes, incluindo o econômico, para uma visão mais integral e integradora. Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos”³²³.

3.2.1 A proposta cristã e a humanização

“Jesus Cristo é narrado como o segundo Adão, o homem novo”³²⁴ que, para o cristão, no processo de confirmação da fé, deve caminhar para a construção desse novo homem, configurado na pessoa de Jesus. Para o cristão, que pelo batismo participa da vida em Cristo, a vida nova é a semente que se faz presente na relação dialógica estabelecida com o ser humano na história, pois “sem a morte do ‘homem velho’ não é possível viver a nova existência, própria do ‘homem novo’.”³²⁵ O ser humano nasce para uma nova condição em sua existência diante de Deus, assumindo uma nova forma de ser e agir. O Papa Francisco, convicto da importância para a abordagem de uma ecologia integral e de uma humanização necessária à condição dessa perspectiva, propõe revisitar algumas narrativas bíblicas. A intenção tem seu foco na relação entre Deus, o Criador e o ser humano, capaz de responder ao convite de sua participação no mundo criado. A relação é estabelecida quando Deus cria o ser humano à sua imagem e semelhança” (Gn 1, 26), na condição de ser sujeito, livre e capaz de responder ou rejeitar o convite de Deus.³²⁶

A teologia da criação mostra que há um princípio e não uma anterioridade à criação, o que significa que existe uma ação intencional no ato da criação – um desejo e uma vontade que demarcam as ações de um sujeito. Dessa forma, Gesché afirma a realidade como resultado de uma liberdade³²⁷ e de uma alteridade. Nessa fundamentação é importante reconhecer “que a criação é trazida por um sujeito que tem um plano, não está submetido a um destino impessoal, portanto, não é um

³²³ LS 141.

³²⁴ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 203.

³²⁵ Ibid., p. 205.

³²⁶ LS 65.

³²⁷ GESCHÉ, A., O ser humano, p. 56.

entulho.”³²⁸ A criação precisa ser cuidada porque é dom de vida. Assim como a liberdade do ser humano é dom, dado como algo inerente à existência, que deve ser defendida e vivida na liberdade porque “fomos pronunciados, como diz Gesché, e não estabelecidos na liberdade [...], ou seja, temos uma experiência original e primordial da liberdade.”³²⁹ Nesse sentido, o autor afirma que há uma intenção criadora, a de Deus, que nos possibilita um desenvolvimento como sujeito que atua, cria e transforma. É essencial ao ser humano a consciência de sua condição criadora e ativa de presença no mundo para que possa gerar as condições de sua dignidade humana e ecológica – “a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza.”³³⁰

A criação, recebida como dom de amor e de vida, nos dá a possibilidade de viver na abertura a Deus, fundamental na construção de nossa subjetividade aberta. Nesse dinamismo acontece a experiência da liberdade e da construção de nossa identidade que, diante do outro, é convocada a existir e a iniciar o processo de humanização. Um processo integrado às dimensões existenciais vividas pelo ser humano, o que representa um caminho de amadurecimento nas relações social e pessoal. Nesse sentido, torna-se essencial que o ser humano seja estimulado a viver sua subjetividade aberta, pois só dessa forma a sua identidade será enriquecida e fecunda, possibilitando viver a experiência do encontro.³³¹ Na perspectiva da compreensão de Gesché, a liberdade é convocada a exercer seu papel diante do Outro, o Terceiro, quando, com responsabilidade, o ser humano toma o seu destino para si. Portanto, diante de Deus, é capaz de acolher ou rejeitar o dom recebido. “Na vivência a abertura ao dom de Deus, o homem e a mulher vão passando de uma existência desumana para uma vida humana.”³³² A liberdade que, diante do outro, na alteridade do face a face possibilita a construção de uma identidade e revela um comportamento responsável, comprometido com a promoção da dignidade da vida e de viver em comunhão com o outro e todos os seres criados. Para o cristão, a criação de Deus significa “mais do que dizer natureza, tem a ver com um projeto do amor de Deus, em que cada criatura tem

³²⁸ Ibid., p. 57.

³²⁹ GESCHÉ, A., O ser humano, p. 59.

³³⁰ LS 155.

³³¹ RUBIO, A. G., Nova Evangelização e maturidade afetiva, p. 41.

³³² Ibid., p. 15.

um valor e um significado.”³³³ Por isso, a liberdade e a alteridade precisam ser sempre lembradas e fortalecidas na perspectiva do cristianismo para que não sejam reduzidas à imanência como algo extrínseco à condição do próprio ser humano. Na perspectiva judaico-cristã, o ato criador de Deus permite que o ser humano seja reconhecido como sujeito, “que nunca pode ser reduzido à categoria de objeto”³³⁴, quando a liberdade é convocada por Deus a existir, ou seja, o ser humano criado para uma realidade única, um ser de relação.

A fundamentação que desenvolvemos na proposta bíblica se deve à necessidade de ampliar os ensinamentos que as narrativas oferecem sobre a existência humana e o contexto histórico dessa realidade existencial. O Papa nos lembra dessa importância, pois dela nascem as relações fundamentais entre Deus e o ser humano.³³⁵ Da forma como as concebemos podemos reconstruir ou insistir na destruição da harmonia entre os seres vivos e a criação. A insistência de Francisco é que o ser humano retorne à condição de sua simplicidade como criatura e que não seja indiferente aos acontecimentos que destroem a terra e a vida. Que, “precisamente pela sua dignidade única e por ser dotado de inteligência única, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas.”³³⁶ Perceber-se como ser de dignidade envolve, como dito acima, uma visão integradora que, no processo de desenvolvimento e amadurecimento humano, orienta sua ação ao destino de um bem comum, um princípio – como diz Francisco, “unificador na ética social.”³³⁷ O pontificado de Francisco expressa, na luta que empenha por uma ecologia integral, a urgência de um novo modelo social que revele o novo perfil evangelizador, plasmado pelo princípio do bem comum. Uma nova condição humanizadora, pautada em novas relações econômicas e sociais, uma nova lógica em que não haja lugar para a violação da vida socioambiental. Nesse sentido, ele faz um apelo à solidariedade e à opção pelos pobres como caminho ético na realização concreta do bem comum.³³⁸

A ênfase da alteridade em Deus tem primazia no contexto porque a centralidade é pensar o sujeito eclesial, que passa pela nossa afirmação e reconhecimento na relação com o outro, consigo mesmo e com o cosmo. O que é

³³³ LS 76.

³³⁴ LS 81.

³³⁵ LS 66.

³³⁶ LS 69.

³³⁷ LS 156.

³³⁸ LS 157 e 158.

afirmado é a “dimensão teologal como parte formal de sua revelação a ele próprio”³³⁹: o ser humano. Nesse sentido teológico, a Sagrada Escritura, fonte da revelação, pode ser um caminho em que o ser humano se descubra, em que seja possível tornar-se decifrável e reconhecer-se como ser criado criador. Mais uma vez, confirmamos o Evangelho como fonte da base do pensamento teológico e pastoral do Papa Francisco. As narrativas, a exemplo do Gênesis, sobre “o pecado original e da salvação, do pecado e da graça, expressa ao mesmo tempo a grandeza [...] e a miséria do ser humano.”³⁴⁰ Isso significa, para nós, a possibilidade de o ser humano, diante da revelação de Deus, perceber e transformar suas limitações, tanto nas relações pessoais, como nas sociais, na comunidade de inserção. Somos, na Graça, restituídos à condição humana mais integrada e plena, capazes de acolher o projeto salvífico de Deus.

A teologia possui um papel fundamental na proposta de diálogo que Francisco propõe ao mundo em sua ação profética de ecoar mudanças. O cristão precisa se manter fiel à revelação do Deus encarnado para não correr o risco de desfigurar o Deus anunciado – revelador de um ser humano capaz de crescer, em graça e sabedoria, diante do Criador. É preciso garantir ao ser humano a compreensão de um “Deus que, mediante Jesus Cristo, suscita uma nova comunidade sem discriminações e que inclui a prática da justiça, sinal decisivo da vivência da salvação cristã.”³⁴¹ É no horizonte de uma teologia da práxis de Jesus que Francisco assenta a proposta de uma ecologia que inclui as dimensões humanas e sociais³⁴², que supera a grave crise que o mundo sofre com as violências contra a terra, os povos nativos e, de modo geral, as minorias que dependem do cosmo para “morar, comer, amar, viver, admirar.”³⁴³ Uma ação de defesa da terra contra os acelerados desmatamentos ocorridos no contexto atual e vividos pelo mundo global. Onde a terra é mercadoria de especulação, a teologia precisa defender o sentido dado à criação de Deus. Dessa forma, pode-se garantir à comunidade eclesial sustentação na evangelização para um novo agir ecológico, em comunhão com a natureza e a partir de Jesus, que “trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contato com matéria criada por Deus para moldar com a

³³⁹ LS 160.

³⁴⁰ GESCHÉ, A., O sentido, p. 162.

³⁴¹ RUBIO, A. G., Nova evangelização e maturidade afetiva, p. 20-21.

³⁴² LS 137.

³⁴³ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 24-25.

sua capacidade de artesão [...] mantinha uma relação concreta e amorosa com o mundo.”³⁴⁴ O Papa Francisco destaca uma unidade importante na fé cristã: a articulação entre o trabalho concreto, dádiva da natureza, e a vivência amorosa e espiritual com que Jesus se dedicava à missão de anunciar o reino de Deus.

Para além do processo libertador de sua proposta, Francisco deseja que todos possam reconhecer “como as convicções de fé oferecem aos cristãos, em parte a outros crentes, motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis.”³⁴⁵ O Papa apresenta, nas entrelinhas de sua ação e de seus discursos, o sujeito apostólico centrado em um novo estilo cristão. Elo construtor do novo humanismo – sempre no horizonte do Evangelho de Jesus Cristo, na intenção de torná-lo realidade presente e concreta, que promova relações fraternas densamente numa mística vivência solidária.³⁴⁶ É, portanto, uma fraternidade mística, que nos favorece experiências de salvação, de curas e de libertação.³⁴⁷

Para a reflexão teológica sobre o homem novo na proposta humanizadora do cristianismo, recordamos a perspectiva antropológica da revelação de Gesché. O teólogo aposta no ser humano revelado, na alteridade, pelo próprio *Deus escondido* que se anuncia quando é chamado a sair de si, “pela graça de um mais Alto, de um outro que o revela a ele próprio.”³⁴⁸ O ser humano se descobre pela ação do Outro, sendo por Ele visitado. Uma ação, como diz Gesché, revelada no amor e por amor. Diríamos, uma comunicação de mútua cumplicidade ao ponto de formar uma aliança. “Ao mesmo tempo, levado pelo outro e ocultado nele, e por isso mesmo, que se torna revelado, descoberto. É sem dúvida o grande milagre do amor.”³⁴⁹ Podemos afirmar que existe uma aliança humanizadora que expressa a grandeza da revelação de Deus ao ser humano. Entendemos então o Deus encarnado, revelado na força que Jesus provocava diante do outro, transformando vidas e admirações por anda passava. Essa é a força do amor de Deus, revelada ao ser humano. Aqui é dada a possibilidade de compreender a identidade do ser humano e de vir a ser uma identidade cristã. A compreensão de uma revelação de Deus e do ser humano, anunciada por Jesus, que os apóstolos após a ressurreição foram anunciar como mensagem de salvação. Essa realidade

³⁴⁴ LS 98, 100.

³⁴⁵ LS 64.

³⁴⁶ EG 87.

³⁴⁷ EG 92.

³⁴⁸ GESCHÉ, A., O sentido, p. 158.

³⁴⁹ Ibid., p. 159.

apresentada em Jesus, que o Papa Francisco mostra como a fonte das novas relações, em Cristo, para uma nova realidade que defende: a vida integrada na perspectiva ecológica – vida digna e plena na defesa do ambiente e dos excluídos.

3.2.2

Jesus Cristo, um modelo integrador e libertador

A realidade do amor de Deus revelado no ser humano é, em Jesus, a realidade intrínseca da ação de Deus na história, assim como a do seguimento de Jesus. Há uma fonte de descobertas no processo de construção do novo homem, já anunciado em Jesus Cristo. Um caminho para o novo humanismo que nutrirá o novo sujeito, eclesial e social.

Para o cristão, o retorno às fontes representa ater-se ao núcleo da mensagem de Jesus, que revela Deus e o ser humano. “Ele abre a passagem ao Pai”³⁵⁰ (Jo 14, 6), que concretiza no Filho o projeto de sua salvação. Jesus conduz, inicia o caminho da fé e irrompe na história a oferta salvífica, em íntima comunhão com o Pai e o Espírito Santo. Jesus não se preocupou com a sua pessoa, mas em realizar a missão de anunciar o Reino de Deus³⁵¹ numa práxis voltada à construção de relações de libertação, promovendo a inclusão e a justiça e preenchendo de sentido a vida dos excluídos. Conhecia-se, dessa forma, o rosto de Deus. O cristão tem nas Escrituras as fontes para a fidelidade a essa missão de anunciar o rosto de Deus, a misericórdia do seu amor, redescobrimo então na práxis de Jesus a revelação de Deus que, por amor, salva. Assim, é estabelecida a aliança com o ser humano que, ao acolher em Jesus o Deus de amor, é capaz de se reconhecer no dinamismo criador dessa relação. Nessa alteridade que o crente se vê, constituindo-se um seguidor, se torna, então, cúmplice do amor de Deus. Para não correr o risco de haver deturpações na mensagem do Evangelho – infidelidade à práxis de Jesus –, o cristão é convidado a revisitar a sua fé na linha de um discernimento evangélico.

A teologia e a ação pastoral do Papa sinalizam para o encontro com o Evangelho de Jesus Cristo – o lugar de interpelações por ações concretas a favor do pobre. É o lugar que alimenta a nossa pertença como comunidade eclesial, de

³⁵⁰ GESCHÉ, A., O Cristo, p. 19.

³⁵¹ Ibid., p. 21-23.

fé no Deus de Jesus Cristo, de renovação dessa aliança e cumplicidade com o amor de Deus. Deus nos oferece uma espiritualidade encarnada, viva e dinâmica.³⁵² Nesse reencontro com a centralidade da fé, o ser humano se abre “à vontade transformadora de Deus em Jesus Cristo e vai crescendo no conhecimento-experiência do Deus-Ágape.”³⁵³ Assim, se compromete com uma teologia que, ao contrário de alienar, liberta. Essa teologia encontrou na realidade do continente da América Latina as condições para se desenvolver numa práxis libertadora. Uma teologia crítica e operativa, tendo como horizonte de sua reflexão a própria realidade.³⁵⁴

Diante da realidade concreta, apresentada pelo modelo da globalização, Francisco propõe os desafios de “descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos [...], viver uma experiência de fraternidade, caravana solidária, peregrinação sagrada.”³⁵⁵ Uma profunda e ampla condição na construção de um novo perfil evangelizador, uma espiritualidade mística encarnada, plasmada nas relações humanas, sociais e ambientais, que tem sua primeira fonte na práxis de Jesus Cristo. A convocação que o Papa faz pela fraternidade mística e solidária, sugere sinais concretos de uma nova condição de vida humana: ele sugere uma nova rede humanizadora, em que todos possam experimentar o que é ser amado e amar da forma como Deus nos ama. Além disso, sugere uma transformação missionária, como está declarado na *Evangelii Gaudium*. Francisco mostra a todos o grande amor que tem para oferecer ao mundo, sobretudo aos pobres, a quem atribui um lugar de destaque como protagonista de uma mudança histórica.

Nessa perspectiva, o Papa tem no Novo Testamento a fertilidade do terreno que reúne, na “definitiva revelação de Deus, a criação, a revelação e a salvação”³⁵⁶, o caminho para viver o projeto de Deus, evangelizador e humano. Dá-se, aqui, a dimensão integradora e libertadora do projeto salvífico de Deus, na perspectiva de uma ecologia integrada. Nessa compreensão, o Deus criador, na revelação definitiva da encarnação do Filho, Jesus Cristo que, após a morte e a ressurreição, foi apresentado como mediador da criação e da salvação – uma

³⁵² EG 88.

³⁵³ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 207.

³⁵⁴ SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 54-55.

³⁵⁵ EG 87.

³⁵⁶ DE LA PEÑA, J. R., *Teologia da criação*, p. 53.

relação de “mútua integração-inclusão”.³⁵⁷ O Evangelho apresenta, na teologia da criação, uma superação na visão dicotômica da história salvífica de Deus entre a criação e a salvação, como destaca Francisco na Encíclica *Laudato Si*, “que o Novo Testamento não nos fala só de Jesus terreno, no-Lo mostra também como ressuscitado e glorioso, presente em toda a criação com o seu domínio universal.”³⁵⁸

Gesché traz uma contribuição à teologia do cosmo, que nos põe no movimento de comunhão com o “Deus que criou essa terra como lugar do homem.”³⁵⁹ O ser humano precisa retomar sua raiz no processo de salvação, ou seja, não se permitir alienar-se de sua casa e reconhecer a criação como a casa que habita.³⁶⁰ Somos criados, de forma singular, na liberdade e com criatividade para o dom da vida, mas dela nos distanciamos, nos fechamos e nos recusamos a ocupar o lugar que nos foi dado: cuidar da criação. E “essa irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela os colocou.”³⁶¹ Hoje, sentimos o peso desse abuso, tanto nas relações com a natureza, como nas relações sociais, quando não respeitamos ambientes de convivência, interferindo na harmonia e no equilíbrio, inclusive, do nosso corpo, nosso modo de ser e de agir. Como diz o Papa, o cotidiano é afetado, desintegrado do contexto histórico.³⁶²

No horizonte de uma visão integrada, semeada pelo Evangelho de Jesus Cristo, revelador “de uma plena harmonia com a criação”³⁶³, o Papa expressa a abertura à ação do Espírito Santo, a motivação que o cristão deve encontrar para suscitar em sua prática um novo modelo missionário.³⁶⁴ Abordaremos mais adiante a força do Espírito mobilizador da evangelização, mas por agora nos deteremos um pouco mais a consolidar o dom da criação na vida. Toda criação é obra do amor de Deus; portanto, cada ser criado tem o seu lugar e é por Ele cuidado, como narrado na Sagrada Escritura: “tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizestes; pois se odiasses alguma coisa, não as terias criado”

³⁵⁷ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 182.

³⁵⁸ LS 100.

³⁵⁹ GESCHÉ, A., *O cosmo*, p. 38.

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 38.

³⁶¹ LS 2.

³⁶² LS 147.

³⁶³ LS 98.

³⁶⁴ EG 259.

(Sb 11, 24).³⁶⁵ O reconhecimento e o agradecimento pelo dom recebido nos possibilitaria inaugurar um novo paradigma: o do cuidado com todos os seres criados. “Um mundo frágil, com um ser humano a quem Deus confia o seu cuidado, interpela a nossa inteligência”³⁶⁶, possibilitando a esse ser humano renascer a partir do reencontro com a natureza. Um processo na formação do novo perfil evangelizador. Vamos avançar um pouco mais na concepção de Deus criador, a fim de ampliar o horizonte que Francisco propõe, de uma ecologia integrada ao novo agir missionário que se desenha em sua proposta.

No desenvolvimento dessa percepção recorreremos, mais uma vez, a Gesché, que trata da criação na relação da liberdade e da alteridade com o mundo criado. Por isso afirma que o criador é afetado pelo mundo, porque a criação tem um sentido que dá a intencionalidade do fazer, o que sugere ação do sujeito. Deus age criando e cria seres capazes de ação, de serem sujeitos. Gesché avança na reflexão sobre a criação e afirma que “a criação é um ato livre de Deus, mas não o que o constitui, e o fato de ser criador o qualifica, porém não o expressa de modo algum.”³⁶⁷ Para a compreensão do tema que desenvolvemos é importante reter que Deus, em si, não pode ser afetado. Mas, porque somos por Ele criados, na condição de pecadores afetamos esse amor, recebido como dom, afetamos esse amor do Pai que nos deu a vida. Caso contrário, seríamos indiferentes para Deus, nosso Pai.³⁶⁸ É justamente nesse alcance que Gesché aborda a gratuidade do amor de Deus, a demonstração de que ser afetado expressa uma relação dupla, não apenas a posição de um, mas “uma ‘contra-posição’ de si: Deus aceita ser afetado porque ele criou [...]. Doar e receber seria a força da gratuidade.”³⁶⁹ Como seres criados, criadores, livres, sujeitos, somos capazes de doar porque recebemos o dom da gratuidade do seu amor. A partir do fundamento da lógica do dar e do receber, Gesché trata de forma dialética, compondo-os como a força motora da gratuidade³⁷⁰, longe de representar a lógica da necessidade e do merecimento, tão exploradas pela sociedade do consumo.

A partir da abordagem do Cosmo que nos fala da gratuidade de Deus e, por isso, de um Deus afetado pela rejeição, pelo mal feito à criação, Gesché

³⁶⁵ LS 77.

³⁶⁶ LS 78.

³⁶⁷ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 33.

³⁶⁸ Ibid., p. 33-34.

³⁶⁹ Ibid., p. 34-35.

³⁷⁰ Ibid., p. 35.

afirma que o cosmo é o lugar em que o homem deve se situar, “ele não está no deserto, mas está em seu *oikos* em sua casa.”³⁷¹ É o lugar que o faz existir, como ser de alteridade. Sem essa compreensão o ser humano perde o seu destino. Na perspectiva cristã, a perda da destinação compromete a dimensão da comunhão, como diz Gesché, “não se comunga a não ser por uma mediação.”³⁷² É preciso, então, resgatar, reconduzir o ser humano à sua casa, à condição de gratuidade e fidelidade, devolvê-lo à genuína condição de sua natureza. Dessa maneira, a relação com Deus poderá ser reconstruída e o ser humano reencontrar o sentido de sua destinação na criação, possibilitando um novo modo de percepção em relação a ecologia, devolvendo-lhe condições de viver uma nova humanização. Como expressa o Papa Francisco, chegar à “consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos”.³⁷³

Aqui podemos delimitar o paradigma do cuidado como um caminho imprescindível para reinaugurar a nossa humanização, pois possibilitaria repensar, como nos pede Francisco, a ação e o lugar do ser humano no atual paradigma tecnocrático.³⁷⁴ Da condição do cuidado, como caminho de reencontro com a criação, retomamos a práxis de Jesus como centralidade na proposta do pontificado de Francisco, sustentado por uma experiência única com o ressuscitado, abrindo-se ao Espírito Santo que “é a alma da Igreja evangelizadora.”³⁷⁵ Impelidos pelo Espírito voltamo-nos ao amor que nos fez viver a experiência da salvação, Jesus Cristo.³⁷⁶

A apresentação e defesa que o Papa faz por uma ecologia integral tem sua culminância na centralidade do Evangelho, que nos mostra os caminhos na construção do novo perfil do sujeito apostólico. O novo sujeito pedirá uma nova chave eclesial da missão apostólica, como descrevemos no capítulo. Teremos a oportunidade de alcançar essa culminância quando tratarmos do Documento Pós-Sinodal da Amazônia, que apontará elementos eclesiais e humanos frutíferos a uma ecologia integral. Por enquanto, seguimos delineando alguns caminhos, já presentes na práxis de Jesus Cristo.

³⁷¹ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 37.

³⁷² Ibid., p. 37.

³⁷³ LS 202.

³⁷⁴ LS 101.

³⁷⁵ EG 261.

³⁷⁶ EG 264.

3.2.3 Caminhos para uma ecologia integrada

Os elementos apresentados anteriormente apontam a centralidade da proposta do pontificado de Francisco – a visão e a realização de uma integrada concepção do cosmo como a grande casa comum para uma nova forma de vida cristã, do agir missionário. É uma realidade que tem sua fonte na práxis de Jesus Cristo e que, após a ressurreição, o considera o novo homem (1 Cor 15, 46-47), a nova criação, a quem os seguidores são convidados a seguir, em contraposição ao modelo do antigo homem – Adão – que, fechado ao amor de Deus, desintegrou-se da natureza.³⁷⁷ Segundo São Paulo, “tornamo-nos filhos de Deus, mediante a ação do Espírito Santo”³⁷⁸ (Rm 8, 1-27), nos conformando à imagem de Jesus Cristo. O mesmo Espírito dinamizador da vida de Jesus nos concede o dom da filiação divina – aquele recebido pelos apóstolos. Ademais, somos enviados ao mundo, assim como os apóstolos foram por Jesus. Introduce-se aqui o Espírito vivificante: “Ele é a fonte de vida nova, de uma vida caracterizada pela abertura com toda radicalidade à comunhão com Deus, com os seres humanos e com o mundo todo criado”³⁷⁹ (1 Cor 15, 45) – a condição de toda superação do reducionismo, do fechamento em si mesmo para uma experiência mística, de espiritualidade a todo o mundo criado.³⁸⁰

Depois do retorno a Deus, à criação e à nova humanidade, possibilitados pelo caminho de Jesus e impelidos pelo Espírito Santo, somos conduzidos a uma espiritualidade de comunhão mediada pela experiência pessoal e social. Uma espiritualidade “evangelizadora que reza e trabalha”,³⁸¹ encarnada e transformadora. O Papa Francisco confia a nós o Evangelho para viver a nova condição evangelizadora que o mundo exige, convidando-nos a viver com a força que o Ressuscitado provocou nos discípulos para anunciar a boa notícia de uma nova vida, inaugurada em Jesus Cristo. Com a mesma força, a do Espírito Santo, somos chamados a anunciar a vida, a estarmos abertos à atuação do mistério do Ressuscitado e do seu espírito.³⁸² Francisco se deixa tomar e pede que o deixemos

³⁷⁷ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 200-201.

³⁷⁸ *Ibid.*, p. 204.

³⁷⁹ *Ibid.*, p. 201.

³⁸⁰ *Ibid.*, p. 202.

³⁸¹ EG 262.

³⁸² EG 275 e 276.

tomar também, pela certeza do que a ação do mistério de Deus – a ação do Espírito Santo – provoca na vida e no mundo daquele que assume Jesus como paradigma do novo homem.³⁸³ É um caminho que integra toda a dimensão existencial, porque é Nele que descobrimos o “prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas.”³⁸⁴ Nele podemos ver o olhar, o gesto, a disponibilidade e a força com que doava o tempo de sua vida a servir, sempre a caminho de um novo encontro. Francisco tem em Jesus Cristo “o modelo desta opção evangelizadora” como chave missionária ao novo sujeito evangelizador.³⁸⁵ Em todo o seu pontificado, ele consegue expressar a força da oração e da contemplação da vida de Jesus, que fala às nossas vidas e nos impele a viver “a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo.”³⁸⁶

Esse caminho anunciado no Evangelho e lembrado pelo Papa Francisco nos coloca diante do rosto do outro, do pobre, dinamizado pela ação do Espírito Santo, animado pela oração, que coloca o sujeito diante da sua vida de missão. É a fonte que recorremos para a organização dos elementos que iremos apontar no processo de formação do novo sujeito eclesial e social. O Papa ressalta, na verdade, que a fonte que sustenta o seu pontificado “não é a opinião de um Papa, nem uma opção pastoral entre várias possíveis; são indicações da Palavra de Deus.”³⁸⁷ Por isso, a responsabilidade do Papa em mostrar Jesus na centralidade de sua proposta renovadora. Ele, que nos revela o rosto misericordioso do Pai³⁸⁸, deve ser o critério de discernimento em tempos de crise. Diante do crucificado, podemos conhecer a radicalidade do amor de Deus, na obediência ao projeto de um Reino de justiça e paz: “fascinados por esse modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhar a vida com todos [...] como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade.”³⁸⁹ Um modelo de amor e de misericórdia, “palpável em toda a vida de Jesus.”³⁹⁰ Pela misericórdia, diz Francisco, “revela o mistério da Santíssima Trindade; é o ato último pelo qual Deus vem ao nosso encontro.”³⁹¹ O Papa Francisco sinaliza os critérios presentes

³⁸³ EG 280.

³⁸⁴ EG 268.

³⁸⁵ EG 269.

³⁸⁶ EG 270.

³⁸⁷ EG 271.

³⁸⁸ MV 1.

³⁸⁹ EG 269.

³⁹⁰ MV. 8.

³⁹¹ MV 2.

na fonte do Evangelho de Jesus Cristo para a renovação que propõe ao novo perfil missionário. Uma proposta arraigada no mistério da Santíssima Trindade, no amor misericordioso do Pai, que se tornou conhecido no Filho, como na narrativa de João³⁹²: “Quem o vê, vê o Pai” (Jo14, 9).

Jesus age para que a relação que Deus tem com todas as criaturas possa ser reconhecida, e como cada uma tem a sua importância na harmonia do mundo criado, assim como ensinava a contemplar e agradecer a “beleza semeada por seu Pai.”³⁹³ Francisco reforça que o Ressuscitado fez história e habitou entre nós (Jo 1, 14), consumou a sua vida na morte de cruz e foi “n’Ele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas”³⁹⁴, para que seja revelado junto ao seguimento de Jesus, a consciência por uma ecologia integrada às dimensões da vida criada.

A perspectiva integrada da vida, tratada por Francisco na ecologia, apresenta os elementos que já se encontram manifestados na proposta da teologia e da pastoral do seu pontificado: a preocupação com uma Igreja dos pobres e para os pobres; a defesa da dignidade do pobre; os desafios apresentados diante de uma economia que mata e que exclui, que bane pessoas; povos de seus lugares de origem etc. são os sinais que permeiam a concepção integrada da ecologia apresentada por Francisco. A proposta do modelo apresentado só tem sentido para uma nova chave missionária e para a ação de um novo sujeito eclesial e social se as questões de ordem ecológica estiverem integradas e relacionadas à pessoa humana e à sociedade em que vive. No processo dessa construção, alguns caminhos são paradigmáticos para ele. Como dito anteriormente, para o Papa, o cuidado é um pressuposto na defesa da casa comum, que possibilita o reencontro do ser humano em suas relações fundamentais com o outro, a natureza e Deus. O cuidado deve incluir, necessariamente, na perspectiva integrada, “as dimensões humanas e sociais”³⁹⁵, tornando-se imperativo à ecologia integral para a sobrevivência da vida e do cosmo, para a perspectiva de um novo sujeito eclesial e social, apostólico.

Quando abordamos, apoiados por Gesché, a respeito da liberdade e alteridade como condições inerentes à criação – ao dom que recebemos e que nos

³⁹² MV 1.

³⁹³ LS 96-97.

³⁹⁴ LS 100.

³⁹⁵ LS 137.

õem no dinamismo da saída e do encontro com o outro –, compreendemos a defesa feita pelo Papa da importância de uma ecologia humana integrada que contemple as mudanças necessárias a uma sociedade mais justa e humanizada. O corpo, na perspectiva da ecologia humana, faz mediação com o cosmo, podendo ou não contribuir na aceitação da criação como dom. A forma como o concebemos – criativo, comunicativo ou aprisionado pelo consumo utilitarista – conduzirá a um modelo motivador ou destruidor à vida de uma ecologia integrada. Reconhecemos, dessa forma, que um dos caminhos, na perspectiva do pontificado de Francisco, é reinaugurar o paradigma do cuidado, assim expresso com clareza: “aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana.”³⁹⁶ Estendemos a essa preocupação a centralidade que ele dá aos pobres, excluídos pela sociedade global do acesso ao bem comum, a todos os direitos básicos, “fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral.”³⁹⁷ No bojo da preocupação com a dignidade da condição humana integrada à ecologia, Francisco destaca as questões sociais, culturais e econômicas como desafios que desencadeiam, no cotidiano da vida pessoal e social, consequências tanto ambientais como humanas ou, como afirma, a grave consequência de “uma complexa crise socioambiental.”³⁹⁸

O Papa Francisco aponta, no cerne do seu projeto pastoral e teológico – para além do cuidado –, outros caminhos que se interligam e fundamentam as propostas de ação em seu pontificado: o diálogo, a educação e a espiritualidade. Basicamente, ele também desenvolve as orientações na Encíclica *Laudato Si* e na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, quando anuncia o Evangelho como referência a mudanças eclesiais e sociais. Em ambos os Documentos do Magistério o Papa apresenta o caminho na formação do novo sujeito apostólico; um processo longo, mas frutífero, dependendo do que somos capazes de deixarmos alcançar pela graça do Espírito Santo. Somos “como a pequena semente que pode chegar a transformar-se em uma grande árvore (Mt 13, 31). [...] Não fiquemos à margem desta marcha da esperança viva.”³⁹⁹

³⁹⁶ LS 155.

³⁹⁷ LS 157.

³⁹⁸ LS 139.

³⁹⁹ EG 278.

O maior dos desafios tratados no pontificado de Francisco é a ausência da consciência sobre a necessidade da mudança, ausência “de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos”⁴⁰⁰ – a superação da consciência isolada. É uma mudança que exige conversão de todos os sentidos, em que hábitos e atitudes são construtores de uma nova forma de ser e de agir; “um grande desafio cultural, espiritual e educativo”.⁴⁰¹ Trata-se, então, de todo um percurso de formação e de relações construídas em modelos apresentados pelas diferentes sociedades que gestaram a história atual. O Papa Francisco já insere essa mudança cultural em suas ações e discursos, assim como nos Documentos Pontifícios, quando é bastante claro e direto na defesa dos movimentos sociais, das lutas pelos direitos à vida em todo o seu alcance, pela terra, pelo trabalho, pela moradia, contra a exploração e exclusão das minorias, pelos povos nativos; com destaque pela defesa da Amazônia, que culminou na Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Com essa força na luta pela afirmação e pelo protagonismo dos pobres, excluídos, sem-terra, sem-trabalho, e sem-teto, ele indica ao mundo a urgência da mudança no processo da história: “Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes, com convicções claras e tenazes.”⁴⁰²

É nessa perspectiva da necessidade de mudança que o Papa manifesta sua maior preocupação, tanto com os que impedem o processo de formação de um povo como com os que, indiferentes às mudanças, desprezam o processo, fechando-se nas comodidades de suas vidas.⁴⁰³ Uma situação que atinge o ser humano, mas também a própria instituição eclesial. Apropriar-se do Evangelho é condição nesse processo de mudança, porque oferece a abertura ao outro, a assimilação de valores e o sentido que a vida pode tomar diante do amor da revelação de Deus. É uma condição que a comunidade de fé não pode prescindir em sua missão, pois ela é mediação no anúncio da paz e da justiça do Reino anunciado na história por Jesus Cristo. A Igreja deve promover o diálogo e fomentar a defesa do povo, o “sujeito histórico desse processo”⁴⁰⁴, pois ela está no

⁴⁰⁰ LS 202.

⁴⁰¹ LS 202.

⁴⁰² EG 223.

⁴⁰³ EG 224.

⁴⁰⁴ EG 239.

mundo, mas não é do mundo. Assim, Deus fez a mediação na salvação da criação (Jo 17). Pensar numa chave missionária renovada é chegar neste difícil desafio: a formação do sujeito que pretende ser o perfil do novo evangelizador. O cuidado, a educação e a espiritualidade são temas especiais na inauguração do processo renovador. Eles estão intimamente interligados e se alimentam um do outro para a concretização de uma ecologia integrada.

O Papa Francisco permeia todo o projeto de sua atuação na evangelização com a ação missionária, que exige a presença do sujeito e de sua relação eclesial. É fundamental, primeiramente, “um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho [...]. Devemos encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação vivida”.⁴⁰⁵ Então, o sujeito indivíduo e o sujeito coletivo se alimentam numa mútua ajuda de superações, com o objetivo de anunciar o amor que salva, assim como a cada um dos que evangelizam são salvos. A relação deve ser de fecundo crescimento⁴⁰⁶ para, assim, fortalecer um processo de mudanças de atitudes e horizontes. O diálogo, no processo de formação, que acontece na relação evangelizadora, é inerente à dinâmica do processo. Da mesma forma ocorre com a espiritualidade, alimentada pelo Evangelho e pela práxis de Jesus. Francisco, como grande profeta, testemunha no seu pontificado o diálogo para além dos muros da Igreja, um registro do seu pontificado, a Igreja em diálogo com o mundo. Ele promove o diálogo com as autoridades responsáveis, o governo, a sociedade, a ciência, a academia, no interior da instituição católica e com outras confissões religiosas – testemunho da paz e do diálogo, sempre no horizonte da promoção do ser humano como critério para unificar o bem comum.⁴⁰⁷ Dessa forma, confia em poder chegar na exigência do maior desafio que a sociedade enfrenta: a luta por uma ecologia integrada, que “considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais.”⁴⁰⁸ Há que se lutar por uma lógica que integre o dado econômico aos cuidados com o ambiente, com os mais pobres e é, nesse sentido, que o Papa Francisco aponta na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, “Querida Amazônia”, a defesa pela lógica do “bem viver.”⁴⁰⁹ Mas reconhecemos que todo o

⁴⁰⁵ EG 121.

⁴⁰⁶ EG 121.

⁴⁰⁷ EG 238-257.

⁴⁰⁸ LS 139.

⁴⁰⁹ QA 8.

seu pontificado expressa a mesma lógica – a do *bem viver* –, ao rejeitar a lógica de uma economia que mata e exclui.

O bem viver representa a busca por mudanças no âmbito da produção econômica e do consumo, modelo que exige uma nova forma de pensar a economia, que possa contribuir no processo de integração entre as relações humanas e a criação. O modelo do bem viver marca uma perspectiva que nasce dos questionamentos da grande desigualdade econômica e social – um movimento histórico de lutas e resistências presentes entre os indígenas equatorianos e bolivianos, resultado de mobilizações e transformações.⁴¹⁰ “O bem-viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza.”⁴¹¹ Um modelo pautado nos princípios da

solidariedade, sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade (todos os seres vivos são necessários ao planeta), a suficiência (também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia.⁴¹²

Reconhecemos na preocupação do Papa Francisco a ênfase nos caminhos da solidariedade, da educação, de uma espiritualidade que brote da compreensão da criação como dom da vida, para que possamos alcançar a mudança no paradigma de uma ecologia integrada, que ofereça novos estilos de vida, novas atitudes; enfim, uma conversão ecológica.⁴¹³

A espiritualidade se apresenta para o Papa como indissociável à busca pela ecologia integral. As orações são o fermento do trabalho e da missão, caminho de abertura a Deus e de defesa do ser humano contra o que pode impedir a ação da mudança. Por isso, “é preciso cultivar um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade.”⁴¹⁴ Ele defende as orações de intercessão como força missionária, presentes entre os apóstolos de Jesus⁴¹⁵, e o discernimento evangélico como critério do olhar do discípulo missionário.⁴¹⁶ Afinal, o discernimento tem na comunidade de fé a sua pertença eclesial. O discernimento, à luz do Evangelho, ajuda a não correr os riscos da comodidade, do desânimo e da rigidez; principalmente, do medo e da descrença, “impedindo, assim, que atue o sopro do

⁴¹⁰ ACOSTA, A., O Bem Viver, p. 23.

⁴¹¹ Ibid., p. 24.

⁴¹² Ibid., p. 164-165.

⁴¹³ LS 202-221.

⁴¹⁴ EG 262.

⁴¹⁵ EG 281-283.

⁴¹⁶ EG 50.

Espírito Santo.”⁴¹⁷ O discernimento, critério para a espiritualidade dos jesuítas, é ressaltado por Francisco como essencial: “um instrumento de luta, para seguir melhor o senhor.”⁴¹⁸ A espiritualidade, alimentada pela oração, dá a consistência para fazer acontecer sinais de vida pessoal e comunitária.⁴¹⁹

A solidariedade e a responsabilidade com o outro podem nascer também da vida orante no Espírito, quando a comunidade reza junto, vive e resolve os conflitos inerentes à própria vida comunitária de maneira unida. Enxergar o outro, colocando-se no movimento de uma ação solidária, ajuda na transposição de uma mentalidade individualista, aut centrada, mas o fundamental é que haja o deslocamento, a conversão para a nova existência que abarque o modelo de uma ecologia integral, que possa gerar “uma consciência universal [...]. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e [tornar] possível uma mudança relevante na sociedade.”⁴²⁰

3.3

Salvação, o amor de Deus que nos surpreende: novas relações em Cristo

Este trabalho foi desenvolvido na afirmação do ser humano como ser criado-criador, sob uma perspectiva cristã, integrada e integradora. Vimos que ao ser humano é dada a condição de perceber-se como ser criado, descobrindo ser capaz de indagações “sobre seu destino, sobre uma salvação.”⁴²¹ Apresentamos a existência histórica como base para o processo de construção da identidade do ser humano que desenvolve, na alteridade, a liberdade para agir com a responsabilidade que lhe é formada diante da consciência de ser sujeito. Formado e constituído na relação com o outro. A alteridade “está no centro da identidade, da sua construção da identidade, porque esta não se acha totalmente dada, mas está para ser feita.”⁴²² É fundamental, portanto, que o ser humano integre de maneira dinâmica as dimensões de sua existência, “indispensável para o amadurecimento da personalidade humana. É na relação que o ser humano

⁴¹⁷ LS 168.

⁴¹⁸ LS 169.

⁴¹⁹ EG 261.

⁴²⁰ LS 207-208.

⁴²¹ GESCHÉ, A., O sentido, p. 158.

⁴²² Ibid., p. 45.

descobre e aprofunda a própria identidade.”⁴²³ Revisitar a condição histórica e constitutiva da formação humana é imprescindível ao contexto vivido na revelação salvífica de Deus.

A centralidade do diálogo é apoiada na construção de uma subjetividade aberta, destinada a um horizonte transcendental, em que é revelado o “aspecto mais fundamental da pessoa [...]. [Aqui] Deus estabelece uma relação dialógica com o ser humano.”⁴²⁴ Uma relação que demarca a aceitação do convite de Deus ou, claro, a rejeição. Mas é no processo de abertura que o ser humano redescobre a condição plena de sua humanização, sua identidade e dignidade são constituídas no exercício dessa descoberta. Assim, torna-se responsável diante de um mundo que se abre nas relações de sua convivência, e se vê, dessa forma, integrado ao próprio contexto social e pessoal. O diálogo é constituído como lugar de formação, dentro e fora do espaço eclesial, “uma relação de diferentes identidades, entre a Igreja e o mundo, é um processo a ser construído que exige diálogo.”⁴²⁵ A transformação de uma chave missionária, defendida pelo Papa Francisco, é um chamado a todo cristão, a “saber como projetar em uma cultura o diálogo como forma de encontro.”⁴²⁶ Por isso, o processo da evangelização acontece na inculturação, que exige a prática do amor, e não da imposição de verdades.⁴²⁷ Como caminho, o diálogo ocupa uma das condições essenciais apontadas por Francisco como suporte à evangelização. É no lugar do encontro que privilegiamos o diálogo como a possibilidade da ação salvífica de Deus. O Papa expressa a manifestação da alegria da salvação pelo encontro que a Sagrada Escritura nos proporciona, “na alegria vivida no meio das pequenas coisas da vida cotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai” (Sr 14, 11.14).⁴²⁸

A ação reveladora de Deus, na criação e na vida de Jesus, mostra a Sagrada Escritura como fonte da ação salvadora de Deus.⁴²⁹ Na criação – fonte da nossa alteridade, fundada no diálogo de Deus com o ser humano –, reconhecemos uma intrínseca e dialética relação que une Deus à sua criação em um processo de salvação, culminando na encarnação do Filho, radical gratuidade do amor de Deus

⁴²³ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 316.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 311.

⁴²⁵ PASSOS, D. J., *A Igreja em saída e a casa comum*, p. 91.

⁴²⁶ EG 239.

⁴²⁷ PASSOS, D. J., *Ibid.*, p. 92.

⁴²⁸ EG 4.

⁴²⁹ GUTIÉRREZ, G., *Teologia da libertação*, p. 130-133.

que nos integra a uma ecologia humana. “O Deus salvador se faz homem em Jesus de Nazaré. Jesus de Nazaré é esse mesmo Deus feito homem, expressão maravilhosa do amor salvífico de Deus.”⁴³⁰ O convite a esse amor se concretiza no dinamismo da própria história do ser humano, no encontro com Jesus Cristo. No Evangelho de São João, encontramos a narrativa que afirma a vida em abundância que Jesus oferece a todos, numa confiante proposta de salvação – um convite a essa realidade salvífica plena de sentido.⁴³¹

Ainda no interior dessa reflexão, destacamos que o existencial humano – impulsionado e dinamizado pelo amor de Deus, a ação do Espírito Santo – é sempre situada, ou seja, tomada por condicionamentos históricos e culturais próprios do contexto no qual o ser humano se encontra inserido. Dessa forma, então, o ser humano, no processo de sua formação e atuação, constrói a consciência do seu agir, de ser sujeito de sua história. Portanto, ele não pode prescindir “nos caminhos da liberdade e da libertação de levar em consideração os meios concretos, reais e históricos.”⁴³² Dessa maneira, são dadas ao ser humano as condições de contribuir no processo de sua salvação, de criar uma nova lógica na história do seu tempo que inclua toda a família humana no processo de renovação do diálogo pela sobrevivência integral do planeta.⁴³³ Um convite inaugurado por Deus, na encarnação, como uma oferta concreta à nossa salvação. Jesus Cristo, referência que “pode romper esquemas enfadonhos e surpreender-nos com sua constante criatividade divina”⁴³⁴, é fonte essencial ao processo que o Papa defende como saída para uma nova chave missionária e eclesial, para a construção de um novo sujeito apostólico.

3.3.1 A salvação que liberta

“Seu amor para com o oprimido se manifesta estando com eles, dando-lhes aquilo que pode devolver sua dignidade, que os possa humanizar”⁴³⁵ – um conteúdo preenchido de sentido teológico e de grandes proporções em suas

⁴³⁰ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 182.

⁴³¹ GESCHÉ, A., *O sentido*, p. 56-75. O autor defende a identidade cristã diante da defesa da *alteridade da teologia*, que possibilita “o segundo nascimento”.

⁴³² *Ibid.*, p. 92.

⁴³³ LS 13-14.

⁴³⁴ EG 11.

⁴³⁵ SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 224.

consequências evangelizadoras. Medindo pelos apelos que o Papa Francisco emite ao mundo, pode-se afirmar que nenhum cristão pode se omitir da responsabilidade da própria vida. Francisco convoca o cristão a renovar-se junto à Igreja, num processo de constante conversão e movimento missionário.⁴³⁶ É preciso anunciar, como faz o Papa Francisco, o exato lugar do amor de Deus, ao lado de “tantos irmãos que vivem sem a força, [sem] a luz [...], sem um horizonte de sentido e de vida”.⁴³⁷ Anunciar o Reino de Deus é comprometer-se com a esperança de um novo horizonte de vida em alcançar o amor definitivo na ressurreição de Cristo, razão da fé cristã. E “o lugar de onde essa esperança surge é uma práxis determinada: o seguimento de Jesus histórico.”⁴³⁸ Esse Jesus da história que conhecemos, anunciado pelos primeiros seguidores, movidos pelo Espírito, sobre o que ouviram e viram da experiência vivida em comunhão e intimidade com Ele. “No movimento que Jesus despertou no primeiro século da era cristã”⁴³⁹, é possível conhecer a história Dele e a salvação afirmada e divulgada pelas primeiras comunidades cristãs como história de libertação, dor e sofrimento. Um processo de integração das dimensões humanas de cada pessoa e de inclusão à sociedade da época, inaugurada num tempo vivido entre a história e a esperança da salvação definitiva.

O tema da salvação pressupõe uma concepção específica do termo, pois sabemos o quanto ele é carregado de conotação moralista e dualista na compreensão do senso comum. Um tema pautado no pecado e em relação ao fiel que a Igreja, como mediadora, teve a função de resguardar a salvação, que se destinou para a esfera pós-morte, fora da história.⁴⁴⁰ O tema é merecedor de uma larga compreensão histórica, pois a salvação, afinal, é uma noção cara ao cristianismo, que nasce e se desenvolve inserido em diferentes contextos culturais. Na teologia pós-concílio, o tema da salvação se desloca da apologética, “com a possibilidade de salvação e condenação, o que implicava a desvalorização da história [...] e, pela época do Concílio, a teologia retoma a ressurreição de Jesus como realidade central.”⁴⁴¹

⁴³⁶ EG 27-33.

⁴³⁷ EG 49.

⁴³⁸ SOBRINO, J., *Ibid.*, p. 31.

⁴³⁹ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus*, p. 38.

⁴⁴⁰ GUTÉRREZ, G., *Teologia da libertação*, p. 126-128.

⁴⁴¹ SOBRINO, J., *A fé em Jesus Cristo*, p. 23.

Não temos a pretensão desse desenvolvimento temático sobre a salvação, mas apenas de abordá-lo na compreensão da relação com a história, ou seja, com o processo de libertação presente na práxis de Jesus Cristo. Uma revisão histórica que nasce com a preocupação da teologia ao dialogar com o mundo contemporâneo. Um diálogo fiel e coerente que possa dar os frutos necessários à evangelização do mundo contemporâneo. Na perspectiva dessa intenção concreta, o Papa Francisco alerta para os perigos que a Igreja, fechada nela mesma, sacralize a cultura, o que gera “mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador.”⁴⁴² As histórias expressam diferentes concepções culturais e, por isso, nenhuma delas esgota o mistério salvífico de Deus, da ressurreição de Jesus Cristo.⁴⁴³ A teologia, nesse sentido, teve urgência e necessidade em dialogar com a realidade do mundo; necessidade cada vez maior da compreensão dinâmica que a história impõe numa realidade global.

As peripécias da evolução, permitiram-nos, pois, recuperar definitivamente um elemento essencial da noção de salvação obstruída por muito tempo em um assunto de menores ou maiores possibilidades de alcançá-la: a salvação é também uma realidade intra-histórica.⁴⁴⁴

Mostramos, portanto, o eixo que norteia nossas reflexões antropológicas e teológicas: o ser humano integrado, contextualizado e dinamizado pelo amor de Deus no processo de sua formação como sujeito. Também há a específica relação que o ser humano e a comunidade do seu entorno estabelecem nas ações concretas com o projeto de Deus; uma relação de salvação ou de condenação, em processo de libertação ou escravidão. Nessa perspectiva, a cada passo ampliaremos o horizonte da libertação para o qual fomos criados em Deus e por Deus, na liberdade e para a nossa liberdade. É preciso reforçar, inclusive, o diálogo como um caminho pedagógico nos enfrentamentos e nas superações dos obstáculos à autêntica evangelização. Esse foi o caminho escolhido por Deus e concretizado por Jesus Cristo, e um dos caminhos que o Papa definiu para o seu pontificado diante das mudanças que propõe, “finalmente, convencido – como estou – de que toda mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo.”⁴⁴⁵

É a partir da fé cristã que a “ação criadora de Deus deve ser entendida no contexto e a serviço da fé no Deus salvador, no Deus que se revelou como

⁴⁴² EG 117.

⁴⁴³ EG 118.

⁴⁴⁴ GUTIÉRREZ, G., Teologia da libertação, p. 129.

⁴⁴⁵ LS 15.

libertador no acontecimento do Êxodo e de todo Israel.”⁴⁴⁶ Essa intrínseca relação, entre o ato da criação e a ação de Deus na libertação do seu povo no Egito, norteia toda a Sagrada Escritura, que se mostra como projeto de salvação de Deus e culmina em definitivo na vida, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, o Filho do Senhor.⁴⁴⁷ “Aliança e libertação do Egito são apenas aspectos de um mesmo movimento, de um movimento que leva ao encontro com Deus.”⁴⁴⁸

Os Evangelhos narram a ação salvadora de Jesus entre os homens e as mulheres, libertando-os e possibilitando novos caminhos para uma vida mais plena. Um encontro dentro da história das relações humanas que, diante de Jesus, o ser humano vislumbra a salvação existencial, uma alteridade que salva⁴⁴⁹ e liberta. O teólogo Gesché trata dessa perspectiva com acuidade, mostrando a real contribuição na vida do ser humano, do encontro com o Deus que salva, quando reconhecemos o processo da salvação como movimento dinamizador de buscas que ultrapassam o cotidiano de nossas tarefas: “Eu ousaria dizer que trata de verdadeiros existenciais de nosso ser. Não se poderia arrancá-los sem mais nem menos de nosso ser, apesar das dificuldades de percepção que temos deles.”⁴⁵⁰ Não podemos ignorar a salvação como não destinada a algo maior, senão seríamos incapazes de entender a encarnação do filho de Deus, narrada no prólogo de São João (Jo1,14). A fé cristã atesta Jesus Cristo como mediador de nossa salvação e que nos revela o caminho dessa salvação. Ao reconhecermos o dinamismo da encarnação na história, identificamos as condições de articulação entre a imanência e a transcendência, intrínsecas ao processo da própria salvação, que se revela na formação de nossas relações humano-sociais.

Justamente do dinamismo dessa relação cotidiana, dos fatos e das relações nasce a confiança em si, no outro e na vida que se apresenta para ser experimentada e vivenciada, afinal, como diz Gesché, o ser humano é um ser de fé, portador de uma fé humana, inerente à sua condição.⁴⁵¹ A dimensão da salvação no Terceiro, o Transcendente, nasce, portanto, desse dinamismo intrínseco à vida humana: “Há na realidade uma parte incontornável do enigma, diante da qual devemos forçar os limites da razão, se quisermos entrar em certas

⁴⁴⁶ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p.181.

⁴⁴⁷ GUTIÉRREZ, G., Teologia da libertação, p. 133-134.

⁴⁴⁸ Ibid., p. 134.

⁴⁴⁹ GESCHÉ, A., A destinação, p. 39.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 48.

⁴⁵¹ GESCHÉ, A., O sentido, p. 50-51.

experiências decisivas. A da salvação poderia ser uma delas [...]. A salvação estaria confiada à fé.”⁴⁵²

Na pessoa de Jesus Cristo se realiza a salvação de Deus, o amor salvífico de Deus entre os homens e as mulheres, testemunhos da salvação e da libertação, “pois Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3, 16-17). Em Jesus, testemunharam a vitória da vida sobre a morte, vitória já testemunhada no cotidiano da história, verificada na dignidade da vida, no horizonte de uma nova realidade de justiça, de compaixão e de vida plena no amor de Deus. Pautados na proposta do Papa Francisco de iniciar a nova etapa de evangelização⁴⁵³, precisamos revisitar os testemunhos dos primeiros cristãos que, em comunidade, anunciaram a ressurreição como a plenitude da salvação definitiva. Também porque Francisco tem no Evangelho, na vida histórica de Jesus, a certeza da grande alegria que nos provoca a encontrá-Lo, transformando-nos e colocando-nos na experiência do reinado de Deus, expressa na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

O mundo atual escraviza e mata, desorienta o sentido da existência. “Esta não é a vida no Espírito que jorra do coração do Cristo ressuscitado.”⁴⁵⁴ Expressar a salvação do ressuscitado nos leva a retomar a vida de Jesus e o lugar de sua morte. O seguimento nos impõe a necessidade de explicitar a perspectiva da salvação, à luz da ressurreição, para que essa seja sempre uma eterna novidade como o Papa deseja, “que proporcione uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora.”⁴⁵⁵ Dessa forma, como já dito, o ser humano precisa estar aberto ao dom de Deus, à ação do Espírito Santo na história vivida. É na realidade atual que o Papa Francisco aponta obstáculos e caminhos no processo da realização do Reino. No caminho da sua proposta por um novo estilo missionário, entendemos que “a ressurreição de Jesus, através da efusão do Espírito, já configura a história no presente.”⁴⁵⁶ Por isso, dedica-se a desenvolver e afirmar que o impulso missionário é renovado pela ação do Espírito Santo, mas uma ação missionária encarnada, como na vida histórica de Jesus, como descreve, “não servem as

⁴⁵² Ibid., p. 54-55.

⁴⁵³ EG 1.

⁴⁵⁴ EG 2.

⁴⁵⁵ EG 11.

⁴⁵⁶ SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo, p. 26.

propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário.”⁴⁵⁷

A comunidade de fé, mediadora dessa mensagem salvífica, animada pelo Espírito de Deus, narra – motivada pela convicção desse amor – a experiência de uma nova vida, e confirma o Jesus que na história transformou o sentido da própria história. “O que ele deixou, somente pelo que ele era, fez e falou, puramente pela sua atuação como este homem determinado foi um movimento, uma comunidade viva de fiéis, conscientes de serem o novo Povo de Deus, a ‘assembleia’ escatológica de Deus [...] um movimento libertador escatológico.”⁴⁵⁸ A experiência de comunidade, anúncio da Boa Nova, vivida pelos apóstolos ao lado de Jesus, encontra o dinamismo vivo na ação do Espírito presente em Jesus Cristo. O seguimento é marcado intrinsecamente pela relação da história vivida por Jesus, a sua perseguição, morte e ressurreição. Olhar para Jesus significa olhar o caminho, a cruz e a ressurreição. Qualquer tentativa de separar a vida, a cruz e a ressurreição é adotar uma espiritualidade desencarnada. O Papa tem o permanente desafio de mostrar uma evangelização integrada em todas as dimensões, sobretudo nas relações pessoais, onde a comunidade experimenta o amor de Deus. A fraternidade mística, que nasce da relação desse amor que cura, entrelaça, supera desconfianças, nos lança a “abraçar o Jesus crucificado.”⁴⁵⁹ O Pontificado de Francisco, inserido na realidade do mundo atual, convoca toda a Igreja a se comprometer com o projeto salvífico, revelado na vida-morte e na ressurreição de Jesus. Tais observações convocam-nos a integrar a evangelização à dimensão social, onde, de forma concreta, encontraremos o *querigma*, o pulsar do coração no mundo vivido pelo Evangelho.⁴⁶⁰

A fundamentação na relação salvação e libertação começa a delinear – a partir das primeiras comunidades cristãs – o suporte que apontamos continuamente para confirmar e legitimar o que dissemos sobre a proposta do Papa Francisco: que tem o seu pontificado fundamentado na continuidade da teologia pós-conciliar e na concretização de uma transformação eclesial, a partir da proposta do encontro com Jesus Cristo, com o Evangelho. Com o Espírito de Deus na comunhão entre os seres humanos, uma evangelização que “transforme o

⁴⁵⁷ EG 262.

⁴⁵⁸ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, p. 41.

⁴⁵⁹ EG 88, 91, 92.

⁴⁶⁰ EG 176-177.

coração, que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade”⁴⁶¹, assim como viveram os primeiros seguidores, que estruturaram as comunidades de fé. Viver na comunhão plena com Deus, com Jesus que nos revela o caminho do amor, o serviço aos mais pobres e sofredos. O cristão, assim, tem na vida de Jesus Cristo a condição de viver a salvação. Abrir-se à interpelação que o outro provoca à sua responsabilidade pessoal e social significa colocar-se no processo salvífico que Jesus efetivou quando anunciou a chegada do Reino de Deus: “a mais ampla concepção bíblica de salvação integral.”⁴⁶² Toda a vida de Jesus nos interpela a viver o amor serviço, um convite permanente ao encontro e à conversão.

3.3.2 A ação libertadora na evangelização

Na perspectiva do amor serviço, que liberta, o Papa Francisco desenvolveu o conteúdo de sua proposta por um novo perfil evangelizador⁴⁶³, que possa brotar um novo modo de ação e de mudança para um mundo em transformação, que entendemos poder configurar-se como um novo sujeito eclesial. Uma relação intrínseca entre libertação e salvação, no entendimento adotado da proposta de Francisco. O que é expresso em toda proposta do Pontificado é o desejo, movido pelo Espírito Santo, do movimento itinerante, de saída, atento aos sinais dos tempos e ao discernimento evangélico⁴⁶⁴, necessário à compreensão dos desafios que precisamos responder. Nessa direção, o Papa Francisco alerta o cristão, dentre muitas outras preocupações, a respeito da formulação da linguagem, bem como a substância da mensagem. Uma comunicação sem preocupação – com a cultura expressa pelo contexto da comunidade e a inserção social de seus fiéis – corre o risco de infidelidade, distorção da mensagem do Evangelho ou, mesmo, da imagem recebida de Deus e do próprio ser humano.⁴⁶⁵

O retorno às fontes, ao exato lugar da práxis que Jesus apresenta, põe o ser humano no processo de descobrir-se sujeito, fortalecendo sua atuação histórico-salvífica. Justamente o apelo à conversão e à responsabilidade, provocados pela interpelação, integra o ser humano no seu reconhecimento como pessoa, sujeito de

⁴⁶¹ EG 262.

⁴⁶² SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 204.

⁴⁶³ EG 18.

⁴⁶⁴ EG 51.

⁴⁶⁵ EG 41.

sua história – uma alteridade de comunhão.⁴⁶⁶ O tema ajuda a pensar o quanto a alteridade, a relação com o outro e com Deus, na Transcendência revelada no Filho, pode possibilitar um grau de confirmação e confiança que transcenda as limitações e os obstáculos impostos pelos condicionamentos pessoais, sociais e culturais. O quanto o encontro com Jesus Cristo impele o movimento de mudança interior, mas essencialmente exterior. Essa percepção é fundamental para a fé cristã, pois é a base da práxis que Jesus Cristo instituiu quando foi alcançado pela perseguição em razão de suas atitudes. São muitos os riscos de uma estagnação pessoal na subjetividade, o que promove um subjetivismo fechado, sem acesso ao outro e ao Deus de Jesus Cristo. Nesse sentido, o Papa se preocupa com a sociedade consumista e imediatista de prazeres: “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus.”⁴⁶⁷

Dessa forma, entendemos que o ser humano, fechado em si mesmo, cria obstáculos à realização salvadora e libertadora da ação de Deus. Cada vez mais podem ser gerados obstáculos maiores na estrutura da organização social, o que “enfraquece os dinamismos de renovação missionária, incidem sobre os sujeitos que mais diretamente participam nas instituições eclesiais e nas tarefas da evangelização.”⁴⁶⁸ A sociedade atual, marcada por um aguçado individualismo e por crises profundas no âmbito social – atingida por uma economia excludente – sofre manipulações, inclusive de ordem religiosa. Situações em que Jesus Cristo se transforma em oferta de sucesso econômico e de bem-estar emocional.⁴⁶⁹ Mas, na atenção à vida integrada da práxis de Jesus é que o cristão deve fixar os olhos e “situar-se com liberdade em relação ao mundo.”⁴⁷⁰ O sujeito vê a sua subjetividade integrada à realidade objetiva da sociedade de sua realidade histórica quando dialoga mutuamente com o mundo externo.

Em situação contrária, à práxis inaugurada por Jesus Cristo – ao sofrer uma ruptura que desintegra a percepção da salvação integral contida na Sagrada Escritura – corre o risco de manipulação do poder, constituindo condições de não salvação. Jesus tratava das necessidades humanas de maneira integrada ao

⁴⁶⁶ GESCHÉ, A., O sentido, p. 54.

⁴⁶⁷ EG 2.

⁴⁶⁸ EG 51.

⁴⁶⁹ EG 63-64.

⁴⁷⁰ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 199.

contexto vivido, “a julgar pelas pregações e, sobretudo, pelas suas parábolas”⁴⁷¹, condenando tudo o que pudesse desvirtuar a obra criadora do Pai. Essa realidade desintegrada pode trazer danos irreparáveis para a vida em comunidade. Na verdade, traduz uma visão distorcida e infiel à vida de Jesus histórico, quando a reduz a uma necessidade utilitária da salvação de Deus. Nesse caso, há uma distorção da imagem de Deus. O perigo dessa realidade é afetar a perspectiva de uma dimensão integradora à ecologia, como a preservação da casa comum. Trata-se de uma condição ao pensamento que o Papa defende na ampliação de um dos grandes desafios ao seu pontificado, o cuidado da casa comum, marcado pela denúncia da crise ecológica “onde o ambiente humano e natural degradam-se em conjunto.”⁴⁷² Na defesa do anúncio da “Criação em Cristo, que faz com que o cristão viva a experiência da liberdade em relação ao mundo criado”⁴⁷³, o Papa anuncia uma teologia que centraliza que “o reflexo na história do triunfo do Ressuscitado é a esperança, a liberdade e a alegria no seguimento de Jesus.”⁴⁷⁴ O Papa Francisco consegue reunir, na práxis do seu pontificado, a teologia pós-concílio desenvolvida no continente latino-americano, com a atual condição histórica que o Evangelho exige como Palavra viva. Francisco atualiza o Evangelho, encarnando-o no contexto da globalização, realidade de reprodução de inúmeras cruces. Por isso, a cruz é o lugar teológico privilegiado para entender o seguimento de Jesus como ressuscitado.⁴⁷⁵

Especialmente quando no evento da crucificação Ele é lembrado como “aquele que já foi exaltado no céu”⁴⁷⁶, sem a força histórica de sua missão. A cruz de Jesus constituiu uma clara dificuldade para os discípulos, pois já se associava a morte de Jesus com a salvação definitiva de Deus, contribuindo assim para “eliminar o aspecto escandaloso da cruz histórica de Jesus.”⁴⁷⁷

⁴⁷¹ Ibid., p. 184.

⁴⁷² LS 48.

⁴⁷³ RUBIO, A. G., Ibid., p. 199.

⁴⁷⁴ SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo, p. 27.

⁴⁷⁵ Ibid., p. 27-29.

⁴⁷⁶ Id., Cristologia a partir da América Latina, p. 198.

⁴⁷⁷ SOBRINO, J., Cristologia a partir da América Latina, p. 192.

3.3.3 A cruz como lugar da salvação

Separar a proposta do Reino de Deus, anunciada por Jesus, de sua práxis histórica, reforça a dificuldade e a aceitação da cruz como resultado dessa obediência, de uma vida entregue ao serviço dos pobres e necessitados. Tudo o que Jesus viveu junto às pessoas era “claramente um convite para entrar, pela fé, em comunhão com Deus.”⁴⁷⁸ Jesus, encarnado na história, revela essa força ao permanecer ao lado dos excluídos, ao denunciar as condições desumanas que deformam a criação de Deus. Uma atitude de entrega aos mais pobres, solidária e ética, diante da sociedade de sua época, que contribuiu para a sua perseguição e, mais tarde, para a sua condenação à morte de cruz, quando proclamou ser o Filho do Homem. A cruz torna-se, então, lugar de uma radical presença libertadora. As respostas encontradas para compreender a morte na cruz levam a muitas explicações que podem trazer dificuldade na própria aceitação da crucificação.⁴⁷⁹ Sobrino afirma que na tentativa da compreensão da cruz algumas afirmações sobre a salvação não revelam o modo como a ação salvadora de Deus acontece, deixando de lado a relação mais comprometedoras que Deus fez ao enviar o próprio Filho: “o tipo de solidariedade que Deus possui com os homens.”⁴⁸⁰

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja propôs um novo modo de pensar e dialogar com o mundo. Vimos que a pobreza, especialmente no continente da América Latina, e as mudanças impostas pelo modelo econômico trouxeram novos ares à teologia e à vida eclesial. Dessa realidade irrompe na América Latina uma nova perspectiva teológica, a da libertação, a partir do compromisso com os pobres, excluídos, social e economicamente. “A solidariedade com o pobre, o compromisso com a libertação, levaram a uma releitura do Evangelho.”⁴⁸¹ Assim, reaparece a reflexão inicial dos primeiros cristãos para justificar a presença de Deus na morte do Filho crucificado.

A teologia latino-americana retoma a reflexão da morte de Jesus na cruz como um resgate na busca de superação do dualismo, entre a vida histórica e a

⁴⁷⁸ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus*, p. 173.

⁴⁷⁹ O teólogo Sobrino aponta motivos explicativos que se associam tanto a uma concepção de culto, a vítima expiatória, como a uma aliança, uma morte necessária, o sangue derramado para remissão dos pecados. Cf. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 201.

⁴⁸⁰ SOBRINO, J., *Ibid.*, p. 201

⁴⁸¹ GUTIÉRREZ, G., *Teologia da libertação*, p. 260.

ressurreição, tão enraizado na teologia e na prática pastoral. A questão é compreender como Deus salvou o seu Filho, sem a ruptura com a salvação já presente na história. A reflexão exige uma nova percepção do cristão em relação à cruz, devendo conduzi-lo a novas práticas eclesiais, reveladas pela responsabilidade libertadora que a morte e a ressurreição de Jesus expressaram sobre a ação do Deus Salvador. “A cruz não coloca o homem num outro mundo de salvação. É neste mundo que deve se abrir à interpelação própria da cruz de Jesus.”⁴⁸² A cruz, para o cristão, é a manifestação radical do amor de Deus Salvador e deve, à luz da práxis de Jesus de Nazaré, representar a superação do dualismo entre a criação e a história. O continente da América Latina procurou aprofundar a “autêntica originalidade da fé cristã, pois prega um Deus crucificado.”⁴⁸³ O projeto do Papa Francisco nos insere na vida inteira de Jesus Cristo como o caminho pautado por atitudes comprometidas com a salvação, já inaugurada na sua pessoa e alcançada definitivamente na ressurreição. Lugar que passa a representar uma condição, na história, da dinâmica da salvação no seguimento de Jesus,

que pode estar penetrado já agora daquilo que na ressurreição de Jesus há de triunfo [...], aquilo que na ressurreição há de plenitude, mesmo no meio das limitações da história, e aquilo que na ressurreição há de vitória contra o escravizador da história.⁴⁸⁴

Nesse horizonte, o cristão deve se esforçar na conversão do seu olhar para um Deus que, crucificado, revela o totalmente outro, uma revelação de que “ir a Deus é ir ao pobre.”⁴⁸⁵ Somente dessa forma há garantia de autenticidade da sua práxis, de dar testemunho do amor salvífico de Deus na vida humana. Para isso, deve estar aberto ao Espírito de Deus “fiel ao Espírito que guiou sempre Jesus de Nazaré.”⁴⁸⁶

Poderíamos afirmar que a proposta de Francisco de um novo perfil evangelizador tem seus pés fincados na práxis de Jesus, que mostrou traços de um novo estilo ao anunciar um Deus de amor, salvador e misericordioso. Um Deus comprometido com a sua criação. E que, sem dúvidas, diante de um mundo cada vez mais abissal na pobreza, a leitura fiel ao Evangelho nos permite estar ao lado

⁴⁸² RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 187.

⁴⁸³ SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 191.

⁴⁸⁴ Id., *A fé em Jesus Cristo*, p. 26-27.

⁴⁸⁵ Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 234.

⁴⁸⁶ RUBIO, A. G., *Ibid.*, p. 217.

dos mais pobres de maneira solidária e reconhecer no excluído os sobrantes, os crucificados pela sociedade global. Uma revelação de que “a cruz em conexão com a vida toda de Jesus não tem relação apenas com a subjetividade do indivíduo interpelado à conversão. A cruz tem uma dimensão cósmica: as criaturas todas são atingidas pela libertação que ela inaugura.”⁴⁸⁷ Compreendemos, então, a defesa que o Papa faz por uma ecologia integrada, a cruz como mediação de um caminho que dá sentido à luta da libertação. Portanto, o processo da evangelização “deve situar-se na atitude que desperte a adesão do coração com a proximidade, com o amor e o testemunho.”⁴⁸⁸ Amor e testemunho na fé da Ressurreição.

Retomar às fontes do cristianismo torna-se a exigência pastoral que o Papa Francisco explicita em todas as suas atitudes e convocações à missão de evangelizar. Dessa forma, pensar o novo sujeito eclesial, na perspectiva de Francisco, também impõe uma compreensão da ação do Espírito Santo, “que infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo tempo e lugar, mesmo contra a corrente.”⁴⁸⁹ É nessa forma de entendimento da ação do Espírito Santo, dinamizadora e dialética, que pautamos a perspectiva do novo sujeito eclesial que buscamos defender. Para o Papa Francisco, a alma preenchida do espírito é capaz de mostrar a força transformadora do amor, a coragem das superações e os enfrentamentos das dificuldades, assim como “os primeiros cristãos que se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio de uma grande resistência ativa”⁴⁹⁰ diante das perseguições. A partir da revelação em Jesus e na ação do Espírito dinamizador, o cristão deve se ater, como diz Francisco, o tempo todo na luta contra a corrente que o distancia de sua humanização. Para essa realidade, o Papa destaca o lugar do pobre como lugar de evangelização, lugar de resistência, relacionando-o à realidade da cruz, presença viva da carne de Jesus. A comunidade tem, nesse lugar, o encontro com o Cristo libertador, chamada a viver uma espiritualidade encarnada e, com Jesus, junto aos pobres, uma comunhão solidária. Experimentar a fé cristã encarnada significa assumir a cruz do crucificado e viver a ressurreição no caminho do seguimento como discípulo. O

⁴⁸⁷ Ibid., p. 187.

⁴⁸⁸ EG 42.

⁴⁸⁹ EG 259.

⁴⁹⁰ EG 263.

testemunho em Cristo deve sempre renovar nossa evangelização em novas relações humanas. Afinal, somos chamados a ser sal na terra e luz no mundo.⁴⁹¹

Certamente podemos redescobrir, animados pelo dom do Espírito Santo, como Jesus agiu de forma ativa diante do pobre: “seus gestos, sua coerência, sua generosidade simples e cotidiana, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal.”⁴⁹² A forma de comunicar a mensagem torna-se crucial para despertar o entusiasmo e a alegria da Boa Nova. Lembramos que a cultura, no modo de apresentar a linguagem e os seus símbolos, podem contribuir ou não para a descoberta do amor de Deus pelo ser humano. A revitalização de nossa vida cristã depende do tanto que conseguimos nos manter abertos a acolher o dom vivificante do Espírito Santo, que nos levará a anseios profundos de nossa existência – isto é, estarmos abertos a acolher as mudanças históricas como condição dinamizadora da própria ação do Espírito. Assim, no dinamismo próprio da história, desenvolvemos a possibilidade de uma nova configuração do sujeito apostólico na atuação missionária.

Ressignificar a cruz como lugar de salvação e criação na relação com a libertação põe na cruz, razão da existência da fé, uma perspectiva libertadora, fundamental para revitalizar a autenticidade cristã. A cruz sendo o lugar de salvação e libertação. Nela, temos a culminância do encontro de Deus com o Filho, a plena comunhão com o Espírito Santo e o entendimento de que “a ressurreição continua sendo o paradigma de libertação e que a cruz não é simplesmente o símbolo do sofrimento.”⁴⁹³

Em síntese, vimos na teologia da América Latina um olhar singular para a realidade do continente, marcada pelo sofrimento da pobreza e da injustiça social. Uma teologia desenvolvida após o Concílio Vaticano II, que recebe a confirmação e a fundamentação nas conferências latino-americanas ocorridas no período pós-concílio. Vivia-se uma crise de grandes transformações no mundo, e a Igreja sentia a iminente situação de mudanças na ação dos cristãos, muitos comprometidos com a realidade social que respirava os ares de um processo libertador. Nesse sentido, é desenvolvida uma reflexão sobre a cruz no âmbito da salvação e a intrínseca conexão com o processo de libertação, assegurando ao

⁴⁹¹ EG 89-92.

⁴⁹² EG 265.

⁴⁹³ SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 192-193.

Evangelho a relação entre fé e vida. No continente da América Latina, a teologia resgatou, a partir da cruz, a dimensão da salvação, afirmação estruturante para as respostas sobre o Deus cristão diante do sofrimento e da dor do povo. Ao buscar essa compreensão, a teologia trouxe a historicidade da ressurreição à própria cruz, lugar das “contingências históricas, mas, paradoxalmente, em cujo meio acontece a plenitude [...]. A liberdade acontece contra as ataduras que a história impõe ao amor. A alegria acontece contra a tristeza.”⁴⁹⁴ Deus, no evento da Encarnação, desfatalizou a história, dando-nos a conhecer Jesus, que nos salva e nos mostra o caminho para uma nova realidade: o Reino de Deus, as Bem-aventuranças, o “mistério da compaixão”⁴⁹⁵, anunciada e reconhecida como o lugar da salvação.

É importante contemplar o crucificado para perceber o amor misericordioso de Deus, revelado nas concretas relações que Jesus viveu com os que o acompanhavam, para reconhecer a misericórdia e a compaixão como condição de onde emana sua própria existência.⁴⁹⁶ A comunidade eclesial, como novo sujeito apostólico coletivo e individual, deve alimentar as novas relações que, em Jesus Cristo, estão anunciadas como plenitude para viver a justiça do Reino. Por isso, o Papa Francisco acredita e defende a missão da Igreja de “anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa.”⁴⁹⁷ Como afirma, inclusive, para que os cristãos assim sejam “discípulos missionários.”⁴⁹⁸

Vemos como a perspectiva da construção do novo sujeito apostólico é dinâmica e integrada entre o social e o eclesial, fundamentado à luz da Revelação de Deus, manifestada pela ação vivificadora do Espírito Santo. Mostramos o diálogo como caminho inerente à revelação do amor de Deus que, na encarnação, é plenamente concretizada na pessoa de Jesus Cristo. A fonte de uma práxis dialogal, de proximidade com os pobres que configura o lugar teológico e pastoral da ação salvadora de Deus. A fonte do Evangelho, que o Papa Francisco expressa como caminho de fidelidade missionária e de lugar de conversão existencial.

Destacamos, intrínseca ao processo da evangelização, a inculturação como critério de conversão, pessoal e eclesial. Nesse sentido, a cultura tem lugar

⁴⁹⁴ SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo, p. 27.

⁴⁹⁵ GESCHÉ, A. O cristo, p.38.

⁴⁹⁶ MV 8.

⁴⁹⁷ MV 12.

⁴⁹⁸ EG 120.

privilegiado na proposta de evangelização, apresentada por Francisco e da ação do Espírito Santo como vivificador da espiritualidade encarnada. Vimos, na espiritualidade do Papa, a continuidade de uma vida tomada por uma experiência de fé libertadora e integrada ao discernimento pela oração, origem de sua formação inaciana. Assim como a teologia pós-concílio vivenciou na América Latina, de modo diferenciado na Argentina, a teologia do Povo. Uma forte marca absorvida em sua teologia e na ação pastoral, explicitada na abordagem em que trata as diferentes culturas simultaneamente à perspectiva da comunhão universal.

Na perspectiva da libertação, fundamentamos a liberdade e a alteridade como pressupostos inerentes à condição de existir do ser humano, criado, à luz da tradição judaico-cristã, para ser co-criador, cuidador de toda a criação. Uma teologia que o Papa apresenta como defesa por uma ecologia integrada. É, na verdade, uma realidade essencial para compreender o projeto de amor salvífico de Deus, revelado na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Dessa forma, abrimos a compreensão da cruz como mediadora e reveladora do projeto inaugurado e configurado por Jesus por um novo perfil evangelizador.

Podemos concluir lembrando alguns caminhos importantes e que fundamentam a investigação do novo sujeito apostólico. Ampliamos, no capítulo, a perspectiva do ser humano integrado e inserido em sua condição histórica, num processo de formação pessoal e social. Destacamos a práxis de Jesus como fonte e fundamento de uma teologia libertadora que, na cruz, teve a culminância salvadora do amor de Deus pela criação e, de modo especial, pelos pobres e excluídos. Acentuamos o perfil evangelizador que Francisco propõe como caminho de uma nova relação entre Igreja e mundo. Uma evangelização que possibilita a abertura ao Espírito Santo, dinamizador e fortalecedor de uma ação transformadora. Uma evangelização que desperta o protagonismo social e aponta elementos na construção de relações mais humanas, solidárias, integrada a uma nova perspectiva ecológica, ambiental e social. Uma ecologia integrada que revela um novo modelo econômico em harmonia com toda a criação.

4

O novo sujeito eclesial na América Latina e no Caribe: a superação de uma “consciência isolada”

Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais.⁴⁹⁹

Neste trabalho, tratamos do propósito de investigar, para desenvolver na prática, o conceito do novo sujeito apostólico no pensamento do Papa Francisco. Percorremos os dois capítulos com abordagens antropológicas, eclesiais e sociais; todas a partir da centralidade da figura do pobre. Neste capítulo, vamos ampliar e estreitar aspectos que percebemos serem essenciais na fundamentação do novo sujeito apostólico na expressão do pensamento de Francisco – um novo sujeito eclesial, a quem se destina um lugar diferenciado na Igreja e no mundo, os leigos, que têm força no desenvolvimento de sua missão após o Concílio Vaticano II.⁵⁰⁰

O capítulo propõe apresentar algumas dimensões presentes no pensamento do Papa, tratadas em documentos e discursos. São dimensões que abarcam a perspectiva da Igreja libertadora, salvífica, centrada na intrínseca relação entre a fé e vida, a dimensão da inculturação. A seguir, iremos destacar os movimentos sociais, a que o Papa dedica, de modo muito especial, um protagonismo transformador e propulsor de uma nova realidade social, econômica e cultural. No mesmo processo transformador, a expressão missionária da piedade popular será abordada como lugar de uma evangelização renovadora e, por isso, lugar de formação de sujeitos, sociais e eclesiais. Por fim, há uma síntese do estilo que o Papa Francisco propõe em toda a sua presença pontifícia; uma Igreja sinodal, caminho de diálogo. Também destacamos no pensamento dele a educação como lugar formativo de uma nova e radical mudança evangelizadora, impulsionada pelo dinamismo do Espírito Santo. Um processo na construção do novo sujeito apostólico, social e eclesial, de responsabilidade da comunidade de fé e do mundo que, em diálogo, abrem espaços à nova configuração de uma Igreja em saída.

⁴⁹⁹ EG 74.

⁵⁰⁰ LG 30-36.

4.1 Elementos de uma inovação eclesiológica

Destacamos a centralidade do Evangelho e da conversão missionária que o Papa exprime com muita veemência na proposta do seu pontificado. Nesse horizonte, reconhecemos o campo fértil para a configuração do novo sujeito apostólico, eclesial e social. Uma Igreja representada pelo novo sujeito apostólico, aberta e deslocada para o mundo, que tem seu chamado como Igreja em saída.⁵⁰¹ Enfim, trata-se de uma Igreja destinada a configurar-se como serviço a partir dos desafios apresentados pela realidade hodierna – uma Igreja, portanto, que seja lugar do encontro com o pobre, o excluído e que tenha “a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade”.⁵⁰²

O encontro, para o Papa Francisco, tem no Evangelho a primazia da ação do processo de conversão que a Graça de Deus possibilita. É no encontro com o outro que a misericórdia de Deus é manifestada e a evangelização renovada, sendo viabilizada à comunidade eclesial uma conversão missionária. Essa oportunidade se expressa na Igreja em saída e no encontro com o outro, o excluído. Temos, então, uma condição para compreender o novo sujeito apostólico, já presente e atuante na sociedade e na comunidade.

Perceberemos, desta forma, que a proposta da Igreja em saída, reunida com os irmãos mais pobres, invisibilizados e excluídos, é uma proposta humanizadora e integrada às condições ambientais. A missão e o perfil do missionário encontram-se no contexto mundial da desumanização que a globalização gestou. A Igreja, sinal, mediadora do Reino de Deus, tem lugar determinado na contribuição concreta de tornar visível o Evangelho de Jesus Cristo. Seguiremos, a partir do Papa Francisco, a dar os contornos à proposta inicial de tratar do novo sujeito apostólico, como lugar de libertação e de humanização.

4.1.1 Uma Igreja em saída que exige integração entre fé e vida

A eclesiologia de Francisco tem se mostrado ao mundo com a exigência de uma permanente mudança. Uma Igreja no mundo representa a condição de estar

⁵⁰¹ EG 20.

⁵⁰² EG 186.

na carne, nas entranhas, “na vida diária dos outros [...]. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro de ovelha’”.⁵⁰³ Por isso, a atenção às exigências dos sinais dos tempos impõe à comunidade de fé o movimento na práxis do cristão, instigando a construção do novo sujeito apostólico. Integrando dessa forma a ação missionária à realidade cotidiana do cristão, o que autentifica uma renovada evangelização libertadora. “Será isso possível, se os fiéis leigos souberem ultrapassar em si mesmos a ruptura entre o Evangelho e a vida”.⁵⁰⁴ Revemos os gestos e as ações de Jesus Cristo nos discípulos que o seguiam, a fonte primeira na compreensão fidedigna do novo sujeito apostólico. As primeiras comunidades experimentaram mudanças significativas nas diferentes situações missionárias, o que mostrou um movimento dinamizado pela ação do Espírito de Deus atualizado nos acontecimentos históricos.⁵⁰⁵ É reconhecido no pontificado de Francisco a referência que faz ao Evangelho como critério e fonte da renovação que propõe uma evangelização comprometida com os pobres e marginalizados, uma dimensão social da evangelização.⁵⁰⁶

Francisco se empenha em mostrar que o projeto da conversão e do novo estilo da missão é, hoje, a exigência por um mundo mais justo e, por isso, mais humano e integrado à vida ecológica e à economia do planeta. Uma conversão de mentalidade – cultural e institucional das estruturas mediadoras na sociedade – são essenciais no processo de conversão missionária. Essa realidade pode facilitar ou impedir o avanço de uma evangelização libertadora dos condicionamentos históricos,⁵⁰⁷ por isso a necessidade da atenção à conversão. Em todos os aspectos sinalizados pelo Papa como necessários ao processo de deslocamento de uma Igreja centrada em si mesma para uma Igreja de portas abertas, a misericórdia tem, na hierarquia das virtudes, a centralidade na evangelização renovada. O amor sem limites e sem exceção aos mais pobres e desprezados demonstra a misericórdia como sinal do Reino que Jesus anunciou entre os excluídos.⁵⁰⁸ Um sinal que traz como ponto de partida para o processo de conversão à humanização. O serviço se torna para Francisco caminho de abertura ao outro e de conversão à nossa humanização, como desenvolve na Encíclica *Fratelli Tutti*.

⁵⁰³ EG 24.

⁵⁰⁴ CL 34.

⁵⁰⁵ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, p. 384.

⁵⁰⁶ EG 176, 186.

⁵⁰⁷ EG 51.

⁵⁰⁸ EG 37, 48.

A superação dos desafios apresentados pelo Papa, na realidade atual, prioriza a luta contra a pobreza e o sofrimento humano. É no Evangelho que Francisco centraliza o anúncio de “Jesus Cristo com o rosto da misericórdia do Pai”,⁵⁰⁹ o caminho concreto à humanização da sociedade, a uma vida plena de dignidade. No ato criador do amor de Deus, recebemos o dom da vida e o convite para caminhar juntos e em direção a esse amor. Conhecemos, pelo Filho, Jesus Cristo, o rosto de Deus, o projeto de sua salvação, obras da misericórdia de Deus.⁵¹⁰ O Papa Francisco faz de todas as suas ações um projeto da misericórdia de Deus e nos coloca no empenho da luta pela construção do Reino de Deus, pela justiça e pela dignidade da vida:

vida cristã é uma luta permanente. Requer-se força e coragem para resistir às tentações do demônio e anunciar o Evangelho. Esta luta é magnífica, porque nos permite cantar vitória todas as vezes que o Senhor triunfa em nossas vidas.⁵¹¹

A defesa de Francisco pela vida se apresenta de uma forma abrangente e integrada ao Evangelho, colocando-nos diante dos desafios e da confiança em Deus de que a vitória é possível. À medida que nos encontramos com Jesus Cristo, somos tomados pela alegria e conversão do coração, porque é quem nos dá sentido e respostas ao que de mais profundo experimentamos.⁵¹² Aqui temos aflorado um aspecto fundamental na construção do novo sujeito apostólico, o encontro com Jesus, que anuncia a misericórdia como o caminho da conversão, tornando-se constitutivo de uma atitude em permanente saída de si ao encontro do outro. Um movimento dialético entre a vida e o encontro com o Evangelho, que nos coloca em constante vigilância contra o mal que nos afeta, pelas condições impostas pela sociedade, mas também pelo mal que “envenena-nos com o ódio, a tristeza, a inveja, os vícios. E assim, enquanto abrandamos a vigilância, ele aproveita para destruir nossa vida, nossas comunidades.”⁵¹³ Apresenta-se, então, a constante luta contra uma subjetividade fechada em si mesma, que favorece e nos expõe mais facilmente à presença do mal, que divide e nos distancia de ações solidárias e humanas. A sociedade contemporânea tende a fortalecer práticas individuais, acentuadamente centradas na liberdade de escolhas pessoais. Configuram-se em opiniões que se transformam em verdades próprias,

⁵⁰⁹ MV1.

⁵¹⁰ EG 112.

⁵¹¹ GE 158.

⁵¹² EG 265.

⁵¹³ GE 161.

comprometendo a adesão a um compromisso com projetos coletivos, para além das escolhas de realizações pessoais.⁵¹⁴ É nesse horizonte que Francisco afirma o Evangelho como ponto de encontro para a saída missionária e a conversão pessoal e eclesial. O Papa nos coloca diante da relação intrínseca entre Evangelho e sociedade, possibilitando à Igreja redescobrir o povo e o povo a retomar a Igreja como interlocutora, a partir do Evangelho, que faz a Igreja pulsar, como descreve Kuzma.⁵¹⁵

Na perspectiva de uma práxis libertadora, Francisco centraliza a transformação eclesial e o perfil do cristão missionário sob a ótica de uma nova abordagem do processo histórico em todas as dimensões que envolvem o ser humano no contexto da globalização. Uma condição fundamental na percepção do novo sujeito apostólico – que percebemos de forma bastante clara nos documentos escritos de Francisco – são os temas relacionados a uma perspectiva histórica, à luz do Evangelho. Nesse horizonte, destacamos os desafios essenciais à configuração do sujeito atuante, comprometido em promover, diante dos desafios globais, caminhos concretos de mudanças que inaugurem novas relações humanas, econômicas, sociais e culturais. Sobretudo, uma relação integrada à espiritualidade encarnada que, no interior desse universo possibilita “o amadurecimento espiritual e o crescimento do amor”.⁵¹⁶ Encontra-se, também incluído, como veremos à frente, a expressão de uma religiosidade popular, marcadamente mariana, no contexto da América Latina. Uma religiosidade tratada pelo Papa Francisco como um potencial renovador da fé cristã. São dimensões presentes e dinamicamente atuantes, intrínsecas, no processo da práxis do novo sujeito apostólico.

Inserir-se no processo da dinâmica de transformação social envolve pensar em muitos aspectos que o próprio Papa apresenta. Um deles, já citado, é a prática da solidariedade, que possibilita fortalecer a fragilidade presente dos laços internos à comunidade, assim como laços pessoais. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* descreve com evidências o desenvolvimento do individualismo e da cultura do conforto proporcionados pelo processo de secularização, além da possibilidade de esvaziar a fé e privatizar a religião,

⁵¹⁴ EG 61.

⁵¹⁵ KUZMA, C. La eclesiología del Papa Francisco, p. 335.

⁵¹⁶ GE 163.

contribuindo para a decadência das relações morais e éticas.⁵¹⁷ A comunidade eclesial, comprometida com a mudança do perfil missionário, pode contribuir de forma dialética com a construção desse novo sujeito que desejamos, que possa reconhecer a presença do Espírito vivificador de Deus e o rosto misericordioso do Filho, Jesus Cristo. Dessa forma, a comunidade deve favorecer o processo de discernimento, a fim de fortalecer o reconhecimento do que vem do Espírito Santo e rejeitar o que provém das seduções dos bens materiais. Para isso, a garantia da fidelidade à escuta do Evangelho torna-se relevante para a prática da oração. Estar aberto à escuta da Palavra nos coloca “no confronto com a liberdade do Espírito, que age como quer. O Senhor, os outros, a realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras”.⁵¹⁸ Para Francisco, o tempo dedicado à oração tem força contra a rigidez, o egoísmo, a autorreferência, a autossuficiência; enfim, tudo o que faz com que o ser humano se coloque no centro de suas ações, dispensando a graça como premissa à vida.⁵¹⁹ “O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor.”⁵²⁰ Nesse sentido, entendemos a oração como um caminho privilegiado na união e na comunhão entre os cristãos com Jesus Cristo, o que os impele a uma comunhão missionária.⁵²¹

Há uma relação íntima entre a atitude da disposição orante, pessoal e comunitária como caminho de discernimento, e a inserção na realidade, que configura uma espiritualidade encarnada. Essencialmente, são dois elementos fundamentais na constituição do sujeito apostólico. Estar no mundo, em um processo de evangelização, sendo simultaneamente evangelizado em um permanente diálogo entre a Palavra e a vida, iluminada pelo Evangelho e interpeladora nessa relação. O Papa tem a preocupação de não se deter particularmente em setores da Igreja ao apresentar os desafios que uma Igreja em saída deve enfrentar. Dessa forma, ele fala ao mundo e mostra uma Igreja como sinal da salvação de Deus, “um caminho para se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos [...], portanto, ser Igreja significa ser povo de Deus,

⁵¹⁷ EG 64-67.

⁵¹⁸ GE 172.

⁵¹⁹ GE 162, 165 e 166.

⁵²⁰ GE 169.

⁵²¹ CL 32.

de acordo com o grande projeto do amor do Pai.”⁵²² Um convite a todos que estão presentes na história, a sentirem a alegria do encontro com o Deus do amor. Assim, aparece já confirmado no Concílio Vaticano II, que amplia a Igreja como pertença a todo o povo de Deus, pois assim Deus desejou no seu plano de salvação “a Igreja toda como o Povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.⁵²³ Podemos perceber, portanto, que a Igreja tem uma grande responsabilidade na formação desse sujeito eclesial. Ela está inserida em um mundo, hoje, marcado por uma economia global excludente; por isso, injusta e geradora de pobreza. Apesar de destacar grandes testemunhos cristãos que dão e deram suas vidas pela justiça do reino servindo aos mais pobres, o Papa sinaliza “os desafios que todos eles enfrentam no meio da cultura globalizada atual”.⁵²⁴ Ou seja, nos coloca atentos a desafios presentes no mundo em que o sujeito é formado na fé e na cultura à qual está inserido. Assim como no seu testemunho profético sublinhado em toda ação, “uma maneira de ser de Francisco que provoca a Igreja a uma nova postura”⁵²⁵ contribui para enxergar vestígios de atitudes comprometedoras com uma Igreja em processo de mudança, uma Igreja encarnada.

No horizonte do discipulado, o missionário é um evangelizador e, junto com o anúncio do Evangelho, “sabe que Jesus caminha com ele, respira com ele, trabalha com ele”⁵²⁶ – não há dicotomias entre evangelizar e estar no mundo. Esse sujeito, que deve estar em permanente formação teológica e social, pode desenvolver uma renovada ação na vida pastoral da comunidade eclesial. O Papa alerta para uma condição de grande risco, já abordada: o estilo de vida do missionário e o risco do relativismo, que pode mascarar a opção mais profunda pelos pobres e excluídos,⁵²⁷ uma exigência na teologia e na pastoral do pontificado de Francisco. Vimos e citamos, anteriormente, que o encontro com Jesus Cristo, com “toda a forma de tratar os pobres, sua coerência, generosidade simples e cotidiana”⁵²⁸ nos interpela à aproximação dos excluídos, ao serviço e à solidariedade.

⁵²² EG 113-114.

⁵²³ LG 4.

⁵²⁴ EG 76.

⁵²⁵ KUZMA, C. La eclesiología del Papa Francisco, p. 335.

⁵²⁶ EG 266.

⁵²⁷ EG 80.

⁵²⁸ EG 265.

O caminho que o Papa nos convoca a assumir, realizar o êxodo eclesial, tem um peso estruturante na renovação eclesial, que desenvolve como proposta no seu pontificado. É no processo do êxodo que o caminho acontece, porém algumas premissas são essenciais, como ele já aponta na proposta da transformação eclesial-missionária. Reforçamos, no encontro com a vida que pulsa no coração do Evangelho, o irmão excluído. O diálogo que, no encontro com o pobre, contribui para sua visibilidade. A solidariedade que estreita e fortalece as relações na vida humana é o que deve definir o cristão em sua relação com Jesus Cristo – o discernimento, nos acontecimentos da história, que a oração oferece. Na verdade, apresenta ao mundo uma espiritualidade encarnada, assim como viveu na teologia pós-conciliar. Somos desafiados pela fé encarnada “a entrever o vinho em que a água pode ser transformada, e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio”.⁵²⁹ Uma espiritualidade integrada, que nos convida a experimentar e a viver em comunhão com Deus, capaz de tocar na carne de Jesus e dos irmãos que sofrem a dor do abandono e da perda de sua dignidade humana.

A Igreja em saída revela e anuncia a possibilidade de uma autêntica evangelização, que nos põe no dinamismo da conversão eclesial e missionária, na chave da vivência da misericórdia anunciada no Evangelho de Jesus Cristo. Uma centralidade da práxis de Jesus. Por isso, a insistência do Papa Francisco na dinâmica do êxodo eclesial em socorrer os pobres e excluídos; os que sofrem de alguma maneira as consequências de uma sociedade individualista e consumista, descartável da vida humana. Esse horizonte do movimento de saída nos possibilita a redescoberta da “Misericórdia, o caminho que une Deus e o homem”⁵³⁰, em que se molda o sujeito apostólico eclesial, presente no mundo e nas respostas aos desafios apresentados pelo contexto da globalização. Como dito acima, é nesse mesmo mundo, marcado pelos condicionamentos econômicos, sociais e culturais que o sujeito se forma e a “Igreja torna-se comunidade evangelizada e evangelizadora. Nela, os fiéis leigos participam na missão de servir a pessoa e a comunidade”.⁵³¹

A presença do leigo como condição de ser sujeito já ocupa lugar na Igreja desde o Concílio Vaticano II, quando a necessidade de uma renovação eclesial e

⁵²⁹ EG 84.

⁵³⁰ MV 2.

⁵³¹ CL36.

pastoral foi exposta; uma Igreja definida no sacerdócio comum dos fiéis, o Povo de Deus.⁵³² Os leigos, “fiéis pelo batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo”⁵³³, missão assumida na Igreja da América Latina, pós-concílio e presente hoje na proposta do pontificado de Francisco. Como mesmo desenvolve o Papa, ao abordar “a nova evangelização, deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados”.⁵³⁴

Não é demais reafirmar a Igreja que, também, se faz sujeito da evangelização, o povo de Deus que, “peregrino e evangelizador [...], tem seu fundamento na iniciativa livre e gratuita de Deus”.⁵³⁵ Uma Igreja dentro do mundo evita e resiste a um mistério sem carne, como afirma: “[...] desencarnar o mistério é preferir um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo”.⁵³⁶ Seguiremos na configuração que Francisco desenha do projeto de uma renovação eclesial para, assim, acentuar os contornos que encontramos no sujeito apostólico que o Papa implicitamente sugere. Uma Igreja em saída deve fazer-se pobre para ser pobre e atender ao pobre, “deve chegar a todos, sem exceção, mas aos pobres e excluídos sobretudo”⁵³⁷, como diz Francisco.

4.1.2 Uma Igreja para os pobres

“Como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”⁵³⁸. Foi assim que o Papa Francisco declarou na sua primeira entrevista aos representantes dos meios de comunicação social, quando eleito Bispo de Roma.

O declarado desejo do Papa se mostra concretizado nos diferentes Documentos proclamados, além de discursos, homilias; enfim, toda ação realizada pela promoção da dignidade da vida humana, mas reconhecidamente dos pobres e fragilizados da sociedade. Recordamos sempre que o Papa Francisco retoma em toda ação a centralidade do Evangelho e o cuidado de garantir a veracidade de sua

⁵³² LG 27-28.

⁵³³ LG 31.

⁵³⁴ EG 120.

⁵³⁵ EG 111.

⁵³⁶ GE 37.

⁵³⁷ EG 48.

⁵³⁸ FRANCISCO, aos participantes do encontro com representantes dos Meios de Comunicação Social, 16/03/2013.

mensagem. Os riscos em utilizar o Evangelho em causa própria – marcada por uma relação intimista e reducionista de Deus, descomprometida com a vida histórica de Jesus – são permanentes numa sociedade marcada pelo individualismo e “por uma busca desordenada de prazeres superficiais”,⁵³⁹ que pode desenvolver uma espiritualidade esvaziada e alienada. Assim, cada vez menos o outro se torna visível, principalmente o pobre nas suas dificuldades. Por isso, a importância de “reencontrar o coração do Evangelho, que consiste no encontro salvífico com Cristo e, portanto, com o amor de Deus, a fim de que toda verdade possa ser reencontrada e integrada na justa perspectiva”.⁵⁴⁰

No Antigo Testamento, o pobre é o centro da revelação de Deus. Com Jesus Cristo, o Reino é destinado aos pobres, preferencialmente, e a Igreja tem em sua Tradição a presença marcante dos pobres.⁵⁴¹ O Papa, na escolha do nome em referência a Francisco de Assis, evidenciou ao mundo a relação da Igreja dos pobres para os pobres. Quando fez o pronunciamento aos jornalistas após sua eleição ao Pontificado, ele disse que São Francisco “é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação; neste tempo, também a nossa relação com a criação não é muito boa. É o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre.”⁵⁴² Portanto, como diz Aquino Junior, “o compromisso com os pobres não é algo absolutamente novo na vida da Igreja [...], há uma dimensão da revelação determinante do mistério da Igreja”⁵⁴³.

O Papa Francisco, apoiado na tradição do Evangelho e da Igreja, insiste no encontro pessoal com Jesus, que nos concede a experiência do amor que salva.⁵⁴⁴ Lugar de muitos encontros, mas preferencialmente com os aliados da sociedade de sua época. O Evangelho é o lugar do pobre. Jesus se fez o modelo da opção pelo pobre, um modelo de evangelização.⁵⁴⁵ A partir do encontro com o pobre do Evangelho de Jesus Cristo, iniciamos o processo de conversão, no caminho de uma concreta ação solidária e formação humana. “O lugar do pobre nos obriga a priorizar as questões a serem enfrentadas.”⁵⁴⁶

⁵³⁹ EG 2.

⁵⁴⁰ REPOLE, R., *O Sonho de uma Igreja evangélica*, p.63.

⁵⁴¹ AQUINO JUNIOR, F., *A Igreja dos pobres*, 39-42.

⁵⁴² FRANCISCO, aos participantes do encontro com representantes dos Meios de Comunicação Social, 16/03/2013.

⁵⁴³ AQUINO JUNIOR, F., *Igreja dos pobres*, p. 37 e 59.

⁵⁴⁴ EG 264.

⁵⁴⁵ EG 269.

⁵⁴⁶ BOFF, L., *Do lugar do pobre*, p. 9.

O Papa, na plena defesa da causa do pobre e do excluído, estrutura sua ação pontifical na defesa pela vida, por um novo modelo econômico que proteja os mais vulneráveis das garras de uma economia que só gera desigualdade e sobrantes; os descartáveis, os indesejados pelo próprio sistema.⁵⁴⁷ Vigilante e atento ao descarte de vidas, Francisco nos mostra as veias abertas de uma Igreja fechada em si mesma, aprisionada aos ritos, às doutrinas, à ilusória segurança do conhecimento.⁵⁴⁸ Apela-nos, de maneira radical, que deixemos a autorreferencialidade e que deixemos Jesus sair, abrir a porta e caminhar.⁵⁴⁹ Pedem-nos, diante dos perigos de uma evangelização desencarnada, a urgência da renovação. Estende, dessa forma, as metas do Concílio Vaticano II à atualidade. Dá-nos exemplo de coragem na sua profética ação missionária diante da Igreja de Cristo e exorta-nos, na *Evangelii Gaudium*, a esse movimento. “A todos exorto a aplicarem com generosidade e coragem, as orientações deste documento, sem impedimentos nem receios.”⁵⁵⁰

É nessa intenção que o Papa se preocupa em combater dois inimigos que considera os mais perigosos: o gnosticismo e o neopelagianismo. Torna-se importante, por isso, recordar esses perigos mais eminentes que Francisco aponta como grandes desafios à conversão eclesial e à ação do novo sujeito, protagonista de um novo estilo evangelizador. São elevados os riscos que distanciam o cristão da inserção de uma fé encarnada; o grande perigo de desenvolver uma doutrina sem mistério.⁵⁵¹ Podemos nos deter, nos aspectos travestidos pelo prazer da glória e do sucesso, tentações mundanas, que escondem uma autêntica evangelização, não ajudam a desconstruir uma mudança de mentalidade, fundamental no processo da conversão eclesial e do novo sujeito apostólico. Buscar a superação de uma cultura racionalista, pautada na aquisição de um conhecimento sistemático e absoluto em relação a outras experiências de conhecimento, que, apesar de serem boas, terminam no risco de uma relação autoritária e ideologicamente dominante e enclausurada, como diz o Papa, “na imanência de sua própria razão”.⁵⁵² O enfrentamento dessa realidade, mais do que importante, é condição na proposta de Francisco à superação do modelo excludente para outro que se

⁵⁴⁷ EG 52-54.

⁵⁴⁸ EG 37.

⁵⁴⁹ GE 136.

⁵⁵⁰ EG 33.

⁵⁵¹ GE 40.

⁵⁵² GE 36-37.

pretenda mais justo e equilibrado, integrado às dimensões econômica, social e cultural. A comunidade eclesial, dessa forma, no processo de sua conversão, contribuiria como fonte de vida no compromisso de uma eclesiologia e espiritualidade encarnadas, “de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres, livres de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais”.⁵⁵³

A Igreja em saída torna possível visibilizar o projeto salvífico de Deus, contribuindo na construção de uma sociedade mais humana. Uma Igreja que vai ao encontro dos esquecidos, lá onde podem nascer as condições de uma autêntica evangelização transformadora e libertadora. Temos a chance de reencontrar o Evangelho anunciado por Jesus aos pobres e a oportunidade de reconhecer prioridades na luta pelos direitos humanos, pela dignidade da vida.

Como já afirmamos, a mudança de mentalidade deve ser o grande investimento no processo de construção na conversão missionária do novo sujeito eclesial. Como apoio, a Igreja em saída se torna o caminho dessa conversão, que, sem dúvidas, exige um processo de formação que conduza a um diferencial evangelizador, como afirma Francisco: “devemos procurar simultaneamente uma formação melhor, um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho [...]. A missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer”.⁵⁵⁴ Nessa convicção, precisamos rever o sentido de ser cristão hoje, diante das interpelações de Deus e da sociedade na qual a Igreja se insere. O amor aos pobres, aos excluídos, aos sobrantes, que expressa o amor misericordioso de Deus, nos permite sentir o “frescor do Evangelho.”⁵⁵⁵

O coração do Evangelho, sempre memorizado no desenvolvimento deste trabalho, é o lugar do encontro com o rosto de Deus e do próximo. Assim, Francisco nos coloca diante de duas riquezas mostradas no Evangelho.⁵⁵⁶ A centralidade do rosto misericordioso de Deus, na ação de Jesus Cristo, nos revela a Graça atuante de Deus na história humana. O Papa Francisco, por ocasião da homilia do jubileu das pessoas excluídas, relembra que Jesus dedicou aos pobres o Reino da justiça (Mt 5, 3), de onde tirou sua reflexão sobre o sentido e o valor da vida. Para fugir dos riscos que nos desviam o olhar do sofrimento e da pobreza

⁵⁵³ EG 97.

⁵⁵⁴ EG 121.

⁵⁵⁵ GE 46.

⁵⁵⁶ GE 61.

de “tantos pobres Lázarus de hoje”,⁵⁵⁷ Francisco é incansável na luta contra os desafios das aparências do poder e da riqueza de grandes estruturas incorporadas pela Igreja, que reduzem e esvaziam o Evangelho “despojando-o de sua simplicidade cativante e de seu sabor”.⁵⁵⁸ Ele defende que nos concentremos no amor que humaniza e aproxima as pessoas, depositando na Igreja a missão de libertar-se, com a ajuda do Espírito Santo, “das novas formas de gnosticismo e pelagianismo que a complicam e a detêm em seu caminho para a santidade!”⁵⁵⁹

Na verdade, alcançar a humanização pela revelação do amor que o Evangelho mostra, em diálogo com o mundo, se configura como um dos elementos essenciais ao novo sujeito apostólico que, solidário ao pobre, fortalece a ação eclesial na realidade contemporânea. “Fixar o olho na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai”⁵⁶⁰ e disponibilizar a vida à ação do Espírito Santo, à graça atuante de Deus no processo de libertação do confinamento imanentista que as falsas ideologias nos oferecem.⁵⁶¹ Essa é a chave de acesso à exigência, com o compromisso da transformação missionária da evangelização no mundo atual. Colocam-nos no movimento da saída e do encontro, dando-nos a condição de despertar para o processo de conversão da mentalidade que guarda ameaças à vida humana e do planeta.

A apresentação de Francisco fundamenta-se, como já amplamente divulgado e narrado, em sua clara defesa pelos excluídos. O Evangelho é prioridade no caminho pela justiça e pela dignidade da vida. Inclusive, as Bem-Aventuranças são expressas pelo Papa como caminho da ação libertadora e salvadora⁵⁶² contra o sistema econômico, social, cultural e, também, religioso, imposto como obstáculo à libertação do desenvolvimento humano e social.⁵⁶³ É nesse horizonte que Francisco renova a dinâmica do Evangelho e da vida, e defende o projeto da inclusão dos pobres como projeto eclesial e social – a expressão da conversão do estilo missionário. Uma presença que evidencia a integração entre o sujeito apostólico e a comunidade eclesial, possibilitando a formação do novo sujeito.

⁵⁵⁷ FRANCISCO, Homilia da Santa Missa por ocasião do jubileu das pessoas socialmente excluídas, 13/11/2016.

⁵⁵⁸ GE, p. 58.

⁵⁵⁹ GE 62.

⁵⁶⁰ MV 3.

⁵⁶¹ GE 65.

⁵⁶² GE 67-89.

⁵⁶³ GE 91.

O Papa Francisco, em continuidade ao Concílio Vaticano II, oferece a ampliação dos debates e temas que permaneceram pelo caminho durante os anos que seguiram à conclusão do Concílio. Temas que Francisco atualiza na realização de sua proposta eclesial e missionária, culminando com a de uma evangelização dinâmica e encarnada de uma Igreja em saída. Também reconhecemos sua atuação histórica no contexto da teologia e da pastoral, no período pós-concílio, que aconteceu no continente latino-americano.

É importante lembrar, na investigação do debate sobre o novo sujeito apostólico, que Francisco tem em sua formação jesuíta algo específico. Desde 1995, o tema do novo sujeito apostólico ocupa um espaço importante na construção entre colaboradores, leigos e jesuítas, nas obras da Companhia de Jesus. Portanto, como jesuíta, Francisco convive há algum tempo com o desafio de uma prática integrada com os leigos, numa perspectiva dialogal e de cooperação. Isso pode nos ajudar a pensar que o Papa – em sua proposta pontifícia, imbuída de uma formação integradora, de mútua troca de aprendizados entre as diferentes atribuições de funções – contribui não apenas para o debate do novo sujeito, mas investe na formação apostólica e social.

Podemos afirmar, portanto, que o Papa deseja oferecer, de forma concreta, possibilidades de avançar e alcançar uma profunda e extensa mudança na Igreja e na sociedade. Ele demonstra a confiança de que o novo sujeito apostólico pode nascer da configuração de novas relações humanas, solidárias, desprendidas de valores individualistas, imanentistas e que se estendem às estruturas sociais. Por isso, a insistência da conversão do olhar e do coração que alcançam o entendimento da realidade, de revisão do ponto de vista e do lugar de onde estamos. Assim, afirma, quando se dirige aos participantes dos movimentos populares: “ouvimos também como vos comprometestes a abraçar um projeto de vida que rejeite o consumismo e recupere a solidariedade, o amor entre nós e o respeito pela natureza como valores essenciais”,⁵⁶⁴ na intenção do reconhecimento de novos protagonistas sociais, que nascem da resistência e da luta pelos direitos sociais dos pobres.

Trata-se de uma experiência radicalmente transformadora, porque exigirá do sujeito participante, ativo no processo de sua formação, a mudança de

⁵⁶⁴ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

mentalidade, cultura e visão. A presença do Papa na defesa pelo pobre alcança muitas dimensões, inclusive a espiritualidade, como expressa ao enfatizar o Espírito Santo a abertura à Graça como condição fiel e plena com Deus na aproximação do Evangelho.⁵⁶⁵ Mas, sobretudo, destaca a atenção à escuta da fé

que o povo de Deus, pela ação constante do Espírito nele, se evangeliza continuamente a si mesmo [...] inspira também como se deve escutar a fé do povo, portanto a pregação cristã encontra no coração da cultura do povo, um manancial de água viva.⁵⁶⁶

Estar atento às diferentes linguagens que a ação de Deus promove em cada cultura contribui para superar os desafios que o Papa destaca como graves perigos à evangelização renovada. O estilo da vida do povo, a espiritualidade vivenciada na Palavra viva de Deus, presente na oração e no trabalho, precisam ser assumidos de forma integrada ao missionário evangelizador, para que não caia na tentação da espiritualidade intimista.⁵⁶⁷

Nessa perspectiva integradora, a fé encarnada à cultura e, essencialmente, junto ao pobre, oferece redescobertas de uma fé originária – a espiritualidade popular, tão presente no continente da América Latina.⁵⁶⁸ Como afirma Scannone, a piedade popular experimenta uma ‘autoevangelização ativa’, por isso constitui uma presença importante na nova evangelização.⁵⁶⁹ Teremos a oportunidade de desenvolver mais adiante o tema da espiritualidade na piedade popular como um caminho, inclusive de resistência e de luta. Permanecemos, ainda, na importância do acento que o Papa Francisco coloca no protagonismo do pobre, o excluído como condição para uma ampla transformação no estilo e no modelo eclesial da evangelização. Condição que aparece em todos os âmbitos que destaca como grandes cenários de evangelização os movimentos sociais, as comunidades nas suas diferentes expressões, a piedade popular e, fundamentalmente, o cotidiano como encontros de revelação. Mostraremos, a seguir, o lugar do qual emana toda a presença que demarca o modo de ser e de conviver revelado na pastoral e na teologia do seu pontificado, o rosto humano de Francisco.

⁵⁶⁵ EG 272.

⁵⁶⁶ EG 139.

⁵⁶⁷ EG 262.

⁵⁶⁸ EG 122-124.

⁵⁶⁹ SCANNONE, J. C., O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento, p. 47.

4.1.3 O rosto humano na teologia do Papa Francisco

É no horizonte do Evangelho que o Papa Francisco dirige ao mundo o convite de revelar e concretizar, junto com toda a Santa Igreja, a misericórdia de Deus. Ele estrutura o projeto de seu pontificado para “tornar o Reino de Deus presente no mundo.”⁵⁷⁰ É fonte e modelo de vida humana e sacerdotal do Papa Francisco o coração misericordioso de Deus revelado na pessoa de Jesus Cristo, que “se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados.”⁵⁷¹

O Papa nos mostra, em todos os Documentos do Magistério, a preocupação com o ser humano em relação ao mundo em que vive, mas de modo muito especial com os que não têm lugar neste mundo. Ele também manifesta grande preocupação com aqueles que, sem sentido, perdem o rumo de suas vidas anulando o que de mais precioso receberam: o dom da liberdade. No modelo individualista, essa realidade pode contribuir com a violência da desumanização e da ideologização que o poder aquisitivo e do conhecimento estigmatiza entre os não visíveis de uma sociedade excludente. Uma preocupação especial de Francisco com os jovens é porque “são numerosos os que sofrem formas de marginalização e exclusão social por motivos religiosos, étnicos ou econômicos.”⁵⁷² Mas, ainda, de maneira dolorosa e sofrida, com a Igreja, os cristãos que, aprisionados numa espiritualidade desencarnada, tornaram estéreis a Palavra de Deus. Somos brindados no início do seu pontificado com a grande convicção e alegria que convida os cristãos, explicitamente, a “uma nova etapa evangelizadora.”⁵⁷³ Com entusiasmo, Francisco convida os jovens, mas também a todos cristãos a conhecer a fonte “do verdadeiro manancial, que mantém vivos os nossos sonhos, nossos projetos, nossos grandes ideais.”⁵⁷⁴

Nesse espírito renovador e dinamizador de vida é que Francisco, tomado de esperança e entusiasmo, mesmo diante das condições adversas, de morte e violência contra a humanidade e a criação, convida-nos à solidariedade. Pede-nos o olhar para os que sofrem largados à margem pela exclusão, pela injustiça, pelo abandono e pela doença. Deixemos que a compaixão nos mobilize e nos faça

⁵⁷⁰ EG 176.

⁵⁷¹ EG 186.

⁵⁷² ChV 73.

⁵⁷³ EG 1.

⁵⁷⁴ ChV 32.

sentir pulsar o coração. No discurso na Organização das Nações Unidas (ONU), refere-se à cultura do descarté como um grave “atentado contra a humanidade. De fato, é doloroso ver quantos direitos fundamentais continuam sendo violados com impunidade.”⁵⁷⁵ É um discurso que, como em toda sua presença diante dos conflitos no mundo, relembra os maiores desafios sociais. Assim, também em Lampedusa, em oração diante dos corpos naufragados, expressa a falta da misericórdia, ao destacar que “a globalização da indiferença nos tirou a capacidade de chorar”.⁵⁷⁶ A mensagem *Urbi et Orbi* evidencia o tratamento oferecido a todas as pessoas que façam o bem e o melhor, tudo o que puderem para que todos sejam “unidos em humanidade e espírito”.⁵⁷⁷ Mensagens de esperança por uma nova realidade, na qual Deus reine entre nós. “Esse o é projeto de Jesus, instaurar o Reino de seu Pai”.⁵⁷⁸

Francisco deseja que o Evangelho possa ser narrado na vida e que entre nós aflore um “espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos.”⁵⁷⁹ Diante do desprezo à vida, ele indaga sobre a condição de nossa indiferença, da incapacidade de chorar e sentir a dor com o abandono e o sofrimento da vida alheia que, já distante das minhas condições estáveis da sobrevivência, já não é capaz de sentir nem de chorar. “Se não consegue, roga ao Senhor que te conceda derramar lágrimas pelo sofrimento dos outros. Quando souberes chorar, então serás capaz de fazer algo de coração pelos demais.”⁵⁸⁰ Assim, declara permanentemente em toda sua ação, “a misericórdia e a compaixão também se expressam chorando.”⁵⁸¹

Na encruzilhada que a crise sanitária evidenciou ao sistema global – como destaca ainda no discurso da ONU – a grave e abissal diferença social em relação aos mais vulneráveis, destaca com veemência que o único caminho possível na superação das crises que se avolumam é a solidariedade mundial.⁵⁸² A única que, ao levar em conta os mais pobres, pode oferecer condições para uma evangelização transformadora e libertadora e, assim, gerar novas relações humanas e ambientais. Ao final do seu discurso ele relembra que no momento a

⁵⁷⁵ FRANCISCO, Discurso na ONU, 25/09/2020.

⁵⁷⁶ Id., Discurso em Lampedusa, 09/07/2013.

⁵⁷⁷ Id., Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia, 27/03/2020.

⁵⁷⁸ EG 180.

⁵⁷⁹ EG 180.

⁵⁸⁰ ChV 76.

⁵⁸¹ ChV 76.

⁵⁸² FRANCISCO, Discurso na ONU, 25/09/2020.

pandemia nos mostra a necessidade do outro, por isso destaca que “as Nações Unidas foram criadas para unir as nações, aproximá-las, como uma ponte entre os povos; usemo-la para transformar o desafio que enfrentamos para construir, uma vez mais, o futuro que queremos.”⁵⁸³

Lembramos que, anteriormente, destacamos a Igreja em saída e a Igreja para os pobres como não somente prioridades no pontificado de Francisco, mas como forças que fundam e estruturam a proposta e o modelo de revitalização eclesial e evangelizadora. O clamor pela vida do pobre o coloca na exigência da realidade social em todos os âmbitos – econômico, social, cultural e ambiental –, numa perspectiva que integre e valorize o desenvolvimento da vida plena. Proporciona integralmente a inclusão e a humanização entre as diferentes diversidades, aproximando e enriquecendo as relações, mostrando-nos que é possível criar e mudar mentalidades a partir da ação misericordiosa e solidária. Coloca-nos em relação direta com o diálogo, caminho privilegiado por Francisco nesse processo de formação humana do novo sujeito e da evangelização transformadora. Francisco consegue, dessa forma, abrir os espaços para a vivência do Reino e fazer “crescer e antecipar entre nós”⁵⁸⁴ o banquete que Jesus promete como sinal do reino de Deus (Mt 22, 1-14). Como expressa tão intensamente na sua presença – tanto física, de apoio aos excluídos, como pelos documentos, ao se dirigir sua palavra a todos – “falar com o coração implica mantê-lo não só ardente, mas também iluminado pela integridade da revelação e pelo caminho que essa palavra percorreu no coração da Igreja e do nosso povo fiel ao longo da história”.⁵⁸⁵

O retorno constante ao Evangelho, como fonte inerente à humanização, não é feito pelo Papa Francisco de maneira extrínseca, como cumpridor apenas de uma missão. Ao contrário, nos mostra sua vida humana numa intrínseca e constitutiva relação com a realidade amorosa de Deus, misericordiosa e terna que transborda ao falar do amor de Deus em relação à criação. Com gestos comprometidos e solidários, ele assume a atitude de embates proféticos ao denunciar sinais de morte e ao anunciar, regando com coragem, a possibilidade de um novo horizonte – o Reino de Deus. Assim, retoma uma espiritualidade

⁵⁸³ FRANCISCO, Discurso na ONU, 25/09/2020.

⁵⁸⁴ EG 180.

⁵⁸⁵ EG 144.

encarnada, de aproximação com Jesus Cristo, fonte da espiritualidade cristã. E defende a diversidade de dons que emanam de Cristo, a partir da experiência com a espiritualidade inaciana. Ele revela, dessa forma, a riqueza de diferentes espiritualidades que, agregadas e integradas à vida da Igreja, contribuem na construção da identidade cristã, impulsionadas pelo amor misericordioso que enriquecem e “edificam a Igreja [...]. Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício.”⁵⁸⁶ A grandeza de Francisco é reconhecer e denunciar a dificuldade no acolhimento à diversidade e ao diálogo diante do diferente, impondo ao outro o risco de um discurso socialmente reconhecido; por isso, legitimado – “uma uniformidade que não ajuda a missão da Igreja.”⁵⁸⁷

A experiência na diversidade não deve se tornar um obstáculo às mudanças, mas ponte na construção do diálogo e da paz. Somente dessa forma podemos nos sensibilizar com a maior de todas as diferenças: a desigualdade social. Essa é a face que Francisco expressa como preocupação latente na sua vida sacerdotal, de serviço, de exercício no discernimento diante do Evangelho e no seu pontificado. Ele nos deixa esse registro na Exortação *Evangelii Gaudium* ao expressar o que considera fundamental na história, que determinará o futuro da humanidade, a inclusão do pobre, o diálogo e a paz.⁵⁸⁸ Em sua vida, viveu de forma concreta o amor a partir dos pobres que, simultaneamente, ao lado da comunidade de fé, fez o aprendizado da paz no diálogo entre os diferentes. Aberto à graça de Deus, imaginamos o tempo que dispôs diante da contemplação do mistério, da misericórdia de Deus, “o caminho que une Deus e o homem porque nos abre a esperança.”⁵⁸⁹

Na Bula do Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco mostra o rosto de Deus plenamente revelado e é nesse rosto que Francisco expressa o seu pontificado. Lembramos de atitudes que reconciliam, como na entrevista dentro do avião, quando na volta da Jornada Mundial da Juventude, foi indagado sobre a homossexualidade, ao que respondeu com a ternura e o amor paciente de Deus:

⁵⁸⁶ EG 130.

⁵⁸⁷ EG 131.

⁵⁸⁸ EG 185.

⁵⁸⁹ MV 2.

“Quem sou eu para julgar?”⁵⁹⁰. Aqui, um gesto de reconciliação e inclusão bastou para revigorar a esperança de muitas famílias que se distanciaram da Igreja por receios, medos e até rejeição. Também na entrevista coletiva, diante de todos, sem restrições de regras, dá um sinal que pretende afirmar no seu pontificado um novo estilo de aproximação e diálogo. Da mesma maneira que convoca os cristãos a estarem atentos tanto aos sinais como ao discernimento no Espírito para essencialmente se aproximarem e evangelizarem com o espírito, “ter o prazer de estar próximo da vida das pessoas”⁵⁹¹ o faz como testemunho de vida. Faz da sua vida a própria missão e assim declara: “a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado.”⁵⁹² Ele nos mostra, mais uma vez, a visão integrada que expressa na fidelidade teológica e pastoral da revelação do amor de Deus.

O Papa sinaliza o projeto de seu pontificado, uma Igreja em saída, que reúne a Bula da Proclamação do Jubileu “a alegria de abrir a Porta Santa, que será a Porta da Misericórdia.”⁵⁹³ A Igreja em saída é o apelo que o Papa transmite para que saíamos a oferecer, com gestos concretos, o amor de Jesus com a mesma compaixão e misericórdia que Jesus viveu junto aos pobres. Uma condição do amor de Deus presente na história do povo de Deus, quando já se celebrava o ano da Graça do Senhor. Por essa Graça que não cessa de atuar na história da Igreja, Francisco escolhe o dia 8 de dezembro como uma data de grande significado para a Igreja: “De fato, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava, então, para ela, um percurso novo da sua história.”⁵⁹⁴ Francisco, dessa forma, confirma a grande reforma evocada no Concílio como a porta aberta ao mundo novo, que já nascia diante de muitos desafios econômicos e sociais, e que se alargaram e alcançaram outros de ordem cultural e ecológica com o Papa Francisco.

O Evangelho, a práxis de Jesus, é o lugar que impele a vida do Papa Francisco. Exige-nos a reflexão e a necessidade de utilizar de lentes para ampliar os sentidos que brotam e dão luz à práxis do cristão atualmente, como dão ao

⁵⁹⁰ FRANCISCO, Entrevista aos jornalistas no retorno da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro a Roma, 28/07/2013.

⁵⁹¹ EG 268.

⁵⁹² EG 273.

⁵⁹³ MV 3.

⁵⁹⁴ MV 4.

pontificado de Francisco. O Papa reforça e oferece esse caminho empenhado em dar continuidade a abertura às reformas do Concílio Vaticano II, colocando o acento na exigência da conversão quando insere a espiritualidade cristã que Jesus inaugurou, evidenciando o caminho da carne humana como caminho de aproximação de descobertas nas novas relações humanas e em relação à criação.⁵⁹⁵ Assim, as relações se transfiguram e possibilitam a transformação missionária da Igreja, relações tocadas na carne, na ferida e no sofrimento do pobre. É no coração do Evangelho que brota a possibilidade de viver a experiência salvífica do amor de Deus⁵⁹⁶, recriada a partir da relação com o outro, quando “não se vive fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilha.”⁵⁹⁷ Todos na criação se encontram à imagem de Deus, e cada vida torna-se “sagrada e merece o nosso afeto e a nossa dedicação.”⁵⁹⁸ É na grandeza do espírito evangélico, dinamizado pelo espírito, que o Papa declara a misericórdia como o critério de todo o reencontro dos homens, a partir das obras, critério de transformação, de *metanoia*.

O Papa integra as Bem-Aventuranças proclamadas como caminho à santidade⁵⁹⁹, à misericórdia, que desejou, no ano do jubileu, que os cristãos fossem reconduzidos às ações de Jesus e refletissem “sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual.”⁶⁰⁰ Comer, vestir, amar e perdoar. Relações de inclusão e conversão. Assim, pede e faz o Papa Francisco.

Mas, se o Senhor não se cansa de perdoar, nós não temos outra escolha além desta: em primeiro lugar, curar os feridos. É mãe, a Igreja, e deve seguir por esse caminho de misericórdia. E encontrar uma misericórdia para todos. A Igreja deve fazer assim. Quando há pessoas [...] não se limitar a esperar por elas, mas sair ao seu encontro! Esta é a misericórdia.⁶⁰¹

Esse é o rosto de Francisco, misericordioso, no coração e na palavra feita. Como diz sobre as Bem-Aventuranças, “nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia a dia de nossa vida.”⁶⁰²

À luz das Bem-Aventuranças, seguiremos o presente trabalho no processo

⁵⁹⁵ CODA, P., A Igreja é o evangelho, p 72-73.

⁵⁹⁶ EG 36.

⁵⁹⁷ EG 272.

⁵⁹⁸ EG 274.

⁵⁹⁹ GE 64.

⁶⁰⁰ MV 15.

⁶⁰¹ FRANCISCO, Entrevista aos jornalistas no retorno da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro a Roma, 28/07/2013.

⁶⁰² GE 63.

concreto de entendê-las, como pede Francisco, não como “um compromisso leve ou superficial; pelo contrário, só a podemos viver se o Espírito Santo nos permear com toda sua força”⁶⁰³. Nesse sentido, motivados pela mesma garra profética de Francisco, avançaremos ao segundo tópico, que trata das organizações que sinalizam sementes de novas possibilidades a uma vida integrada, na qual todos têm os direitos essenciais à sobrevivência – a luta dos movimentos populares, que o Papa denomina como os protagonistas sociais – os Bem-Aventurados, os pobres, os que têm fome e sede de justiça, os perseguidos por causa da justiça, os que promovem a paz porque deles será o Reino de Deus (Mt 5,1-12).

4.2

Os movimentos sociais: alavanca e semente de um novo protagonismo evangelizador

De forma explícita, podemos entrever nos documentos e nos discursos do Papa Francisco que uma Igreja, já em saída, ferida e acidentada, é uma Igreja reconciliada com o Evangelho, com a práxis misericordiosa de Jesus Cristo. Uma Igreja, sinal do Reino de Deus, que nos convoca a ouvir o grito dos pobres. “Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.”⁶⁰⁴

É assim que o Papa convoca a todos os trabalhadores excluídos da produção da terra, sem-teto e sem-trabalho, a assumirem o lugar da resistência, a unirem suas ações ao novo horizonte, à conquista de uma terra prometida. Um lugar concedido de direito a todos os seres humanos e já uma questão dedicada pela Doutrina Social da Igreja ao empenho na defesa da vida humana. Demonstra, de forma concreta, o percurso que legitima e reconhece os movimentos sociais como protagonistas da mudança social, a convocação dos encontros realizados junto aos movimentos sociais, a quem atribui a condição de sujeitos coletivos. Sujeitos que irão compor com a arte do diálogo, das diferenças próprias dos movimentos, um projeto de uma nova sociedade inclusiva, humanizadora e fraterna, onde nenhum irmão viva a escassez e a dor do abandono.

⁶⁰³ GE 65.

⁶⁰⁴ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

4.2.1

O processo transformador dos movimentos sociais

O Papa Francisco fala do encontro com os movimentos populares como “um grande sinal diante de Deus, da Igreja e dos povos.”⁶⁰⁵ Afirma, categoricamente, que os movimentos populares representam a contraposição da realidade atual, injusta e excludente, pois visibilizam a sua luta por uma nova sociedade.⁶⁰⁶ São o despertar de um processo histórico que pretende assegurar novos sentidos à existência humana. O Papa dedica uma abordagem elucidativa e globalizante, na Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a importância dos movimentos populares, no âmbito da sociedade, para além dos discursos feitos junto aos movimentos. Faz uma articulação estrutural com a sociedade global. Especificamente, defende as ações da luta como resistência geradora de novas capacidades, diante dos limites e valores liberais em relação à economia, à comunidade internacional, a uma política de legitimação da democracia. Otimiza e sustenta como caminho na formação de um pensamento mais integrado, que possibilite a solidariedade, novas relações humanas, que devolva a dignidade do trabalho e da vida.⁶⁰⁷

A luta dos movimentos populares apresenta-se, historicamente, no processo da responsabilidade de garantir à atual geração a memória e a esperança, de conduzir a novas conquistas que agreguem novos valores à luta do povo. Como afirma o Papa, as conquistas acontecem dia a dia, na resistência e na organização.⁶⁰⁸ “O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez para sempre”⁶⁰⁹, por isso é preciso, diante do mercado globalizado, que oferece riscos às experiências humanas, resistir e recriar, como “poetas sociais, criadores de trabalho, construtores de casa, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global”.⁶¹⁰ Sabemos que o poder econômico, que prevalece e conduz a rejeição aos pobres, excluindo-os e abandonando-os à própria sorte, se encontra sempre presente. Francisco o descreve como as sombras de um mundo fechado que não favorecem ao bem

⁶⁰⁵ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶⁰⁶ Ibid.

⁶⁰⁷ FT 163-169.

⁶⁰⁸ FRANCISCO, Ibid.

⁶⁰⁹ FT 11.

⁶¹⁰ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

comum, ao contrário os pobres são instrumentalizados pelo mercado global que tende à imposição de uma cultura que privilegia o poder do consumo e fortalece “interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência”.⁶¹¹ Dessa maneira, aponta ao mundo o papel que os movimentos representam no processo da libertação, da conversão e do assentamento de um novo protagonismo social. Assim, a história é reconduzida a uma nova perspectiva.

Podemos compreender que o Papa, ao destacar os movimentos como grande sinal ao mundo, deseja afirmar e legitimar um caminho para a transformação social e eclesial que sugere na proposta de seu pontificado. Como sempre afirmamos, uma transformação integrada à realidade social, econômica e cultural. Em todos os discursos afirma a necessidade de dialogar sobre os grandes desafios impostos pelo modelo da globalização, os conflitos sociais, frutos da injustiça, que excluem da dignidade da vida grande parte da população global. O Papa, inserido no compromisso de uma espiritualidade encarnada do Evangelho de Jesus Cristo, anunciado aos pobres, deseja, como diz, unir a sua voz à dos movimentos e “acompanhá-los na luta”.⁶¹² Reforça, portanto, os pobres como protagonistas, construtores de realidades concretas, porque sofrem na carne a injustiça, a pobreza e a dor da exclusão, podem reinaugurar e dar continuidade à luta, na história, dos povos que buscam “por viver com dignidade, por viver bem.”⁶¹³ Assim, Francisco legitima o sujeito coletivo, fortalece como caminho da mudança social, o futuro que “está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos, que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança”.⁶¹⁴

A densidade do projeto eclesial e missionário do Papa Francisco encontra sustentação em todo o processo desencadeado na teologia pós conciliar. O grande passo oferecido por Francisco foi descortinar os desafios que o mundo global revelou na capacidade de estender a destruição do mal estrutural a ponto de descartar o que de mais precioso Deus nos concedeu, a criação. E, com ela, o ser humano. O poder econômico tem formas sutis de velar a realidade social da exclusão e do descarte, “abundam os eufemismos no mundo das injustiças [...] por

⁶¹¹ FT 12.

⁶¹² Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶¹³ Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

⁶¹⁴ Ibid.

detrás de um eufemismo esconde-se um delito”.⁶¹⁵ O mal estrutural amplia a rede de uma invisibilidade da injustiça, que o Papa vai tratar como um “elo invisível” que, na realidade global, de forma paradoxal, reúne as diversas exclusões, tornando-as interligadas e submissas ao mesmo modelo destrutivo do capital, uma lógica intencional do lucro na exclusão social.⁶¹⁶ Francisco, em todos os encontros com os movimentos populares, aponta a mudança como horizonte que desenhou para o seu pontificado, mas é no discurso do II Encontro, na Bolívia, que diretamente interpela e convoca a uma mudança existencial, que “liberte desta tristeza individualista que escraviza”.⁶¹⁷

Há um elo norteador que permeia a formação existencial, teológica e pastoral do Papa que vivenciou a teologia latino-americana, pós conciliar, especificamente a teologia do povo. Uma teologia enraizada no processo histórico de resistência e de construção social e cultural do povo, que expressa a “relação com a experiência histórica peculiar do povo argentino e a valorização do significado dos movimentos nacionais e populares latino-americanos e o processo de libertação.”⁶¹⁸ Francisco, a partir da sua experiência cultural e de fé, robustece o valor da história como processo ao destacar o caminho educativo na construção do protagonismo do povo. Em todo o pontificado mostra nos discursos e documentos a preocupação em dar a voz ao coletivo, como falamos acima, destaca nos discursos aos movimentos populares que “as soluções reais para as problemáticas atuais não sairão de uma ou três conferências: elas devem ser frutos de um discernimento coletivo [...] que se torna ação transformadora”.⁶¹⁹ Ou seja, das muitas vozes que compõe a resistência na luta pela mudança, os sujeitos sociais. Teremos oportunidade para desenvolver, à frente, o significado que o Papa atribui ao protagonismo social na luta contra a economia excludente. O mal que, centrado no lucro do capital, e reestruturado na sociedade global, permaneceu gerando e estendendo a pobreza a muitos segmentos sociais:

Aquele fio invisível, aquela estrutura injusta que une todas as exclusões que vós padeceis, pode consolidar-se e transformar-se num chicote, num chicote existencial, que, como no Egito do Antigo Testamento, escraviza, rouba a liberdade, golpeia sem misericórdia [...] até onde o dinheiro divinizado quiser.⁶²⁰

⁶¹⁵ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶¹⁶ Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

⁶¹⁷ Ibid.

⁶¹⁸ AZCUY, V., Lucio Gera, um teólogo de Medellín, p. 118.

⁶¹⁹ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

⁶²⁰ Ibid.

O Papa Francisco tem convicção de que precisa alimentar a fé na esperança por um mundo mais justo. Por isso, nos três encontros promovidos junto aos coletivos de resistência desenvolve tarefas essenciais ao processo de mudança: a economia a serviço, a paz e a justiça e a defesa da Mãe Terra. Uma preocupação que envolve todos os discursos, mas se faz presente essencialmente na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e nas Cartas Encíclicas, *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, que envolvem a perspectiva integrada entre o cuidado com a criação e o ser humano, como também a mudança de atitudes necessárias ao cuidado mútuo, destaque que o Papa dá à solidariedade.⁶²¹

Ao enfatizar a libertação existencial e o discernimento necessário ao processo libertador do mal invisível que mata e ameaça a vida, revela a preocupação com uma espiritualidade encarnada e, por isso, transformadora. Não poderíamos distanciar a libertação integral dos desafios que o Papa sinaliza, principalmente com a espiritualidade e com as questões ambientais, dois desafios presentes na práxis de Jesus Cristo. Por isso, sua preocupação em destacar aos movimentos populares os desafios históricos do sistema econômico, gerador de injustiças e devorador do ambiente que utiliza como propriedade com fins lucrativos e a espiritualidade aprisionada por essa realidade destruidora.

Nesse horizonte de compreensão, os encontros e os Discursos dirigidos aos movimentos populares possuem “caráter salvífico-espiritual dos problemas socioambientais e das lutas e organizações populares, bem como a necessidade de a Igreja se envolver com essas questões”.⁶²² O discernimento que, pela oração, como Francisco nos lembra, nos exercícios espirituais de Santo Inácio, põe a ação em “conformidade com os lugares, os tempos e as pessoas”⁶²³, dinamizado pela presença do Espírito Santo, que ilumina o discernimento da Palavra como sinais dos tempos. Da mesma forma, impregna todo o desejo de mudança que almeja desenvolver no seu pontificado, da espiritualidade inerente à práxis de Jesus Cristo. Como já abordado anteriormente, Francisco reúne a realidade à Palavra encarnada, “o critério da realidade, de uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se, é essencial à evangelização”.⁶²⁴

⁶²¹ FT 114 e 117.

⁶²² AQUINO JUNIOR. Organizações populares, p.10.

⁶²³ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

⁶²⁴ EG 233.

Francisco expressa a vida integrada como centro de toda a condição para a humanização, um projeto que paulatinamente vai se construindo nos Documentos Papais. Um projeto que tem no mundo uma recepção profética, de cunho revolucionário, alimentado por uma “globalização da esperança”, a esperança da justiça do Reino de Deus. Um projeto que reinaugura e fortalece a presença de novos protagonistas sociais, os sujeitos eclesiais e sociais. Um projeto que “não é absolutamente novo na Igreja, sobretudo na Igreja da América Latina [...] mas não deixa de ser impactante e de provocar uma comprometedora alegria evangélica”.⁶²⁵

No desejo de fortalecer os novos sujeitos sociais e eclesiais, no horizonte de uma conversão missionária e eclesial, o Papa defende os movimentos populares como força motora nesse processo transformador. Inclui, nesse sentido a luta pela terra, pela moradia e pelo trabalho, direitos essenciais à vida humana. Junto com Francisco, afirmamos de coração: “nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhuma pessoa sem a dignidade que provém do trabalho.”⁶²⁶

4.2.2 Terra, teto e trabalho

Dentre os grandes desafios que o Papa Francisco expressa no projeto do pontificado está a centralidade da dignidade do ser humano, a garantia dos direitos fundamentais à vida: terra, casa e trabalho, “a justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano, é um dever moral”.⁶²⁷ Foi nos discursos aos Movimentos Populares que o Papa explicitou com veemência a defesa dos direitos sagrados⁶²⁸ e na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* confirma a convicção aos Direitos sem fronteiras, ampliando a defesa a todos os povos, onde afirma que “ninguém pode ser excluído. [...] Os confins e as fronteiras dos Estados não podem impedir que isto se cumpra”.⁶²⁹

A centralidade dos pobres tem no pontificado de Francisco a determinação do mandato evangélico, à luz do Deus libertador e da práxis libertadora que Jesus

⁶²⁵ AQUINO JUNIOR. Organizações Populares, p. 25.

⁶²⁶ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶²⁷ Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

⁶²⁸ Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶²⁹ FT 121-124.

confirma na história da salvação. A defesa da criação “e tudo que promove e defende a vida humana, sobretudo dos pobres e marginalizados, e o conjunto da criação é sinal da presença salvífica de Deus”.⁶³⁰ Lembramos, na intenção de destacar o tema do novo sujeito social e eclesial, que Francisco, ao colocar a luta pela emancipação dos pobres no centro do projeto do seu pontificado, mostra-nos uma relação direta com as possibilidades de mudança social e eclesial. São muitos os eixos que sustentam a engrenagem do processo de libertação proposto pelo Papa, que resgata o caminho do Concílio Vaticano II e a teologia do continente da América Latina.

Há três situações fundamentais que o Papa destaca como condições no exercício de uma cidadania e que fincam raízes nesse processo de mudanças: a organização, o estudo e o trabalho. Nessa formulação, Francisco deixa transparecer que somente com instrumentos que reúnem a prática laboriosa e a reflexão fundamentada, que o coletivo terá as condições no enfrentamento com a estrutura que causa a pobreza. Por isso, insiste no que chama de cultura da demasia,⁶³¹ uma cultura de resistência à cultura do descarte, que centraliza o poder do dinheiro em detrimento à vida humana. Cultiva-se, então, a cultura como instrumento de luta porque, no coletivo da comunidade, o trabalho se transforma de forma criativa à sobrevivência dos grupos excluídos. Com a economia popular e habilidades construiu-se caminhos de inclusão e resistência.⁶³²

É no primeiro Encontro com os Movimentos populares que Francisco aborda e dá o tom aos discursos dos encontros seguintes, pela luta da garantia dos direitos fundamentais e afirma que “exigi-los não é estranho, é a doutrina social da Igreja”.⁶³³ Dessa forma, também relembra e destaca o papel que a Igreja tem nesse processo de mudança e de fortalecimento de uma sociedade mais justa. Lembramos que o Papa desenvolve na Exortação *Evangelii Gaudium* os desafios a uma mudança eclesial e missionária. E na Encíclica *Fratelli Tutti* retoma a importância de uma clara evangelização, mais direta e comprometida com “o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher

⁶³⁰AQUINO JUNIOR. Organizações populares, p.21.

⁶³¹ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶³² Ibid.

⁶³³ Ibid.

a todos”.⁶³⁴ Estes temas em particular, solidariedade e espiritualidade, serão abordados à frente, como eixos de uma renovada estrutura social e eclesial.

Os movimentos populares, nessa perspectiva, se assumem como representações de uma nova proposta à realidade global. Inserido nesse convicto sentimento, nos encontros mundiais, o Papa reuniu diferentes participantes pela defesa da justiça, e atribuiu-lhes a responsabilidade no comando da mudança por uma sociedade solidária e inclusiva. Estes que, excluídos e feridos, fazem-se comunidade, movendo a todos, como é dito por Francisco, a assumirem o projeto que somente os que vivem essa dor “confere a sua mística particular aos verdadeiros movimentos populares”.⁶³⁵

Empenhado na defesa da vida, o Papa, unindo-se a essa luta, destaca o que vai definir representar a síntese de todo movimento, a terra, a casa e o trabalho, como condições anteriores a qualquer apropriação feita pelo mercado econômico do capital. O Papa unifica a história de um precioso significado para a Igreja, a tradição na defesa do sentido universal sobre o destino comum dos bens criados. Uma defesa que, iniciada pela práxis de Jesus, foi desenvolvida nos primeiros séculos da fé cristã.⁶³⁶ Esse caminho permanece na memória de duas importantes Encíclicas Papais, a *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, e a *Laborem Exercens*, de São João Paulo II. As encíclicas têm o peso de pensar a questão social em diferentes contextos históricos. Mas, é com a *Rerum Novarum* que se dá o importante início no diálogo entre a Igreja e a questão do capital em relação ao proletariado, às condições do trabalho. Como nos é afirmado na *Laborem Exercens*, há o desejo em colocar em relevo “o fato de que o trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial, de toda a questão social”.⁶³⁷

Pautado nessa fundamental importância, diante de um modelo econômico que despreza o trabalho como de direito criado e criativo, o Papa Francisco reforça o trabalho como a chave central e essencial ao processo do desenvolvimento humano, uma questão “tanto da vida social, como do ensino da Igreja”.⁶³⁸ “O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos,

⁶³⁴ FT 86.

⁶³⁵ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

⁶³⁶ FT 119.

⁶³⁷ LE 14.

⁶³⁸ LE 13.

nascemos nesta terra, com a mesma dignidade”.⁶³⁹ Assim, Francisco expressa a defesa não apenas para cidadãos locais, mas para todos, cidadãos, sem fronteiras. A terra, o chão que o ser humano pisa e onde gera a sua existência tem relação intrínseca com a criação de Deus, com o trabalho humano. Uma relação de cuidado, de afeto, de cultivo e de sustentação. A terra torna-se, essencialmente, um enlace espiritual que confere ao ser humano uma identidade e um estilo próprio de vida. Essa realidade que o Papa expressa tem a preocupação com “o desenraizamento de tantos irmãos que sofrem por esse motivo”.⁶⁴⁰ Uma condição que rompe e fragmenta as comunidades e que pode, inclusive, ser alcançada pela especulação financeira, como afirma no discurso aos movimentos populares, conduzindo boa parte da população à fome, negando-lhes o direito de produzirem e gerarem a própria renda com a produção. “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para administrar em benefício de todos”⁶⁴¹, ao contrário da lógica do capital, onde a terra é fonte de expropriação do trabalho humano, alienando-o à condição de mercadoria e de especulações.

A casa e o trabalho, dois outros direitos invioláveis à dignidade humana, que se interligam à terra como a habitação à casa comum, ao direito que recebemos como família universal.⁶⁴² Numa abordagem mais específica, local de construção da comunidade humana, a casa tem uma referência concreta de habitação, de abrigo, de família. É na casa que recebemos e construímos nossa cultura, desenvolvemos nossa identidade e percebemo-nos como comunidade.⁶⁴³ Não ter a casa, o teto, significa deixar ao relento pessoas, famílias no abandono, excluídas, destituídas do sentido de alteridade, sua mais profunda existência de reconhecer-se como ser humano. É pela legítima fidelidade à criação de Deus que o Papa Francisco reforça o enraizamento humano à terra, à casa, defendendo sua integração urbana, contrário ao desenraizamento e à marginalização, produzidos pela especulação urbana, mas também “por aqueles projetos que pretendem envernizar os bairros pobres e disfarçar as feridas em vez de as curar”.⁶⁴⁴ Por toda realidade que o mundo assiste em relação ao abandono e perdas dos direitos

⁶³⁹ FT 118.

⁶⁴⁰ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶⁴¹ LS 95.

⁶⁴² LS 89.

⁶⁴³ FRANCISCO, *Ibid.*

⁶⁴⁴ *Ibid.*

fundamentais à vida, que jogam à exclusão milhares de vidas humanas, o Papa, no mesmo discurso aos Movimentos Populares, repete aquilo que passa a ser mais uma afirmação na defesa de seu pontificado, uma casa para cada família.

Nesse entendimento, compreendemos uma intrínseca relação feita pelo Papa ao abordar os três “T”, terra, teto e trabalho, como condições essenciais à garantia do desenvolvimento humano. É na garantia dessa luta que a defesa pelo novo sujeito apostólico social e eclesial tem a possibilidade de frutificar a nova condição missionária, o novo perfil necessário às mudanças sociais. Todos os discursos são animados e fortalecidos por uma esperança real de construção de uma nova lógica que contraponha à da exclusão, a lógica da democracia participativa, que “incluam os movimentos populares e animem as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais [...] sem ressentimentos, com amor”.⁶⁴⁵

4.2.3 Esperança e utopia, motores da mudança

Abordamos, anteriormente, a perspectiva que o Papa Francisco desenvolve na reconstrução de uma sociedade inclusiva, movida por uma nova lógica de habilidade criativa e comunitária.⁶⁴⁶ Animada pelo amor, elo fundamental no processo de renovação eclesial e social. Um caminho construído na solidariedade da ação coletiva, dos movimentos e da comunidade humana. Francisco, como profeta, fiel ao Evangelho, reconhece que a fé cristã perde o sentido se o amor se retrair. Ceder à violência contra a criação, é aliar-se à desumanização do ser humano e, assim, da desintegração da Casa comum.

O Papa Francisco, ao destacar nos discursos aos movimentos populares a terra, o teto e o trabalho como condições a uma nova perspectiva transformadora, destaca a economia criativa como uma questão também social. Aborda, no interior desse processo de mudança, a cultura da demasia, colocando-a na origem da solidariedade do trabalho em comunidade. E, ao pensar a terra como cultivo e bem de trabalho, base de vida de uma família, Francisco amplia a defesa para além da realidade local. Dirige-se a todos os povos que abandonaram suas terras, em meio as guerras ou, sem condições de sobrevivência, que em busca de uma vida mais digna aportam em terras estrangeiras. Aos movimentos, legitima a luta pela terra a

⁶⁴⁵ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶⁴⁶ Ibid.

todos os camponeses e nativos, mas também amplia pela comunhão universal, na superação do colonialismo ideológico, o caminho universal ao direito da justiça.⁶⁴⁷

A solidariedade manifestada e gestada na formação do Movimento de resistência e de luta pelos direitos à dignidade da vida, tem alcance em diferentes âmbitos sociais, fortalecendo e solidificando o corpo desse embrionário projeto que nasce. O Papa descreve como ações de serviço que “significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo”.⁶⁴⁸ Destacamos, portanto, a partir dos documentos e pronunciamentos, os excluídos que, no movimento coletivo, assumem o sujeito eclesial e social como agentes fundamentais em todo processo de transformação que o Papa apresenta no seu pontificado. Sujeitos, protagonistas, semeadores de uma mudança, pois “esse sistema é insuportável, não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos”.⁶⁴⁹

Podemos afirmar, portanto, que os movimentos populares expressam a autenticidade de um protagonismo social nesse processo transformador de ser caminho na construção de novas condições sociais e econômicas. Como afirma o Papa, vivem a prática da solidariedade que funda essa condição à uma vivência de comunidade, que priorizam a vida e colocam os bens à serviço de todos⁶⁵⁰, motores de uma fecunda transformação econômica, social e cultural.

É nas relações humanas, marcadas com ações concretas de solidariedade, que os Movimentos Populares são legitimados por Francisco a assumirem o protagonismo no processo de construção da nova sociedade. No lugar do encontro daquilo do que lhes é comum, a resistência, a luta pela garantia da sobrevivência, nesse lugar de identidade coletiva, que Francisco faz o apelo para que adentrem como indivíduos e como grupo à raiz da desigualdade, a estrutura econômica e social. Porque é nesse lugar que “tendes os pés na lama e as mãos na carne. O vosso cheiro é de barro, de povo, de luta”.⁶⁵¹ Confirma, então, o legítimo papel do protagonismo dos Movimentos, que na luta abrem caminhos à construção das novas relações humanas, sociais e culturais, assentadas num novo projeto

⁶⁴⁷ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

⁶⁴⁸ FT 115.

⁶⁴⁹ Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

⁶⁵⁰ Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos Populares, 28/10/2014.

⁶⁵¹ Ibid.

econômico. Uma construção pautada no processo de uma educação humanizadora de novos valores e novas atitudes. O Papa localiza na reorientação da vivência do amor a alteridade humana como condição de desenvolvimento que só diante do outro o ser humano é capaz de reconhecer-se na sua liberdade como ser de humanidade e de ação, sujeito de sua própria história. Por isso, “ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica”.⁶⁵²

O Papa sinaliza na dinâmica salvífica de Deus e do Filho, Jesus Cristo, o amor como o eixo central de todo o movimento libertador, essencialmente o do pobre, o que une toda a criação. “A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro.”⁶⁵³ A preocupação em desenvolver e mostrar a relação intrínseca entre todos os âmbitos relacionais da criação com o ser humano, com o criador, com a história, que o próprio Jesus mostra na carne de sua condição humana, coroa a espiritualidade como valor inestimável a toda a criação. “A estatura espiritual de uma vida é medida pelo amor [...]. Sendo assim, o amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas.”⁶⁵⁴ Dessa forma, o Papa deseja alcançar, pela renovação das relações humanas, novos laços, laços de solidariedade e de fraternidade, uma sociedade que não permita ninguém de ser excluído, que todos possam viver a “possível amizade social”.⁶⁵⁵

A escuta da Palavra de Deus, a abertura à graça, nos coloca na confiança do amor misericordioso de Deus, “o melhor antídoto contra o medo”⁶⁵⁶ impõem-nos no movimento da construção das pontes, de amor e de coragem contra o terrorismo do poder econômico que sustenta e promove o medo.⁶⁵⁷ O medo contra a própria humanidade que nos gera a indiferença diante do sofrimento, nos imobiliza, nos refugia numa fé intimista, longe das nossas histórias, longe da vida de Jesus Cristo. O Papa enaltece a luta dos que superam o medo e doam a vida num “projeto-ponte dos povos diante do projeto-muro do dinheiro. Um desenvolvimento humano integral”.⁶⁵⁸

⁶⁵² FT 87.

⁶⁵³ FT 88.

⁶⁵⁴ FT 92, 94.

⁶⁵⁵ FT 94.

⁶⁵⁶ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

⁶⁵⁷ Ibid.

⁶⁵⁸ Ibid.

No horizonte do processo humanizador, Francisco insiste e reforça a necessidade da abertura à graça de Deus que nos impele ao encontro com o outro, que possibilita ultrapassar os próprios limites da condição humana. Ainda, na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* fortalece esse lugar do encontro como próprio da dinâmica da caridade, da fraternidade, da solidariedade, onde favorecem-se o dinamismo da abertura.⁶⁵⁹ Temos, aqui, uma chave de leitura na compreensão do potencial dos Movimentos Populares como caminho para “pensar e gerar um mundo aberto”, como intitula em um dos capítulos da Encíclica *Fratelli Tutti*. É aos Movimentos Populares que o Papa dirige, com convicção, o chamado à mudança, à transformação de todas as realidades destruídas pelo “império do dinheiro [...] A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem”.⁶⁶⁰

Movidos e animados por essa perspectiva do pontificado de Francisco, os movimentos somam “as forças que nos mantêm em pé: a esperança que não desilude”.⁶⁶¹ Com essas palavras o Papa encerra todos os encontros ocorridos com os Movimentos Populares, faz-nos bem, “é como uma bênção de humanidade”.⁶⁶²

4.3

A piedade popular, uma força transformadora para a nova evangelização

A piedade popular, destacada pelo Papa Francisco no seu pontificado, é revelada como a força dinamizada pela ação do Espírito Santo na evangelização dos povos, que se caracterizam como diferentes sujeitos coletivos, ativos e promotores de uma renovação missionária⁶⁶³. Há uma força, mostrada pelo Papa, no dinamismo da devoção que deve ser resgatada para que, não apenas os cristãos se libertem de formatos herdados por uma evangelização dominadora, mas para que o mundo conheça a rica cultura que o povo evangelizado expressa na sua luta pela libertação.

⁶⁵⁹ FT 88-89.

⁶⁶⁰ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014

⁶⁶¹ Id., aos participantes dos encontros com os movimentos populares de 2014, 2015 e 2016.

⁶⁶² Id., aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

⁶⁶³ EG 122.

4.3.1 Uma expressão missionária

O Papa enaltece a experiência religiosa da piedade popular, expressão de fé vivenciada pelo povo, como processo de evangelização. Afirma que já no batismo o sujeito torna-se ativo da evangelização, não passivo,⁶⁶⁴ o que sugere a piedade popular como reveladora de uma ação evangelizadora. Essa compreensão pastoral deve ser assumida e incorporada à formação do novo perfil evangelizador, na perspectiva da renovação missionária, proposta na *Evangelii Gaudium*. Esse processo é fundamental para fortalecer o novo protagonismo da Igreja que nasce da alegria do encontro com Jesus Cristo, impelindo o cristão a “sair de si mesmo, de caminhar e de semear”⁶⁶⁵. No encontro com o Espírito Santo acontece o dinamismo da saída, possibilitando a cada um dos batizados um protagonismo ativo e de transformações, conduzindo-os à condição de sujeitos coletivos. Um processo de crescimento e de formação que acontece no interior do dinamismo da piedade popular. Uma força missionária que, muitas vezes, por ser meramente observada como apropriação cultural dos evangelizadores, perde a percepção da densa atuação de evangelização do papel de sujeitos coletivos. Estar atento a essa realidade exige reconhecer todo processo evangelizador como fruto da inculturação.

A inculturação da fé como processo cultural e histórico gera um enraizamento dialogante entre o Evangelho e a cultura nativa que o recebe, uma alteridade própria de toda relação. Por isso, a necessidade de atitudes de acolhimento e de escuta, para favorecer e não impedir que a ação evangelizadora atue como instrumento da graça divina. Favorecer a graça, obra da ação de Deus, em cada povo significa possibilitar o Evangelho ser expressão viva da cultura desse povo.⁶⁶⁶ Somente assim podemos evitar manipulações culturais e sociais que limitam a vivência da fé e que deformam uma autêntica comunidade eclesial de viver a fé inculturada, mantendo-se como manifestações culturais, mais do que expressões de fé.⁶⁶⁷ O Papa reforça, à luz do Documento de Aparecida, a compreensão dada pelos bispos à específica manifestação da fé pela piedade

⁶⁶⁴ EG 120.

⁶⁶⁵ EG 21.

⁶⁶⁶ EG 112-115.

⁶⁶⁷ EN 48.

popular, como preenchida de um conteúdo que integra o sentir e o agir. A expressão do simbólico, que traduz a experiência de fé na sua origem mais genuína, o deslocamento, “o sair de si e de peregrinar”⁶⁶⁸, mostra-nos a fé e a realidade em relação contínua. Uma fé encarnada, evangelizadora e missionária, fruto da ação do Espírito Santo. Eis a força interna da piedade popular, caminhar com e no grupo, sendo Igreja, comunidade eclesial. E, por isso, somos alertados pelo Papa,

chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada [...], lugar teológico a que precisamos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização.⁶⁶⁹

Dessa maneira, Francisco revela uma atitude intrínseca ao seu pontificado, a abertura ao diálogo como caminho pedagógico. A inculturação é um caminho para o diálogo que, no pontificado de Francisco, tem sido uma constância como construção para a paz, nos seus pronunciamentos, tanto nos diálogos estruturais, entre Estado e sociedade, entre as religiões, entre a fé, a razão e as ciências.⁶⁷⁰ Pensar uma evangelização do diálogo como um caminho de contribuição pela paz, que integre diferentes forças sociais e sem exclusões, que possa contribuir na emersão de novos sujeitos sociais, sujeitos apostólicos. O Papa inclui, também, a evangelização como caminho para o diálogo, estendendo-a à realidade da piedade popular como manifestação do amor de Deus em comunhão com a comunidade de fé, que expressa tão vivamente essa revelação de Deus em suas diferentes culturas de vida.⁶⁷¹ Uma evangelização do diálogo mediada pelo Evangelho de Jesus Cristo.

A renovadora proposta missionária e evangelizadora do Papa envolve uma mudança da própria estrutural eclesial e, também, de uma conversão pastoral, “que coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída”.⁶⁷² O dinamismo do deslocamento é um facilitador no processo da evangelização inculturada que, pela Graça, os cristãos são impulsionados a anunciar o Evangelho, lugar do encontro com Jesus Cristo. “É privilegiar o diálogo como forma de encontro.”⁶⁷³ A revelação de Deus, alcançada no cotidiano dos encontros dialogais, produz a

⁶⁶⁸ EG 124.

⁶⁶⁹ EG 126.

⁶⁷⁰ EG 238-242.

⁶⁷¹ EG 239.

⁶⁷² EG 27.

⁶⁷³ EG 239.

experiência da vivência do amor de Deus, da justiça proclamada pelo Evangelho, contribui na concreta construção da paz, resultado do amor e do encontro com a pessoa de Jesus Cristo.⁶⁷⁴ A presença do Espírito Santo, que dinamiza a evangelização da piedade popular, possibilita a experiência da força dessa revelação no cotidiano da vida. Fortalece, assim, a unidade na diversidade das pessoas presentes na comunidade,⁶⁷⁵ possibilitando-nos as condições de compreendê-la como lugar teológico de uma expressão missionária.

A abordagem da piedade popular como expressão missionária nos exige uma aproximação da relação que Jesus instituiu entre os discípulos e que constituiu os laços da comunidade eclesial. A Exortação *Evangelii Nuntiandi* descreve a presença de valores na religiosidade popular que a pedagogia da evangelização suscita.

Traduz em si tal sede de Deus que só os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes a terem expressões de generosidade [...]. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude desses aspectos, nós a chamamos “piedade popular”.⁶⁷⁶

Temos, portanto, a fonte de uma alteridade que, no encontro com Jesus Cristo, é geradora de vidas, de crescimento, amadurecimento e de vitalidade renovada de esperanças. Assim Jesus vivia junto com os excluídos, promovia ações que transformavam de forma radical a vida das pessoas e a convivência entre elas, fazia crescer a confiança do amor salvador de Deus. Aproximar-se, estar junto, fazia com que as pessoas vivessem a força desse amor, do Espírito vivificador, presenciando-se para revelar-se de forma definitiva na ressurreição, “quando começa a desabrochar algo de novo, que mais cedo ou mais tarde, produz frutos”.⁶⁷⁷ Hoje, o Papa reconduz, à luz do Concílio e das conferências episcopais do continente latino-americano, esse mesmo desabrochar, com frutos colhidos e a serem plantados, que a Palavra encarnada produziu na história da criação.

A piedade popular revigora, a cada época da história da Igreja, uma espiritualidade marcada pela mística popular⁶⁷⁸ e os frutos que florescem, na força da sua evangelização, muitos quase não visíveis, florescerão no caminho dessa

⁶⁷⁴ EG 217.

⁶⁷⁵ EG 131.

⁶⁷⁶ EN 48.

⁶⁷⁷ EG 276.

⁶⁷⁸ EG 124.

longa peregrinação. Nascem na força da resistência do povo ao sofrimento, à dor, ao sentimento de abandono, renovando a fé, fortalecendo a comunidade eclesial. Um processo permanente de conversão que a missão favorece na própria evangelização.⁶⁷⁹ Essa realidade missionária revela o potencial de uma identidade da piedade popular, o sujeito coletivo. Um potencial que, diante da Graça de Deus, em diálogo com a Palavra anunciada, faz caminho inserido na cultura de sua época, ousa anunciar e testemunhar a força transformadora do evangelho na vida do povo. “Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus”.⁶⁸⁰

Dessa maneira, o processo de ser sujeito coletivo acontece quando a experiência de Jesus no meio do seu povo é descoberta como o caminho de evangelização, de conversão. Quando a referência de Jesus se torna o paradigma de uma nova forma de ser e de viver em relação ao outro e ao próprio Deus, institui-se, então, uma condição de vida social, econômica e cultural a partir de valores do Evangelho. Devemos, como testemunha o Papa no seu pontificado, experimentar “a alegria missionária de partilhar a vida com o povo fiel de Deus, procurando acender o fogo no coração do mundo”.⁶⁸¹ Ousamos afirmar que Jesus inaugurou na sociedade de sua época o sujeito coletivo, o povo de Deus, e, hoje, desejamos encontrar, à luz do Papa Francisco, o novo sujeito eclesial que refere a práxis de Jesus Cristo, sujeito eclesial e social.

4.3.2 Um estilo mariano

Vimos acima que o dinamismo central da piedade popular é a ação do Espírito Santo, compreendida como caminho missionário de evangelização. A confiança na ação do Espírito Santo, visível na piedade popular, é a mesma que o povo deposita na revelação da presença de Maria. A mãe de Deus, concedida como mãe por Jesus na cruz, revela no povo a mesma força experimentada por Maria e pelos discípulos depois da morte de Jesus Cristo. “Uma fórmula de revelação que manifesta o mistério de uma missão salvífica especial.”⁶⁸² Esse

⁶⁷⁹ EG 122.

⁶⁸⁰ EG 259.

⁶⁸¹ EG 271

⁶⁸² EG 285.

grande sinal, revelado no mistério da cruz como a grande esperança que o povo expressa na piedade popular, marca um estilo renovador e evangelizador para o novo sujeito apostólico, o estilo mariano.

“Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora; sem ela não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização.”⁶⁸³ A expressa afirmação feita pelo Papa Francisco nos induz a uma atenta investigação sobre o papel de Maria, mulher, mãe, missionária, que sustenta, na coragem e na confiança em Deus, os discípulos após a morte do seu Filho na cruz. Dentre algumas amigas de Jesus, Maria, a mãe de Deus, seguia conduzindo os discípulos e seguidores, assim, como hoje, muitas mulheres à frente de suas famílias, cuidam para mantê-las unida diante de tantos desafios que a globalização trouxe à realidade. Uma sociedade individualista, marcada pelo patriarcalismo, esvazia o pleno sentido da família, da relação paterna, muitas vezes, deixando às mulheres a tarefa de acompanhar o processo de desenvolvimento da comunidade familiar.

A mulher encontra em Maria, mãe de Deus, a mulher de fé, um encontro de consolo, afeto e esperança para manter a dignidade de permanecer forte diante das turbulências que a vida reserva aos mais pobres. Maria, aquela que “assegura o aconchego de um lar à nossa busca de justiça”.⁶⁸⁴ Ela, que desde jovem depositou a plena confiança no projeto de salvação de Deus para a humanidade, “na sua vida tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne”.⁶⁸⁵ A narrativa de Francisco coloca-nos, sem dúvida, diante da proposta evangelizadora em que tem o pobre como principal eixo da renovação missionária. O pobre que se faz presente na condição de ser Igreja a serviço. Ao abordar Maria como uma possibilidade no estilo de uma nova evangelização, reforça uma espiritualidade que aflora após o Concílio Vaticano II, a piedade popular. Na presença dessa realidade mística, que acentua sua força no continente da América Latina, valoriza o papel da mulher subjugada pelo sistema do capital, sujeita à desvalorização, a manipulações e a todas as formas brutais de violência, individual e familiar. Também as famílias que, em relação a toda ordem de sofrimento, sentem-se cuidadas enquanto caminham. Ela, Maria, que é parte da identidade do povo peregrino, “compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e

⁶⁸³ EG 284.

⁶⁸⁴ EG 288.

⁶⁸⁵ MV 24.

faz parte da sua identidade histórica”.⁶⁸⁶

Maria acolheu a missão de ser mãe do seu Filho, colocou-se à disposição como serva, “a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor”.⁶⁸⁷ A presença de Maria diante do mistério revela a ação do próprio Deus que se manifesta nos mais singelos gestos da vida cotidiana, nas relações humanas que, próximas de Deus, permitem a abertura às graças de Deus. Maria é a missionária “que nos acompanha ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno”⁶⁸⁸, o sim permanente à vida revelada na confiança que chega pela graça das subjetividades abertas. A disponibilidade do serviço, a gratidão expressa no louvor transbordante das ações de Maria, reforça tê-la como imagem da mãe da Igreja, uma expressão eclesial revelada no rosto de uma mulher, ponte na comunicação de Deus com a história dos homens. Nela a Igreja confirma o amor de Deus pelos pobres, “inscrito no canto de Maria, o Deus da Aliança derruba os poderosos dos tronos e eleva os humildes [...]. Maria foi embebida do espírito dos pobres do Senhor”.⁶⁸⁹

Maria, uma presença guardada na tradição da Igreja e que a cada época suscitou diferentes leituras teológicas e variadas imagens da mulher Maria, que viveu na Galileia a sua história e que marcou, de forma definitiva, a humanidade. Mãe de Deus, mãe da Igreja, do Filho morto na cruz. A complexidade do tema não nos permite desenvolvê-lo com a merecedora relevância. Mas destacamos, sim, a importância que sua presença tem no dinamismo da missão de uma Igreja em saída, proposta de Francisco, para uma Igreja dos pobres, a continuidade da proposta do Concílio e da teologia pós conciliar nascida no continente da América latina. A pertinência do tema tem relevância porque “uma tradição viva suscita novas interpretações em harmonia com os contextos em constante transformação”.⁶⁹⁰

Nesse horizonte compreendemos o caminho proposto pelo Papa Francisco, em que a presença de Maria configura, na experiência da piedade popular, um lugar de vigor à nova evangelização. O Espírito Santo, revelador do mistério de Deus na vida de Maria, conhecida, pela pedagogia de Deus, na vida pública do

⁶⁸⁶ EG 288.

⁶⁸⁷ EG 286.

⁶⁸⁸ EG 286.

⁶⁸⁹ GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p. 97.

⁶⁹⁰ JOHNSON, A. E., Nossa verdadeira irmã, p. 25.

Seu filho e revelada na cruz. Lugar em que Maria “atesta que a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém”.⁶⁹¹ Assim, vemos nas intensas orações de intercessão e de contemplação aos diferentes santuários, o quanto “reúne ao seu redor os filhos, que com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para vê-la e deixar-se olhar por ela. Lá encontram a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas da vida”.⁶⁹²

O estilo que o Papa configura à presença Mariana na evangelização possibilita-nos reconhecer que, hoje, a piedade popular, tão fortemente presente na América Latina, revela sinais da presença do Reino que Jesus anunciou, a solidária resistência, a fraternidade, a esperança de que o reino já está entre nós.

4.3.3 Maria, espírito para a nova evangelização

O Papa Francisco sinaliza duas grandezas na condição existencial de Maria que dimensionam a proporção do amor de Deus, a ternura e a humildade.⁶⁹³ Condições que revelam a sabedoria de saber lidar com os caminhos escolhidos por Deus. Francisco lembra-nos que o Evangelho de Lucas diz que Maria soube guardar no coração o mistério que lhe fora reservado viver (Lc 2,19) e que “aprendeu a ser mãe, proporcionando a Jesus saber-Se Filho”⁶⁹⁴, num mútuo aprendizado, como diz, uma relação com base na ternura maternal de Deus. Maria viveu a alegria de servir, atitudes de cuidado e de afeto, mas experimentou a dor e o sofrimento quando “teve o coração trespassado pela espada”.⁶⁹⁵ Nesse lugar, também se consumiu com a dor dos pobres e excluídos, por quem o Filho se entregou na cruz, fortalecendo sua presença como sinal de esperança entre todos, mãe da Igreja, “vivendo como ninguém viveu as Bem-aventuranças de Jesus”.⁶⁹⁶ Animando os discípulos, os seguidores e todos que chegavam maravilhados com a descoberta da fé em Jesus Cristo, como a “A mãe que gera nos filhos a maravilha da fé”.⁶⁹⁷

O mesmo Espírito Santo que estava ao lado de Maria ao acolher a

⁶⁹¹ MV 24.

⁶⁹² EG 286.

⁶⁹³ EG 288.

⁶⁹⁴ FRANCISCO, Homilia em 01/01/2017.

⁶⁹⁵ EG 286.

⁶⁹⁶ GE 176.

⁶⁹⁷ FRANCISCO, Homilia em 01/01/2019.

revelação de Deus para viver a maternidade do Seu Filho, esteve, também, junto a ela em todos os acontecimentos da vida de Jesus. Maria foi “contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos”⁶⁹⁸, o que possibilitou um olhar diferenciado, gestos e atitudes de prontidão para servir e atender às necessidades de quem precisasse. Pôde, assim, sentir-se conduzida pelo Espírito a reconhecer a verdade e a confiar onde colocava a sua segurança. Vivia o espírito de ser pobre no coração, sempre aberto à Graça de reconhecer o caminho que Deus lhe mostrava. Um caminho de Deus que Maria experimentou, como mediadora, consentindo que Deus agisse na salvação da Sua criação.⁶⁹⁹ O Papa Francisco faz uma rica e pertinente recordação com a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, citando, inclusive, os Exercícios Espirituais, ao tratar da importância de reconhecer-se na liberdade interior. Somente, então, pode acontecer “as indiferenças em relação às coisas criadas”.⁷⁰⁰ Maria experimentou essa liberdade interior que marcou o existencial de sua vida a partir desse acontecimento histórico salvífico, quando afirmou o sim à encarnação diante de Deus.

Podemos compreender com maior visibilidade a afirmação do Papa ao se referir que Maria traduz um estilo na nova evangelização. A afirmação é desenvolvida a partir do dinamismo que o Espírito Santo imprime à vida de Maria, desde o ventre, caminho da encarnação de Deus. Uma relação de oração, terna e confiante na justiça de Deus “faz dela um modelo eclesial para a evangelização”.⁷⁰¹ Há, portanto, alguns elementos importantes que Francisco desenvolve e que se fazem presentes na mesma configuração desejada de uma Igreja dos pobres. Uma eclesiologia que tem sua origem entre os pobres e que Francisco procura reacender para o mundo, em continuidade à teologia pós conciliar.

O Papa nos mostra Maria na proximidade com as dores e sofrimento dos partos de tantos povos⁷⁰², no esforço de superar uma leitura que marcou, na história da Igreja, uma imagem de Maria a serviço da legitimação de papéis que submetem mulheres à passividade, à violência em relação à dominação do homem

⁶⁹⁸ EG 288.

⁶⁹⁹ GE 67-68.

⁷⁰⁰ GE 69.

⁷⁰¹ EG 288.

⁷⁰² EG 286.

favorecido numa estrutura patriarcal, que “grande parte da teologia tradicional faz dela um meio de manter as mulheres no seu lugar subordinado”.⁷⁰³ Atualmente, as comunidades eclesiais, mergulhadas na teologia da libertação, puderam experimentar a releitura, à luz do Evangelho, do papel que Maria tem na vida da luta do povo, principalmente as mulheres que passam a se identificar com a vida de Maria⁷⁰⁴, tanto na pobreza como na fé, na confiança no Deus salvador. É nessa perspectiva que a presença de Maria é compreendida nas comunidades, “tem um coração pobre, aberto para Deus. E, seguindo a trilha dos profetas e do seu filho Jesus, Maria anuncia que Deus tem compaixão dos pobres e grita por Justiça”.⁷⁰⁵

O pontificado de Francisco destaca a fidelidade do povo à vida de Maria como mãe, esposa, amiga e discípula, comprometida com a continuidade do projeto que o filho anunciou, a concretização do Reino de Deus, uma realidade de esperança na justiça de Deus. Sentir Maria como mãe é colocá-la no cotidiano das relações humanas, apropriar-se do aconchego de um abraço materno, do colo, da confiança em abrir o coração angustiado e temeroso à mãe. Ouvir e sentir a sua presença é saber escutar a Deus. Buscamos Maria, apoiados na espiritualidade que experimentou, da escuta a Deus, e que guardou no silêncio do seu coração as incertezas que o futuro lhe reservava, mas confiante na oração e na contemplação vivida na fé. Assim, desejamos ser conduzidos, como foi Maria, pelo Espírito Santo, na mais profunda liberdade. “Somos um povo com uma Mãe, não somos órfãos”.⁷⁰⁶

O caminho da espiritualidade orante, conduzida pelo dinamismo do Espírito Santo, afirma a inculturação da fé como escuta e ação na evangelização, uma atividade que expressa a força de Maria nos acontecimentos históricos do Filho, Jesus Cristo. “A mãe do Evangelho vivente [...] deixou-se conduzir pelo Espírito, por um itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e fecundidade”⁷⁰⁷, sempre atenta e pronta a motivar, a sustentar nas dificuldades presentes, agregando, consolando e abraçando a todos que experimentam o medo, a insegurança da solidão que a dor provoca.⁷⁰⁸

O povo tem em Maria a força para a superação das adversidades, do

⁷⁰³ JOHNSON, A.E. Nossa verdadeira irmã, p. 31.

⁷⁰⁴ Ibid., p. 33.

⁷⁰⁵ CNBB. Com Maria, rumo ao novo milênio, p. 54.

⁷⁰⁶ FRANCISCO, Homilia da Santa Missa na solenidade de Santa Maria, 01/01/2017.

⁷⁰⁷ EG 287.

⁷⁰⁸ FRANCISCO, Homilia em 01/01/2019.

sofrimento, da dor do abandono e da violência a que estão submetidos pelo poder econômico excludente. Uma economia que desvaloriza o lugar da mulher, esvazia de sentido a maternidade e privilegia o lucro, coloca-a como objeto de consumo e de mercadoria. No combate a essa desvalorização velada contra a mulher, a toda violência a que é submetida, Francisco reafirma que “o renascimento da humanidade começou de uma mulher, por isso, se quisermos dar humanidade aos nossos dias, devemos recomeçar da mulher”.⁷⁰⁹ Vislumbramos, nessa perspectiva do Papa, a inclusão da mulher, das próprias condições que desafiam a vida em família, da violência instaurada pela ausência da dignidade dos direitos fundamentais. E Maria tornou-se, pela expressão de fé presente na piedade popular, caminho de força e esperança no reino de justiça. A esperança é a força que sustenta o processo de evangelização, a certeza de que Deus caminha junto.⁷¹⁰

A Justiça de Deus está, em Maria, afirmada como esperança real, afinal, nela vimos nascer o salvador. Em Maria, como diz o Papa, o povo se sente protegido e forte para seguir nas desesperanças anunciadas por uma sociedade individualista e reducionista, geradora de relações desumanizadoras.⁷¹¹ O clamor do povo a Maria, Mãe de Deus, expressado na piedade popular, revela a resistência contra a desvalorização da mulher, da violência doméstica, do filho que se encontra perdido, enfim, de toda a família, constituída como a primeira e fundamental experiência de amor e de comunidade. Maria, é aquela que ouve, escuta, junto, ao lado de Deus, o clamor por uma sociedade que inclua o direito das mães de poderem criar e sustentar seus filhos. Mães que, “mesmo nos momentos piores, sabem testemunhar a ternura, a dedicação incondicional, a força da esperança.”⁷¹²

Aproximando-se de Maria, a Igreja reencontra o seu centro e a sua unidade [...] jamais podemos compreender a Igreja, se a olharmos só a partir das estruturas, programas e tendências e não do coração. A Igreja tem coração de mãe.⁷¹³

Reafirmamos, então, o acento dado pelo Papa Francisco a Maria como modelo eclesial, inspirador pela condição da força materna e raiz de toda primeira comunidade que o ser humano experimenta, a família. Acolher Maria “nas nossas

⁷⁰⁹ FRANCISCO, Homilia Santa Missa na solenidade de Santa Maria, 01/01/2020.

⁷¹⁰ Id., Homilia em Aparecida, 24/07/2013.

⁷¹¹ Id., Homilia por ocasião do centenário das aparições da Bem Aventurada Virgem Maria na Cova da Iria, 12-13/05/2017.

⁷¹² Id., Homilia da Santa Missa na solenidade de Santa Maria, 01/01/2017.

⁷¹³ Id., Homilia da Santa Missa na solenidade de Santa Maria, 01/01/2020.

casas, nas nossas famílias, nas nossas comunidades [...], encontrar aquele olhar que nos liberta da orfandade”⁷¹⁴ representa um encontro que remete à lembrança de que somos irmãos, um sentimento de pertença, como diz Francisco. Reconhecer na família o potencial evangelizador contribui para que a Igreja receba sujeitos preparados para amar, imbuídos de espiritualidade, confiantes. Há uma intrínseca relação entre família e Igreja que atravessa a sociedade. Não há como pensar família, Igreja e mundo sem os ecos recebidos da sociedade, atualmente marcada pelo agravamento de um individualismo exacerbado. Pensar o sujeito, consciente, autônomo e ativo exige considerar uma contínua formação integrada,⁷¹⁵ o que deve exigir que a comunidade eclesial valorize a piedade popular com o respectivo potencial de sujeitos em processo de formação. Por isso, a família pode ser percebida, nesse processo, à luz de Maria, como resistência a todo tipo de individualismo que reduz e anula a autêntica formação do sujeito. E a sociedade, dessa maneira, recebe o sujeito em processo de transformação social e eclesial, ou seja, “as famílias podem ser uma escola fundamental para a sociedade. [...] A Igreja tem uma missão importante de ajudar as famílias na descoberta dessa postura”.⁷¹⁶

A relação de confiança e autonomia, construída na comunidade familiar, favorece o florescimento de autênticas comunidades de fé, preenchidas de vida, mobilizadas a anunciar a fé em Jesus Cristo vivo. O Papa convida-nos a pensar na situação das famílias, tomar consciência da complexidade no mundo global e assumi-la como lugar de alegria e de aprendizados porque ela é também o júbilo da Igreja.⁷¹⁷ E a expressão da piedade popular pode oferecer um lugar de formação, de articulação e extensão da família. Um mútuo diálogo evangelizador pode ajudar nas superações de limitações de ambos os ambientes.

A piedade popular, expressão viva da fé, tem em Maria, portanto, uma presença viva de evangelização, do caminho da revelação de Deus que a comunidade eclesial deve absorver como uma nova etapa nessa evangelização proposta pelo Papa Francisco. O Papa mostra-nos a convicção da fertilidade de um lugar gerador de evangelizadores ativos, sujeitos sociais e eclesiais quando

⁷¹⁴ FRANCISCO, Homilia da Santa Missa na solenidade de Santa Maria, 01/01/2017.

⁷¹⁵ PASSOS, J. D. Ideia desenvolvida pelo autor nos artigos *Não há Igreja sem sujeito* e *A família como sujeito*.

⁷¹⁶ Id.. A família como sujeito, p. 68.

⁷¹⁷ AL 1-2.

pede que fixemos o olhar em Maria “para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem da salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores”.⁷¹⁸

4.4

A dimensão social e transformadora da nova evangelização

Diante da complexidade que a nova evangelização apresenta no mundo global, optamos por selecionar algumas dimensões que se relacionam diretamente com a constituição do sujeito apostólico. Essa condição tem como foco a realidade social, econômica, cultural e eclesial, onde o sujeito desenvolve sua formação, inserido no seu determinado contexto histórico, lugar de construção e formação de sua identidade.

A abordagem evangelizadora na ótica da transformação social e eclesial que o Papa Francisco propõe configura-se, na nossa compreensão, como novo sujeito apostólico, social e eclesial. Uma proposta que se baseia em caminhos, processos diferenciados, marcados pela inserção em cada cultura em que ocorre a evangelização. Um processo de enfrentamentos e superações dos desafios impostos pelo contexto histórico e social. Mas, repleto da graça de Deus, fonte primeira da evangelização, conduz à plena condição humana de ser sujeito. Uma condição que nos “resgata de nossa consciência isolada e de nossa autorreferencialidade”⁷¹⁹, eixo de todo projeto teológico e pastoral do pontificado de Francisco. Uma realidade marcada pelo processo de uma libertação profunda, por isso um convite ao retorno às fontes do evangelho, à práxis de Jesus Cristo. O Evangelho é a fonte, dentre as experiências vividas de fé, “no diálogo com as situações históricas e os desafios do nosso tempo”.⁷²⁰

No horizonte da libertação que o Evangelho promove, Francisco identifica na nova evangelização um protagonismo social e eclesial. São os discípulos missionários⁷²¹, sujeitos ativos, integrados ao cotidiano da vida, numa mútua relação entre o social e o eclesial. Por isso, a necessidade não apenas do reconhecimento, mas da educação, da formação dos diferentes lugares de

⁷¹⁸ EG 287.

⁷¹⁹ EG 8.

⁷²⁰ CODA, P. A Igreja é o Evangelho, p.55.

⁷²¹ EG 120.

expressão da fé para que a autêntica experiência cristã possa germinar e florescer. O tema da formação teve em Aparecida destaque importante na sinalização da construção de um projeto que seja orgânico na formação e que tenha a perspectiva da transformação social.⁷²²

4.4.1 A comunidade como lugar de sujeitos

Pensar a comunidade como lugar de sujeitos nos remete a pensar a formação que abordamos acima, comunitária, mas essencialmente intrínseca à própria fé, quando somos desafiados a anunciar o Evangelho nas diferentes culturas, como já dito. Uma exigência que Francisco destaca ao abordar a diversidade dos rostos que o cristianismo assume nas diferentes culturas.⁷²³ O novo sujeito apostólico deve integrar uma formação social, institucional, inculturada, mas possibilitar, também, que o Evangelho desperte, pela oração, um aprofundamento na intimidade entre a pessoa e Jesus Cristo, revelação do amor de Deus, em comunhão com a Santíssima Trindade. O crescimento da fé provocado pela ação evangelizadora deve avivar o desejo de conhecer e sentir plenamente o amor de Deus na existência da vida.⁷²⁴ A oração, diálogo com Deus, estreita a comunicação, contribuindo no discernimento da ação, suscitado pelo dinamismo do Espírito Santo. Como lembra-nos o Papa ao citar a carta aos romanos, “é deixar-se transformar em Cristo, vivendo progressivamente ‘de acordo com o Espírito’ (Rm 8, 5)”.⁷²⁵ É Deus que se comunica conosco, vem ao nosso encontro, dando-nos as condições de responder ao seu convite, de acolher o reino anunciado pelo Filho, Jesus Cristo, e comunicado pelo Espírito Santo a Maria.⁷²⁶

O Papa Francisco expressa na proposta transformadora do seu pontificado, a marca de uma espiritualidade encarnada. Sabemos e reconhecemos essa condição como resultado de toda a sua trajetória de fé. A teologia e a pastoral pós conciliar na vivência religiosa de Francisco, imbuída da espiritualidade inaciana, marcam o entendimento de que o retorno à práxis de Jesus é condição para pensar a evangelização diante dos novos desafios apresentados pela globalização. Uma

⁷²² DA 281-282.

⁷²³ EG 116.

⁷²⁴ EG 160.

⁷²⁵ EG 162.

⁷²⁶ CODINA, V. O Espírito do Senhor: força dos fracos, p. 203.

das condições é não se deixar desprender da comunhão trinitária. Por isso, a ênfase no dinamismo da ação de Jesus, integrada em todas as dimensões ambientais e na relação com Deus e o Espírito Santo, explicitada na sua vida pública, que põe “cada pessoa humana elevada até ao próprio coração de Deus, [...] uma redenção que tem sentido social”.⁷²⁷ Assim, convida-nos a pensar, de forma integrada sobre a casa comum e a dialogar em busca de soluções para as crises, “pois o Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado”.⁷²⁸

O caminho feito por Jesus, anuncia-nos um modo de viver e de conviver na busca da harmonia com o mundo criado. Esse é o grande desafio que o Papa propõe no seu pontificado, o de reconhecer na pluralidade a unidade de uma comunhão. Cada época da história tem os seus desafios, mas, hoje, a globalização mostra-nos um contexto bastante complexo de desafios diante da capacidade de metamorfose do capitalismo, adaptando-se e alastrando-se de modo sedutor. Por exemplo, apresenta-nos, como uma grande aliada, a tecnologia desenvolvida, “colocando-nos diante de uma encruzilhada”⁷²⁹ entre os benefícios pessoais e os riscos daqueles que detêm o poder econômico de se prevalecerem para subjugar e dominar a vida criada. O Papa alerta para a atração positiva e negativa que o poder da tecnologia oferece às pessoas. Um poder que nos coloca numa ativa participação, dando-nos a ideia de uma vida de inclusão, de liberdade e de domínio em relação à sociedade em que vivemos e, por outro lado, amortece a consciência do alcance que o poder da tecnologia tem na vida das pessoas.⁷³⁰

Somos convidados a pensar as possibilidades que o modelo da globalização apresenta, com a atenção devida de que fomos abreviados de nossa consciência coletiva diante das mazelas do individualismo acirrado que a sociedade desenvolveu. É urgente retomar o processo de revisão do paradigma tecnocrático, que desenvolve uma concepção de sujeito contrária ao que Francisco apresenta como sujeitos apostólicos, autônomos e ativos na vida social e eclesial. O sujeito presente no paradigma tecnocrático controla e manipula a realidade como propriedade pessoal, enquanto o processo transformador e renovador de uma Igreja em saída busca construir e fortalecer um paradigma humanizador,

⁷²⁷ EG 178.

⁷²⁸ LS 13.

⁷²⁹ LS 102.

⁷³⁰ LS 105

integrado às condições econômicas, culturais, sociais e ambientais.⁷³¹ A tecnologia, o paradigma tecnocrático, é apenas um dos complexos desafios desenvolvidos pelo modelo da globalização.

Uma pastoral e uma teologia que expressam a inculturação da evangelização precisam considerar “um programa educativo, um estilo de vida, uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático”.⁷³² Uma evangelização dialogada, humanizadora. O entendimento da formação do novo sujeito apostólico social e eclesial como proposta integrada ao mundo é apresentada na Conferência de Aparecida, que destaca, explicitamente, a necessidade de “formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária [...] que movidos pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana”.⁷³³ Diante do avanço do modelo global que desafia o mundo, o Papa Francisco convida-nos a uma “nova saída missionária”⁷³⁴, concebendo a missão de discípulos missionários, inseridos na dinâmica do próprio cotidiano, formando-se o novo protagonismo social, como já afirmado anteriormente, um protagonismo de resistência contra o modelo excludente. A espiritualidade encarnada nos conduz ao horizonte de uma vida em comunhão, presente no dinamismo do intrínseco amor da Santíssima Trindade que tem “a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional”.⁷³⁵ É o sujeito da evangelização instituído na comunidade de fé.

Nessa perspectiva, desenvolvida e fortalecida por Francisco, a comunidade de fé, dinamizada pela ação do Espírito Santo, representa e “implica ser o fermento de Deus [...], anunciar a salvação [...], ser o lugar da misericórdia gratuita”.⁷³⁶ O sujeito ativo e autônomo na comunidade eclesial, coloca-se no coração do mundo, inserido numa espiritualidade encarnada, tão importante para o pontificado de Francisco, pois atenta ao desafio de superar uma espiritualidade intimista e desencarnada.⁷³⁷ A realidade apresentada é uma condição fundamental na formação da identidade do novo sujeito apostólico, que encontra nela o lugar

⁷³¹ LS 106-110.

⁷³² LS 111.

⁷³³ DA 284.

⁷³⁴ EG 20

⁷³⁵ EG 111

⁷³⁶ EG 114.

⁷³⁷ EG 262.

de sua ação missionária. Deve-se, dessa forma, articular-se com a renovação da comunidade de fé numa experiência encarnada da espiritualidade cristã. Assim como Jesus, que passou a vida a serviço dos pobres, “da mesma forma deve ser a missão de leigos e leigas diante do mundo secular: uma incessante busca a Deus, fortalecida pela oração e pela comunidade, mas também um total desprendimento para a ação no mundo”.⁷³⁸ Podemos, portanto, considerar a realidade, social e eclesial, simultaneamente, as fontes de renovação e formação para o novo perfil evangelizador, o novo sujeito, atuante, capaz de intervir e transformar a sociedade atual.

A espiritualidade é viés para pensar no novo sujeito apostólico porque ela deve motivar, à luz da Palavra de Deus, e sustentar a ousadia de seguir anunciando o Evangelho, mesmo contra a corrente, como nos diz Francisco.⁷³⁹ A oração, dessa forma, fortalece o discernimento da ação evangelizadora porque se encontra inserida na cultura do povo que vivencia a sua realidade. Todo o ambiente encontra-se envolvido no dinamismo da Palavra inculturada, concretizando a possibilidade de amadurecer na comunidade de fé o novo sujeito social e eclesial. O entusiasmo e o movimento provocados pelo Espírito Santo revelam o sentido que o mistério suscita na vida pessoal e eclesial, impelindo, com a necessária coragem, uma ação evangelizadora para a paz, a fraternidade e a justiça do Reino, uma comunhão vivida no amor fraterno.⁷⁴⁰

A comunidade ativa, formadora de sujeitos sociais e eclesiais deve “espelhar-se na comunidade de amor da Santíssima Trindade. Por essa razão comunidade não é algo estático”⁷⁴¹, provoca-nos a vivenciar o dinamismo permanente do deslocamento, do êxodo, condição para o processo de libertação que Deus realiza na história da salvação. Assim propõe o Papa Francisco, uma evangelização que revele a missão encarnada que Deus entregou ao Filho, Jesus Cristo, para ser vivida, anunciada e semeada. É chegado um novo tempo. Um tempo, inaugurado em Jesus, em que as fronteiras são rompidas. O desafio, hoje, que Francisco mostra-nos diante da globalização é que sejamos capazes de reagir, mais do que com palavras, com ações que permitam sonhar e realizar uma

⁷³⁸ KUZMA, C. Leigos e leigas, p. 103.

⁷³⁹ EG 259.

⁷⁴⁰ EG 179.

⁷⁴¹ KUZMA, Ibid., p.92.

comunhão fraterna e social, na superação da realidade gravemente excludente.⁷⁴² Reforça, portanto, de modo coerente em todo o pontificado, que a comunidade de fé tem o papel de se abrir, de se lançar ao mundo, fomentando uma formação contínua em construção de pontes que ultrapassem fronteiras, já demarcadas pela globalização como realidade excludente. É urgente que o novo sujeito apostólico tenha a consciência eclesial, a partir da vida cristã, da necessidade de mudanças. Assim, afirma o Papa Francisco, “se alguém pensa que se tratava apenas de fazer melhor o que já fazíamos, ou que a única lição a tirar é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, está a negar a realidade”.⁷⁴³

O novo sujeito apostólico vive o processo de permanente evangelização e conversão pessoal e eclesial. Uma condição do próprio processo evangelizador que o cristianismo revela na sua essência ao abrir-se às diferentes culturas, o que nos possibilita, de forma simultânea, ser evangelizados.⁷⁴⁴ Uma dinâmica que suscita responsabilidade e compromisso com a realidade inserida. Nesse sentido, o cristão deve estar atento à convocação que o Papa Francisco faz a toda Igreja no mundo, identificar os sinais dos tempos e as necessidades impostas pelos desafios da globalização. Um mundo que nos parece que “corre sem um rumo comum [...] até faz pensar que entre o indivíduo e a comunidade humana já esteja em curso uma cisma”⁷⁴⁵, provocado por desejos de uma felicidade consumista e individualista. Experimentamos tempos sombrios, fragmentados, que nos exigem, mais do que podemos imaginar, construir caminhos que consolidem um sentimento de pertença à mesma humanidade, que reacenda os valores fundamentais da fraternidade humana, que reconduza o sonho de construção da justiça e da paz, tão esvaziada no atual mercado da globalização.⁷⁴⁶

No horizonte do projeto de Francisco, sempre à luz da teologia pós conciliar da América Latina, a comunidade de fé e a realidade possuem uma mútua relação entre a Palavra e a vida, uma experiência de espiritualidade encarnada e viva. A realidade deve, como Francisco expressa, ser a mediação da ação pastoral e teológica, como inaugurada no continente latino-americano, “a

⁷⁴² FT 6.

⁷⁴³ FT 7.

⁷⁴⁴ EG 121.

⁷⁴⁵ FT 31.

⁷⁴⁶ FT 30.

mediação da práxis é o termo final de toda teologia da libertação”.⁷⁴⁷ Francisco desenvolve o seu pontificado na perspectiva da libertação, como foi repetidamente trazido no desenvolvimento do trabalho. Dessa forma, a realidade como mediadora da práxis, precisa ser conhecida para que seja alcançada e transformada. Codina lembra-nos que Ignacio Ellacuría trata de pensar a realidade de maneira a conhecê-la para que se atue no processo de sua transformação de modo responsável. São três momentos importantes no processo do conhecimento da realidade, destacados por Ellacuría: “assumir a realidade, encarregar-se da realidade e carregar a realidade”.⁷⁴⁸ Ter a realidade como ponto de partida e atuar dinamicamente nas condições destacadas possibilita-nos fazer uma leitura próxima e real da condição social para, assim, atuar com responsabilidade e conhecimento. Perceberemos, então, o quanto a realidade encontra-se distante da justiça do Reino. Não há intenção, muito menos ilusão por parte de Francisco, de uma transformação estrutural imediata. Como disse, sabiamente, nos encontros com os Movimentos Sociais, que a mudança vem de baixo, de forma criativa, revitalizadora de relações humanizadoras, acompanhada da conversão de atitudes e do coração.

A comunidade eclesial, à luz da práxis de Jesus e da mediação histórica, deve proporcionar o desenvolvimento de atitudes de conversão, ao mesmo tempo em que a abertura à ação do Espírito Santo impele uma aproximação do amor trinitário. A comunhão fortalece o amor nas relações humanas e “coloca-nos em tensão para a comunhão universal”⁷⁴⁹, confrontando-nos com a pluralidade presente na atual realidade, desafiando-nos a construir uma convivência em comunidade. Nesse processo de redescoberta e fortalecimento da comunhão universal no amor de Deus temos a possibilidade de revigorar a formação do novo sujeito apostólico, favorecendo superações dualistas entre ação social e eclesial. Dessa forma, respondendo a um dos mais significativos desafios a uma evangelização inculturada, Passos descreve, ao se referir à dicotomia entre clero-leigo: “nesse contexto, ser um autêntico sujeito eclesial constitui um desafio para os leigos; em muitos casos um enfrentamento com a tendência clericalista que

⁷⁴⁷ CODINA, V. O Espírito do Senhor, p. 194.

⁷⁴⁸ Ibid., p. 194.

⁷⁴⁹ FT 95.

dispensa o leigo de seu protagonismo.”⁷⁵⁰

Podemos, então, afirmar que o novo sujeito apostólico tem sua configuração no seio da comunidade eclesial, sujeito coletivo, “Povo que peregrina para Deus, um mistério que mergulha as raízes na Trindade”⁷⁵¹ mas também pode nascer do seio da sociedade em processo de transformação. A Igreja tem responsabilidade em estar atenta aos sinais dos tempos. Reconhecer na realidade na qual se insere a potencialidade dada à missão evangelizadora. É preciso, portanto, abrir espaços para que o Espírito Santo aja e promova a Graça da transformação missionária. Nesse sentido, torna-se imprescindível fortalecer o que os Movimentos Sociais, sujeitos coletivos, nas diferentes vozes presentes, buscam expressar, “a necessidade de revitalizar as nossas democracias, [...] que transcende os procedimentos lógicos da democracia formal”.⁷⁵²

Nessa perspectiva, retomamos o anseio de Francisco em insistir na inculturação, o diálogo com as culturas como metodologia, uma relação entre fé e vida, desenvolver a atitude dialogante no caminho da evangelização. Mais do que um recurso, representa uma atitude diante da vida, assim o novo sujeito apostólico é pensado na atuação de sua condição social e eclesial: “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato, tudo isso se resume no verbo ‘dialogar’”.⁷⁵³

4.4.2 Sinodalidade, um caminho de serviço

A comunhão trinitária permite a compreensão da proposta do Papa Francisco, que nos coloca no percurso de uma comunhão de amor, o caminho do diálogo. O tema da sinodalidade tem no pontificado de Francisco uma proposta objetiva e prática, que se evidencia em toda ação pontifícia, o serviço e a conversão. Ambos interligados no processo de uma evangelização renovadora. Desde que eleito para o cargo de Bispo de Roma, como lembra-nos o teólogo Jesuíta, Santiago Terrazas, como o primeiro gesto e palavras de Francisco, expressa para o mundo a intenção de sua proposta.

E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma,

⁷⁵⁰ PASSOS, J. D., Os desafios do protagonismo leigo, p. 233.

⁷⁵¹ EG 111.

⁷⁵² FRANCISCO, aos participantes no encontro mundial dos Movimentos Populares, 28/10/2014.

⁷⁵³ FT 198.

que é aquela que preside a todas as igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade. Espero que este caminho de Igreja, que hoje começamos e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização.⁷⁵⁴

Francisco coloca em marcha, como descreve Terrazas, dentre outros sinais, o início de uma nova ação, a “primazia da misericórdia”, do serviço e do cuidado com uma visão integrada à criação. Especialmente, com os mais pobres. O autor destaca o nome escolhido, Francisco, como um outro sinal.⁷⁵⁵

Assim, o Papa explicita a proposta da continuidade em dialogar com o mundo, que o Concílio Vaticano II iniciou, oferecendo uma revisão no âmbito pastoral e teológico. O que resultou, na América Latina, numa perspectiva eclesial diferenciada, uma Igreja que se expressou a partir dos pobres. O século XX, marcado pelo avanço das ciências, principalmente humanas, na utilização do método mais investigativo, o indutivo, marcará, também, o diálogo entre Igreja e mundo, como nos apresenta Passos. Também serão utilizados “os métodos para decodificar os textos sagrados”⁷⁵⁶, o que permitirá um novo referencial para pensar o modo de ser Igreja no mundo, a relação entre evangelização e vida. A história, então, é relida à luz do evangelho, Deus é recolocado na ótica da história da libertação do Povo de Deus, a história da salvação. Na América Latina, o Concílio teve uma recepção que marcou uma nova epistemologia, a revisão da fé a partir da práxis de Jesus Cristo. “Não é o Evangelho que muda: somos nós que começamos a compreendê-lo melhor”.⁷⁵⁷ A teologia latino-americana, amplamente vivenciada por Francisco, experimentou a reflexão sobre a realidade integrada à fé e mediada pelas ciências sociais, uma leitura intrínseca entre a fé e a vida.⁷⁵⁸

A perspectiva deixada pelo Concílio proporcionou ao Papa Francisco a retomada do diálogo como caminho ao enfrentamento dos desafios que o mundo desenvolveu na globalização. O tema do diálogo, nesse sentido, tem a principal chave no pontificado de Francisco, pois como afirma, a Igreja tem o dever de estar a serviço do bem comum da humanidade, contribuir para o pleno

⁷⁵⁴ FRANCISCO. Discurso quando eleito Papa de Roma, 13/052013.

⁷⁵⁵ TERRAZAS, M. S., La conversión pastoral del papado en una Iglesia sinodal, p. 318.

⁷⁵⁶ PASSOS, J. D. A Igreja em saída e a casa comum, p. 94.

⁷⁵⁷ BEOZZO, J. O. O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana, p. 23.

⁷⁵⁸ PASSOS, J. D. Ibid., p.99.

desenvolvimento do ser humano⁷⁵⁹, da garantia da dignidade da vida. Dentre os muitos desafios, a desumanização revela-se como uma consequência que ameaça a vida, a criação de Deus. O diálogo, que remete à ideia de construção, traz implicitamente a condição de escuta, por isso possibilitadora de reflexão, de argumentos que se fundamentam, capaz de suscitar relações humanizadoras. Pelas lentes de Francisco, o diálogo que se faz presente em toda teologia e pastoral apresentada no pontificado tem raiz na criação de Deus. Não é à toa que se torna o eixo da ação do seu pontificado. A centralidade no Evangelho, expressa nos documentos e pronunciamentos do Papa, revela essa condição imbuída de uma visão antropológica que nos mostra o sentido da existência da liberdade e da igualdade, oferecidas no processo de uma educação para a fraternidade, como propõe Francisco.⁷⁶⁰ Uma condição à construção do novo sujeito apostólico, a antropologia integrada e marcada por subjetividades abertas. Como expressa Pedrosa- Pádua em relação à perspectiva do ser humano na Exortação *Evangelii Gaudium*: “estamos no núcleo da antropologia cristã e no centro de um dos grandes desafios da evangelização [...] a pessoa é chamada a se desenvolver como sujeito autônomo, livre e responsável e, ao mesmo tempo, capaz de afeto e amor”.⁷⁶¹

É na perspectiva do ser humano integrado que o Papa dialoga com o mundo, na intenção de chegar a uma transformação missionária pela conversão pessoal e social do ser humano. Uma conversão existencial, carregada da mensagem do amor de Deus, terno e misericordioso. Nesse sentido, na formação do sujeito é fundamental favorecer práticas dialogantes, que suscitam alteridade e reconhecimento nas relações humanas. “A relação entre o eu e o tu, entre as diferentes identidades, entre a Igreja e o mundo, é um processo a ser construído que exige diálogo”.⁷⁶² Uma tarefa que a comunidade eclesial não pode se eximir de realizar. Por isso, o Papa, como todo profeta, é incansável no apelo diante dos sinais que dá à humanidade, sobre os riscos do poder excludente, desafios do mundo atual.⁷⁶³ Atento ao processo evangelizador, o sujeito em diálogo compreende o valor das culturas na contribuição da construção de laços fraternos,

⁷⁵⁹ EG 238.

⁷⁶⁰ FT 103.

⁷⁶¹ PEDROSA-PÁDUA, L. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*, p. 136.

⁷⁶² PASSOS, J.D. A Igreja em saída e a casa comum, p. 91.

⁷⁶³ EG 52-67.

solidários, que possa ser estendido à sociedade como um todo.⁷⁶⁴

Deus é a comunicação acontecida na história da salvação, “o caminho entre Deus e a humanidade revela o diálogo radical”⁷⁶⁵, a Palavra encarnada, Jesus Cristo. A liberdade e a alteridade, pressupostos à condição humana, possibilitam ao ser humano sair de si e existir, participando da dinâmica que o insere na relação existencial de construção da sua identidade. É nesse processo de abertura, saída de si mesmo, que “o ser humano se narra, ou se desenvolve dinamicamente, sempre com a ajuda da graça de Deus, a partir das relações que estabelece”.⁷⁶⁶ Nessa intrínseca relação entre a liberdade e a comunicação dialogada que Jesus Cristo, Palavra encarnada, anuncia a Boa Nova, um convite ao projeto do Reino que “não pode ser imposição, mas anúncio que se encarna na realidade do outro, antes de tudo pela prática do amor”.⁷⁶⁷ Compreendemos, nesse sentido, mais uma vez, a centralidade dada pelo Papa ao Evangelho, que guarda a origem de uma prática dialogada, encarnada, inculturada. A referência histórica de Jesus com os discípulos e, mais tarde, dos discípulos em comunidade expressa o modo de ser comunidade, a responsabilidade em anunciar o projeto do Reino e o discernimento da missão conduzido pela presença do Espírito Santo.⁷⁶⁸ O que nos remete a um processo participativo, orientado pelo reconhecimento e aceitação de diferentes possibilidades. O diálogo, portanto, é caminho para “que o outro contribua com uma perspectiva legítima”⁷⁶⁹ no processo ativo de uma evangelização.

O Papa expressa, em toda ação do seu pontificado, o diálogo como base para o novo horizonte que propõe, a humanização de toda a criação. E, nessa orientação, a evangelização tem a tarefa de exercer a fraternidade no processo de uma educação dialogada, que fortaleça valores essenciais à vida plena. Relações de fraternidade, de comunhão do amor serviço, fortalecer a experiência do amor trinitário. Uma educação que reconheça as fragilidades desenvolvidas pela sociedade atual em relação a liberdade do mercado, que supõe a igualdade no consumo de bens produzidos. Caso contrário, o pobre, excluído das condições que a produção oferece, “sem acesso à educação de qualidade, sem possibilidades para

⁷⁶⁴ EG 238-241.

⁷⁶⁵ PASSOS, J.D., *A Igreja em saída e a casa comum*, p. 92.

⁷⁶⁶ PEDROSA-PÁDUA, L., *O ser humano, centro da Evangelii Gaudium*, p. 139.

⁷⁶⁷ PASSOS, J.D. *Ibid.*, p. 92.

⁷⁶⁷ FT 109.

⁷⁶⁸ EG 177.

⁷⁶⁹ FT 228.

cuidar de suas enfermidades, [...] a fraternidade não passará de uma palavra romântica”.⁷⁷⁰ Educar para novas relações é um imperativo à evangelização proposta pelo Papa Francisco, ou corre-se o risco de a sociedade permanecer desumanizando-se com o chicote da invisibilidade que neutraliza e atrasa a força da mudança.⁷⁷¹

O nosso percurso focaliza uma abordagem que elegemos pelo tema do sujeito apostólico. Não envolvemos a proposta do Papa em relação à reforma do seu governo na cúria romana, apesar do valor que significa como legitimação e respaldo à coerência ao que deseja como sinal de um caminho de mudanças. Mantivemos a centralidade no resgate que faz da Igreja como Povo de Deus, sujeito coletivo, “verdadeiro sujeito da missão evangelizadora, da revalorização de escuta e da participação, quer dizer, as fontes fundamentais de uma Igreja sinodal”.⁷⁷² Nessa abordagem, o Papa Francisco oferece uma nova relação entre Igreja e mundo, a partir da abertura que faz à formação do novo sujeito apostólico, social e eclesial. Ou seja, o novo perfil evangelizador que deve nascer da renovação missionária em processo de conversão pastoral. Há um tema importante que o Papa envolve no dinamismo do diálogo como lugar de escuta e decisões, lugar de formação. O desenvolvimento de uma consciência coletiva, que ultrapasse o individualismo reducionista e manipulador. “Ter consciência das limitações humanas e primazia da Graça de Deus. Esta consciência humaniza e gera co-humanidade”.⁷⁷³ Um dinamismo que nos impele à construção de pontes. A consciência gerada coletivamente é uma consciência de pertença ao povo de Deus, que nos coloca no caminho do mesmo “projeto de amor do Pai, o que implica ser fermento de Deus no meio da humanidade, anunciar a salvação de Deus”.⁷⁷⁴

Torna-se visível a metodologia sinodal na prática de Francisco. O Papa dirige-se aos encontros, as homilias e redige os documentos do Magistério em processo de escuta e de construção coletiva. Assim, conduziu os encontros de grande marco para o mundo global como, por exemplo, com os Movimentos Populares. Também nas homilias envolvidas em relação aos pobres, aos migrantes, de modo geral, aos grupos excluídos do mercado da globalização. Uma

⁷⁷⁰ FT109.

⁷⁷¹ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 05/11/2016.

⁷⁷² TERRAZAS, M. S., La conversión pastoral del papado en una Iglesia sinodal, p. 319.

⁷⁷³ PEDROSA-PÁDUA, L., O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*, p. 141.

⁷⁷⁴ EG 114.

prática de conduta à reflexão, de atitudes de escuta dialogada nas decisões sugeridas. A Carta Encíclica *Fratelli Tutti* é referência a uma síntese da prática e do pensamento do Papa Francisco. Nela, desenvolve, de maneira mais abrangente, o tema do diálogo, já sinalizado na Exortação *Evangelli Gaudium*, como caminho explícito ao que o mundo precisa, abrir-se a uma nova cultura, em que a vida criada tenha prevalência em relação ao mercado do consumo. Francisco aponta a educação como possibilidade do lugar na construção de uma nova cultura, baseada na fraternidade e no mútuo enriquecimento.⁷⁷⁵ Como ele mesmo desenvolve, a cultura é convicção profunda que penetra e forma o corpo que dá a vida ao povo, caracterizando o modo de ser daquele grupo humano. Por isso, diz ainda que o encontro projeta as aspirações do povo, tornando-o sujeito dessa cultura.⁷⁷⁶

O Papa Francisco, ao destacar o diálogo como caminho na construção de sólidas relações fraternas, da possibilidade real de superação do individualismo, sinaliza o pressuposto da autenticidade do diálogo à condição do respeito ao outro. No horizonte do reconhecimento do outro como condição à humanização, Francisco descreve duas situações imprescindíveis. A identidade de cada dialogante como algo a oferecer, o sentido da fala, e o consenso, como realidade da própria diversidade, que gera o bem comum coletivo. A formação da consciência de se estar em processo coletivo de educação, na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva. O consenso, que nasce do diálogo, deve estar fundamentado pela razão e pelo conhecimento da realidade⁷⁷⁷, como lembrado anteriormente por Codina ao se referir à importância de conhecer para mudar a realidade. Uma condição que favorece conhecer com realismo as circunstâncias que a sociedade sinaliza, o que o Papa denomina, “realismo dialogante”, que oferece a possibilidade de mútuo reconhecimento das identidades em diálogo. “Tal é o reconhecimento do outro, que só o amor torna possível e que significa colocar-se no lugar do outro para descobrir o que há de autêntico ou pelo menos de compreensível no meio das suas motivações e interesses”.⁷⁷⁸

Convicto no caminho da sinodalidade como resposta aos desafios que desumanizam e aprisionam o ser humano, o Papa Francisco confia no cultivo da

⁷⁷⁵ FT 103.

⁷⁷⁶ EG 216.

⁷⁷⁷ FT 203-207.

⁷⁷⁸ FT 221.

amabilidade. Deposita a plena confiança nos frutos da ação do Espírito Santo, a mansidão, a bondade, o amor, a fé (Gl 5, 22), um processo que liberta de relações dominadoras, desumanas, e que resultam na indiferença e na invisibilidade do outro.⁷⁷⁹ Também tem certeza de que a mudança precisa da renovação eclesial, como descreve na *Evangelii Gaudium*.⁷⁸⁰ Uma dinâmica missionária de conversão que expresse concretas mudanças nas estruturas da igreja, “a sadia descentralização é fruto da Igreja em saída que deve se converter por inteira, em todas as suas estruturas, incluindo o próprio papado”.⁷⁸¹

Reconhecemos que nem sempre o consenso da base tem expressão nos documentos episcopais. Tivemos exemplos nas Exortações *Amoris Laetitia* e *Querida Amazônia*, o que nos revela que o Papa tem um papel específico no processo sinodal, não impositivo, mas de diálogo. Como afirma, sobre o caminho sinodal em relação à Exortação Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, a que se refere, é uma reflexão a todo processo sinodal que “mostrou-nos a necessidade de continuar a aprofundar, com liberdade, algumas questões doutrinárias, morais, espirituais e pastorais. A reflexão dos pastores e teólogos - se for fiel à Igreja, honesta, realista e criativa - ajudar-nos-á a alcançar maior clareza.”⁷⁸² Desta forma, o Concílio Vaticano II foi recepcionado e jorrou, da fonte do consenso não mostrado, a vida que floresceu. O processo sinodal, fruto do diálogo, traz, em si, a dialética da escuta e das decisões, resultados das tensões próprias de toda instituição. Assim, também, Francisco mostra-nos que os resultados da sinodalidade terão os frutos no caminho formativo da evangelização.

4.4.3 **Espiritualidade encarnada: uma ecologia integrada**

O Papa Francisco tem manifestado, insistentemente, no percurso do pontificado, a nos deixar contagiar com a alegria do Evangelho e a nos interpelar pelo convite em participar na construção do Reino de Deus. Uma realidade concreta, histórica, que nos põe no horizonte de uma missão universal. Desenvolve uma proposta ousada e preenchida de esperança nas possibilidades de

⁷⁷⁹ FT 222-224.

⁷⁸⁰ EG 27-33.

⁷⁸¹ PASSOS, J.D., *A Igreja em saída e a casa comum*, p. 114.

⁷⁸² AL 2.

uma evangelização renovada e integrada à vida. Abriu alguns caminhos, semeando com temas desafiadores nas questões econômicas, sociais, culturais e eclesiais. E, de todos os desafios, pensar sobre o cuidado da casa comum. Apresentou-nos, nessa perspectiva, uma visão integrada que nos insere em todas as dimensões da existência, uma espiritualidade enraizada e profunda em relação ao mundo hodierno. Imbuídos pela espiritualidade cristã, mergulhados na práxis de Jesus, poderemos enfrentar, juntos, com a ciência “um diálogo intenso e frutuoso”.⁷⁸³

O diálogo que Francisco propõe como prática sinodal à Igreja e ao mundo é apresentado como caminho à humanização. Uma prática que deve se ocupar da construção de novas relações, novas atitudes e novos estilos de vida que orientem a uma visão integrada ao ambiente ecológico. Essa é uma proposta que sintetiza o pensamento do Papa Francisco de uma significativa mudança de paradigma da sociedade. A consciência coletiva, comum de pertença ao povo de Deus se estende a toda criação na evolução da consciência de uma origem comum, impondo desafios à cultura, à educação e à espiritualidade, como afirma o Papa.⁷⁸⁴ Compreendemos, portanto, que a evangelização tem a responsabilidade de envolver-se em todos os âmbitos da existência humana num processo interno às condições históricas da realidade.

A realidade se torna o ponto de partida para romper e, simultaneamente, gerar novas práticas relacionais do ser humano, com ele mesmo e com a criação. Relações que libertam do modelo econômico de consumo, que a sociedade gestou e naturalizou como identidade para a visibilidade social. Francisco vai à raiz da questão social e econômica, quando aponta a exigência da conversão do estilo de vida, que podemos entender como um novo estilo evangelizador. O novo sujeito apostólico nasce do movimento de libertação que a rede do mercado de consumo aprisiona o indivíduo, impedindo-o de atuar como sujeito, livre e autônomo. Como afirma o Papa “o mercado cria um mecanismo consumista compulsivo, [...] obsessivo, reflexo subjetivo do paradigma tecnoeconômico”.⁷⁸⁵ Torna-se mais do que necessária e urgente uma educação que favoreça, pelo conhecimento e pela espiritualidade, um diálogo capaz de retomar o sentido da vida, sentido que

⁷⁸³ LS 62.

⁷⁸⁴ LS 202.

⁷⁸⁵ LS 203.

orienta a abertura ao outro e a Deus, oferecendo ao ser humano viver experiências de fraternidade. “A atitude basilar de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada e a autorreferencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente”.⁷⁸⁶

A libertação integral, no projeto do Papa Francisco, é condição no desenvolvimento de toda ação evangelizadora. Tem alcance em todos os âmbitos do sistema da globalização. A proposta é de mudança numa única visão, integrada, não homogeneizada, como afirma, ao utilizar a imagem do poliedro, “uma sociedade onde as diferenças convivem, integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente”.⁷⁸⁷ Portanto, a perspectiva de Francisco é pensar em um novo modelo econômico, social e cultural que garanta direitos à vida, integrados plenamente à criação. O caminho que propõe é o da educação de hábitos e valores que resultem em atitudes de solidariedade e de fraternidade, como desenvolvido anteriormente, no método da sinodalidade. Em todo o projeto do pontificado Francisco expressa uma nova ótica em relação ao mundo e ao ser humano, essencial na superação do individualismo e no desenvolvimento de um estilo de vida que torne possível uma real mudança na sociedade.⁷⁸⁸

Ao referir-se ao diálogo e à educação como caminhos para uma nova realidade e uma evangelização renovada, o Papa deseja enfatizar o modelo de ser humano evocado na criação, um ato que, à luz da tradição judaico-cristã, o torna capaz de sair de si e de se relacionar, de crescer e amadurecer nesse processo de existência histórica. Um ser criado para o amor, para o encontro com o Filho, Jesus Cristo, realização concreta do amor salvífico de Deus, ter a possibilidade de libertar-se do risco de viver uma subjetividade fechada ao mistério. Fomos criados para a liberdade integrada com vistas a uma comunhão universal, chamados a viver uma abertura, ao encontro do outro. Um movimento que nos impele à aproximação e a um mútuo reconhecimento de vidas, como desenvolve Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, a propor pensar e gerar um mundo aberto.

O outro, de modo especial, o pobre, desperta a consciência e o sentimento de união, que nos motiva e nos fortalece no cuidado e na defesa pela vida. Despertar para a consciência de povo de Deus e de pertença ao mundo “gera a

⁷⁸⁶ LS 208.

⁷⁸⁷ FT 215.

⁷⁸⁸ LS 208.

convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal”.⁷⁸⁹ Nesse momento se faz a experiência de “uma comunhão universal e nada e ninguém fica excluído dessa fraternidade”.⁷⁹⁰ Nessa perspectiva, o pobre tem lugar central, da mesma forma a urgência em cuidar do planeta, da Casa comum, pois manifestam-se questões sociais, alvejadas pelo poder econômico de dominação, que mata, exclui e gera graves atentados contra a vida do ser humano e do planeta. O Papa alerta para os desafios que o paradigma tecnocrático e o tecnoeconômico impuseram à ecologia em nome do desenvolvimento. Desafios que se interligam e se integram no processo de mudança que Francisco propõe ao seu pontificado, pois “a técnica, em si não é criticada, mas a sua extrapolação como horizonte cultural da compreensão da vida na sua totalidade e da sua convivência com os outros e com natureza”.⁷⁹¹

A invasão cultural da técnica dominante estendida à sociedade é um dos principais desafios que Francisco aponta na construção de um novo paradigma econômico. Por isso, a proposta do diálogo na educação, como processo formador de novos valores integrados à compreensão da vida, da consciência e da responsabilidade. “Não temos suficiente consciência de quais sejam as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais: estes têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico”.⁷⁹²

Muitas vezes, a urgência do mercado consumista e seletista no uso de ferramentas técnicas, fragmenta o saber nas soluções dos problemas, porque são desprovidos de uma visão integrada e contextualizada da situação apresentada. O que pode resultar em degradação ambiental e social, pois “não se pode enfrentar a partir de uma única perspectiva nem de um único tipo de interesse”.⁷⁹³ Como proposta ao enfrentamento desse desafio, o Papa reforça a valorização dos diferentes saberes que motivam pequenas atitudes e a criatividade de modelos diferenciados. Acredita na utilização de técnicas, baseadas também numa economia solidária, possa servir à comunidade de forma a atender com soluções

⁷⁸⁹ LS 89.

⁷⁹⁰ LS 92.

⁷⁹¹ SACANNONE, J.C., *O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento*, p. 66.

⁷⁹² LS109.

⁷⁹³ LS 110.

mais saudável e humana, portando mais inclusiva.⁷⁹⁴

Uma preocupação que Francisco também expressa em relação aos povos indígenas, submetidos por séculos a uma expropriação do saber em relação ao cuidado com a natureza, com a saúde, alimentação. Acima de tudo, forçados a viver desintegrados ao ambiente da natureza, nativos à própria terra que habitam. Usurpados pelo modelo econômico, como diz o Papa, alheio ao território da floresta, a especulação, além da destruição da floresta, do ambiente ecológico, destrói povos e escraviza, deixando-os à margem da dignidade humana.⁷⁹⁵

O Papa Francisco tem a defesa da vida como missão absoluta em toda a ação pontifícia. E a perspectiva de uma visão integrada sobre o ser humano que intervém na criação é essencial à sua ação, porque é a partir dele que foi dado o direito a cultivar a terra e a receber os frutos do seu trabalho. Um dom recebido, transformado em direito ao uso, à transformação criativa, recebidas, não como propriedades produzidas pelo próprio ser humano, “doação da parte da ‘natureza’, o que equivale a dizer, em última análise, da parte do Criador”.⁷⁹⁶ Ou seja, toda ação sobre a terra utilizados pelos recursos da natureza, pela transformação nos instrumentos de trabalho, “pertencem ao patrimônio histórico do trabalho humano”.⁷⁹⁷

Recordamos que a Igreja já ofereceu ao mundo uma orientação à questão social do trabalho humano. Imprescindível para o entendimento que Francisco defende em relação à vida criada do ser humano, criado para a liberdade de sua existência e do uso que faz para se desenvolver inserido na criação, a casa em que habita. É nesse horizonte que o Papa coloca a apropriação indevida de grupos que detêm o poder econômico sobre a natureza e, dessa forma, sobre o próprio ser humano. Uma lógica de mercado e de consumo, baseada numa economia excludente, que mata e destrói a Mãe Terra, deve ser reconduzida a uma digna administração da casa comum, uma economia comunitária.⁷⁹⁸ Francisco envolve e orienta toda sua ação à tarefa de reforçar e construir novas práticas, projetos concretos que expressam uma nova rota, contrária à economia global, uma economia integrada à responsabilidade ambiental, que inclua as dimensões

⁷⁹⁴ LS112.

⁷⁹⁵ QA 11-13.

⁷⁹⁶ LE 43.

⁷⁹⁷ LE 44.

⁷⁹⁸ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 09/07/2015.

humanas e sociais. “Uma ecologia econômica capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla”.⁷⁹⁹

Na perspectiva de uma ecologia integrada, privilegia os pobres, excluídos e marginalizados, na busca, sempre, de fortalecer o protagonismo social⁸⁰⁰, de onde o novo sujeito apostólico desenvolverá a sua legitimidade eclesial. A educação dialogante e o discernimento, sempre em destaque no pontificado de Francisco, têm lugar nas diferentes expressões de uma evangelização inculturada. Será caminho na construção do novo paradigma que inclua o projeto de humanização anunciado por Jesus Cristo, a fraterna comunhão universal que viverá sob a justiça do Reino. Aos povos da Amazônia, o Papa lembra-nos que sempre “é possível superar as diferentes mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e desenvolvimento. [...] É preciso garantir para os indígenas e os mais pobres, uma educação adequada que desenvolva as suas capacidades e empoderamento”.⁸⁰¹ O testemunho de Francisco, dirigido aos povos indígenas, mas também a todos os excluídos que tiveram as suas vidas subjugadas pelo domínio do capital.

Um sonho eclesial, assim define Francisco, na Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, o desejo de uma Igreja em saída, a serviço, sinodal e inculturada em meio às diferentes e ricas expressões culturais. Uma Igreja que se abra, sempre, à atualização da renovação favorecida pela inculturação e sustentada pela experiência do Deus que vive e salva por amor. O anúncio do querigma, que não pode ser esvaziado sob o risco de uma espiritualidade desencarnada, “onde está o Pai e Jesus Cristo, também está o Espírito Santo [...] é Ele quem mantém vivo essa experiência de salvação”⁸⁰², sustenta com firmeza e respeita profundamente a liberdade, proporcionando um diálogo sincero e fecundo diante dos caminhos que exigem discernimento às respostas impostas pelos desafios do mundo.⁸⁰³ Fazer a experiência do amor que une e reúne no dinamismo da comunhão da Santíssima Trindade, um amor intrínseco a todas as experiências que o Papa nos motiva a viver e a gerar nas relações humanas. Tornar encarnada a verdade do amor salvífico de Deus na sociedade contemporânea.

⁷⁹⁹ LS 141.

⁸⁰⁰ QA 27.

⁸⁰¹ QA 17.

⁸⁰² ChV 130.

⁸⁰³ ChV 113 e 117.

Na proposta do Papa Francisco para a evangelização e o novo perfil evangelizador, a Igreja é convidada a rever-se e a atualizar-se. Abrir-se ao dinamismo da inculturação, num diálogo com o mundo, que deve se tornar fecundo, expressar, de maneira autêntica e fiel, o processo que a mensagem salvadora de Deus alcança, uma libertação integral. A espiritualidade deve favorecer, suscitar entre as diferentes expressões religiosas e culturais de diferentes povos, o entendimento de que “o universo se desenvolve em Deus, que o preenche completamente, portanto há um mistério a contemplar numa folha [...] no rosto do pobre.”⁸⁰⁴ O horizonte que Francisco coloca-nos à frente como caminho na construção do projeto implantado no seu pontificado é o da educação ambiental, que deve

predispor o salto para o Mistério, do qual uma ética ambiental recebe o seu sentido mais profundo [...] uma ética ecológica, de modo que ajude, efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão. Uma cidadania ecológica.⁸⁰⁵

Portanto, na preocupação do Papa Francisco, a educação é caminho para o exercício de uma cidadania, geradora de hábitos e de novos comportamentos que orientem a um novo horizonte ético, o cuidado com a Casa Comum.

O capítulo permitiu-nos apresentar um percurso de evidências sobre o novo sujeito apostólico, social e eclesial. A partir da Igreja em saída, que o Papa propõe, integrada às dimensões da fé e da realidade, reconhecer na teologia e na pastoral de Francisco a nítida convocação à renovação do processo evangelizador. Centralizamos, no capítulo, a inculturação como caminho de diálogo e de expressão das diferentes formas de evangelização. Lugar de renovação missionária, de transformação social e cultural. A inserção do sujeito aparece em relação direta à condição de recriar novas relações, humanizando-se diante da possibilidade de um novo modelo econômico, incluyente e integrado a toda criação. Dessa forma, vimos a urgência de uma espiritualidade encarnada, em diálogo, constituindo-se num horizonte que nos introduz ao dinamismo de uma comunhão universal.

⁸⁰⁴ LS 233.

⁸⁰⁵ LS 210-211.

5

Conclusão

A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade.⁸⁰⁶

A expressão do Papa Francisco na citação acima ilustra o conteúdo desenvolvido sobre o tema do novo sujeito apostólico, social e eclesial. Sentimo-nos impulsionados e orientados pelo Papa Francisco a pensar e atualizar a mensagem cristã no mundo contemporâneo, assim como a convicção da missão da Igreja no mundo o fez assumir a tarefa de concretizar a proposta do Reino de Deus. Ao colocá-la a serviço dos pobres e excluídos por uma realidade mais justa e digna, também nos faz assumir o mesmo propósito.

Ao longo da tese, desenvolvemos o tema da formação do sujeito apostólico em três capítulos. Tivemos a preocupação em mostrar, na investigação dos documentos do Papa Francisco, o sujeito apostólico presente em diferentes esferas, consideradas por Francisco como condições evangelizadoras, potencializadoras da ação missionária renovadora e transformadora. No primeiro capítulo, mostramos o olhar para os desafios que a realidade impõe ao processo evangelizador de uma Igreja que se põe em movimento de saída, configurando-se uma transformação missionária. No segundo capítulo, fundamentamos como ponto de partida e chegada a práxis de Jesus, fonte do projeto eclesial do novo sujeito apostólico que, inserido na sociedade atual, dialoga e se educa no processo de libertação e salvação e, no terceiro capítulo, inserido na lógica dos anteriores, por uma ação concreta e formativa do sujeito social e eclesial, buscamos evidenciar diferentes âmbitos sociais como potencial de um protagonismo ativo, transformador e de expressões de fé, marcados por uma evangelização inculturada, de grande impacto no processo renovador da evangelização. Os capítulos estão integrados na perspectiva de pensar o sujeito apostólico, hoje, na dinâmica do contexto no qual ele se encontra inserido – uma evangelização sem fronteiras, que tem o alcance em todas as relações fundamentais do ser humano integrado à sua existência.

⁸⁰⁶ LS 216.

Especificamente no primeiro capítulo, ficou explícito que a rica fonte onde o Papa Francisco bebeu a teologia pós-conciliar e a espiritualidade de Santo Inácio destacou a importância de uma teologia libertadora para a evangelização. O retorno à práxis de Jesus Cristo como lugar da revelação do amor de Deus, que salva e liberta, é fonte da ação missionária que consolida a opção preferencial pelos pobres. Colocar-se ao lado dos pobres e excluídos, como Jesus se apresentou, exige uma visão diferenciada no mundo atual. Para pensar a evangelização, no contexto da globalização excludente, é muito importante reconhecer os cenários do protagonismo social que Francisco destaca como potencial transformador. Neste tempo hodierno, repensar as relações humanas no contexto histórico também não é uma tarefa simples. Deve exigir, como descrevemos ao longo desta pesquisa, uma atenta percepção da sociedade e do mundo em que estamos inseridos. São muitas as feridas que desumanizam e impedem uma participação ativa e comprometida com a realidade. Por isso, é importante conhecer as forças que atuam e neutralizam as lutas por mudanças concretas. Não podemos prescindir do diálogo com o mundo que nos insere nesse processo de crescimento de fé, pessoal e social.

Nesse horizonte, é fortalecido o sentido da Igreja em saída, promotora dos encontros, essencialmente com a necessidade do pobre, que deve provocar a prática da solidariedade e os gestos concretos de atuação – encontros que se transformam em lugares de formação do novo sujeito apostólico, social e eclesial. No modelo atual do sistema econômico, é preciso reconhecer onde estão os pobres, os que vivem à margem, sem acesso à dignidade do trabalho, de moradia e de terra. Grande parte da população mundial vive à margem dos direitos fundamentais à sobrevivência, e muitos já são sobrantes de um modelo que dá sinais de esgotamento global. Este é um desafio: reconhecer que a Igreja, a serviço do pobre, favorece na base a formação de um novo sujeito apostólico, integrado e comprometido com a vida humana e a criação.

Na continuidade da reflexão, a título de conclusão, podemos afirmar que o segundo capítulo amplia a contribuição do debate sobre a formação do sujeito no processo de uma evangelização atuante e transformadora. A evangelização inculturada contribui para a reflexão social e o discernimento evangélico que a comunidade de fé pode favorecer ao protagonismo social – uma relação mútua de crescimento e amadurecimento da fé. Essa realidade precisa ser defendida e

concretizada no interior do processo evangelizador, na vivência de uma espiritualidade encarnada. No dinamismo desse processo somos formados como discípulos missionários, integrados no próprio processo evangelizador. É preciso superar o dualismo existente na própria formação do cristão, para que nesse processo se redescubra a identidade e o papel do Cristianismo na construção de uma realidade mais justa a partir das relações humanas. Essa condição exige ações concretas, de conversão, que possam devolver ao cristão o interesse pela vida coletiva, que o faça sentir o coração arder, como quando os primeiros cristãos experimentaram a caminho de Emaús, uma tarefa complexa diante dos desafios econômicos, sociais, culturais e eclesiais. Sabemos das dificuldades, nesse contexto desordenado, pelo abuso do poder econômico em desenvolver um pensamento crítico que suscite reflexão e discernimento no processo da formação humana. Por isso, focamos a dimensão da antropologia, articulada com a comunidade de fé, que ajuda na configuração do sujeito apostólico, social e eclesial. Esse é um caminho que a Igreja precisa atentar no processo de superação da dicotomia entre fé e vida, pois tem alcance no interior da estrutura missionária da própria comunidade eclesial: o dinamismo da humanização do projeto do Reino.

É necessário identificar em cada setor que envolve a evangelização a concretização da formação do sujeito e do potencial de transformação social e, a partir desse contexto, potencializar o sujeito no processo missionário. Valorizar o protagonismo histórico, por exemplo, ajuda a superar o dualismo e a desmistificar a lógica do mercado consumista, como também contribui para revitalizar o contexto político e social como realidades formativas. Apontamos, nesse sentido, nos dois primeiros capítulos, que um dos maiores desafios ao enfrentamento do modelo excludente da globalização é a conversão à Igreja dos pobres – uma transformação que nos coloca no caminho da conversão pessoal e eclesial a partir dos pobres, lugar preferencial no projeto do Reino de Deus.

Destacamos, no terceiro capítulo, apesar de inserido em todo o projeto, o cenário desse caminho que sinalizamos, o social e a ação evangelizadora como dimensões de formação e transformação do novo sujeito apostólico, como também a presença das diferentes expressões de fé que evidenciam elementos do novo sujeito evangelizador.

O que defendemos é a explicitação, na prática, do dinamismo intrínseco

entre a realidade social e a ação evangelizadora e favorecer que as vidas se entrelacem a partir da boa notícia do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, a inculturação se revitaliza como condição à evangelização. Esse é o caminho que precisamos manter aberto para que a graça do Espírito Santo atue, renove e sustente o processo da libertação evangelizadora. Voltamos, dessa forma, à ideia do caminho formativo em que o missionário evangeliza e é evangelizado. Eis um dos elementos essenciais à formação do novo sujeito eclesial e social, instituído e configurado na relação entre Jesus e os discípulos.

Em tempos sombrios, a práxis pode reconduzir à nova evangelização na manifestação do rosto misericordioso de Deus, um caminho que nos coloca no processo de conversão à humanização. Precisamos do discernimento evangélico e da lucidez social para defender o que acreditamos ser saída para uma evangelização atuante e, por isso, renovada: a vida do pobre – realizar o que Jesus inaugurou ao concretizar a sua opção pelos marginalizados, um novo modo de viver o sacerdócio. Fechando-se em si ou na instituição, o verdadeiro encontro não acontece. É no mundo que muitos têm a oportunidade de conhecer o Deus libertador e o Filho que caminhou, revelando a ação de Deus na história humana. Assim, Ele desperta a fé integrada à vida e ao cotidiano de cada contexto histórico. A conversão acontece com os pés nessa realidade, muitas vezes, como disse o Papa Francisco, enlameada, suja e marcada pela dor do abandono. Assim, somos resgatados e salvos de uma fé desenraizada, esvaziada e vulnerável às manipulações.

Perceber os sinais dos tempos harmoniza o caminho de uma evangelização inculturada e atualizada na comunicação da mensagem de Deus. Acentuamos, na realidade da evangelização transformadora, a esfera social que se estende às famílias, mas, fundamentalmente, hoje, às questões ambientais, que encontramos presentes e integradas ao contexto econômico, social e cultural. Aqui, destacamos o real e o concreto caminho na consolidação da proposta renovadora da missão eclesial, em que deve emergir o novo sujeito apostólico. Estar imerso no mundo criado por Deus e ofertado ao ser humano como dom à vida nos coloca numa história de construção coletiva, transformando-nos em sujeitos coletivos. Sujeitos ativos, cristãos ou não, temos a tarefa de educar, promover um caminho pedagógico que alie o conhecimento, a reflexão e o exercício de novos hábitos, comportamentos ao cultivo de valores e virtudes, que consolidam uma educação

dialógica. Assim, a prática sinodal é uma referência ao processo que queremos fortalecer na formação do novo sujeito apostólico, social e eclesial.

A educação e o diálogo, lugares de escuta, de crescimento humano e amadurecimento são caminhos de formação na construção de uma nova cultura que possa inaugurar condições para uma nova sociedade, mais humana e fraterna – uma construção coletiva em que o ser humano se perceba integrado à criação na defesa por uma nova existência ecológica. Essa realidade ocorre na relação que devemos estabelecer entre a vivência da fé e a realidade social, sempre em processo de construção. A universidade poderia ser um exemplo concreto no processo de uma educação dialogada, de formação de novos sujeitos apostólicos, caracterizada por um ambiente amplo na diversidade cultural e uma interdisciplinaridade fecunda – uma realidade, inclusive, destacada por Francisco como lugar de encontro, de pontes de conhecimento, discernimento e solidariedade, elementos preciosos na formação do novo sujeito apostólico.

Todo o percurso feito reforça caminhos e respostas a questões da pesquisa que levantamos a partir dos teólogos estudados para alcançar, no pensamento do Papa e em seu projeto de pontificado, o novo sujeito apostólico, social e eclesial. A partir de uma perspectiva antropológica, nos guiamos por questões como a hermenêutica da fé inculturada, o papel da comunidade de fé na evangelização transformadora e a espiritualidade encarnada, e culminamos na urgência de uma ecologia integrada como principal desafio para a Igreja na atualidade.

Sabemos que fórmulas não existem, mas alguns caminhos já se encontram abertos e dinamizados no interior do próprio processo histórico no qual a Igreja se insere. Estarmos atentos aos sinais dos tempos, hoje, nos insere no processo de uma mudança econômica, social e cultural já em curso. Finalizamos, atentos aos sinais que o Papa Francisco concede ao mundo, afirmando juntos de coração que “nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhuma pessoa sem dignidade que provém do trabalho”.⁸⁰⁷

⁸⁰⁷ FRANCISCO, aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, 28/10/2014.

6

Referências bibliográficas

- AQUINO JÚNIOR, F. **Igreja dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).
- BEOZZO, O. B. (Org.). **O Vaticano II e a Igreja latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- COMBLIN, J. **O neoliberalismo**: ideologia dominante na virada do século. Petrópolis: Vozes, 3. ed., 2001 (Série VI Desafios da Cultura; Coleção Teologia e Libertação)
- CODA, P. **A Igreja é o Evangelho**: nas fontes da teologia do Papa Francisco. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.
- CODINA, V. **Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).
- CODINA, V. **O Espírito do Senhor**: força dos fracos. São Paulo: Paulinas, 2019.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus; Brasília, DF: Edições CNBB, 2007.
- DE LA PEÑA, J. L. R. **Teologia da criação**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- GALLI, C. M. **Cristo, Maria, a Igreja e os povos**: a mariologia do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- GESCHÉ, A. **A destinação**. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Deus para pensar 5 v.).
- GESCHÉ, A. **O Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2004. (Deus para pensar 6 v.).
- GESCHÉ, A. **O cosmo**. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Deus para pensar 4 v.).
- GESCHÉ, A. **O mal**. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Deus para pensar v. 1).
- GESCHÉ, A. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Deus para pensar 7 v.).
- GESCHÉ, A. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Deus para pensar 2 v.).
- GESCHÉ, A.; SCOLAS, P. (org.). **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GUTIÉRREZ, G. **Onde dormirão os pobres?** São Paulo: Paulus, 1998.
- GUTIÉRREZ, G. **Teologia da libertação**: perspectivas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- JOHNSON, E. A. **Nossa verdadeira irmã**: teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006.
- KUZMA, C. La eclesiología del Papa Francisco: el rescate de la agenda inacabada del Vaticano II y su recepción en la Exhortación Evangelii

- Gaudium. **Medellín**, Bogotá, v. 43, n. 168, p. 333-246 maio-ago. 2017.
Disponível em:
<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/178>.
Acesso em: 18 jan. 2021.
- KUZMA, C. **Leigos e leigas**: força e esperança da Igreja no mundo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Comunidade e Missão).
- LIBANIO, J. B. **O discernimento espiritual revisitado**. São Paulo: Loyola, 2000. (Coleção Leituras e Releituras, 4 v.).
- PASSOS, J. D. **A Igreja em saída e a casa comum**: Francisco e os desafios da renovação. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Francisco).
- PASSOS, J. D. Não há Igreja sem sujeito. *In*: **Sujeitos eclesiais**: sal da terra e luz do mundo: reflexões sobre o Documento 105: Ano Nacional do Laicato. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 27-35.
- PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (org.). **Francisco**: renasce a esperança. São Paulo: Paulinas, 2013.
- PEDROSA-PÁDUA, L. Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade: uma reflexão antropológica diante da crise migratória. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 5-25, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.12.001.DS01>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- PEDROSA-PÁDUA, L. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. *In*: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (org.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 135-145.
- PIMENTEL, C., **Gostaria de ter uma Igreja pobre e para os pobres, diz Papa Francisco**. Em 16/03/13, 09h21; atualizado em 16/03/13, 10h07. Fonte: [Enviada Especial da Agência Brasil/EBC](#).
- RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.
- RICHARD, P. **A Igreja latino-americana entre o temor e a esperança**: apontamentos teológicos para a década de 80. São Paulo: Paulinas, 1982. (Coleção Libertação e Teologia, v. 19).
- RUBIO, A. G. **Nova Evangelização e maturidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 1993. (Coleção Estudos e Debates Latino-americanos).
- RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001.
- SCANNONE, J. C. **A teologia do povo**: raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.
- SCANNONE, J. C. **O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento**: a ética social do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Coleção A Teologia do Papa Francisco, 8 v.).
- SCHILLEBEECKX, E. **Jesus**: a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008.
- SOBRINO, J. **A fé em Jesus Cristo**: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOBRINO, J. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- TERRAZAS, S. M. La conversión pastoral del papado en una iglesia

sinodal. **Medellín**, Bogotá, v. 43, n. 168, maio-ago., p. 313-331, 2017.

Disponível em:

<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/177>.

Acesso em: 18 jan. 2021.

VIDAL, J. M.; BASTANTE, J. **Francisco**: o novo João XXIII. Petrópolis: Vozes, 2013.

Documentos do Magistério

FRANCISCO. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium** do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2013. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. Carta Encíclica **Laudato Si** sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, Edições Loyola, 2015. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Loyola, 2015. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Amoris Laetitia** do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos sobre o amor na família. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2016. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. Exortação Apostólica **Christus Vivit**. para os jovens e para todo povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Querida Amazônia**, 2020. (Coleção Documentos do Magistério).

FRANCISCO. Encíclica. **Fratelli Tutti**, 2020. (Coleção Documentos do Magistério).

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Laborem Exercens** sobre o trabalho humano. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica **Christifideles Laici**: sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Vaticano: Santa Sé, 1988.

PAULO VI, Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi** do Sumo Pontífice sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

VATICANO. Constituição Dogmática do Vaticano II. **Lumen Gentium**. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Documentos do Magistério).